UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

Eduardo Bespalez

**As formações territoriais na Terra Indígena Lalima, Miranda/MS: os significados
históricos e culturais da Fase Jacadigo da Tradição Pantanal**

São Paulo

2014

EDUARDO BESPALÉZ

As formações territoriais na Terra Indígena Lalima, Miranda/MS: os significados
históricos e culturais da Fase Jacadigo da Tradição Pantanal

Tese apresentada ao Programa de Pós-
graduação do Museu de Arqueologia e
Etnologia da Universidade de São Paulo
para a obtenção do título de Doutor em
Arqueologia.

Área de concentração: Arqueologia

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Fabíola Andréa
Silva

Linha de pesquisa: Espaço, sociedade e
processos de formação do registro
arqueológico.

São Paulo

2014

Versão corrigida

A versão original encontra-se na biblioteca do MAE

*Dedicado às Silvanas da minha vida:
Silvana Zeni Sparrenberger Bespalez,
minha mãe, e Silvana Zuse, minha
companheira.*

*In memoriam: Roberto Bespalez e Verno
Sparrenberger, meus avós.*

Agradecimentos

A Fabíola Andréa Silva e Francisco Silva Noelli, as pessoas mais dedicadas à arqueologia que eu conheço.

Ao Sr. Manoel de Souza Neto, índio Guaikuru, Jandira Lipu de Souza, sua esposa, e Catarina de Paulo, ambas Terena, bem como às suas respectivas famílias.

A CAPES, pela bolsa de Doutorado.

Ao CNPq, pelo Auxílio à Pesquisa.

Ao IPHAN, especialmente Divaldo Rocha Sampaio.

Ao MuArq/UFMS, principalmente Gilson Rodolfo Martins e Emília Kashimoto.

A FUNAI, sobretudo Marco Antônio, em Brasília, Eliseu Lily, em Campo Grande, Evair Borges e Narciso Vieira, em Miranda.

Ao MAE/USP, por ter sido uma das melhores coisas da minha.

Ao DARQ/UNIR, especialmente Carlos Augusto Zimpel, Valéria Cristina Ferreira e Silva, Juliana Rossato Santi e Elisângela de Oliveira.

Aos colaboradores indígenas Guaikuru e Terena na Aldeia Lalima, nomeadamente Deir de Souza Alves, então cacique, Genésio de Souza, Marciano de Souza, Severino de Souza, Maria José, João Fernandes de Souza, Romário Lipu de Souza, Josué Lipu de Souza, Sebastião Gomes de Souza, Gabriela de Paulo, Antônio Gomes Cororó, Ângelo da Silva Cabrocha, João da Silva Cabrocha, Sebastião Cabrocha, bem como Dito, Gralha, Neguinho, Martinsinho, Vadu, Nidão, Ebner, Rim, Zelão, Alcides e Mano.

Aos colegas de campo e laboratório Silvana Zuse, Meliam Gaspar, Fábio Almeida, Rafael Batolomuci, Letícia Martins, Cen Chi Chen, Marcos Brito e Eduardo Carvalho de Oliveira.

Aos professores Paulo Antônio Dantas de Blasis, Eduardo Góes Neves, Astolfo Araújo, Levi Figutti, Verônica Wesolowski, Marisa Afonso Coutinho, José Luiz de Moraes, Márcia Angelina Alves, Maria Beatriz Borba Florenzano, Camilo Vasconcelos, José Luiz Santos Peixoto, Maria Clara Migliacio, Adriana Schmidt Dias, Lucas Bueno, Juliana Salles Machado, Jorge Eremites de Oliveira, Renato Kipnis, Rodrigo Lavina, Mariano Bonomo, Gustavo Politis, Cristóbal Gnecco, Michael Heckenberger, Maria Nieves Zedeño e Gabriela Ortiz.

Aos técnicos Marinho Martins, José Paulo Jacob, Daria Barreto, José Roberto Nicácio, Regivaldo Leite da Silva, José Ferreira dos Santos Filho, Renato Coelho Gomes, Fábio Batista dos Santos, Helio Rosa de Miranda, Alberto Blumer Bezerra, Geraldo Miranda, Geraldo Lira, Regina Estela Leopoldo, Cléber Henrique de Moura, Karen Barros Ribeiro, Aline Dias Garcia, Carla Gilbertoni Carneiro, Maurício André Silva, Vanusa dos Santos Gregório, Mauro Rubens da Silva, Sandra Lacerda, Silvana Viana Cruz de Macedo e Valdeir Cardoso Chagas.

Aos colegas Sílvia Cunha Lima, Miriam Forancelli, Danilo Assunção, Francisco Forte Stuchi, Chen Chi Chen, Ângelo Alves Corrêa, Daniella Magri Amaral, Alexandre Robazine, Milena Acha, Raoni Valle, Bernardo Lacale, Jaqueline Gomes Santos, Francisco Antônio Pugliese Júnior, Fernando Osório, Claide Moraes, Anne Rapp Py-Daniel, Thiago Trindade, Eduardo Kazuo, Márjore Lima, Jaqueline Belleti, Guilherme Mongeló, Filipo Stampanoni Bassi, Marta Cavalline, Erêndira Oliveira, Leandro Matthews Cascon, Caroline Fernandes Caromano, Edward Koole, Tiago Atorre, Henrique Costa, Jonas Gregório, Rafael Milhera, Aluísio Gomes Alves, Mariana Neuman, Flávio Kalipo, Andrei Sniders, Vanessa Linke Sálvio, Camila Jácome, Alexandre Hering, Tânia Ferraz, Fabiana Belém, Renan Rasteiro, Fúlvio Arnt, Patrícia Hackbart, Marcel Lopes, Cláudio Duarte, Cinthia Bendazolli Simões, Carla Betencourt, Rucirene Miguel, Cliverson Pessoa, Angislaine Freitas Costa e Juan Carlos Castro.

Aos Asurini do Xingu.

Aos alunos da UNIR Igor, Laura, Alyne, Brena, Cleice, Ana, Manú, Odair, Eclésia, Renato, Chiquito, Carlene, Edilene, Robson e Nilson.

Aos amigos de sempre K-verninha, Metal de Bermuda, Antichrist, Borba, K-verna, Ana, Lelo, K-dáver, João Pedrinho, James K-olho, Amarelo, Paola, Bugrão, Anão, Possessed, Pimpo e Ronald (“following...”).

RESUMO

BESPALEZ, E. **As formações territoriais na Terra Indígena Lalima, Miranda/MS: os significados históricos e culturais da Fase Jacadigo da Tradição Pantanal.** 2014. 281 f. Tese (Doutorado) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

Baseado nas pesquisas arqueológicas e etnoarqueológicas em curso na Terra Indígena Lalima, formada por índios Guaikuru, Terena, Kinikinao e Laiana, em Miranda/MS, no Pantanal, esta tese proporciona outra perspectiva histórica e cultural sobre os registros arqueológicos formados majoritariamente por fragmentos de vasilhas cerâmicas classificados na Fase Jacadigo da Tradição Pantanal. Inicialmente, a Fase Jacadigo foi associada aos indígenas Mbaya-Guaikuru, categorizados como pastores, que se estabeleceram territorialmente na região de Corumbá/MS no período colonial. Sem embargo, as investigações arqueológicas em Lalima – pautadas por atividades de levantamento arqueológico, coleta de materiais em superfície e subsuperfície, datações arqueológicas, análises dos materiais, principalmente cerâmicos, e informações etnográficas de caráter etno-histórico – indicam que a Fase Jacadigo pode estar associada a trajetórias históricas de formação territorial entre os períodos pré-histórico e colonial, por povos indígenas portadores de subsistência mista, conhecedores de técnicas de cultivo, e, porventura, originados, assim como a configuração etnográfica atual, através da interação cultural entre populações chaquenhas e Arawak.

Palavras-chave: Arqueologia, Etnoarqueologia, História Indígena, Terra Indígena Lalima/Miranda/MS/Pantanal, Fase Jacadigo/Tradição Pantanal.

ABSTRACT

BESPALEZ, E. **Territorial formations in Lalima Indigenous Land: the historical and cultural meaning of the Jacadigo Phase/Pantanal Tradition.** 2014. 281 f. Tese (Doutorado) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

Based on archaeological and ethnoarchaeological ongoing research in Lalima Indigenous Land, formed by Guaikuru, Terena, Kinikinao and Laiana Indians, in Miranda/MS, Pantanal, this thesis provides another historical and cultural perspective on the archaeological record formed mainly by potsherds ranked in Jacadigo Phase of the Pantanal Tradition. Initially, the Jacadigo Phase was associated with Mbaya-Guaikuru Indians, categorized as pastors, who territorially settled in the region of Corumbá/MS in the colonial period. Nevertheless, the archaeological investigations in Lalima – guided by the archaeological survey activities, collection of materials in surface and subsurface, radiocarbon dating, analyzes of materials, mainly potsherds, and ethnographic information of ethno-historical character – indicate that Jacadigo Phase may be associated with historical trajectories of territorial formation between prehistoric and colonial periods, by indigenous peoples who carried mixed subsistence, knowledgeable cultivation techniques, and perhaps originated, as well as the current ethnographic setting, through cultural interaction between Chacoan and Arawak populations.

Keywords: Archaeology, Ethnoarchaeology, Indigenous History, Lalima Indigenous Land/Miranda/MS/Pantanal, Jacadigo Phase/Pantanal Tradition.

Lista de siglas:

AC-DC: antes de Cristo/depois de Cristo

AP: antes do presente

CNPq: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

DC: depois de Cristo

FAPESP: Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo

FUNAI: Fundação Nacional do Índio

INCRA: Instituto Nacional de Reforma Agrária

MAE/USP: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo

MS: Mato Grosso do Sul

MT: Mato Grosso

MuArq/UFMS: Museu de Arqueologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

MUHPAN: Museu de História do Pantanal

PRONAPA: Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas

PRY: Paraguai

REC-SAB: Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira

SPI: Serviço de Proteção aos Índios

TI: Terra Indígena

Lista de Figuras

Figura 1: Mapa de localização dos sítios arqueológicos detectados no Projeto Corumbá (SCHMITZ et al., 1998, p. 19 (modificado)).	32
Figura 2: Croqui dos sítios MS-CP-18 e MS-CP-19 (SCHMITZ et al., 1998, p. 55).	34
Figura 3: Croqui do sítio MS-CP-26 (SCHMITZ et al., 1998, p. 84).	35
Figura 4: Croqui do sítio MS-CP-25 (SCHMITZ et al., 1998, p. 83).	36
Figura 5: “Formas das vasilhas da fase Jacadigo” (SCHMITZ et al., 1998, p. 235).	38
Figura 6: “Formas das vasilhas do sítio MS-CP-25” (SCHMITZ et al., 1998, p. 236).	41
Figura 7: “Cerâmica da tradição arqueológica Serra da Bodoquena, Bodoquena/MS” (MARTINS; KASHIMOTO 2012, p. 47, foto 34).	48
Figura 8: “Cerâmica da tradição arqueológica Serra da Bodoquena, Bodoquena/MS” (MARTINS E KASHIMOTO, 2012, p. 46, foto 35).	48
Figura 9: Acabamento de superfície nos fragmentos cerâmicos encontrados nos Abrigos Cera (Póvoa 2007, anexos, prancha 12, modificado).	50
Figura 10: Vasilha cerâmica reconstituída a partir de um fragmento de borda decorada com “ponteados e pintura cermelha” (PÓVOA, 2007, anexos, prancha 06).	54
Figura 11: Vasilhas cerâmicas da cultura Ribeirinhos Plásticos (CAGGIANO 1984, p. 74, 107).	103
Figura 12: Material cerâmico associado à “Tradição Descalvado” por Martins e Kashimoto (2000, p. 137, figura 3).	104
Figura 13: Sítio Córrego Lalima, setor 2, Perfil norte do poço-teste 4.	127
Figura 14: Sítio Asa de Pote, setor 2, Perfil norte do poço-teste 1.	131
Figura 15: Sítio Potrero, distribuição dos fragmentos cerâmicos em superfície.	151
Figura 16: Sítio Potrero, distribuição dos fragmentos cerâmicos em subsuperfície.	151
Figura 17: Sítio Potrero, distribuição dos fragmentos cerâmicos em superfície e subsuperfície.	152
Figura 18: Sítio Potrero, poços-teste 4 e 5, perfil norte.	156
Figura 19: Sítio Potrero, poço-teste 1, perfil norte.	157
Figura 20: Sítio Potrero, poço-teste 3, perfil norte.	158
Figura 21: Sítio Córrego Lalima, setor 1, poço-teste 1, perfil norte.	170
Figura 22: Sítio Tapera do Gino, poço-teste 4, perfil oeste e norte.	174
Figura 23: Sítio Córrego Lalima, setor 2, fragmentos de borda das vasilhas cerâmicas da Fase Jacadigo.	179
Figura 24: Sítio Córrego Lalima, setor 2, vasilhas cerâmicas da Fase Jacadigo reconstituídas graficamente.	180
Figura 25: Sítio Córrego Lalima, setor 1, fragmentos de borda das vasilhas Guarani.	181
Figura 26: Sítio Córrego Lalima, setor 1, vasilhas Guarani reconstituídas graficamente.	182
Figura 27: Sítio Córrego Lalima, setor 2, face externa de fragmento de borda de vasilha cerâmica associada à Fase Jacadigo, com acabamento duplo inciso-aplicado (apêndice mamilonar).	185

Figura 28: Sítio Córrego Lalima, setor 2, face externa de fragmento de vasilha cerâmica da Fase Jacadigo, com acabamento duplo inciso-ponteadado.	185
Figura 29: Sítio Córrego Lalima, setor 2, face externa de fragmento de vasilha cerâmica da Fase Jacadigo, com impressões de corda múltiplas.	185
Figura 30: Sítio Córrego Lalima, setor 2, face externa de fragmento de borda de vasilha cerâmica aberta da Fase Jacadigo, com apliques de filigranas de argila e apêndice de suspensão.	186
Figura 31: Sítio Córrego Lalima, setor 2, face externa de fragmento de vasilha cerâmica da Fase Jacadigo, com acabamento misto, formado por apliques de filigranas de argila e pintura vermelha.	186
Figura 32: Sítio Córrego Lalima, setor 1, fragmento de vasilha cerâmica Guarani, com pinturas vermelhas e pretas sobre engobo branco na face externa.	189
Figura 33: Sítio Asa de Pote, setor 2, fragmentos de borda das vasilhas cerâmicas da Fase Jacadigo.	195
Figura 34: Sítio Asa de Pote, setor 2, fragmento de vasilha cerâmica da Fase Jacadigo com apliques de filigranas de argila.	197
Figura 35: Sítio Tapera do Gino, setor 2, fragmento de vasilha cerâmica Guaikuru, com acabamento misto, formado por impressões de corda e policromia.	204
Figura 36: Sítio Tapera do Urumbeva, fragmentos de borda das vasilhas cerâmicas Terena.	208
Figura 37: Sítio Tapera da Urumbeva, vasilha cerâmica Terena reconstituída graficamente.	208

Lista de fotos

Foto 1: Sítio Córrego Lalima, setor 2, borda de vasilha cerâmica não restringida decorada com apliques de filigranas de argila no lábio, achada em superfície.	129
Foto 2: Sítio Córrego Lalima, setor 2, escavação do poço-teste 4.	129
Foto 3: Sítio Asa de Pote, setor 2, fragmento de vasilha cerâmica decorada com apliques de filigranas de argila na face externa, achada em superfície.	132
Foto 4: Sítio Asa de Pote, setor 2, escavação do poço-teste 4.	132
Foto 5: Ocorrência 10, fragmento de borda com lábio dobrado.	133
Foto 6: Sítio Anita Vieira, cachimbo troncular.	134
Foto 7: Ocorrência 7, fragmento de vasilha cerâmica decorado com apliques de filigranas de argila.	136
Foto 8: Ocorrência 4, fragmento de vasilha cerâmica com apêndice de suspensão.	137
Foto 9: Sítio Potrero, sentido oeste-leste.	139
Foto 10: Sítio Potrero, erosão na pastagem central, na porção oeste do sítio.	144
Foto 11: Sítio Potrero, coleta de superfície na pastagem central, na porção oeste do sítio. Ao fundo, é possível visualizar a Serra da Bodoquena.	145
Foto 12: Sítio Potrero, concentração de fragmentos cerâmicos aflorando na erosão da meia-encosta.	147

Foto 13: Sítio Potrero, fragmento de borda decorada com apliques de apêndice espiralado e de filigranas de argila encontrado nas proximidades da erosão da meia-encosta.	147
Foto 14: Sítio Potrero, mão de pilão encontrada nas proximidades da erosão da meia-encosta.	147
Foto 15: Sítio Potrero, concentração de fragmentos cerâmicos encontrados no talude erodido do acesso antigo. Entre os fragmentos, destaca-se um corrugado-simples.	148
Foto 16: Sítio Potrero, lâmina de machado encontrada no talude erodido do acesso antigo.	148
Foto 17: Sítio Potrero, lítico lascado encontrado na porção leste do sítio.	148
Foto 18: Sítio Potrero, fragmento cerâmico decorado com filigranas de argila encontrado no domicílio do Alcides.	149
Foto 19: Sítio Potrero, fragmento cerâmico decorado com impressões de corda achado no domicílio do Alcides.	149
Foto 20: Sítio Potrero, sondagem 580400/7725580, escavada na pastagem central.	153
Foto 21: Sítio Potrero, poço-teste 5, fragmento cerâmico estilizado pelo arado no perfil leste.	155
Foto 22: Sítio Potrero, poço-teste 4, nível 4, com toco queimado no quadrante nordeste, e poço-teste 5, nível 3, com negativo de uma raiz pivotante, no perfil norte, entre os quadrantes nordeste e noroeste.	155
Foto 23: Sítio Potrero, escavação do poço-teste 1.	157
Foto 24: Sítio Potrero, poço-teste 2, perfil norte.	157
Foto 25: Sítio Córrego Lalima, setor 2, fragmento cerâmico temperado com conchas trituradas submetido à datação arqueológica.	171
Foto 26: Sítio Córrego Lalima, setor 2, alterações causadas nas conchas trituradas utilizadas no tempero do fragmento cerâmico submetido à datação arqueológica durante a queima da vasilha. (Foto: Ron Hatfield).	171
Foto 27: Sítio Tapera do Gino, poço-teste 4, nível 3, contexto arqueológico Guaikuru datado em 90 ± 30 AP.	174
Foto 28: Sítio Córrego Lalima, setor 3, cambuchi caguâba Guarani com pinturas vermelhas e pretas sobre engobo branco na face externa.	191
Foto 29: Sítio Tapera do Gino, poço-teste 4, fragmento de vasilha cerâmica Guaikuru, com acabamento misto, formado por impressão de corda e policromia.	200
Foto 30: Pote Terena utilizado no armazenamento de água.	209

Lista de Mapas

Mapa 1: Principais tradições arqueológicas ceramistas mencionadas.	58
Mapa 2: Localização da Terra Indígena Lalima.	117
Mapa 3: Paisagem cultural na Terra Indígena Lalima.	119
Mapa 4: Localização dos sítios e áreas de ocorrência arqueológica na TI Lalima.	121
Mapa 5: Sítio arqueológico Córrego Lalima.	125

Mapa 6: Sítio Arqueológico Asa de Pote	128
Mapa 7: Sítio arqueológico Potrero	140
Mapa 8: Sítio arqueológico Tapera do Gino	173
Mapa 9: Sítio arqueológico Tapera da Urumbeva	175

Lista de Pranchas

Prancha 1: Sítio Córrego Lalima, setor 2, materiais cerâmicos da Fase Jacadigo.	184
Prancha 2: Sítio Córrego Lalima, setor 1, materiais cerâmicos e tembetás Guaraní....	188
Prancha 3: Sítio Córrego Lalima, setor 2, materiais líticos da Fase Jacadigo.	192
Prancha 4: Sítio Asa de Pote, setor 2, materiais cerâmicos e líticos da Fase Jacadigo.	196
Prancha 5: Sítio Tapera do Gino, materiais cerâmicos e líticos Guaikuru.	203
Prancha 6: Sítio Tapera do Urumbeva, materiais cerâmicos Terena.....	209

Lista de Tabelas

Tabela 1: Sítios e áreas de ocorrência arqueológica da Fase Jacadigo da Tradição Pantanal na Terra Indígena Lalima.....	122
Tabela 2: Densidade de materiais em superfície na Terra Indígena Lalima	123
Tabela 3: Datações arqueológicas na Terra Indígena Lalima.....	165

Sumário

Introdução	14
1 Tradições arqueológicas no Pantanal e a Fase Jacadigo	27
1.1 A Fase Jacadigo da Tradição Pantanal e os dados do Projeto Corumbá	29
1.2 Outras perspectivas sobre os dados do Projeto Corumbá	44
1.3 Tradição Serra da Bodoquena?	46
1.4 Os abrigos CERA	48
1.5 Questão de classificação	55
1.6 Tradição Chaquenha	58
1.7 Estilo Guaná-Mbayá	63
1.8 Cultura São Francisco ou Tradição Ribeirinha-Paranaense	68
1.9 Pingos nos is	82
1.10 Questão de ordem	96
2 A Fase Jacadigo na Aldeia Lalima	117
2.1 A Terra Indígena Lalima	117
2.2 Levantamento arqueológico	120
2.3 O sítio Potrero	138
2.4 Implantação na paisagem	159
3 Datações arqueológicas	164
4 A variabilidade artefactual em Lalima	177
4.1 A Fase Jacadigo no setor 2 do sítio Córrego Lalima	177
4.2 A Fase Jacadigo no setor 2 do sítio Asa de Pote	194
4.3 A Cerâmica Guaikuru no sítio Tapera do Gino	200
4.4 A cerâmica Terena na Tapera do Urumbeva	206
4.5 Horizonte Jacadigo	210
Considerações finais	214
Bibliografia	217
ANEXOS	237

Introdução

Na minha dissertação de mestrado, busquei demonstrar, através de atividades de levantamento arqueológico, que a paisagem na Terra Indígena Lalima, ou Aldeia Lalima, ocupada por índios Guaikuru, Terena, Kinikinao e Laiana, localizada na margem direita do médio curso do rio Miranda, no Pantanal de Mato Grosso do Sul (Mapas 2 e 3), poderia ser compreendida como um palimpsesto da trajetória histórica da ocupação indígena regional. Tendo como objetivo principal contribuir com o estudo da história cultural na região, através de um entendimento de arqueologia enquanto história indígena de longa duração (EREMITES DE OLIVEIRA, 2003; HECKENBERGER, 2005; HODDER, 1987; NEVES, 2000), esta proposição foi sugerida com base em: a) um arcabouço teórico e metodológico colaborativo, apoiado nas definições conceituais e nos modelos teóricos concebidos com as pesquisas sobre os processos de formação do registro arqueológico e os significados da variabilidade artefactual; b) no contexto arqueológico, histórico e etnográfico da ocupação indígena regional; e c) na detecção de um sítio arqueológico com vestígios Guaraní em Lalima (KASHIMOTO; MARTINS, 2008, p. 153, 155).

As pesquisas sobre os processos de formação do registro arqueológico, principalmente no que se refere aos seus aspectos culturais, levaram ao entendimento dos vestígios arqueológicos como correlatos materiais dos processos de formação territorial associados à dinâmica histórica e cultural de longa duração da ocupação indígena regional (BARTON, 2004; BINFORD, 1981, 1983; CAMERON; TOMKA, 1993; NELSON, 1997; PANJA, 2003; SCHIFFER, 1987; ZEDEÑO, 1997, 2008). Já os estudos relativos aos significados da variabilidade artefactual, conduziram à compreensão dos vestígios arqueológicos enquanto testemunhos dos sistemas tecnológicos desenvolvidos no ínterim dos sistemas culturais das populações indígenas que ocuparam a região, o que significa que os sistemas tecnológicos dessas populações apresentavam-se de modo estritamente conectado com os outros elementos que compunham os seus respectivos sistemas culturais (CONKEY; HASTORF, 1998; DIAS; SILVA, 2001; INSOLL, 2007; LEMONNIER, 1992; SCHIFFER; SKIBO, 1997; SILVA, 2000; STARK; BOWSER; HORNE, 2008).

As pesquisas arqueológicas realizadas no Pantanal, compreendido como área de mosaico cultural, sugerem que o início da trajetória histórica da ocupação indígena foi

protagonizado por grupos caçadores-coletores que se estabeleceram nas áreas de refúgio ecológico, situadas nas escarpas circum-adjacentes e nos planaltos residuais, na transição Pleistoceno-Holoceno (AB´SÁBER, 2006; EREMITES DE OLIVEIRA, 1999; MILLER, 1983; SCHMITZ et al. 1998, VIALOU 2005). No holoceno médio, com a expansão dos *stocks* florísticos e faunísticos por conta do fenômeno de aquecimento global denominado *optimum climaticum*, houve um processo de intensificação da ocupação caçadora-coletora, seja através do crescimento demográfico dos grupos estabelecidos desde o holoceno inicial, ou pelo assentamento de outras populações, do modo como correlato nos sítios estudados no Planalto de Maracajú e no rio Paraná, em Mato Grosso do Sul, na Cidade de Pedras, no Mato Grosso, e na propagação dos aterros nas planícies inundáveis do Pantanal (EREMITES DE OLIVEIRA, 2003; KASHIMOTO, 1997; MARTINS, 2003; VIALOU, 2006). Em torno de 3 mil anos atrás, o processo de intensificação da ocupação indígena nas planícies e maciços no Pantanal tornou-se ainda mais dinâmico, com as transformações culturais verificadas nos conjuntos de materiais cerâmicos classificados nas Fases da Tradição Pantanal (EREMITES DE OLIVEIRA, 2004; FELICÍSSIMO et al., 2004; MIGLIACIO, 2000; PEIXOTO, 2002; PEIXOTO; BEZERRA, 2004; SCHMITZ et al., 1998). Por volta do início da era cristã, a configuração etnográfica encontrada pelos europeus começou a tomar forma, com o estabelecimento, nas áreas mais férteis da região, de populações agricultoras e ceramistas de matriz cultural Macro-Jê, Tupi e Arawak, sendo as primeiras provenientes do Planalto Central e as outras da Amazônia (BERRA; DE BLASIS, 2006; BROCHADO, 1984; HECKENBERGER, 2002; HECKENBERGER; NEVES; PETERSEN, 1998; KASHIMOTO; MARTINS, 2008; MIGLIACIO, 2000, 2000-2001, 2006; NOELLI, 1996, 1999; PEIXOTO, 1998; PÄRSSINEN, 2005; WÜST, 1990).

Os dados históricos e etnográficos seiscentistas e setecentistas indicam que a região de Miranda, então conquistada pelo coroa espanhola, já era ocupada por populações culturalmente distintas nos primeiros séculos do período colonial (COSTA, 1999; ESSELIN, 2000; GADELHA, 1980; NIMUENDAJÚ, 2002; SOUZA, 2002). Rui Diaz de Guzman, na conclusão da sua “Descrição do Río de la Plata”, contida nos “Anais do Descobrimento, Povoação e Conquista do Rio de La Plata”, mais conhecida como “La Argentina”, concluída em 1612, menciona que as partes altas e baixas da cidade de Jerez – fundada pelo próprio Guzman, inicialmente no baixo curso do rio Ivinhema, próximo da confluência deste com o Paraná, em 1597, porém translada, em

1600, para as margens do rio Aquidauana, “que chamam os nativos de “Botetey”, o principal afluente da bacia do Miranda – contava, entre vários outros recursos, com “muito boas terras (...) e muitas nações de índios, todos lavradores”:

No alto, chamam de Citanguasy e de Curniasy, todos de um bom costume e língua, gente bem comportada, sem nenhum gênero de bebidas que os embriaguem, ainda que os da região abaixo o façam. Possuem diferentes línguas e estão povoados entre rios e lagoas, os quais, além da colheita de legumes, colhem, no verão, das lagoas, muito arroz silvestre, fazendo grandes celeiros e cilos... (GUZMAN, 2008, p. 103).

Na página seguinte, diante das semelhanças entre os traços culturais dos índios agricultores em Jerez com os “Xarayes... uma gente de muita razão (...) Vivem no rio Paraguay”, e os Chané, estabelecido em Santa Cruz de la Sierra, a velha, na Bolívia, “onde é certo haver grande multidão de nativos... com fama de muita riqueza”, Guzman (2008, p. 103-104) afirma que “Os da parte de Jerez se dizem Jerabayanes e os de Santa Cruz os chamam de Maneses e todos têm o sobrenome de Xarayes”. Muito provavelmente, os Xaray eram os portadores dos registros arqueológicos classificados na Tradição Descalvados, encontrada no alto Paraguai, na região de Cáceres/MT, e os Chané da Tradição Estampada e Incisa de Bordas Dobradas, observada nos vales interandinos e nas terras baixas do Chaco boliviano (MIGLIACIO, 2000, 2006; ALCONINI MCELHINNY; RIVERA CASANOVAS, 2003). Além disso, é igualmente possível que a origem dos Xaray e dos Chané, de um lado, e dos “Jerabayanes”, por extensão, já que uns e outros eram “aparentados”, esteja associada à expansão ou à influência Arawak, através de processos etnogênicos distintos (ERIKSEN, 2011; HECKENBERGER, 2005; HORNBERG; HILL, 2011; HILL; SANTOS-GRANERO, 2002; POLITIS; BONOMO, 2012; SCHMIDT, 1917; SUSNIK, 1994).

O jesuíta Diego Ferrer, em uma ânua “Sôbre a Geografia e Etnografia dos Índigenas do Itatim”, escrita em 1633, dividiu os povos indígenas na região das missões jesuíticas do Itatim, localizada entre a Serra de Maracajú, no interflúvio Paraná-Paraguai, ao leste, o rio Paraguai, a oeste, a cidade de Assunção, ao sul, e o rio “Buteteỹ”, ao norte, em dois grandes grupos: Guarani e Gualacho (CORTESÃO, 1952, p. 47). Os Guarani, também denominados Itatim, Nuara e Cutaguá, reduzidos,

inicialmente, nos povos de Guarambaré e Pitún, mais próximos de Assunção, bem como em Araquay, Ñaeumĩtang, Ybu, Taragui e Yutay, acercados à cidade de Xerez e, portanto, da região de Miranda, e, posteriormente, em Caaguaçú, Taré, Mboymboy, Andirapucá, Yatebo e Tepoti, mais chegadas à margem esquerda do Paraguai, foram descritos da seguinte maneira:

(...) todos estos Itatines son de buen natural, y no difieren de los demas guaranis, sino que tienen mas trato y policia... y tambien en la lengua tienen alguna diferencia... aunque poca acercandose... al lenguaje Tupi, de suerte que algunos dizem que non son... Guaranis ni Tupis... sino... una nacion entremedia... que llaman Temiminos. Son agiles para la caça y su comum exercicio de recreacion es llevar um palo a cuestas (...) sus armas son arco y flecha y macana, y... tienen lanças. en... guerra emponçoñan las puntas de sus flechas (...) son destros a correr caballos (...) Comumente cada indio no tiene mas de una mujer... y no parece que... conoscián la perpetuidad del matrimonio (...) las mujeres... tienen todos los braços y piernas y casi todo el cuerpo listado (...) Todos estos Itatines reconocen a un cacique que se llama Ñanduabuçu como a principal de todos, el qual dize que todos los... Guaranis que ay desde... Assumpcion para aca son... sus vasallos, y aun los que estan adelante (...) viven en pueblos grandes o chicos, pero por la mayor parte... son cerca de cien familias, y algunos ay de docientas y aun mas (...) (CORTESÃO, 1952, p. 30-31).

Os Gualacho, conforme esclarecido pelo próprio Pe. Ferrer (CORTESÃO, 1952, p. 45-48), “comprehendense todas las naciones que no tienen por propria la lengua Guarani”, tais como os “Guana”, “Tunus”, “Bayas”, “Guaramos”, “Guaycurus” ou “Guaycurutis”, “Guayarapos”, “Payaguas”, “Charayes” e “Orejones”, estabelecidos, majoritariamente, sobre o rio Paraguai ou na sua margem direita – sendo que os Guayarapo, também denominados Guaxarapó, povos canoeiros contatados desde as primeiras explorações espanholas pelo Pantanal, como a de Cabeza de Vaca, em 1557 (CABEZA DE VACA, 1985), e as incursões anteriores e posteriores mencionadas por Ulrich Schmidel (1986), ocupavam os pantanais do Miranda-Aquidauna, à jusante de Lalima. Todavia, segundo o Pe. Ferrer (CORTESÃO, 1952, p. 29), o “rio Buteteỹ... esta cuajado de muchissimos Gualachos labradores”:

(...) sobre y cerca del rio Butetey... ay muchos Gualachos labradores que tienen pueblos fixos e chacaras grandes y en ellas todo lo que tienen los Guaranis, y no difieren en nada dellos sino en la lengua, aunque diz que tambien ellos... tienen una lengua o dos universales, y entran a contratar con estos Itatines. tengo escrito dellos mas de veinte pueblos. tienen buen natural y algunos dizen que es aun mejor que el de los Guaranis. tienen mucho arroz que recogem por sus lagunas, y son grandes pescadores (...) el mejor pescador es el mas estimado: ninguno come de su caça o pesca sino de la de su vezino, y el reparte toda la suya entre sus vezinos, cada uno tiene um nombre de diferente pescado, y por ningun caso a de comer el pescado de su nombre (...) no tocan a la comida com la mano sino com pinças de palo, y el caldo lo chupam com mazorcas de maiz (...) (CORTESÃO, 1952, p. 47-48).

Em seguida, o Pe. Ferrer ainda menciona que os Gualacho-agricultores, os quais podem corresponder aos Jerabayanes mencionados por Guzman, ainda atrapalhavam o contato entre os Itatim e os Guaraní estabelecidos no rio Taquari, ao norte. Susnik (1975: 44-45) também é da opinião de que os índios agricultores citados pelas fontes em cheque correspondem ao mesmo povo, caracterizados como “los recolectores del arroz silvestre altoparaguayense”. No entanto, a autora não só equipara os etnônimos “Citanguasy” e “Curniasy” com “Cutaguá” e “Curumiá”, respectivamente, como ainda parece ignorar o trecho sobre o parentesco entre os Xaray, Chané e os “Jerabayenes”, na medida em que considera que os povos do “R. Mbotetey”, inclusive os “Ñu-guaras”, como “lingüísticamente guaranizados... a veces mediando la plasmación racial”, porém “constituyendo un estrato... paleolítico... pré-guaraní”. Seja como for, os Guaraní-Itatim e os Jerabayene e/ou Gualacho-agricultores abandonaram a região de Miranda no séc. XVII por causa das doenças infectocontagiosas trazidas pelos europeus, das *encomiendas* dos colonos castelhanos do Paraguai, das reduções nas Missões Jesuíticas do Itatim, dos assaltos dos bandeirantes luso-paulistas e das incursões dos índios chaquenhos (AGUIRRE, 1948; AZARA, 1905; GANDIA, 1932, 1935; DEL TECHO, 1897; HEMMING, 2007; MAEDER, 1996; LOZANO, 1874; MARTINS, 2002; MELIÁ, 1986; MONTEIRO, 1992; MONTROYA, 1997).

Enquanto a região era abandonada pelos Guaraní e Gualacho, grupos falantes de línguas Mbaya-Guaikuru, como os Kadiwéu, Beaquéu, Cotoguéu, Apacatchudéu e

Edjiéu, tornados cavaleiros com a apropriação dos rebanhos dos colonizadores, e Chane-Guana, como Terena, Kinikinao, Laiana e Echoaladi, povos Arawak aliados dos Guaikuru, migraram do Chaco paraguaio e se estabeleceram nas regiões de Corumbá e Miranda a partir do séc. XVII (CARVALHO, 1992; COLINI, 1975; METRAUX, 1946; SUSNIK, 1971). Durante todo o séc. XVIII e a primeira metade do séc. XIX, essas populações fizeram frente à expansão colonial das coroas espanhola e portuguesa, e, posteriormente, à consolidação do Império do Brasil e da República do Paraguai. Contudo, a disseminação das epidemias e das “guerras justas” em represália aos ataques às monções durante o ciclo aurífero e diamantífero nas minas de Cuiabá e Mato Grosso, e às fortificações e povoações de origem castelhano-paraguaia e luso-brasileira, reduziu a resistência Guaikuru e Guana perante os processos de fragmentação cultural e territorial desencadeados pelo colonialismo, até que os índios foram sujeitos à influência portuguesa e brasileira em Corumbá e Miranda, através da atuação da Diretoria de Índios da antiga Província do Mato Grosso e das missões religiosas capuchinhas (ALMEIDA SERRA, 1845; BASTOS, 1972; CASTELNAU, 2000; FERREIRA, 1971; HEMMING, 2009; HOLANDA, 2000; LEOTTI, 2001; MOREIRA NETO, 2005; RODRIGUES DO PRADO, 1872; TAUNAY, 1868). Depois dos prejuízos causados com a Guerra do Paraguai (1864-1870), as terras da região foram loteadas e os índios remanescentes foram escravizados nas colônias de fazenda, sendo poucos os grupos que lograram manter identidades étnicas, sistemas culturais e territórios tradicionais (AZANHA, 2004, 2005; CARDOSO DE OLIVEIRA, 1968; HERBERTS, 1998; LEVI-STRAUSS, 1986; RIBEIRO, 1980; RIVASSEAU, 1936; SCHMIDT, 1917; TAUNAY, 1997; WEBER, 2002).

Lembrada na memória Terena como “tempo da escravidão”, a exploração desvelada da mão de obra indígena nas fazendas da região, no contexto do coronelismo mato-grossense, tomou outras formas a partir do início do séc. XX, com a passagem do então Major Rondon e a consequente implantação da política indigenista de inspiração positivista no início do período republicano (ALTENFELDER SILVA, 1949; CARDOSO DE OLIVEIRA, 1976; CORRÊA, 2006; OBERG, 1949; RONDON, 1949). Neste período, muitos índios Guaikuru, Terena, Laiana e Kinikinao foram libertos dos cativos e confinados em reservas indígenas tuteladas pelo SPI, sob o pretexto da assimilação e da aculturação à sociedade nacional. O órgão indigenista oficial, transformado em FUNAI no período da ditadura militar, viu na vocação agrícola, no modo de vida sedentário e na capacidade de articulação política dos Terena, o exemplo

e o modelo de índio assimilado e aculturado. Tão logo, tais traços, característicos do ethos Arawak, foram habilmente utilizados pelos Terena na conquista de posições mais destacadas nas questões indígenas em âmbito regional e até mesmo nacional, resultando em uma certa “terenização” dos povos indígenas estabelecidos na região.

Com efeito, baseado “nas categorias... empregadas pela FUNAI em seus documentos administrativos e também pelo grupo”, Ferreira (2007, p. 85), em seu estudo sobre as relações de poder entre os Terena e o Estado, considerou Lalima como uma área indígena Terena. Contudo, o autor também mencionou que em um relatório do SPI, datado de 1927, “Lalima consta como dos Guaicurus” (op. cit., p. 409). Alguns anos antes, Azanha (1998, Apêndice 2) concluiu que “a formação original da população de Lalima parece ser de remanescentes da etnia Guaicuru (*Mbayá*)”, citando “documentos da titulação primitiva de imóveis”, os quais a indicavam como “‘aldeamento Guaicuru’ ou ‘Colônia Guaicuru’”. Cardoso de Oliveira (1976, p. 75), com base nas suas pesquisas sobre os processos de assimilação e urbanização dos Terena, realizadas na década 50, observou que “Lalima aparece como uma comunidade *sui generis* (...) nem poderia ser classificada... como... Terêna (...) formada por remanescentes de origem... diversa... Guaikurú, Terêna, Layâna e... Kadiwéu, além de... mestiços e... brasileiros, casados na comunidade”. Apesar de considerar que o “nascimento dessa aldeia não está muito claro”, o autor (op. cit., p. 75-76) cotejou as informações etnográficas contadas pelos “mais antigos moradores” – os quais afirmavam que a posse da terra havia sido garantida pela “Missão Rondon” – com os arquivos do SPI – cujos termos asseveram que “os índios que formam... Lalima são ‘... Guaykurus... semelhantes aos Cadiueus não só pela língua... como... pelos costumes... vivem em *terrenos... reservados pela monarquia*” – e deduziu “que o grupo-local Guaikurú” estaria “lá localizado desde muito tempo, provavelmente desde o séc. XVIII”. Ribeiro (1980, p. 17-18), em sua obra sobre os Kadiwéu, baseada em observações etnográficas realizadas na década de 40, afirmou que “restam uns poucos índios Mbayá em Lalima (...) Mas... vivendo com os Terena, perderam a unidade cultural e a língua; caminham rapidamente para uma completa integração na população neobrasileira (...) Apesar disto, permanecem índios”. Taunay (1868, p. 116), a partir das suas viagens pelo “districto de Miranda” durante a Guerra do Paraguai, notou que os “guaycurús” estavam “desaparecendo pelo contacto immediato com a gente branca”, e que “habitavam no *Lalima* e perto de *Nioac*”. O Diretor Geral dos Índios da Província de Mato Grosso, Joaquim Alves Ferreira, noticiou, em um ofício de 2 de dezembro de

1848, que o lugar “Lalima, perto de Miranda”, era habitado por 500 índios da nação dos “Guaicurús-Cologués” (FERREIRA, 2001, p. 13).

O ofício de Joaquim Alves Ferreira, citado por Steinen (1940, p. 693), Baldus (1975, p. 40) e Colini (1975, p. 264), consiste na fonte direta mais antiga sobre Lalima que eu encontrei. Não obstante, a presença Guaikuru na região de Miranda no séc. XVIII foi mencionada, entre outros, por Ricardo Franco de Almeida Serra, no seu “Parecer sobre os índios Uaicuru’s, Guana’s, etc”, redigido em 1803, o qual informa que “a fundação de Miranda, se fez no centro da morada, dos que se refugiaram e existem n’aquella parte do rio Mondego” (1872, p. 379). Francisco Rodrigues do Prado, em sua “História dos Índios Cavaleiros ou da Nação Guaicuru”, escrito em 1795, menciona que “Esta nação habita pelo lado oriental do Paraguai, desde a latitude de 19°36’”, inclusive no rio “Imbotatui, hoje chamado Mondego, que está na latitude de 19°28’” (2006, p. 21-22). A “Breve notícia” de Antônio Pires de Campos sobre o “gentio barbaro que ha na derrota da viagem das minas do Cuyabá e seu reconcavo”, escrita com base na sua “experiencia no decurso de tantos annos, até o dia 20 de maio de 1723”, afirma que “Os cavalleiros chamados Aycurús (...) Cursam até o rio de Araquay, rio de Botetehuço. Rio Claro e todas as vargens de Tacoary” (1862, p. 441). Apesar dos topônimos “Imbotatui” e “Botetehuço” representarem uma variação do termo Mbotetey, utilizado, inicialmente, em referência ao rio Aquidauana, o rio Mondego corresponde ao rio Miranda.

Assim, partindo das premissas teóricas sintetizadas mais acima, dos dados arqueológicos, históricos e etnográficos sobre a ocupação indígena regional, e da provável relação da ocupação Guarani descrita nos documentos seiscentistas e setecentistas com o sítio Córrego Lalima, o levantamento arqueológico e a coleta etnoarqueológica de dados etnográficos e etno-históricos na TI Lalima foram desenvolvidos com o intuito de detectar sítios formados pelos correlatos materiais da trajetória histórica da ocupação indígena regional, seja em relação aos Guarani e Gualacho, às ocupações mais antigas ou às ocupações históricas associadas com a migração dos Guaikuru e Guana. É aqui que entra a ideia de demonstrar que a paisagem em Lalima, entendida como “a construct of human beings – whether through human ascription to it... or through physical actions by the humans themselves” (UCKO, 1994, p. xviii), poderia ser caracterizada como um palimpsesto da história indígena regional, a partir da compreensão do território da Aldeia como um pergaminho, dos registros

arqueológicos como os borrões das escritas apagadas e do contexto etnográfico atual como a última das escritas realizadas no pergaminho reaproveitado.

As pesquisas arqueológicas e etnoarqueológicas na TI Lalima, autorizadas pelas Portarias 039/07 e 010/11, concedidas pelo IPHAN, com apoio institucional do MuArq/UFMS, e as Autorizações 24/CGEP/07 e 57/AEP/Pres/11, outorgadas pela FUNAI, foram efetuadas entre maio e julho de 2007, abril e junho de 2011, e abril e junho de 2012, graças à concessão de auxílios pesquisa e bolsas de estudo pela FAPESP (Processos nº 05/57404-0 e 06/60241-8), CNPq (Processo nº 471115-2010-0) e CAPES. Em termos gerais, os resultados foram os seguintes: 1) detecção de mais 13 sítios e 11 áreas de ocorrência arqueológica, todos a céu aberto e nas proximidades de nascentes e calhas fluviais e pluviais tributárias da margem direita do rio Miranda, por meio de levantamento arqueológico oportunístico e extensivo (Cf. BANNING, 2002; PLOG, 1978) (ver mapa 4, tabela 1, anexo 1); 2) coleta de aproximadamente 10.270 materiais arqueológicos em superfície e sub-superfície, constituídos, sobretudo, por fragmentos de vasilhas cerâmicas, materiais líticos, carvões, restos faunísticos e materiais históricos (louças, vidros, contas e metais) (Cf. JOUKOWSKY, 1986; ORTON, 2000); 3) análise de 3.190 cacos de vasilhas e 75 líticos (Cf. ORTON; TYERS; VINCE, 1993; RICE, 1984; RYE, 1981; SHEPARD, 1956; DIAS; HOELTZ, 1997); 4) obtenção de 5 datações arqueológicas radiocarbônicas (tabela 3); e 5) coleta etnoarqueológica em áudio-visual de informações etnográficas de caráter etno-histórico em 18 interlocuções realizadas com 9 colaboradores indígenas (Cf. DAVID; KRAMER, 1993; NEVES, 2006).

Os dados extraídos do contexto de implantação dos sítios na paisagem, das análises dos materiais arqueológicos e das informações etnográficas de caráter etno-histórico revelaram a presença de quatro conjuntos histórica e culturalmente distintos: Guarani (Cf. LA SALVIA; BROCHADO, 1989; NOELLI, 1993; PEIXOTO, 1998), Fase Jacadigo da Tradição Pantanal (Cf. SCHMITZ et al., 1998), Guaikuru – em consideração às fontes históricas e etnográficas – e Terena – conforme classificaçãoêmica. Estes conjuntos, por sua vez, podem ser compreendidos como registros ou correlatos de ao menos três processos de formação territorial distintos, associados à construção e à transformação da paisagem cultural em Lalima ao longo do tempo: o território Guarani, o território dos portadores da Fase Jacadigo e o território Guaikuru e Terena.

Utilizando os termos de Zedeño (2008, p. 214) acerca das relações entre as histórias de formação das paisagens – marcadas pela apropriação e domesticação da natureza (Cf. INGOLD, 1993) – e dos territórios – entendidos como “objetos agregados” (terra, recursos naturais e modificações humanas), constituídos através de processos de estabelecimento (exploração, colonização e assentamento), manutenção (consolidação, expansão e fissão) e transformação territorial (mudança, abandono e reclamação) (Cf. ZEDEÑO, 1997) – pode-se afirmar, perante os fatos arqueológicos observados em Lalima, que

(...) Landscape tend to be cumulative, incorporating past and present territories. Thus, landscapes and territories have parallel life histories... with overlapping spatial and formal dimensions, but with distinctive temporal scales and *territory* histories being generally shorter or narrower than *landscape* histories (ZEDEÑO, 2008, p. 214).

Nesse sentido, a tese em mãos deve ser entendida como a continuidade e o aprofundamento das pesquisas arqueológicas iniciadas com a dissertação. Porém, se anteriormente me ative à descoberta do palimpsesto, me volto, agora, à sua decifração, especificamente em se tratando dos significados históricos e culturais dos registros arqueológicos correlatos da formação territorial dos povos indígenas portadores da Fase Jacadigo da Tradição Pantanal.

A princípio, a maior motivação dessa escolha foi arqueológica. A Fase Jacadigo foi atribuída aos Mbaya-Guaikuru do séc. XIX. Ora, se assim o fosse, seria plenamente possível que os registros arqueológicos da Fase Jacadigo em Lalima correspondessem aos correlatos dos processos de estabelecimento e manutenção territorial dos Guaikuru. Sem embargo, as investigações arqueológicas indicaram que os seus portadores podem ter se estabelecido em Lalima antes dos Guaikuru e, talvez, até mesmo dos Guarani, e, conseqüentemente, possuído um modo de vida diverso. Destarte, proporcionar uma interpretação arqueológica distinta sobre a história cultural dos portadores da Fase Jacadigo da Tradição Pantanal, através de um debate acadêmico de alcance regional, me pareceu um esforço digno de uma tese de doutorado.

No entanto, ganhei um novo alento com o despertar do interesse dos colaboradores indígenas pelos significados da Fase Jacadigo. Desde os meus primeiros contatos com a comunidade, durante a negociação da autorização para a realização da

pesquisa, a partir de 2006, os índios compreenderam a arqueologia como “etno-história”, no sentido da história deles, a partir de uma perspectivaêmica, e como uma oportunidade de apropriação simbólica do conhecimento na legitimação das suas demandas territoriais. Assim, uma das maiores contribuições dos índios à arqueologia na TI Lalima foi apontar as taperas dos seus antepassados, formadas por fragmentos de vasilhas Terena, e compartilhar suas memórias e pontos de vista sobre a história e a cultura do lugar, sobretudo em se tratando dos processos de transformação territorial associados à usurpação das suas terras (BESPALEZ, 2013).

Ao mesmo tempo, percebi que os “outros” contextos arqueológicos não eram ignorados pelos índios. Muitos sabiam da existência de sítios com “cacos de pote” graças à experiência do lugar. Assim, por conhecerem a área como a palma da mão, eles se lembravam de certos lugares onde tinham visto materiais arqueológicos, mesmo que esses não estivessem diretamente associados às memórias históricas sobre Lalima. Todavia, boa parte dos materiais fora do contexto etno-histórico local é compreendida, magicamente, como sinais de “enterros” ou “guardados”. Estes, por sua vez, podem ser entendidos como uma espécie de mito, amplamente difundido no Pantanal e alhures, sobre a existência de potes cheios de preciosidades enterrados durante a Guerra do Paraguai ou de proveniência desconhecida. Em Lalima, os índios acreditam que a localização dos enterros somente pode ser revelada oniricamente. Eles sustentam, através de uma série de exemplos, que não adianta procurar, e que quem encontra sem sonhar acaba perdendo o que encontrou. O sonho vem apenas para quem o “enterro” está “guardado”.

No entanto, os índios logo perceberam o sentido da arqueologia enquanto história indígena de longa duração, principalmente em se tratando dos contextos Guaikuru e Guaraní. Tanto eu como os meus colaboradores entendemos que os conjuntos Guaikuru, formados, principalmente, por fragmentos de vasilhas cerâmicas tecnologicamente similares ao vasilhame Kadiwéu, correspondem aos correlatos dos processos de estabelecimento e manutenção territorial da TI Lalima propriamente dita. Porém, diferente dos contextos Terena, os índios, nem mesmo os mais idosos, declaradamente “Uvaikuru”, não mantiveram memórias sobre os contextos arqueológicos Guaikuru. Mesmo assim, por se considerarem etnicamente Guaikuru, eles se identificam com a cerâmica análoga à Kadiwéu, mesmo não sabendo quem eram as pessoas que as consumiram. O Sr. Manoel de Souza Neto, meu principal colaborador e anfitrião em Lalima, diante de uma escavação no sítio Tapera do Gino, formado por

contextos Guaikuru e Guarani, concluiu que “di certo era meus vô... qui andava por aí...”.

Os colaboradores também não têm memórias sobre os Guarani em Lalima, porém eles conhecem muitos índios e territórios Guarani em Mato Grosso do Sul, tanto que a constatação da ocorrência dos correlatos de formação territorial Guarani na área e a ideia de que os Guarani poderiam ter se estabelecido no lugar antes deles não soou estranha aos seus ouvidos. Eles não só têm noção de que os seus ancestrais migraram, como ainda sabem do passado heroico dos Guaikuru cavaleiros e mantém a altivez e a soberba tantas vezes mencionada por aqueles que os observaram, desde o séc. XVI. Certa vez, o pai do Sr. Manoel, chamado João Fernandes de Souza, nonagenário, me afirmou, depois de questionado acerca do território tradicional dos Guaikuru, que “era tudo nosso”.

Mas com a Fase Jacadigo da Tradição Pantanal não foi bem assim. Apesar de terem entendido, em um piscar de olhos, que os registros da Fase Jacadigo eram diferentes dos Terena, Guaikuru e Guarani, a questão sobre “quem” eles seriam ficou sem resposta. A cada fragmento “diagnóstico”, dependendo do contexto, eu brandia “Guarani”, “Kadiwéu”, “Terena” ou “Jacadigo”, até que, lembrando falas engraçadas do seu pai, registradas na mesma interlocução aludida acima, o Sr. Manoel me perguntou: “Má que diabo di nação qui é essa? É índio? Quem qui são esses índio Jacadigo?”. O curioso é que, depois da minha tentativa de explicação, a qual foi pautada mais ou menos pela mesma estrutura contida nas páginas que se seguem – revisão sobre a Fase Jacadigo e a Tradição Pantanal, seguida por reflexões baseadas nos dados espaciais, temporais e tecnológicos acerca da Fase Jacadigo na TI Lalima – os colaboradores passaram a substituir a expressão “num sei” pelo termo “jacadigo”.

Assim, além de propor outro olhar interpretativo sobre os significados históricos e culturais da Fase Jacadigo, esta tese também é, reflexivamente, uma resposta às indagações dos meus colaboradores. Nesse sentido, embora eu contradiga a relação monolítica entre a Fase Jacadigo e os seus ancestrais mais diretos, associados aos contextos Guaikuru e Terena, penso, por um lado, que é bem possível que as transformações da paisagem no íterim da formação territorial dos portadores da Fase Jacadigo tenham influenciado o estabelecimento Guaikuru e, talvez, Guarani, e, por outro, que a origem dos portadores da Fase Jacadigo, porventura associada aos Jerabayanes e/ou aos Gualacho agricultores, esteja relacionada, assim como o contexto

etnográfico multiétnico atual, à etnogênese entre povos chaquenhos e Arawak, porém em outro contexto sócio-temporal, provavelmente pré-histórico.

1 Tradições arqueológicas no Pantanal e a Fase Jacadigo

Além das transformações engendradas pela apropriação da paisagem ao longo dos processos de formação territorial associados aos Guaraní, de um lado, e aos Guaikuru, Terena, Kinikinao e Laiana, de outro, a TI Lalima apresenta registros arqueológicos deixados pelos povos indígenas ceramistas portadores da Fase Jacadigo da Tradição Pantanal. Estes, por sua vez, podem ser semelhantes aos vestígios abandonados por outros povos, enredados histórica e culturalmente, em outras áreas, mais ou menos próximas, ao mesmo ou em outros tempos, antes e depois da chegada dos europeus e do início do colonialismo. A meu ver, mais ou menos sintonizado com as perspectivas de outros arqueólogos, os depósitos incrustados nos sedimentos dos sítios arqueológicos associados a esses povos ainda são pouco conhecidos. No entanto, outros têm perspectivas mais resolutas.

Talvez, as primeiras informações arqueológicas a respeito destes povos tenham sido publicadas por Rogge e Schmitz (1994-95), nos Anais da VII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira (REC-SAB), baseado nos dados iniciais e nas primeiras hipóteses a respeito dos grupos ceramistas pré-coloniais identificados nas pesquisas arqueológicas do Projeto Corumbá, então em andamento, na região de Corumbá/MS, no Pantanal, sob a coordenação de Pedro Ignácio Schmitz. Tenho conhecimento de outra publicação em anais de congresso com informações relevantes, assinada por Rogge (1996¹, apud PEIXOTO; BEZERRA 2004), porém não tive acesso à mesma. De qualquer forma, os resultados finais do Projeto Corumbá, onde a “cerâmica... recebe... sua caracterização mais completa e amadurecida”, foram publicados por Schmitz et al. (1998, p. 221), em um volume dedicado à divulgação dos dados e às interpretações relacionadas aos aterros indígenas e sítios associados no Pantanal. Há ainda outro resumo que oferece um balanço do Projeto Corumbá, publicado nos Anais da X REC-SAB, por Schmitz (2000), porém neste só há uma menção ao conjunto em xequê.

Os dados do Projeto Corumbá, inclusive os que nos interessam mais de perto, foram discutidos por Eremites de Oliveira e Viana (1999-2000), numa síntese da arqueologia pré-cabralina na região Centro-Oeste do Brasil, e por Peixoto e Bezerra

¹ ROGGE, J. H. A Tradição Pantanal: uma nova tradição cerâmica nas terras baixas sul-americanas. In: SIMPOSIO INTERNACIONAL DE ARQUEOLOGIA DE LAS TIERRAS BAJAS. *Anais...* n. 1, p. 195-206, 1996.

(2004), num resumo sobre a arqueologia dos povos ceramistas que ocuparam as planícies pantaneiras antes da conquista europeia, publicado nos anais do IV Simpósio sobre Recursos Naturais e Sócio-econômicos do Pantanal. Outras informações, porém um tanto quanto fragmentárias, relativas à presença, na região de Bodoquena/MS, de vasilhas confeccionadas a partir de tecnologias semelhantes, podem ser encontradas na segunda edição de um livro de Martins (2002) que oferece um painel etno-histórico de Mato Grosso do Sul, num artigo de Martins, Kashimoto e Tatumi (1999) sobre datações arqueológicas em Mato Grosso do Sul, e num livro de Martins e Kashimoto (2012) a respeito da arqueologia do povoamento no nordeste de Mato Grosso do Sul. Na dissertação de Póvoa (2007), sobre a arqueologia dos Abrigos Cera, em Aquidauana/MS, também podem ser observados alguns elementos cerâmicos que sugerem e presença de vasilhas confeccionadas com uma tecnologia similar.

Há outros dois textos que mencionam os sítios e os materiais encontrados no Projeto Corumbá que são semelhantes aos detectados em Lalima, escritos por Schmitz (1998, p. 203-222) e Eremites de Oliveira (2009, p. 89-120). Sem embargo, no que diz respeito ao problema em pauta, ambos reproduzem boa parte dos termos e, principalmente, das ideias contidas, respectivamente, na “Introdução” de Schmitz et al. (1998, p. 11-19) e no trecho que coube ao Pantanal na síntese sobre o Centro-Oeste de Eremites de Oliveira e Viana (1999-2000, p. 169-182). Todavia, Eremites de Oliveira (2009) apresenta acréscimos importantes, os quais serão considerados oportunamente adiante. Já Schmitz (1998), apesar das adições, relacionadas mais ao Projeto Sucuriú do que ao Projeto Corumbá, não será mais citado. O Projeto Sucuriú, igualmente coordenado por Pedro Ignácio Schmitz, também foi desenvolvido em Mato Grosso do Sul, na região nordeste do Estado, no final da década de 80 (BEBER, 1995; VERONEZE, 1994). Segundo Schmitz (1998: 217), os vestígios da ocupação caçadora-coletora, constituídos principalmente por artefatos líticos talhados e retocados encontrados em abrigos sob rocha com pinturas e gravuras rupestres, sendo um deles datado em até 11.500 AP, “está claramente ligada ao planalto de Goiás”. Mais recentemente, Martins e Kashimoto (2012: 9, 95, 108-109, 132), desenvolveram pesquisas arqueológicas na mesma área e recuaram a ocupação mais antiga, caracterizada por eles como “grupos de caçadores-coletores pré-indígenas”, em mais um milênio.

Finalmente, parte dos dados relativos à presença dos povos portadores da Fase Jacadigo na TI Lalima podem ser encontrados na minha dissertação (BESPALEZ 2009,

2010), elaborada por meio de uma pesquisa de levantamento arqueológico, e na monografia de Gaspar (2010), onde há um estudo comparativo entre os fragmentos cerâmicos coletados em Lalima e a coleção de vasilhas cerâmicas Kadiwéu do MAE/USP, o qual, diga-se de passagem, mostra que estas são tecnologicamente semelhantes à cerâmica associada aos correlatos Guaikuru.

1.1 A Fase Jacadigo da Tradição Pantanal e os dados do Projeto Corumbá

Apesar do caráter preliminar, o resumo de Rogge e Schmitz (1994-95) já contém as principais ideias dos arqueólogos do Projeto Corumbá em relação aos sítios cerâmicos encontrados na região de Corumbá/MS, no Pantanal. Conforme os autores citados (op. cit., p. 169-180), os sítios cerâmicos foram classificados, inicialmente, em quatro grupos, distribuídos nos três ambientes distintos que caracterizam a região. O grupo que mais interessa aqui é o “segundo grupo”, constituído até então por três sítios cerâmicos superficiais localizados em patamares na baixa encosta das morrarias do Planalto do Urucum, em ambientes de transição chaquenha. Um dos sítios do “Grupo 2” está implantado sobre um e próximo de outros do “Grupo 1”, os quais, por sua vez, são formados principalmente por aterros construídos nas áreas inundáveis e não inundáveis, em ambientes chaquenhos e pantaneiros, porém também por sítios superficiais implantados na baixa encosta das morrarias. Há outro sítio do Grupo 2 que está próximo de alguns sítios do “Grupo 4”, localizados, ao seu turno, em patamares nas encostas altas e baixas das morrarias, porém “sem mostrar nenhum indício de contato”(Ibid., p. 174). Apesar dos atributos que a distinguem, como “antiplástico minerais... e caco moído mas raramente concha moída (...) vermelho interno e/ou externo... corrugado simples... roletado... ungulado... pinçado... serrungulado... inciso... impressão de corda... aplicado (...) alguns apêndices sob a forma de alças e de botões”, foram observadas “algumas afinidades” entre a cerâmica do Grupo 2 e a do Grupo 1, a qual, por sua vez, “apresenta... semelhanças com o Chaco Argentino”, enquanto que a cerâmica do Grupo 4 “é a longamente conhecida como tradição Tupiguarani, subtradição Corrugada” (Ibid., p. 172-173). O grupo 3, composto por fragmentos cerâmicos recolhidos em um único sítio, implantado num local com variáveis semelhantes às do Grupo 2, próximo de um destes e de outros do Grupo 4, caracteriza-se principalmente pela frequência e pelo estilo das decorações “com seus motivos zonais de corda impressa, poderia ser

relacionada à área cultural paranaense”. Assim, antes mesmo da obtenção de datações absolutas, Rogge e Schmitz (op. cit., p. 174-175) sugeriram, nas “considerações”, que os sítios dos Grupos 2 e 3 não seriam contemporâneos dos Grupos 1 e 4 – pois, por um lado, um dos sítios do Grupo 2 está sobreposto a um sítio do Grupo 1, e, por outro, não foram observados indícios de contatos entre os sítios dos Grupos 2 e 3 com os do Grupo 4 – e, mais especificamente, que o domínio do Grupo 2 “deveria ser pequeno e seus acampamentos, ou aldeias, de curta duração”.

Tendo em vista que estas hipóteses, elaboradas quando o Projeto Corumbá ainda estava em andamento, foram buscadas empiricamente e demonstradas teoricamente, ao menos por suposto, e em termos muito mais elaborados, principalmente no volume sobre os aterros, mas também em outras publicações, é interessante acompanhar as formulações nos próprios termos dos autores (Rogge e Schmitz, 1998, p. 175):

... nossa hipótese de trabalho é que a primeira ocupação ceramista na área é a do Grupo 1. Como ele não ocupava... os patamares baixos e altos da morraria, aí se estabeleceu... o Tupiguarani. Circunstâncias ainda desconhecidas... permitiram a chegada dos Grupos 2 e 3, que se estabeleceram nos limites... dos Grupos 1 e 4. Se... são recentes, como imaginamos, podem ter chegado em um período anterior ou... em época colonial, quando o Tupiguarani (... chamado Itatim) havia sido arrebanhado pela ‘encomienda’ e a missão religiosa e destruído pelo bandeirante...

Já no volume que trata principalmente dos aterros e dos sítios associados – conectados uns aos outros através de certas relações de semelhanças e diferenças, conforme a implantação na paisagem, a análise dos materiais arqueológicos, a cronologia de ocupação absoluta e relativa, e o estabelecimento de analogias históricas e etnográficas – Schmitz et al. (1998, p. 11, 222) classificaram os conjuntos cerâmicos encontrados durante o Projeto Corumbá na “Tradição Pantanal”, a qual “se distingue... de todas as tradições cerâmicas descritas... para o Brasil e áreas vizinhas”. Ao mesmo tempo, a então “nova tradição cerâmica” foi dividida em duas “Fases”, por conta das “diferenças observadas no material e nos sítios... ficando um sítio (MS-CP-25) ainda sem nome e atribuição a uma fase” (Ibid.: 31, 222). Assim, o conjunto inicialmente agrupado no “segundo grupo”, foi colocado na “Fase Jacadigo”, enquanto que o Grupo

1 foi posto na “Fase Pantanal”. O Grupo 3, por sua vez, foi diferenciado dos demais por ter sido formado pelos materiais achados no sítio MS-CP-25, o qual, por tratar-se de um achado isolado, não foi classificado em nenhuma Fase. Os sítios do Grupo 4 continuaram sendo associados às “populações horticultoras de tradição cerâmica Tupiguarani, sub-tradição Corrugada que... eram conhecidos como Guarani, localmente Itatim” (Ibid., p. 17).

Além dos sítios cerâmicos, foram identificados uma série de outros sítios no Projeto Corumbá, cujo “objetivo... era criar uma história contínua das populações indígenas, abrangendo o período pré-histórico e o colonial, com eventuais transgressões para o período nacional” (Schmitz et al., 1998, p. 12). Entre estes, destacam-se os aterros ocupados por grupos pescadores-caçadores-coletores aceramistas, os sítios formados por lajedos horizontais com petroglifos e os sítios históricos de missões religiosas do séc. XIX. Os primeiros foram inseridos na “Fase Corumbá I”, datada em até 8.390 AP, e na “Fase Corumbá II”, então com 4.460 AP. Os petroglifos foram associados aos portadores da Fase Pantanal e os sítios históricos às Missões de Nossa Senhora do Bom Conselho e Nossa Senhora da Misericórdia, junto aos índios Guaná (GIRELLI, 1995; SCHUCH, 1998).

A Fase Jacadigo, de acordo com Schmitz et al. (1998, p. 15, 32), “é constituída por apenas quatro (ou sete) sítios”, encontrados durante as etapas de levantamento arqueológico, nos trechos da área de pesquisa onde foram realizadas “varreduras sistemáticas” e “coletas superficiais” (Figura 1). Do modo como antecipado por Rogge e Schmitz (1994-1995) em relação ao Grupo 2, Schmitz et al. (1998, p. 14-15, 32, 56, 86-88, 122-123, 222, 241, 243), observaram que os sítios da Fase Jacadigo estão implantados nos patamares da baixa encosta das morrarias, em lugares não inundáveis, próximos de fontes d’água perenes, como nascentes, córregos e baias, bem como de sedimentos férteis, em áreas outrora recobertas por florestas e matas de transição chaquenha, porém atualmente bastante impactadas pelas atividades agropecuárias. O sítio MS-CP-25 e os sítios Tupiguarani apresentam as mesmas variáveis que a Fase Jacadigo em se tratando da implantação na paisagem, porém os Tupiguarani também estão implantados em patamares mais elevados, nas encostas média e alta das morrarias. Os sítios da Fase Pantanal, por sua vez, estão associados, principalmente, aos aterros próximos *das* e *nas* áreas inundáveis, na baixa encosta do Planalto e nos limites dos Pantanaís do Abobral e da Nhecolândia. No entanto, é importante mencionar que Schmitz et al. (op. cit., p. 87, 123-124) associaram dois sítios implantados em contextos

semelhantes aos da Fase Jacadigo à Fase Pantanal, sendo um o MS-CP-28, encontrado no sopé da Morraria da Tromba dos Macacos, nas margens do cór. da Tromba, um tributário da lagoa do Jacadigo, próximo de um lajedo com petroglifos e um sítio Tupiguarani, e o outro o MS-CP-53, implantado em um terraço entre a morraria do Rabichão e a planície inundável do rio Paraguai.

Figura 1: Mapa de localização dos sítios arqueológicos detectados no Projeto Corumbá. As setas indicam a localização dos sítios plotados da Fase Jacadigo (SCHMITZ et al., 1998, p. 19 (modificado)).

Os sítios associados à Fase Jacadigo foram os seguintes: MS-CP-19, MS-CP-26, MS-CP-47, MS-CP-47a, MS-CP-27, MS-CP-31 e MS-CP-49. Apenas o primeiro foi sondado, porém “o subsolo mostrou-se estéril, havendo material até a profundidade atingida pelos instrumentos agrícolas” (Schmitz et al., 1998, p. 56). Assim, os depósitos arqueológicos da Fase Jacadigo foram considerados superficiais, constituídos principalmente por fragmentos de vasilhas cerâmicas, encontrados em concentrações relativamente amplas e densas, com “no mínimo 80 x 140m”, como no caso do MS-CP-19, ou mesmo em áreas mais amplas, porém em concentrações separadas umas das outras e menos densas, a exemplo dos sítios MS-CP-47 e 47a, localizados em áreas contíguas, e, sobretudo, o MS-CP-26, formado por 13 pequenas concentrações de

materiais cerâmicos e líticos, distribuídas em uma área com aproximadamente 8,5 há (Figuras 2 e 3). Na opinião de Schmitz et al. (op. cit., p 226), o MS-CP-26 e o MS-CP-47 “... apresentam uma distribuição superficial complexa... como se fossem grandes acampamentos com pequenos núcleos sem maior estabilidade”. Os outros sítios listados, ou seja, MS-CP-27, MS-CP-31 e MS-CP-49, apresentaram pequenas concentrações com baixa densidade de fragmentos cerâmicos, sendo inseridos “tentativamente” na Fase Jacadigo. Além dos materiais cerâmicos, apenas o MS-CP-26 apresentou materiais líticos, formados por “pedras quebradas... certamente trazidas... cujas cicatrizes são irregulares. Embora algumas tenham morfologia... de lascas, a maior parte são fragmentos nucleiformes” (Ibid., p. 86). O depósito do MS-CP-25 também “parecia ter sido bastante superficial” (Ibid., p. 85), ao passo que os sítios Tupiguarani apresentaram “infelizmente... camadas danificadas pelo cultivo” (Peixoto, 1998, p. 73). Já os aterros são estruturas monticulares estratificadas, com camadas compostas por conchas, sedimentos e vestígios arqueológicos, principalmente restos faunísticos de alimentação, vestígios de artefatos cerâmicos, líticos e ósseos, e sepultamentos humanos.

O MS-CP-19, localizado em uma área não inundável na margem da lagoa do Jacadigo, com 1,12 há, encontra-se sobreposto ao aterro MS-CP-18, o qual, por sua vez, situa-se um pouco mais próximo da lagoa. Trata-se do sítio do Grupo 2 que, segundo Rogge e Schmitz (1994-1995, p. 174) estaria sobre um sítio do Grupo 1. Escavações realizadas no MS-CP-18 revelaram que o aterro foi formado por duas ocupações, sendo uma pré-cerâmica, da Fase Corumbá II, e outra cerâmica, da Fase Pantanal. No entorno da lagoa do Jacadigo, foram pesquisados outros aterros semelhantes ao MS-CP-18, sendo que no MS-CP-20 a ocupação da Fase Pantanal foi datada entre 1.700 ± 50 AP e 2.160 ± 60 AP, e no MS-CP-16, situado a 65 m ao sul do MS-CP-18, a Fase Corumbá II foi fechada entre 3.920 ± 60 AP e 4.140 ± 60 AP. Quanto à Fase Jacadigo, Schmitz et al. (1998, p. 32) esclareceram que “(...) Não há datações, mas razões para atribuí-la a um período posterior à Conquista”. É interessante notar que Rogge e Schmitz (1994-1995, p. 175) se mostraram mais cautelosos quanto à temporalidade dos Grupos 2 e 3 do que Schmitz et al. (1998, p. 9, 14, 18, 32, 228-229, 241, 243) em relação à Fase Jacadigo e ao MS-CP-25, na medida em que aqueles afirmaram que os conjuntos em questão poderiam datar desde antes do período colonial, porém de qualquer forma depois do “Tupiguarani”. O MS-CP-27, considerado o mais preservado da Fase Jacadigo, também está implantado no contexto da lagoa do Jacadigo, nas margens de

um dos córregos tributários daquela, ao passo que o MS-CP-31 localiza-se na estrada entre a lagoa do Jacadigo e a cidade de Corumbá. Ainda foram encontrados lajedos com gravuras rupestres e um sítio Tupiguarani no contexto da lagoa do Jacadigo.

O MS-CP-26, por sua vez, está localizado na micro-bacia do cór. Banda Alta, um tributário da lagoa Negra, na Morraria do Urucum, e encontra-se próximo do sítio Tupiguarani MS-CP-15, porém este se situa “em terreno um pouco mais elevado” (Schmitz et al., 1998, p. 86). Na bacia do Banda Alta também foram encontrados outros sítios Tupiguarani, bem como o MS-CP-25 e os petroglifos MS-CP-02, adjacentes um ao outro (Figura 4). O MS-CP-47 e 47a, assim como o MS-CP-49, também estão implantados nas proximidades de sítios Tupiguarani, nas encostas da Morraria de São Domingos.

Figura 2: Croqui dos sítios MS-CP-18 e MS-CP-19 (SCHMITZ et al., 1998, p. 55).

As diferenças entre os contextos arqueológicos das Fases Jacadigo e Pantanal fez com que Schmitz et al. (1998, p. 32) categorizassem os primeiros justamente pelo que eles não são e pelo que eles não tem, repetindo uma fórmula tipicamente evolucionista, na qual os grupos humanos tidos como primitivos são estigmatizados pela negação:

...sítios não estratificados... fora do alcance da enchente... não se apresentam como aterros, não têm restos faunísticos provenientes da água e a cerâmica é mais simples...

Figura 3: Croqui do sítio MS-CP-26 (SCHMITZ et al., 1998, p. 84).

Em termos amplos, a Tradição Pantanal, de acordo com Schmitz et al. (1998, p. 221-236, 257-271), é caracterizada por vasilhas cerâmicas manufaturadas através da preparação de uma pasta argilosa temperada ou não com areia, minerais diversos, cacos moídos e conchas trituradas. A pasta era então modelada na forma de roletes ou cordéis de argila, os quais, por sua vez, eram sobrepostos uns aos outros até a formação de vasilhas de dimensões relativamente pequenas, abertas e fechadas, algumas com pescoço, com contornos simples, infletidos e compostos. A maioria das vasilhas era simplesmente alisada e/ou polida, porém algumas recebiam tratamento plástico distinto e decorações plásticas e cromáticas, duplas e mistas, em uma ou em dupla face, e no lábio. As vasilhas eram queimadas a céu-aberto e utilizadas cotidianamente para

processar, consumir e armazenar alimentos. Além do vasilhame, com destaque para “três peças bastante completas”, a Tradição Pantanal também conta com cachimbos e piteiras, bem como fragmentos reciclados, transformados em fichas, pingentes, botões, contas e rodela de fuso.

Figura 4: Croqui do sítio MS-CP-25 (SCHMITZ et al., 1998, p. 83).

A Fase Jacadigo foi definida pela análise de 2.676 fragmentos, recolhidos nos sítios MS-CP-19, MS-CP-26, MS-CP-47 e MS-CP-47a, e, conforme Schmitz et al. (1998, p. 226-235 passim) caracteriza-se pelos seguintes atributos: antiplásticos minerais (grãos de quartzo, divididos em areia grossa e fina, hematita e feldspato) e cacos moídos; queima oxidante incompleta; dureza entre 3,5 e 4° na escala de Mohs;

coloração “avermelhada e pardacenta”; superfícies “geralmente bem alisadas interna e externamente”, seguidas por engobo vermelho, corrugado, aplicado, inciso, impressão de corda e apêndices “em forma de botão e de alça (...) combinados ou sobrepostos”; formas abertas simples e fechadas com contornos infletidos e compostos, “às vezes... carenadas, lembrando vasilhame Tupiguarani”; bordas “algumas vezes” reforçadas; lábios arredondados, aplanados “ou aplanados com aplique”; diâmetro da boca entre 10 e 30 cm, e espessuras entre 0,6 e 1,6 cm, “mas com predomínio das médias”; bases arredondadas (Figura 5). Diferindo de Rogge e Schmitz (1994-1995, p. 174), Schmitz et al. (1998, p. 227) não mencionam a ocorrência de concha triturada no tempero da pasta na Fase Jacadigo. Por outro lado, estes se referem, inclusive com ilustrações, à ocorrência de apliques no lábio dos fragmentos de borda, não citadas por aqueles (Ibid., p. 227, 235). É importante enfatizar a presença dos apliques no lábio, bem como dos apêndices de suspensão, do engobo vermelho característico, “fácil de distinguir”, e a ocorrência das carenas, pois estes atributos, em conjunto com as características da implantação na paisagem e dos depósitos dos sítios da Fase Jacadigo, foram compreendidos como “elementos novos” desta em relação à Fase Pantanal, tida como mais antiga (Ibid., p. 228).

As análises também revelaram algumas variações na cerâmica dos sítios da Fase Jacadigo, principalmente em se tratando do acabamento de superfície e da presença dos “elementos novos”. Considerando tanto a face externa quanto a interna, a maioria dos fragmentos cerâmicos provenientes do MS-CP-19, formado por 1.533 peças, apresenta acabamento de superfície simples, seguido por engobo vermelho, corrugado-simples, aplicado, inciso, impressão de corda e roletado. No MS-CP-26, constituída por 1.264 peças, a maior parte também apresenta acabamento simples, seguido mais uma vez por engobo vermelho, porém sem ocorrências de corrugado-simples, mas com presença de inciso, aplicado e impressão de corda. Os outros sítios inseridos na Fase Jacadigo, dotados de amostras muito ínfimas, apresentaram apenas tratamento simples e engobo vermelho. Os “elementos novos”, por sua vez, foram observados apenas nas amostras dos sítios MS-CP-19 e MS-CP-26. Schmitz et al. (1998, p. 227) também observaram a presença de “‘fichas’ produzidas com fragmentos cerâmicos” no contexto da Fase Jacadigo (Figura 5).

Além da variação no acabamento de superfície e nos “elementos novos”, Schmitz et al. (1998, p. 226) notaram que os conjuntos atribuídos à Fase Jacadigo, assim como os conjuntos da Fase Pantanal, sobretudo nos níveis mais próximos das

Figura 5: “Formas das vasilhas da fase Jacadigo: 1. contorno simples; 2, 3, 5. contorno infletido, ângulo menor que 90° (3. com *applique* labial); 6-10. composto; 11. fragmentos carenados; 12. bases; 13. fragmento com *apliques*; 14, 15. *fichas*; 16-18. apêndices” (SCHMITZ et al., 1998, p. 235).

superfícies dos aterros, apresentam certos “elementos recentes” ou “estranhos”, tais como corrugados, ungulados, serrungulados, beliscados e engobo branco, originários dos “horticultores de tradição Tupiguarani, donde ou por influência teriam chegado”. Todavia, o MS-CP-26, localizado na mesma área que o MS-CP-15, um sítio

Tupiguarani, apresenta menos elementos associados àquela do que o MS-CP-19. O MS-CP-31 também apresenta alguns destes elementos, tanto que os fragmentos foram “inicialmente considerados da Tradição Tupiguarani, mas que, agora tentativamente, colocamos na fase Jacadigo” (Ibid., p. 88). Com efeito, as interpretações sobre a presença de elementos Tupiguarani nos sítios da Tradição Pantanal são difusas e, em certos casos, ambíguas. Inicialmente, os autores afirmaram que o núcleo formado pelos Tupiguarani “era pequeno, mas, aparentemente seguro... nunca invadido ou destruído pelas populações vizinhas” (Ibid., p. 17). Em seguida, os mesmos sublinharam que, apesar da proximidade do MS-CP-26, da Fase Jacadigo, com o MS-CP-15, Tupiguarani, “não parece ter havido qualquer interferência... dos moradores de um sítio sobre os do outro” (Ibid., p. 86), da mesma forma como também já havia sido apontado por Rogge e Schmitz (1994-1995, p. 174). Mais adiante, já no capítulo sobre a cerâmica, Schmitz et al. (1998, p. 221), admitem “suspeitar de influência dos horticultores da tradição cerâmica Tupiguarani”, por causa da presença de certos “elementos recentes” nas “coletas superficiais” e nos “níveis superficiais”. Na sequência, eles sugeriram que os sítios mais antigos da Fase Pantanal não apresentariam elementos Tupiguarani, porém mesmo os sítios mais recentes, os quais apresentam alguns destes elementos, “não parecem ter modificado... a indústria cerâmica” (Ibid., p. 226). Na descrição da cerâmica da Fase Jacadigo, do modo como sublinhado acima, os autores destacaram que a presença de “panelas... fortemente carenadas” lembram as vasilhas Tupiguarani. Já na conclusão, os autores consideram que “uma população... de tradição... Tupiguarani... em período pré-colonial recente, ocupou as florestas despovoadas”, e que a “vizinhança... deixou marcas na ocupação” dos aterros, cuja “intensidade do relacionamento é difícil de avaliar”, mas que “parece desigual, notando-se mais elementos Tupiguarani na tradição Pantanal do que o contrário (...) podemos imaginar que... o relacionamento não teria sido (sempre) pacífico, se é que alguma vez o foi” (Ibid., p. 241).

Já a alta porcentagem de corrugado-simples no MS-CP-19 foi explicada em função da implantação deste sobre o MS-CP-18, um aterro da Fase Pantanal. Esta, por sua vez, se diferencia da outra, conforme Schmitz et al. (1998, p. 222-226), pela presença de alguns fragmentos com pastas temperadas com conchas trituradas e por uma variação maior no tratamento de superfície, com o predomínio, depois do acabamento simples, dos corrugados típicos da Tradição Pantanal – classificados como “corrugado-simples”, em oposição aos “corrugados”, associados aos Guarani – seguidos pelas decorações cromáticas – constituídas por engobo vermelho e branco, e, mais

raramente, por pinturas vermelhas e pretas – e pelas plásticas – formadas por incisões, impressões de corda, escovados, aplicados, beliscados e ponteados, muitas vezes combinados. Cabe destacar também a ausência dos “elementos novos”. Também foram observadas algumas variações no acabamento de superfície entre os fragmentos encontrados nos aterros e sítios da Fase Pantanal localizados na margem direita do rio Paraguai, nas planícies inundáveis a na baixa encosta do Planalto do Urucum (denominados através da sigla MS-CP), e os aterros situados na margem esquerda, nas planícies inundáveis dos pantanais da Nhecolândia, Miranda-Aquidua e Abobral (com a sigla MS-MA). Nos últimos há uma diminuição na frequência dos simples, dos cromáticos e das impressões de corda, e um aumento nos corrugados-simples, incisos, aplicados e escovados. Em relação à morfologia, os autores sublinharam a ocorrência de “reforço-externo na borda... em formas com decorações plásticas”, “lábios... raramente... entalhados” e “uma só vez aparece uma borda vazada”. O diâmetro da boca estende-se entre 12 e 34 cm, e tem-se o predomínio de espessuras menores que 1 cm. Quanto às bases, “raramente são aplanadas”. A coloração dos fragmentos varia entre vermelho-amarelado, marrom, cinza e preto, e a dureza entre 2,5 e 4° Mohs. Cabe destacar, ainda, um cachimbo decorado com impressões de corda associado à Fase Pantanal.

A cerâmica do MS-CP-25, por sua vez, se diferencia das Fases Jacadigo e Pantanal, segundo Schmitz et al. (1998, p. 228-229), principalmente devido à frequência de decorações com impressão de corda. As impressões são finas e rasas, na “parte superior das bordas, são composições geométricas de linhas horizontais, verticais e oblíquas, criando zonas nas quais ainda se percebe preenchimento com pigmentos vermelhos” (Ibid., p. 229). Porém existem outros atributos que a singularizam, como a frequência de “lábio entalhado ou inciso”. A maioria dos cacos apresenta tempero mineral, principalmente areia, porém também foram observadas conchas trituradas. O alisamento e o polimento também predominam no MS-CP-25, porém, além das impressões de corda e dos lábios decorados, “predominantemente entalhados”, também foram observados cromatismos nas faces externa e interna. As formas são infletidas e diretas, os diâmetros da boca entre 16 e 25 cm, a espessura entre 0,5 e 0,8 cm, e os lábios e as bases são arredondados. A coloração varia entre avermelhado e marrom, e a dureza entre 2,5 e 3° Mohs (Figura 6).

Diante destes fatos – quais sejam, sítios superficiais formados por fragmentos cerâmicos ao mesmo tempo semelhantes e distintos dos da Fase Pantanal, implantados

em áreas não inundáveis e relativamente mais recentes que aquela e que a Tradição Tupiguarani – Schmitz et al. (1998, p. 9, 12, 14, 32, 228), lançando mão de analogias

Figura 6: “Formas das vasilhas do sítio MS-CP-25: 1. contorno simples; 2. contorno infletido, ângulo menor que 90°; 3, 5. contorno infletido, ângulo igual ou maior que 90°; 4. contorno composto” (SCHMITZ et al., 1998, p. 236).

fundamentadas em estudos históricos e etnoarqueológicos realizados no âmbito do Projeto Corumbá (EREMITES DE OLIVEIRA, 1995; HERBERTS, 1998; MAGALHÃES, 1999; SCHUCH, 1995), associaram a Fase Jacadigo e o sítio MS-CP-

25 à “mesma tradição cerâmica, mas com assentamento diferente, que podem ser de populações Mbayá-Guaicuru, cavaleiros criadores de cavalos do séc. XIX”, os quais, por sua vez, “tinham... assentamentos dentro da área do projeto”. Destarte, os sítios foram considerados “talvez posteriores à conquista”, “restos de acampamentos”, “talvez taperas dos pastores Mbayá-Guaicuru”, como pode ser acompanhado na citação abaixo, extraída do último capítulo do volume sobre os aterros, onde os autores inserem os sítios encontrados no Projeto Corumbá no contexto do Povoamento do Pantanal:

Na encosta baixa do planalto... existem ainda alguns sítios de caráter diferente, que não exploram recursos da água, embora partilhem da mesma tradição cerâmica (MS-CP-19, 26, 27, 31, 47, 47a, 49, talvez também 25). Conjeturamos que sejam restos de acampamentos de índios Mbayá-Guaicuru, cavaleiros nômades, de meados do séc. XIX, que aí apascentavam rebanhos de milhares de cavalos (SCHMITZ et al., p. 1998: 241).

A relação da Fase Jacadigo com o MS-CP-25 também foi carregada de ambiguidades. Em um primeiro momento, Schmitz et al. (1998, p. 31) informam que a Tradição Pantanal “foi dividida em fase Pantanal e fase Jacadigo, ficando um sítio sem denominação (MS-CP-25)”. Em seguida, eles afirmam que o MS-CP-25 apresenta “localização, implantação e estrutura semelhantes às da fase Jacadigo, mas com marcada diferença na cerâmica. Provavelmente também é recente” (Ibid., p. 32). Mais à frente, na descrição do sítio, eles se referem aos fragmentos coletados como “cerâmica da tradição Pantanal, mas de fase ainda sem nome”, e destacam a proximidade de vários sítios Tupiguarani e de um lagedo com petroglifos, porém sem perceber “nenhuma influência entre os sítios das duas tradições” (Ibid., p. 85-86). Também há um sítio da Fase Jacadigo, o MS-CP-26, próximo do MS-CP-25 e dos outros sítios detectados na Morraria do Urucum. De qualquer forma, a relação do MS-CP-25 com a Fase Jacadigo, centrada principalmente nas decorações com impressões de corda, é colocada em panos mais limpos no capítulo sobre a cerâmica:

Devido à sua grande semelhança com os sítios da fase Jacadigo é possível que pertençam ao mesmo grupo, mas, por enquanto, apesar da nossa busca, não encontramos outros sítios que permitam intermediar sua ligação. A muita impressão de corda faz lembrar

novamente a cerâmica dos Mbayá-Guaikuru, atualmente chamados Kadiwéu (SCHMITZ et al., 1998, p. 229).

A Fase Pantanal, por sua vez, foi associada por Schmitz et al. (1998, p. 9-18 passim) à “populações indígenas pescadoras-coletoras-caçadoras”, “possivelmente de origem chaquenha”, “canoeiros forrageadores”, como os “Guató... que viviam em aterros e à beira dos... lagos, de maneira semelhante aos pré-históricos”, e os “Paiaguá... que... poderiam ser os construtores e usuários de aterros estudados”. Esse mesmo viés pode ser visto no capítulo sobre a cerâmica, onde os autores sugeriram que a Fase Pantanal “existiu... desde uns dois séculos antes de Cristo... coincidiu com a tradição Tupiguarani e... suspeitas... de que era usada... por grupos coloniais”, apesar de que, no capítulo final, os autores deixaram claro que, neste caso, “desconhecemos quais ou qual grupo a continuariam a usar” (Ibid., p. 222, 243).

Assim, se compreendi bem a interpretação do Projeto Corumbá em relação à Fase Jacadigo, trata-se do registro arqueológico datado do séc. XIX, deixado pelos índios Guaikuru, os quais, assim como os Kadiwéu, teriam um modo de vida forrageador e pastor, acampando em assentamentos mais ou menos efêmeros enquanto se moviam juntamente com os seus rebanhos. Outra conclusão de Schmitz et al. (1998), a qual pode ser igualmente posta como uma questão, é que há certa relação entre a cerâmica da Fase Jacadigo e a do MS-CP-25, cuja busca por um elo de ligação sugere uma origem em comum.

Na publicação nos Anais da X REC-SAB, Schmitz (2000, p. 275) apenas menciona que entre as culturas definidas no Projeto Corumbá foram identificados outros sítios cerâmicos, como os da “fase Jacadigo, da tradição Pantanal, provavelmente representante dos nômades criadores de cavalo”. Num capítulo de um livro de divulgação da arqueologia brasileira, sobre os pescadores-caçadores-coletores no Pantanal em Mato Grosso do Sul, Schmitz (1999, p. 155) não menciona a Fase Jacadigo ou o MS-CP-25, mas escreve que povos indígenas como os Paiaguá, Guajarapo, Guató, Guaicuru e Guaná permaneceram na área de Corumbá “até o fim do séc. XIX, quando, por ocasião da guerra do Brasil com o Paraguai, elas se desestruturaram completamente”.

1.2 Outras perspectivas sobre os dados do Projeto Corumbá

De acordo com a parte sobre a arqueologia no Pantanal contida na síntese “O Centro-Oeste antes de Cabral”, escrita por Eremites de Oliveira e Viana (1999-2000), baseada, em boa medida, nos dados do Projeto Corumbá, as classificações e interpretações relativas às ocupações ceramistas propostas por Schmitz et al. (1998) foram levadas em conta apenas parcialmente, pois, se por um lado, a Tradição Pantanal foi mantida, as Fases não o foram, e, por outro, a Tradição Pantanal foi associada mais aos sítios e aos materiais classificados adrede na Fase Pantanal do que à Fase Jacadigo e ao sítio MS-CP-25.

Os sítios MS-CP-26 e MS-CP-47, antes inseridos na Fase Jacadigo, e o sítio MS-CP-25, atribuído à Tradição Pantanal, mas não inserido em nenhuma Fase, foram considerados por Eremites de Oliveira e Viana (1999-2000, p. 180) como “outros tipos de sítios... *rasos* e pequenos...”, encontrados nas encostas do Planalto do Urucum, “cuja cerâmica é... diferente da... Tupiguarani e, em menor grau, da Tradição Pantanal”. Os autores consideraram o MS-CP-25 como “um dos casos mais marcantes”, justamente por conta da frequência de decorações feitas com impressões de corda nos fragmentos cerâmicos, entendidas como “característica de grupos chaquenhos, como os... Mbayá-Guaicurú”, e associadas à “Tradição Chaquenha”, proposta por Gordon Willey (1971). A cerâmica do MS-CP-26 e do MS-CP-47, por sua vez, foi considerada semelhante à do MS-CP-25 e, principalmente no caso do MS-CP-47, também “à dos grupos portadores da Tradição Pantanal; o que basicamente a distingue é uma altíssima quantidade de engobo vermelho” (EREMITES DE OLIVEIRA E VIANA, 1999-2000, p. 180). Em conclusão às suas observações em relação aos sítios MS-CP-25, MS-CP-26 e MS-CP-47, comparando-os com os “grupos que ocuparam as *terras baixas*”, os arqueólogos citados ponderaram que caso a cerâmica desses sítios “seja tecnologicamente filiada à Tradição Pantanal, tem-se... outro tipo de implantação na paisagem e... diferentes formas de adaptação e organização social” (Ibid., p. 180).

Além disso, o sítio MS-CP-27, associado “tentativamente” à Fase Jacadigo por Schmitz et al. (1998), foi tido por Eremites de Oliveira e Viana (1999-2000, p. 174), em contraposição aos aterros, como um exemplo de sítio superficial e unicomponencial à céu aberto da Tradição Pantanal, assim como o sítios MS-CP-28 e o MS-CP-57. O MS-CP-28, conforme sublinhado acima, foi tratado por Schmitz et al. (1998, p. 87, 123-124)

de forma semelhante, ou seja, como um dos dois sítios da Fase Pantanal implantados a céu-aberto em áreas não inundáveis, sendo o outro o MS-CP-53.

O item sobre a Fase Jacadigo contido no resumo da comunicação de Peixoto e Bezerra (2004) acerca da arqueologia dos povos ceramistas que ocuparam o Pantanal antes da conquista europeia, baseia-se principalmente nos dados publicados por Schmitz et al. (1998), porém também há uma referência à Rogge (1996). Todavia, Peixoto e Bezerra (2004) destoaram de Schmitz et al. (1998) em alguns pontos, na medida em que afirmaram que o material da Fase Jacadigo provém de “coleta de superfície e escavação”, não mencionaram a frequência de engobo e/ou pintura vermelha na categoria do tratamento de superfície, e, sublinhando, do mesmo modo que aqueles, que “não há remanescentes de peixes e moluscos gastropos”, acrescentaram que “ocorre répteis, aves, mamíferos”. Já a referência à Rogge (1996, p. 199 apud Peixoto e Bezerra 2004), alude à presença de “*formas restringidas com pescoço bastante pronunciado*”, não mencionada em Schmitz et al. (1998, p. 226).

Com efeito, Peixoto e Bezerra (2004) consideraram que os grupos que ocuparam os assentamentos da Fase Jacadigo, “implantados na borda de planaltos... protegidos das inundações (...) parecem não explorar sistematicamente os recursos da planície”. É interessante notar que os autores citam, no começo do resumo, a presença de um sítio da Tradição Pantanal “isolado, não incluído em nenhuma fase”, referindo-se provavelmente ao MS-CP-25, porém não se referem pormenorizadamente ao mesmo nas páginas seguintes, talvez por considerarem-no histórico, portanto fora do foco da comunicação. Por outro lado, os autores não deixaram de somar outras duas Fases da Tradição Pantanal propostas depois da publicação de Schmitz et al. (1998), a Fase Taiamã, definida a partir da análise cerâmica dos aterros encontrados no Pantanal de Cáceres/MT, datada em até 2.200 AP, e a Fase Castelo, caracterizada por meio do estudo da cerâmica dos aterros localizados na lagoa do Castelo, na margem direita do rio Paraguai, com 2.600 AP (MIGLIACIO, 2008; PEIXOTO, 2003). Os autores também não associaram a Fase Jacadigo com os povos Mbayá-Guaikuru, Guaikuru ou Kadiwéu. Assim, mesmo diante do fato de que Peixoto e Bezerra (2004) não caracterizaram a Fase Jacadigo em termos cronológicos, é possível que os autores já aventassem que o conjunto inserido na mesma datasse desde períodos pré-históricos.

1.3 Tradição Serra da Bodoquena?

Na segunda edição do livro “Breve painel etno-histórico de Mato Grosso do Sul”, mais especificamente no capítulo “Pré-história e arqueologia de Mato Grosso do Sul”, Martins (2002, p. 30) exhibe uma fotografia de um “recipiente de cerâmica coletado em sítio arqueológico no município de Bodoquena” (Figura 7). Apesar de não haver uma descrição da vasilha, é possível caracterizá-la como uma vasilha fechada com pescoço, com contorno composto, caracterizado por um ponto suavemente angular entre o segmento distal-mesial esférico, constituído pela base, o bojo e a constrição acima do bojo, e o pescoço, dotado de uma forma semicônica invertida. A vasilha ainda apresenta ao menos dois apêndices em forma de alças de suspensão perpendiculares à abertura da boca, aplicados na constrição acima do bojo, no limite entre este e o pescoço. A face externa apresenta decoração mista no segmento superior do bojo, no pescoço e nas alças de suspensão, composta por apliques de filigranas de argila onduladas e retilíneas, horizontais, perpendiculares e oblíquas, e pinturas vermelhas de motivos geométricos com linhas horizontais e perpendiculares, faixas horizontais e oblíquas, campos geométricos contornados pelas filigranas e pontos esféricos. Não há escala na foto, mais como a mesma foi tirada com a vasilha sendo segura pelas mãos, pode-se inferir que a mesma possuía pelo menos dois palmos de altura.

No artigo sobre datações arqueológicas em Mato Grosso do Sul, Martins, Kashimoto e Tatumi (1999, p. 76, 91) apresentam uma datação arqueológica por termoluminescência de uma cerâmica coletada em superfície, no sítio Campina 1, implantado em uma caverna calcária, no município de Bodoquena/MS, em uma área drenada pela bacia do rio Miranda, com 680 ± 80 AP, porém não há como saber se a vasilha exibida por Martins (2002, p. 30) foi recolhida no mesmo sítio da cerâmica datada. De qualquer modo, uma e outra foram trazidas de sítios localizados no mesmo município. Os autores do artigo sobre as datações ainda apresentaram mais três datas termoluminescentes de cerâmicas provenientes de sítios encontrados na bacia do Miranda, sendo uma de 400 AP, associado ao sítio histórico da cidade espanhola de Santiago de Xerez, outra de 900 AP, de um abrigo sob rocha na Serra de Maracajú, e uma de 1.135 ± 140 AP, de um sítio à céu-aberto encontrado em Terenos/MS. As ruínas de Santiago de Xerez e o abrigo sob rocha, denominado Aquidauana 3, encontram-se em Aquidauana/MS. As cerâmicas do Aquidauana 3 e do sítio localizado

em Terenos, chamado Córrego Barreiro 1, não foram associados a nenhum dos “horizontes arqueológicos” identificados pelos autores.

No livro “12.000 anos: arqueologia do povoamento humano no Nordeste de Mato Grosso do Sul”, Martins e Kashimoto (2012, p. 47), no capítulo “Pesquisas arqueológicas no Sul do Brasil Central”, exibem a mesma fotografia da vasilha descrita acima, porém em uma resolução um pouco melhor, legendada com os seguintes termos: “Cerâmica da tradição arqueológica Serra da Bodoquena, Bodoquena/MS”. Na página anterior, os autores exibem outra fotografia, referenciada com uma legenda idêntica, na qual podem ser contempladas três estatuetas antropomórficas, sendo uma feminina, a outra masculina, e a última, menor que as outras, provavelmente de uma criança. Todas as estatuetas possuem perfurações, sendo que nas duas primeiras há uma perfuração na barriga e duas perfurações em cada um dos braços, ao passo que na última há uma perfuração transversal na cabeça. Porém o mais interessante são os longos cabelos da estatueta feminina, confeccionados por meio de apliques de filigranas de argila (Figura 8). Na mesma página que a fotografia das estatuetas, há um parágrafo no qual os autores se referem às fotos citadas, em conjunto com outras duas fotos, as quais, por sua vez, mostram a “Escavação arqueológica de um sepultamento em um sítio Tupiguarani, Corumbá/MS”. O parágrafo citado trata das observações arqueológicas relativas ao surgimento das evidências de povos ceramistas no Pantanal, “o que pode significar o início do processo formativo das etnias indígenas conhecidas tanto pela arqueologia quanto pela etnografia (...) uma ruptura cultural... origens endógenas e/ou exógenas (...) o manejo e a domesticação de... vegetais... a sedentarização parcial” (MARTINS; KASHIMOTO, 2012, p. 46).

Infelizmente, apesar da proposição de uma nova tradição ceramista, não há no restante do livro nenhuma definição a respeito da “Tradição Serra da Bodoquena”, tampouco em outros títulos publicados pelos arqueólogos que a propuseram. Também não há como saber se as estatuetas, assim como a vasilha com apêndices de suspensão e decoração mista, conforme discutido acima, provém do sítio Campina 1, datado em 680 ± 80 AP, ou de outros sítios encontrados em Bodoquena/MS. Eu seria capaz de apostar que os autores consideraram todos estes dados para propor a dita tradição, porém isso não os exime do fato de tê-la lançado, salvo melhor juízo, sem a devida sistematização. Contudo, pelo que é possível extrair dos dados fragmentados nas três últimas publicações discutidas acima, é possível que os proponentes da Tradição Serra da Bodoquena a associe com povos indígenas agricultores que ocuparam cavernas na

região da Serra da Bodoquena, principalmente em Bodoquena/MS, desde períodos pré-históricos. No meu pensamento, a vasilha exibida por Martins (2002) e Martins e Kashimoto (2012) apresenta alguns elementos tecnológicos notavelmente semelhantes aos inseridos na Fase Jacadigo por Schmitz et al. (1998).

Figura 7: “Cerâmica da tradição arqueológica Serra da Bodoquena, Bodoquena/MS” (MARTINS; KASHIMOTO, 2012, p. 47, foto 34).

Figura 8: “Cerâmica da tradição arqueológica Serra da Bodoquena, Bodoquena/MS” (MARTINS; KASHIMOTO, 2012, p. 46, foto 35).

1.4 Os abrigos CERA

Na dissertação de Póvoa (2007), focada no estudo da implantação na paisagem e da cultura material dos Abrigos CERA, em Aquidauana/MS, também foi registrada a ocorrência de alguns fragmentos cerâmicos decorados com técnicas similares às da Fase

Jacadigo, bem como às da vasilha atribuída à Tradição Serra da Bodoquena. Os Abrigos CERA, formados por uma cavidade compartimentada por outras quatro concavidades menores no seu interior, denominado abrigo Aquidauana IVa, e por outra concavidade menor, localizada à 200 m da primeira, chamado Aquidauana IVb, estão localizados no sopé de uma escarpa da Serra de Maracajú, em uma matriz rochosa arenítica da Formação Aquidauana, associada às camadas basais da borda noroeste da Bacia Sedimentar do Paraná, em ambiente de Cerrado e Cerradão, nas proximidades de calhas plúvio-fluviais tributárias da margem direita do rio Aquidauana, o principal afluente da sub-bacia do Miranda-Aquidauana. Os Abrigos CERA distam menos de 100 km, em linha reta, da TI Lalima.

O sítio Aquidauana IVa foi submetido à escavação arqueológica, por intermédio do método das superfícies amplas. As decapagens evidenciaram a presença de três camadas de sedimentos, porém Póvoa (2007, p. 117) identificou apenas um estrato arqueológico, formado principalmente por materiais líticos e cerâmicos. A autora aludiu à presença de sedimentos antropogênicos e vestígios zooarqueológicos, e enfatizou a “ausência ou a não preservação de fogueiras” (Ibid., p. 111, 116-7). Considerando os processos associados à formação dos depósitos sedimentares, de um lado, e os dados das análises dos registros líticos, cerâmicos e rupestres, Póvoa (op. cit., p. 116-7) concluiu que o sítio pode ser entendido como um “palimpsesto do tempo”, ocupado por populações ceramistas diferentes, e que houve um “achatamento estratigráfico”, na medida em que os eventos de ocupação não foram diferenciados por camadas sucessivas.

A autora analisou materiais líticos e cerâmicos recolhidos no Aquidauana IVa e a arte rupestre deste e do Aquidauana IVb. Os materiais líticos, confeccionados principalmente sobre seixos rolados de arenito silicificado, abundantes nas proximidades, são formados principalmente por vestígios de lascamento, relacionados à redução de núcleos e à produção de artefatos, tais como resíduos de lascamento, percutores, núcleos, lascas e artefatos talhados e retocados. Entre estes, destacam-se as lascas retocadas e os raspadores, inclusive um plano-convexo, descrito como uma “lesma”. Se compreendi as conclusões em relação aos significados do “conjunto lítico”, Póvoa (2007, p. 57-8, 78), “partindo do pressuposto de que a organização tecnológica apresenta os mesmos princípios”, rechaçou a hipótese inicial de que as camadas evidenciadas com a escavação do abrigo representariam “horizontes distintos de

ocupação”, e adotou um “viés sistêmico”, entendendo os Abrigos como “**acampamento de longa duração** (ou visitas contínuas)... de um ou mais grupos humanos”.

Figura 9: Acabamento de superfície nos fragmentos cerâmicos encontrados dos Abrigos Cera (Póvoa 2007, anexos, prancha 12, modificado).

Os materiais cerâmicos, sucessivamente, são constituídos por apenas 128 fragmentos de vasilhas cerâmicas e uma rodela de fuso. A análise dos fragmentos revelou que o vasilhame era confeccionado com pastas compostas apenas por argilas e minerais, por meio da técnica da sobreposição de cordéis. A maioria das vasilhas era alisada e/ou polida, porém a face externa de algumas foi decorada com engobo e pintura vermelha, ponteados, escovados e aplicados, e a face interna com engobo e pintura vermelha (Figura 9). Foram observadas vasilhas não restringidas e restringidas, simples e compostas, globulares, semi-elípticas horizontais, cilíndricas e trapezoidais, com bordas extrovertidas, introvertidas e diretas, lábios arredondados, diâmetro da boca entre 9 e 30 cm, altura entre 7 e 11 cm, e volume entre 0,33 e 2,35 l. A queima do vasilhame era incompleta e, provavelmente, a céu aberto. Um dos fragmentos foi datado por termoluminescência, fornecendo a idade de 690 ± 80 AP (Póvoa, 2007, p. 40). Em relação à análise cerâmica, a autora considerou que a baixa densidade de materiais cerâmicos indicaria que o abrigo “tenha sido utilizado em momentos esporádicos”; que a “diversidade de formas” e a “alta diversidade... relacionada à técnica de manufatura, tratamento de superfície e decoração... não havendo padronização entre os elementos cerâmicos”, resultariam das diferenças entre os grupos que ocuparam o abrigo ao longo do tempo; e que seriam “vasilhames pequenos comportando pouco volume, o que indica que podem ser adaptados às questões de portabilidade” (Ibid., p. 105).

Não sequênciada, a autora sintetiza a hipótese advinda das suas conclusões em relação à cerâmica:

... nossa principal hipótese averiguável pelo conjunto artefactual cerâmico é que o abrigo estava sendo utilizado por diferentes grupos, em diferentes momentos (portanto em longa duração), enquanto acampamentos temporários, onde eram efetuadas atividades relacionadas à proteção e alimentação (em primeiro plano) e outras tais como lascamento e reparo de instrumentos...(sic) (PÓVOA, 2007, p. 105-106).

Em relação à arte rupestre, Póvoa (2007, p. 107-11 *passim*) identificou pictografias no Aquidauana IVa e petroglifos neste o no Aquidauana IVb. As pictografias são formadas por pinturas vermelhas e brancas, sobre suportes verticais e inclinados, defronte e no teto do abrigo. As gravuras, por sua vez, foram confeccionadas

através da técnica do picoteamento, em suportes horizontais, sobre blocos e lajedos. Tanto as pictografias quanto os petroglifos representam figuras em formas geométricas, antropomorfas e zoomorfas, tais como traços, tridáctilos, ampulares, figuras humanas e répteis (cágados e “um lagarto ou um jacaré”), entre outros. As pinturas brancas, “melhor fixadas e menos borradas”, estão sobrepostas às vermelhas, “menos discernível”, sendo que, em alguns casos, estas serviram de “base” e “tela” para aquelas. Os petroglifos, por sua vez, são mais parecidos com as pinturas brancas.

Com base nestas observações, a autora sugeriu que “as pinturas vermelhas sejam mais antigas que as brancas e as gravuras a elas associadas”, e que a reprodução de certos elementos nas pinturas brancas do Aquidauana IVa e nas gravuras deste e do Aquidauana IVb, sobretudo a figura do cágado, são “um... elo simbólico entre os dois sítios e uma prova de que a apropriação desses espaços se deu por um mesmo grupo cultural” (Póvoa, 2007, p. 111). Por outro lado, diante da “ausência de *crayons*”, a autora (Ibid., p. 108, 111) concluiu que, devido à falta “da evidência da execução de pinturas pelos mesmos grupos humanos que lascaram seixos e blocos de arenito silicificado e utilizaram pequenos recipientes cerâmicos”, a relação entre a arte rupestre e a “camada arqueológica lito-cerâmica não é provada”.

Com efeito, na opinião da autora, tais constatações reforçaram a hipótese sugerida com base na análise cerâmica, citada adrede, sobre a “pluralidade ocupacional e o caráter multicomponencial dos sítios”:

Assim, retomamos observações realizadas no capítulo 4 acerca da diversidade morfo-estilística cerâmica, estendemos seus dados para uma compreensão mais ampla do Aquidauana IVa. A constatação empírica da diversidade dos tipos de tratamento de superfície e decoração plástica dos vestígios cerâmicos, bem como de sua quantidade numérica muito pequena no sítio, reporta-nos a diferentes presenças de grupos ceramistas no sítio que, embora em mesmo nível estratigráfico, reforça a possibilidade de estarmos diante de um palimpsesto do tempo (PÓVOA, 2007, p. 116).

Todavia, apesar de concordar que os Abrigos CERA foram ocupados por povos indígenas distintos ao longo do tempo, principalmente em atividades específicas e efêmeras, porém regulares e sazonais, associadas à subsistência, à tecnologia e aos

aspectos ideacionais e simbólicos da cultura, não sei até onde as “constatações empíricas” utilizadas como base das proposições da autora, sobretudo em relação aos dados da análise cerâmica, se sustentam. O tratamento de superfície, considerado “diverso”, conta apenas com cinco técnicas decorativas distintas do alisamento: engobo vermelho, preponderante, seguido por pintura vermelha, ponteadado e pintura vermelha, escovado e aplicado. Conforme a prancha 12, situada nos anexos da dissertação em discussão, o fragmento aplicado trata-se de uma borda de vasilha cerâmica decorada com apliques de filigrana de argila na face externa e no lábio, o qual é praticamente idêntico aos fragmentos destacados por Schmitz et al. (1998, p. 235) nas figuras 3 e 13 da “Figura 76 – Formas das vasilhas da fase Jacadigo” (Figuras 5 e 9).

Sem pôr a qualificação da autora em descrédito, a técnica decorativa mista apresentada nos fragmentos quantificados como “ponteadado e pintura vermelha”, mostrados nas pranchas 6 e 12, são muito semelhantes às impressões de corda (Figura 9). Além disso, há, aparentemente, em um desses fragmentos, uma faixa preta horizontal abaixo de uma faixa vermelha. A análise morfológica desses fragmentos, os quais correspondem a bordas da mesma vasilha, resultou na reconstituição gráfica de uma tigela suavemente restringida, contorno simples e forma globular, borda direta e lábio reforçado-externo, com 10 cm de altura, 9 cm de diâmetro de boca e 0,67 l de volume, provavelmente utilizada no consumo de alimentos líquidos (Figura 10). A decoração, formada por seis ou sete alinhamentos horizontais, paralelos à boca, de pontos losangulares semelhantes às impressões de corda, pinturas de faixas e linhas horizontais vermelhas sobre os ponteadados e de uma faixa preta abaixo daquelas, talvez sobre fundo vermelho, localiza-se no seguimento superior da vasilha, a partir do lábio, ao seu turno decorado com pintura vermelha. Como visto acima, as impressões de corda foram observadas em todas as fases da Tradição Pantanal concebidas a partir do Projeto Corumbá, porém o sítio MS-CP-25 apresentou uma frequência muito maior da dita técnica, inclusive formando motivos estilizados combinados com cromatismo, sendo associado, em conjunto com a Fase Jacadigo, à ocupação histórica dos índios Guaikurú e Kadiwéu, devido à analogia técnica e estilística em torno das impressões de corda entre os contextos arqueológicos e etnográficos. Posteriormente, subentendo que outros grupos podem ter compartilhado as tais técnicas decorativas desde antes do colonialismo, Eremites de Oliveira e Viana (1999-2000) e Eremites de Oliveira (2004) associaram o MS-CP-25 à Tradição Chaquenha e à Macrotradição Pantanal. Por outro lado, Póvoa (2007) não menciona a ocorrência de categorias técnicas, decorativas ou

morfológicas que pudessem ser associados às tecnologias ceramistas mais conhecidas arqueologicamente, como a relacionada com a história cultural dos povos falantes de línguas Tupi-guarani, os quais, por sua vez, são relativamente recorrentes em abrigos situados nas escarpas e morros testemunhos na borda noroeste da bacia sedimentar do Paraná, no entorno da porção oriental do Pantanal, inclusive na Serra de Maracajú (BERRA; DEBLASIS, 2005; MARTINS, 2003; KASHIMOTO; MARTINS, 2009; WÜST, 1999).

Figura 10: Vasilha cerâmica reconstituída a partir de um fragmento de borda decorada com “ponteados e pintura vermelha” (PÓVOA, 2007, anexos, prancha 06).

A técnica de manufatura também foi tida como diversa, sendo igualmente utilizada pela autora na argumentação das suas assertivas em relação à diversidade da ocupação dos Abrigos CERA. Porém, paradoxalmente, a própria autora afirmou que “No caso do conjunto artefactual em estudo 100% dos elementos foram obtidos através da técnica do **acordelado**” (PÓVOA 2007, p. 93). No entanto, há alguns fragmentos desenhados na prancha 13 que se assemelham a apêndices (alças de suspensão), geralmente confeccionados a partir de uma mescla entre as técnicas roletado e modelado.

Quanto aos resultados da análise da forma do vasilhame, excetuando-se a forma infletida apresentada na prancha 09, a qual lembra o contorno de um *yapepó* Guarani, todas as outras são demasiadamente simples e recorrentes na maioria das tecnologias ceramistas indígenas nas terras baixas sul-americanas, tratando-se, provavelmente, de tigelas e pratos usados no consumo de alimentos sólidos e/ou líquidos. Nesse sentido, frente à redução das possibilidades aventadas a partir da decoração das vasilhas e à neutralização dos argumentos em torno da técnica de manufatura e da morfologia, é provável que a diversidade de povos ceramistas que ocuparam os Abrigos CERA não seja tão alta assim.

A indústria lítica, por sua vez, dado o seu caráter mais formal, pode estar associada a uma provável ocupação caçadora-coletora anterior ao surgimento da cerâmica, do mesmo modo como em outras áreas situadas no contexto do Pantanal e do Brasil Central e Meridional, mesmo considerando a complexidade da estratigrafia e a datação por termoluminescência. O mesmo raciocínio é válido no que se refere à arte rupestre, principalmente a pintura vermelha, supostamente mais antiga que as brancas e que as gravuras, mesmo levando em conta a ausência de crayon ou outros vestígios que correlacionem uma coisa à outra *vis-à-vis*. Outro ponto interessante é que a cerâmica está mais para o Chaco do que para a Amazônia e o Brasil Central, o que remete à origem oeste-sudoeste, provavelmente pré-histórica, porém posterior aos caçadores-coletores. Destarte, se houve sobreposição das pinturas vermelhas pelas brancas, se os petroglifos são mais similares a estas do que às outras, se o lítico é tecnologicamente caçador-coletor e se a cerâmica é exógena, é provável que os ceramistas também tenham decorado os suportes rochosos dos abrigos.

1.5 Questão de classificação

A identificação de alguns fragmentos e vasilhas cerâmicas expostas no MUHPAN, localizado em Corumbá/MS, com a Tradição Serra da Bodoquena, foi criticada por Eremites de Oliveira (2009, p. 106), o qual, associando os materiais em questão à Tradição Chaquenha, considerou o enunciado da outra como “cunhado de última hora e que revela desconhecimento da literatura arqueológica”. Assim como em Eremites de Oliveira e Viana (1999-2000), Eremites de Oliveira (2009, p. 105-107, 112) associou o sítio MS-CP-25, pesquisado no âmbito do Projeto Corumbá, e o sítio

Cayman I, localizado em Porto Murtinho/MS, na margem esquerda do rio Paraguai, cuja cerâmica caracteriza-se pela preponderância de impressões de corda, à Tradição Chaquenha. Ponderando que o vasilhame da dita Tradição “lembra a cerâmica... Kadiwéu... que descendem dos antigos Guaikuru, termo... empregado... a vários povos indígenas linguisticamente aparentados”, o autor acrescenta, à caracterização da cerâmica do MS-CP-25 proporcionada por Schmitz et al. (1998), a presença de pinturas vermelhas e pretas, de “incisões em perspectiva geométrica” e “antiplástico também constituído por cacos moídos” (Ibid., p. 105-112 *passim*). Porém, ao contrário daqueles, Eremites de Oliveira (op. cit., p. 106) considera que a Tradição Chaquenha “parece estar associada... a povos agricultores que se estabeleceram nas *terras baixas* e... *altas* do Pantanal... quiçá a partir do segundo milênio da Era Cristã”. Assim, dado que a vasilha exibida como exemplo da Tradição Serra da Bodoquena por Martins e Kashimoto (2012) apresenta elementos decorativos e morfológicos análogos à cerâmica atribuída à Fase Jacadigo por Schmitz et al. (1998), que os fragmentos e vasilhas expostos no MUPHAN exibem elementos similares aos da Fase Jacadigo e do MS-CP-25, e que Eremites de Oliveira (2009) discorda da utilização da Tradição Serra da Bodoquena em relação às vasilhas que ele considera da Tradição Chaquenha, é provável que tanto o defensor desta quanto os proponentes da outra tenham considerado mais as semelhanças do que as diferenças entre os elementos análogos aos da Fase Jacadigo e aos do MS-CP-25 contidos nas cerâmicas expostas no MUHPAN, compreendendo-os como pertencentes ao mesmo conjunto, porém cada qual ao seu modo.

Desafortunadamente, não tenho como discutir os significados da Tradição Serra da Bodoquena, pois, conforme explicado acima, não há nenhuma sistematização da mesma além das informações já citadas. Aliás, a ausência de uma definição credita a crítica em relação ao caráter precipitado e descontextualizado da Tradição Serra da Bodoquena. Porém, se a proposição desta é arbitrária, o emprego da Tradição Chaquenha por Eremites de Oliveira (2004, p. 45, 2009, p. 112) também é um tanto quanto ambíguo. Como pontuado acima, Eremites de Oliveira e Viana (1999-2000, p. 180) associaram a Tradição Chaquenha à cerâmica encontrada no sítio MS-CP-25, e consideraram a cerâmica dos sítios MS-CP-26 e MS-CP-47, inseridos por Schmitz et al. (1998) na Fase Jacadigo, tecnologicamente semelhante às da tradição Chaquenha e às da Tradição Pantanal, tanto que, paradoxalmente, não descartaram a possibilidade dos sítios MS-CP-25, MS-CP-26 e MS-CP-47 serem filiados à última. Em “Arqueologia das sociedades indígenas no Pantanal”, Eremites de Oliveira (2004, p. 45-48 *passim*)

considera a Tradição Pantanal como uma “macrotecnologia ceramista”, “muito mais que uma tradição tecnológica... uma macrotradição... um conjunto de vários estilos... correspondentes a diferentes etnicidades... difíceis de identificar em termos etnográficos e históricos... em uma grande zona geográfica platina”, sendo que em países como

“Argentina, Bolívia e Paraguai... tem recebido outras denominações, tais como: *tradição Chaquenha* (Willey 1971), *estilo Guaná-Mbayá* (Susnik, 1972, 1975, 1978, 1984), *complexo cultural Alto-paraguaiense* (Gomes-Perasso 1978) e *cultura São Francisco* ou *tradição Ribeirinha-Paranaense* (Amílcar Rodríguez 1992; Calandra et al 2000)”.

Já em Eremites de Oliveira (2009, p. 106), conforme apontado acima, a Tradição Chaquenha é relacionada novamente de um modo mais exclusivo aos sítios MS-CP-25 e Cayman I, bem como ao estilo da cerâmica Kadiwéu e ao vasilhame estudado por “Susnik (1959) e Gomez Perasso (1978)” no Paraguai, “porém pouco divulgados dentro e fora daquele país”, sendo, portanto, percebida como diferente da Tradição Pantanal. As ponderações em relação aos sítios MS-CP-26 e MS-CP-47 são praticamente as mesmas contidas em Eremites de Oliveira e Viana (1999-2000), porém Eremites de Oliveira (2009, p. 112) se mostra mais convencido de que o “caso” destes sítios e do MS-CP-25 “sugere a existência de... assentamentos distintos dos grupos portadores da *Tradição Pantanal*, e uma sociodiversidade no Pantanal”.

Frente a tantas denominações distintas, o próprio Eremites de Oliveira (2004, p. 45) aponta a necessidade de “padronizar a nomenclatura dessa tradição tecnológica”. Com efeito, a apropriação monolítica dos rótulos afixados nos registros arqueológicos no Pantanal leva à reprodução das anfibologias interpretativas subjacentes às classificações. Na busca por referências sobre os contextos arqueológicos comparáveis ao detectado em Lalima, encontrei uma na qual o autor (LIMA, 2011, p. 42-44), preocupado em considerar suas pesquisas arqueológicas no alto curso do rio Guaporé, no oeste do Mato Grosso, em um âmbito mais amplo, elaborou duas tabelas com o objetivo de resumir “os principais aspectos das afiliações cronológico-culturais e seus vestígios de cultura material para o ambiente do Pantanal”. Nestas, as proposições classificatórias de Schmitz et al. (1998), inclusive no que se refere às Fases cerâmicas e pré-cerâmicas, são reproduzidas acriticamente, porém sem mencionar o conjunto do

sítio MS-CP-25. Todavia, um pouco mais adiante, no último parágrafo do item “A Bacia Platina e o Pantanal”, citando Eremites de Oliveira (2009, p. 105-106), Lima (2011, p. 47) considera a Tradição Chaquenha como “outra tradição ceramista... também conhecida como Tradição Serra da Bodoquena”.

Meio que como no sentido da chamada de Eremites de Oliveira (2004, p 45), penso que os arqueólogos não devem conceber culturas arqueológicas arbitrariamente, com o “afã de imortalizarem seus nomes na história da arqueologia, batizando com este ou aquele nome determinadas tecnologias indígenas pretéritas”. Antes, porém, é necessário avaliar se as proposições lançadas adrede podem ser consideradas de fato como uma “macrotradição”, pois, se assim não o for, é melhor que as mesmas sejam mantidas ou então, ai de mim, que outras sejam propostas, seja por meio de reformulações, urgidas pelo acúmulo de dados e pelos ajustes teórico-metodológicos, ou devido ao achado de registros ainda desconhecidos – uma possibilidade sempre eminente em se tratando da arqueologia no Chaco e em outras regiões das terras baixas sul-americanas (Mapa 1).

Mapa 1: Principais tradições arqueológicas ceramistas mencionadas.

1.6 Tradição Chaquenha

A Tradição Chaquenha pode ser entendida como uma cartada dedutiva, tirada da manga por Willey (1971) diante do reconhecimento da especificidade etnográfica no Chaco, tido como uma área cultural autônoma, e, por extensão, da pressuposição, derivada de alguns informes arqueológicos, de uma área cultural arqueológica igualmente singular, associada às origens daquela. Tendo como base o capítulo sobre a etnografia do Chaco escrito por Metraux (1949) no volume I do “Handbook of South American Indians”, e as implicações históricas e arqueológicas da classificação linguística proposta por Greenberg (1960), Willey (1971, p. 452-455) observou que a maioria das populações indígenas estabelecidas no Chaco falava línguas pertencentes à família Guaikuru, Mascoi, Lule-Vilela, Mataco e Zamuco, consideradas uma divisão do grupo Macro-Pano e do super-stock Ge-Pano-Caribe, e, em menor medida, por populações vindas da Amazônia, falantes de línguas Tupi-Guarani e Arawak, vinculadas ao super-stock Andino-Equatorial. Os primeiros, ou seja, os Macro-Pano, representados majoritariamente pelos Guaikuru, se estabeleceram no Chaco propriamente, um ambiente caracterizado por planícies aluviais e sedimentos pedregosos, recoberto por campos e vegetação xeromórfica, sob sazonalidade marcante entre períodos secos e chuvosos, enquanto que os Tupi-guarani e os Arawak, como os Chiriguano, Chané-Guaná e Guarani, se assentaram no entorno da região, ao nordeste, norte e leste, entre os sopés dos Andes e o rio Paraná. Ante estas considerações linguísticas e geográficas, contextualizadas com as informações etnográficas e arqueológicas sobre o Brasil Central, Willey (op. cit., p. 453) inferiu que os Macro-Pano já estariam estabelecidos no Chaco antes dos assentamentos Tupi e Arawak, assim como os Macro-Ge, igualmente inseridos no super-stock Ge-Pano-Caribe, em relação ao Brasil Central.

O “basic culture pattern” dos povos chaquenhos foi descrito como bandos de coletores de vegetais e de caçadores, politicamente autônomos, constituídos por várias dezenas ou algumas centenas de pessoas, às vezes até mais, agrupados em assentamentos sazonais, formados por cabanas ou abrigos cobertos de palha, conectados uns aos outros ou não, arranjos de forma semicircular, abandonados por conta de fatores econômicos relativos à subsistência e à mobilidade subjacente, e/ou por motivos sociais e religiosos. Durante o período colonial, muitos desses povos, principalmente os Guaikuru, incorporaram o cavalo e o ferro, exacerbando, assim, a prática da caça, a disposição pela guerra de rapina e a estratificação social. Os Tupi e os Arawak, por sua vez, foram caracterizados como agricultores, ao contrário dos Guaikuru e dos outros, os quais teriam permanecido caçadores e, principalmente, coletores, até a incorporação do

pastoreio, ou teriam incorporado práticas de cultivo das populações de origem amazônica.

Os coletores-caçadores chaquenhos portavam tecnologias associadas à indústria de cestarias, têxteis, couros, cabaças, arcos, flechas, lanças, cerâmicas e líticos, porém Willey (1971, p. 455) sugeriu que a maioria dos utensílios deveria ser confeccionada em madeira, bambu ou osso, por causa da escassez de matérias-primas líticas. A cestaria e os têxteis, assim como a agricultura, teriam sido incorporados de outros povos, sendo a primeira dos amazônicos, e a segunda destes ou das populações da área andina.

Especial atenção foi dada à cerâmica, considerada por Willey (1971, p. 456) como “the best hope of linking archaeology with Chaco ethnography”. Observada em quase todos os povos chaquenhos, as vasilhas cerâmicas foram descritas como acordeladas, formas simples, utilizadas como panelas, jarros e tijelas, predominantemente lisas, sendo algumas pintadas, depois da queima, com gomas resinosas, ou então decoradas, antes da queima, com ungulações, apliques mamilonares e, principalmente, impressões de corda, “the only distinctive Chacoan ceramic technique”. Como exemplo etnográfico, o autor cita o estilo da cerâmica “Mbayá” e “Caduveu”, chamando a atenção para os desenhos feitos com impressões de corda e pinturas vermelhas e pretas, atribuídos à influência amazônica, ao horizonte polícromo, e à mão andina e europeia.

Diante das poucas informações arqueológicas relativas ao Chaco, Willey (1971, p. 456-458) considerou que o mesmo poderia ser mais bem compreendido em comparação com os dados disponíveis sobre o seu entorno, destacadamente os Andes meridionais, as regiões sul e leste do Brasil, e o baixo curso do rio Paraná. Citando artigos de Fock (1962), Rydén (1948)² e Márquez Miranda (1942), o proponente da Tradição Chaquenha observou que alguns sítios encontrados nas províncias argentinas de Salta, Chaco e Formosa, nas bacias dos rios Bermejo e Pilcomayo, apresentavam vasilhas inteiras, inclusive urnas funerárias, e fragmentos decorados com incisões, ponteados, estampados, ungulados e impressões de corda, em contexto com lâminas de machado líticas polidas em forma de T. As impressões de corda, localizadas no pescoço das vasilhas fechadas utilizadas como urnas e na face externa das vasilhas abertas utilizadas como tampas daquelas, foram tidas como “of the sort just described for the

² FOCK, N. Chaco pottery and Chaco history. **34th International Congress of Americanists**. Viena, 1962, p. 477-484.

RYDEN, S. Cord impression decoration in Chaco ceramics. **Archivos Ethnos**, n. 1, p. 1-6, 1948.

modern or historic Mbayá pottery (WILLEY, 1971, p. 457). O autor ainda menciona as observações de Boggiani (1900)³ sobre o achado de cerâmicas com impressões de corda no sítio Porto 14 de Maio e em outros aterros nas margens do rio Paraguai, no departamento paraguaio de Alto Paraguay, posteriormente investigado por Susnik⁴ (1959, apud EREMITES DE OLIVEIRA: 2003) e Eremites de Oliveira (2007, p. 97, 2008, p. 60), o qual analisou parte da coleção recolhida pela dita antropóloga, concluindo que “o material cerâmico lembra o de... Corumbá... batizado por Rogge e Schmitz (1992) de *tradição Pantanal*”. Estes sítios, por sua vez, foram localizados nas proximidades de alguns outros, os quais foram associados à Cultura Chaco-Santiaguenha, nos Andes meridionais, à Fase Malabrigo, no baixo Paraná, e à cerâmica Tupiguarani, no Paraguai, no Brasil e na Bolívia, fazendo referências à Nordenskiöld (1902-1903), Stern (1944), Schmidt (1932, 1934) e Vellard (1934)⁵. A maioria dos elementos cerâmicos elencados acima, principalmente as incisões, ponteados, ungulações e as urnas funerárias, foi considerada influência alógena, proveniente das áreas culturais situadas em volta do Chaco. Todavia, de acordo com Willey (1971, p. 458), “the cord-impressed decorative technique seems uniquely Chacoan”.

Perguntando-se quais são as tradições culturais do Chaco, Willey (1971, p. 458) concluiu que, na ausência de dados sobre caçadores-coletores mais antigos, a primeira ocupação que se tem registro é a dos povos ceramistas que se estabeleceram nos rios Bermejo e Pilcomayo, os quais, apesar das influências das tradições ceramistas originárias dos Andes meridionais, do baixo Paraná e do Brasil, “developed a pottery tradition of their own – the one characterized by the cord-impressed wares”. Em termos culturais, se apropriando dos dados etnográficos, o autor exprimiu as suas concepções a respeito dos portadores das cerâmicas decoradas com impressões de corda da seguinte maneira:

³ BOGGIANI, G. Compendio de etnografía paraguaya moderna. **Revista Instituto Paraguayo**, v. 3, 1900.

⁴ SUSNIK, B. Material arqueológico del área alto-Paraguayense. **Boletín de la Sociedad Científica del Paraguay y del Museo etnográfico Andrés Barbero**, v. 3, p. 81-103.

⁵ NORDENSKIÖLD, E. Präcolonbische Wohn – und Begräbnisplätze an der Südwestgrenze von Chaco. **Kongliga Svenska Vetenskapsakademiens Handlingar**, v. 36, n. 7, p. 1-21.

VELLARD, J. Notes sur la céramique Pre-Columbienne des environs d'Asunción. **Journal de la Société des Américanistes**, v. 26, p. 37-45, 1934.

SCHMIDT, M. Nuevos hallazgos prehistóricos de Paraguay. **Revista de la Sociedad Científica del Paraguay**, v. 3, n. 3, 1932.

SCHMIDT, M. Nuevos hallazgos prehistóricos de Paraguay. **Revista de la Sociedad Científica del Paraguay**, v. 3, n. 5, 1934.

(...) This Chacoan pottery tradition can be conceived of as being embodied with a broader Chacoan cultural tradition – one about which we know little archaeologically but which is seen in the ethnographic record... based primarily upon plant collecting. Hunting and fishing were adjuncts to the economy. It is unlikely that it was ever significantly agricultural, although a minimal, incipient horticulture may have been present in some places well back into prehistory. Communities were small, dwellings flimsy. The socio-political structure lacked hierarchical features (WILLEY, 1971, p. 458).

O autor igualmente não se esqueceu de considerar que o Chaco também foi ocupado por populações portadoras da “Tupiguaraní subtradition”, encontrada em terrenos susceptíveis à agricultura, identificada com os povos Guaraní que se estabeleceram na área e tida como similar à que ocorre no Brasil meridional. Assim, considerando as informações etnográficas sobre o Chaco, as datas relativas à subtradição Tupiguarani no sul do Brasil e os achados no Bermejo e no Pilcomayo, Willey (1971, p. 458) conclui o item sobre a área do Chaco sugerindo que:

“(...) If our hypothesis about a Chacoan pottery tradition is correct, it would have been formed from early south Andean stimuli... and from Lower Paraná Valley stimuli. Such a synthesis would have taken place prior to the arrival of Tupiguaraní culture”.

Destarte, parece-me que o significado original da Tradição Chaquenha é um pouco distinto do atribuído por Eremites de Oliveira (2004, 2008, 2009). Ambos consideraram a impressão de corda como diagnóstico, porém Willey (1971, p. 458) associou sítios que também apresentavam outros elementos decorativos à Tradição Chaquenha, enquanto o outro considerou apenas os sítios nos quais a impressão de corda é preponderante, pois se a regra fosse seguida à risca, todos os conjuntos encontrados no Projeto Corumbá, excetuando-se o Guaraní, poderiam ser classificados naquela Tradição. O mesmo pode ser dito a respeito da Fase Taiamã, vinculada à Tradição Pantanal por Migliacio (2000), encontrada em aterros localizados na região de Cáceres/MT, igualmente caracterizada pela presença de impressões de corda. Eremites de Oliveira (2004, 2008, 2009) também segue Willey (1971) na atribuição temporal da Tradição Chaquenha, porém enquanto este considera os seus portadores como coletores,

o outro os enxerga como agricultores. De qualquer forma, atualmente sabe-se que a impressão de corda não é um elemento exclusivo do Chaco, sendo recorrente em muitas tecnologias ceramistas ao redor do mundo, inclusive na cerâmica Jomon, uma das indústrias de vasilhas mais antigas da humanidade. Nas terras baixas sul-americanas também foram encontradas vasilhas e fragmentos cerâmicos com impressões de corda em algumas partes da Amazônia, a exemplo das cerâmicas Konduri e Mina (BANDEIRA, 2008; GUAPINDAIA, 2008; HILBERT; HILBERT, 1980), as quais, principalmente as mais simples, compostas por uma ou mais linhas paralelas à abertura da boca, até se parecem com as encontradas em alguns sítios no Chaco e no Pantanal, porém mesmo estas não são comparáveis ao estilo Kadiwéu, “extraordinarily sophisticated”, na opinião de Willey (1971, p. 456).

1.7 Estilo Guaná-Mbayá

Não tive acesso a todos os títulos sobre o “Estilo Guaná-Mbayá” (SUSNIK, 1972, 1975, 1978, 1984⁶ apud EREMITES DE OLIVEIRA, 2004, p. 45), igualmente associado à “Macrotradição Pantanal” por Eremites de Oliveira (2004, p. 45), e nem aos textos de Susnik (1959) e Gómez Perasso⁷ (1978), tidos por Eremites de Oliveira (2009, p. 106) como referências sobre a divulgação do vasilhame da Tradição Chaquenha antes da “sua devida identificação e denominação como tradição tecnológica ceramista”. Entre as referências citadas, pude contar apenas com “Dispersión Tupí-Guaraní Prehistórica” (SUSNIK 1975). Todavia, a ausência dos outros títulos pode ser parcialmente mitigada pelos aportes contidos em Eremites de Oliveira (2002, 2004, 2007, 2008, 2009), onde há uma série de ponderações a respeito dos estudos arqueológicos realizados por Branislava Susnik no Paraguai, principalmente no Departamento de Alto Paraguay e no Porto 14 de Maio, na fronteira Brasil-Paraguai, e no resumo de Peixoto e Bezerra (2004), onde, apesar da pontualidade, as observações

⁶ SUSNIK, B. Dimensiones migratorias y pautas culturales de los pueblos del Gran Chaco y de su periferia (enfoque etnológico). **Suplemento Antropológico**, v. 1-2, n. 7, p. 85-107.

_____. **Etnología del Chaco Boreal y su periferia (siglos XVI y XVIII)**. Asunción: Museo Etnográfico Andrés Barbero, 1978.

_____. **Guía del Museo: Etnografía Paraguaya**. 9 ed. Asunción: Museo Etnográfico Andrés Barbero, 1984.

⁷ GÓMEZ PERASSO, J. A. Estudios arqueológicos en el Paraguay: análisis interpretativo. **Etnografía Paraguaya**, v. 1, n. 2, p. 1-32.

relativas às pesquisas de Susnik são, em parte, qualitativamente contrastantes com as informações proporcionados pelo outro arqueólogo citado.

Conforme aludido acima, Eremites de Oliveira (2004, 2007, 2008) analisou os materiais coletados por Susnik no aterro localizado no Porto 14 de Maio, considerando-os semelhantes à Tradição Pantanal. Tal propensão já podia ser sentida em Eremites de Oliveira & Vianna (1999-2000, p. 176), onde os autores consideraram o aterro investigado pela dita antropóloga, sobretudo por conta da “variação nos corrugados”, como um marco da ocupação dos portadores da Tradição Pantanal na porção meridional do Pantanal. É importante lembrar que os autores citados associaram a Tradição Pantanal à tecnologia ceramista presente majoritariamente nos aterros, associando o MS-CP-25 à Tradição Chaquenha e assemelhando os sítios MS-CP-26, MS-CP-27 e MS-CP-47, inseridos na Fase Jacadigo por Schmitz et al. (1998), à Tradição Chaquenha e à Tradição Pantanal, porém paradoxalmente sem excluir a possibilidade da inserção destes sítios, inclusive o MS-CP-25, na Tradição Pantanal, desde que se considerasse a ocorrência de outras formas adaptativas e sociais. Em Eremites de Oliveira (2009), ao mesmo tempo em que as concepções em relação à Tradição Pantanal são reiteradas e complementadas, o autor é mais resolutivo no que se refere à sociodiversidade subjacente aos registros arqueológicos no Pantanal, pondo ênfase na distinção entre a Tradição Chaquenha, os outros sítios mencionados acima e a Tradição Pantanal. De qualquer forma, as perspectivas contidas nas referências citadas acima são razoavelmente distintas das de Eremites de Oliveira (2004), onde a Tradição Chaquenha, bem como o Estilo Guaná-Mbayá, o Complexo Cultural Alto-Paraguaiense, a Cultura São Francisco e a Tradição Ribeirinha-Paranaense são associados à Macrotradição Pantanal.

No entanto, é justamente nesta obra, concernida com o potencial arqueológico de Porto Murtinho/MS, que Eremites de Oliveira (2004, p. 85-93) divulga os resultados das suas análises sobre parte da coleção de materiais arqueológicos recolhidos por Branislava Susnik no Porto 14 de Maio, desenvolvidas como parte das pesquisas relativas à sua tese de doutorado (EREMITES DE OLIVEIRA, 2002). Por outro lado, é nas outras referências citadas acima (EREMITES DE OLIVEIRA, 2007, 2008), focadas na história da arqueologia no Pantanal, que o autor proporciona uma exposição mais ampla da carreira acadêmica de “Branka Susnik”, brindando informações sobre a formação e as concepções teóricas e metodológicas da antropóloga e sobre a sua história de vida, bem como um exame dos principais títulos publicados pela mesma e alguns detalhes a mais sobre as suas pesquisas arqueológicas no Departamento de Alto

Paraguay. De acordo com essas referências, a antropóloga eslovena naturalizada paraguaia investigou o aterro situado no Porto 14 de Maio em duas ocasiões. A primeira delas, empreendida no ano de 1956, é celebrada como a primeira atividade de campo de Susnik no Paraguai. Contando com o auxílio de índios Chamacoco, “foram encontrados”, de acordo com Eremites de Oliveira (2007, p. 97, 2008, p. 60), “ao menos cinco sítios arqueológicos... implantados a céu aberto e ocupados por populações ceramistas... nas localidades de Ponta Valinotti, Porto 14 de Maio, confluência dos rios Ypané e Paraguai, Porto Guarani e Porto Casado”. Posteriormente, a antropóloga retornou ao Porto 14 de Maio em 1990, porém apenas os dados da sua primeira expedição foram publicados (SUSNIK, 1959).

Tanto na primeira ocasião quanto na segunda, o aterro do Porto 14 de Maio foi abordado com o objetivo de angariar coleções arqueológicas para o Museu Andrés Barbero, situado em Assunção/PRY, por meio de escavações assistemáticas e coletas seletivas de materiais arqueológicos. O Porto 14 de Maio localiza-se na margem direita do rio Paraguai, e o aterro ali implantado é uma das maiores estruturas monticulares encontradas no Pantanal, “com mais de 10 m de altura em alguns pontos”. O “material cerâmico”, nos termos de Eremites de Oliveira (2004, p. 86), “enquadra-se nos padrões gerais da *tradição Pantanal*”, porém o mesmo não deixou de mencionar que a antropóloga citada recolheu “cerâmica... em outros sítios... bastante diferente em relação à forma, capacidade volumétrica e decoração plástica da *tradição Pantanal*, sugerindo ser... outra tradição tecnológica”. Além dos materiais cerâmicos, entre os quais se inclui uma bilha inteira, também foram encontrados líticos polidos e brutos, um sepultamento e adornos de ossos, dentes e conchas. Referenciando até as páginas de dois textos de Susnik (1959, p. 91-101, 1984, p. 52 apud EREMITES DE OLIVEIRA, 2004, p. 93), o autor informa que a antropóloga chamou a cerâmica do Porto 14 de Maio, em um primeiro momento, de “*cerâmica Wettiadau-Mbayá*”, associando-a aos “Mbayá-Guaikuru”, e, posteriormente, “de estilo ou *cerâmica Guaná-Mbayá*”.

Por outro lado, citando as mesmas páginas de Susnik (1959: 81, 90-101) e outras duas a mais, Peixoto e Bezerra (2004) afirmaram que a cerâmica “Caduveo-Mbayá” é proveniente de um sítio localizado entre a Bahia Negra e o porto 14 de Maio, em “Punta Valinotti” (sic), que o estudo da cerâmica resultou na associação “ao grupo étnico Caduveo”, e que “esse conjunto cerâmico manifesta elementos culturais de populações do Alto-Paraguai, *Arawak-andinos* e *Guaicurú-chaqueño*”. Os autores também mencionaram que a antropóloga estudou o aterro situado no Porto 14 de Maio, porém

preferiram as conclusões das análises de Eremites de Oliveira (2000, 2002 apud PEIXOTO E BEZERRA, 2004), admitindo que a cerâmica foi “classificada como possivelmente pertencente à tradição Pantanal”.

Não obstante, no primeiro capítulo de “Dispersión Tupí-Guaraní Prehistórica”, Susnik (1975, p. 22-23) associa os “conchales”, no Porto 14 de Maio e na confluência dos rios Nabileque e Paraguai, descritos adrede por Boggiani (1900 apud SUSNIK 1975, p. 22), aos “pueblos proto-xarayenses ya que los Guaná-Chané – Arawak son advenizos en dicha región y manifestaram otras características cerâmicas”. Com efeito, a autora considerou alguns fragmentos cerâmicos dos aterros similares aos encontrados no sítio descrito por Marquéz Miranda (1942), igualmente citado por Willey (1971) na formulação da Tradição Chaquenha, porém, ao contrário deste, aquela não enfatizou as impressões de corda, destacando as incisões de linhas e sulcos horizontais, verticais e oblíquos, como elementos decorativos característicos. No mais, Susnik (1975, p. 22-23) afirmou que os aterros são de “formación natural” e que os materiais líticos de rochas verdes e basalto são “un índice de su origen extrachaqueño”. É ainda nesse mesmo parágrafo que a autora interpreta a perspectivaêmica dos Chamacoco em relação aos registros arqueológicos no Porto 14 de Maio, tidos como restos dos “demoníacos Anabbsonro”, como “mitologicamente representando a los espíritis propios de algún pueblo de cultura neolítica”.

Os povos de cultura neolítica, segundo Susnik (1975, p. 13-36), seriam cultural e historicamente distintos, provindos da Amazônia, através de diferentes ondas migratórias sucessivas, ou então das influências culturais exercidas por estes e pela tradição “pre-andina” nos caçadores-coletores, originários tanto do norte quanto do sul. Entre estes, a autora destaca o “complejo arqueológico del Litoral Paranaense”, supostamente originado com a neolitização de “culturas patagónicas”. As culturas neolíticas amazônicas, por sua vez, são categorizadas como “paleo-amazônicas”, “proto-neolíticas” e “neolíticas recientes”. Os proto-neolíticos, “étnicamente no definidos” (Ibid., p. 14), foram divididos em “proto-altoparaguaienses”, aplicados às cerâmicas encontradas no lago Ypacaray e nos montículos de Yvytimí, e “proto-xarayenses”. O “neolítico recente”, por sua vez, foi associado a “grupos étnicos demograficamente más compactos e lingüísticamente más homogénios si bien algo parcializado (...) las tres grandes familias, Arawak-Caribe-Tupí-Guaranies” (Ibid., p. 30). Os paleo-amazônicos e os proto-neolíticos, sendo os primeiros indiscriminadamente entendidos como sinônimos dos outros ou então como caçadores-

coletores neolitizados vindos da Amazônia, seriam originários das cabeceiras e dos interflúvios do Araguaia, Xingú, Tapajós e Madeira. É interessante sublinhar o paralelo estabelecido entre a Fase Carapanã, definida por Simões (1965-1966⁸ apud SUSNIK, 1975, p. 15-16), considerada “pre-tupí-guaraní, com proyección dispersiva hacia el sur”, e o “complejo arqueológico altoparaguayense”. Os grupos do neolítico recente teriam chegado à região depois dos proto-neolíticos, os “Tupí-Guaranies” do interflúvio Ucayali-Madeira e os “Chané-Arawak” de um “proto-habitat... pre-andino” (Ibid., p. 23).

A cerâmica atribuída pela autora aos “Guaná-Chané-Arawak”, enfim, foi encontrada em Belén, no Departamento de Concepción, na confluência do Ypané com o Paraguai, onde “se hallaron algunos fragmentos cerámicos con puntuación como decoración preferencial, pero ya con indicios del estilo guaná-mbayá” (SUSNIK, 1975, p. 23). Na sequência, a antropóloga esclarece suas interpretações sobre o significado histórico e cultural do Estilo Chané-Guaná e oferece uma descrição da decoração que o caracteriza:

(...) Desde lá penetración – precolombina ya – de los Chané-Arawak en su status de vasallage de los Mbayá-Guaycurúes en el Alto Paraguay, se introdujo la cerámica caracterizada por la impresión negativa de cordoncillos de ‘caraguatá’ (Bromeliáceas), en decoración geométrica, a veces escalonada del tipo tiahuanacoíde, y luego fitomorfa estilizada por la influencia del ambiente colonial-hispano.

A autora ainda menciona que em Laguna Brava, perto de Resistência, na província argentina de Chaco, também foram encontrados fragmentos cerâmicos com decorações semelhantes, mas que, afora algumas “imitaciones” entre os povos chaquenhos, o Estilo Chané-Guaná, considerado intrusivo, não teria se difundido muito além do alto Paraguai e nem teria influenciado os Guaraní. Diante do exposto, penso que Susnik (1975) atribuiu o Estilo Guaná-Mbayá aos conjuntos de materiais arqueológicos formados principalmente por vasilhas e fragmentos cerâmicos formalmente semelhantes à cerâmica Kadiwéu, encontradas nos sítios MS-CP-25 e Cayman I, considerados da Tradição Pantanal por Schmitz et al. (1998), da Tradição

⁸ SIMÕES, M. F. Considerações preliminares sobre a arqueologia do Alto Xingú. **PRONAPA 1: resultados preliminares do primeiro ano (1965-1966)**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1965-1966.

Chaquenha por Eremites de Oliveira e Viana (1999-2000) e Eremites de Oliveira (2009), e da Macrotradição Pantanal por Eremites de Oliveira (2004). Portanto, ao menos no que se refere à Susnik (1975), o Estilo Guaná-Mbayá não é associado ao Porto 14 de Maio, do modo como afirmado por Eremites de Oliveira (2004, p. 93). Se entendi bem os termos da autora, os aterros situados no Porto 14 de Maio e na confluência do Nabileque com o Paraguai foram associados aos povos proto-xarayenses, os quais, por sua vez, seriam proto-neolíticos originários da Amazônia, da mesma forma como os proto-altoparaguaienses, cujos registros materiais foram denominados de “complexo arqueológico altoparaguaiense”. O Estilo Guaná-Mbayá, enfim, estaria associado aos efeitos do processo de interação cultural entre os Guaikuru e os Chané-Guaná. Estes últimos, assim como os Tupi-Guarani, foram associados ao neolítico recente, o qual foi caracterizado como o último período de estabelecimento de povos de origem amazônica no Chaco antes da chegada dos europeus.

Não encontrei, em “Dispersión Tupí-Guaraní Prehistórica” (SUSNIK, 1975), qualquer menção ao sítio e à cerâmica encontrada em Punta Valinotti, onde, conforme Peixoto e Bezerra (2004), com base em Susnik (1959), teria sido encontrada a cerâmica denominada Caduveu-Mbayá. Conforme visto acima, Eremites de Oliveira (2004, p. 86, 2008, p. 60) menciona os sítios encontrados em “Ponta Valinotti” e na confluência do Ypané com o Paraguai, bem como outros dois sítios, além do Porto 14 de Maio, encontrados em Porto Guarani e Porto Casado, porém as informações do autor limitam-se à sugestão de que a variabilidade formal das cerâmicas recolhidas nestes outros sítios pode indicar a ocorrência de outra tradição tecnológica.

1.8 Cultura São Francisco ou Tradição Ribeirinha-Paranaense

Finalmente, Eremites de Oliveira (2004, p. 45) também inseriu dois conjuntos arqueológicos detectados na Argentina, a “Cultura São Francisco” e a “Tradição Ribeirinha-Paranaense”, na Macrotradição Pantanal. É oportuno lembrar que o autor considera esses conjuntos, ao lado da Tradição Chaquenha e do Estilo Guaná-Mbayá, como “outras denominações” da macrotecnologia ceramista “batizada no Brasil de *tradição Pantanal*”, tanto que a menção à Cultura São Francisco e à Tradição Ribeirinha-Paranaense é mediada pela conjunção “ou”, exatamente do mesmo modo como no subtítulo deste item.

O argumento de Eremites de Oliveira (2004, p. 45) tem como referência Amilcar Rodríguez (1992) e Calandra et al. (2000). Esta corresponde a um resumo publicado nos anais de um congresso de âmbito local/regional, sendo, portanto, de difícil acesso. A outra, apesar de também ser proveniente de uma comunicação, apresentada no “Segundo Simposio conmemorando el Quinto Centenario”, realizado em 1988, no Smithsonian Institution, em Washington/DC, foi publicada como capítulo de um livro editado por Betty J. Meggers (1992), intitulado “Prehistoria sudamericana: nuevas perspectivas”. O capítulo em cheque proporciona uma síntese declaradamente evolucionista e determinista, à lá PRONAPA, da arqueologia no sudeste da América do Sul. Justificando o uso dos conceitos de fase e tradição na sua sistematização, declarando que “Si bien estamos conscientes de las limitaciones y problemas... consideramos... pertinente su uso... ya que... se han venido aplicando en el área... y... porque para... integración histórica no hay... por el momento otras que las reemplacen” (AMILCAR RODRÍGUEZ, 1992, p. 177), o autor segue com uma descrição ambiental do sudeste da América do Sul e uma sinopse das pesquisas paleoambientais então disponíveis, continua com um “esquema cultural” das “entidades precerâmicas” e das “tradiciones cerámicas”, e termina correlacionando os dados paleoambientais com a adaptação e o desenvolvimento cultural na região.

Assim, de acordo com Amilcar Rodríguez (1992, p. 177, 180), o ambiente do sudeste sul-americano – constituído pelos estados da região sul do Brasil, pelo território uruguaio e pelas províncias do nordeste argentino – seria formado, ao norte, por cerrados, matas tropicais e subtropicais, e bosques de araucária, localizados nas encostas e no topo do planalto meridional; à leste, pela mata atlântica, na planície costeira; ao centro e ao sul, por savanas e estepes, nas terras baixas ao sul do Planalto; e, à oeste, por matas ciliares, vegetações xerofíticas e palmeirais, na planície fluvial do rio Paraná. Entre 25 e 13 mil anos, no final do pleistoceno, a região era mais fria, seca e árida, recoberta predominantemente por vegetação aberta e xerófila. O clima foi se tornando mais úmido, quente e chuvoso até cerca de 5 mil A.P. A partir de então, as condições atuais foram se estabelecendo. No entanto, o autor enfatiza que ocorreram vários períodos de aridez ao longo do holoceno, entre 9 e 8 mil, 8 e 7 mil, 6 e 5 mil, 3 e 2 mil, 1.700, 700 e 300 anos atrás.

Conforme explicitado pelo próprio Amilcar Rodríguez (1992, p. 201), o “esquema cultural presentado está inspirado básicamente en el formulado por el PRONAPA para el sur del Brasil. A esa base se integraram las entidades conocidas del

NE argentino e del Uruguai”. As “Entidades Precerámicas” correspondem às tradições “Paleoindígena”, “Humaitá”, “Umbu” e “Litoraleña”. A Tradição Paleoíndia foi subdividida nas fases Ibicuí, Uruguai e Vinitu, encontradas na bacia do médio e do baixo curso do rio Uruguai, e no médio curso do rio Paraná, em sítios a céu aberto, datados entre 12 e 8 mil AP, formados principalmente por materiais líticos lascados, brutos e, raramente, polidos. A fase Ibicuí apresenta indústria lítica expediente e informal, associada a alguns ossos de megafauna. As outras apresentam indústrias formais, constituídas por artefatos talhados e retocados, inclusive pontas de projétil e raspadores. A tradição Humaitá, formada por várias fases, encontra-se nas bacias do alto Paraná e do Uruguai, no planalto meridional e no litoral, principalmente em sítios a céu aberto, datados entre 7 e 1 mil AP. Os registros arqueológicos caracterizam-se pela ausência de pontas e presença de bifaces e choppers, entre outros artefatos. A Tradição Umbu, igualmente constituída por uma série de fases, está distribuída no litoral, no planalto meridional, nas terras baixas ao centro e ao sul da região, e nas bacias do alto Paraná e do Uruguai, em sítios a céu aberto e em abrigos, datados entre 6 mil e 300 AP. A indústria lítica é formal e é caracterizada pela presença de pontas de projétil e outros artefatos talhados e retocados, como na fase Uruguai da Tradição Paleoíndia – tanto que, mais à frente, o autor considera a atribuição desta à Tradição Umbu, feita por Schmitz (1990), como “una alternativa válida” (AMILCAR RODRÍGUEZ, 1992, p. 202). Além do material lítico lascado, também foram encontrados líticos brutos e polidos, restos osteológicos de mamíferos, peixes, répteis e conchas, restos florísticos de frutos e sementes de palmeiras e araucárias, e sepultamentos humanos. A Tradição Litorânea, enfim, encontra-se na costa atlântica, em “mounds” construídos com conchas e outros materiais, convencionalmente denominados “sambaquis”, datados entre 7 mil e 1.500 AP. Os registros arqueológicos são formados por materiais líticos lascados, brutos e polidos, com destaque para os zoólitos, bem como por artefatos confeccionados em ossos, dentes e conchas, restos de peixes e outros animais, e sepultamentos humanos. Apoiando-se nos dados paleoambientais e arqueológicos, os quais estariam indicando que os portadores das “Tradiciones precerámicas” passaram pelas mudanças ambientais ao longo do holoceno de posse de um conjunto de instrumentos adaptados tanto à caça quanto à coleta e à pesca, variando em função do meio, Amilcar Rodríguez (op. cit., p. 205) acredita que “se puede suponer que estas poblaciones estuvieron orientadas por una estrategia adaptativa generalizada”.

Quanto às “Tradiciones cerámicas”, considerando que “existe cierta correspondencia entre determinados biomas y la distribución de las tradiciones definidas...”, Amílcar Rodríguez (1992, p. 189) optou “... por denominarlas haciendo referencia a los ambientes que ocupan”: “Tradición Planáltica”, “Tradición Sabanas Bajas”, “Tradición Ribereña-Paranaense” e “Tradición Tupiguaraní”. A Tradição Planáltica, formada pelas subtradições “Taquara”, “Itararé” e “Casa de Pedra”, encontra-se no planalto meridional e na faixa litorânea, em sítios a céu aberto, casas subterrâneas, abrigos e cemitérios, datados entre 1.800 e 250 anos atrás. O fato das datas mais antigas serem provenientes das terras gaúchas levaram o autor a propor uma expansão “hacia el O y NO” (op. cit., p. 206). Os vestígios cerâmicos geralmente são encontrados em baixa densidade. O vasilhame era acordelado e modelado e apresentava antiplástico mineral, predomínio de faces lisas e/ou polidas, coloração cinza, e formas simples, com bases convexas e planas, bocas entre 6 e 25 cm, espessura entre 0,3 e 1,5 cm, altura entre 10 e 30 cm, utilizadas como tigelas, panelas e pratos. Algumas vasilhas eram decoradas com ponteados, incisões, impressões de cestarias, esteiras, redes e cordas trançadas, ungulados, pinçados, digitados, aplicados e estampados. Uma das principais diferenças entre as subtradições reside na frequência de fragmentos cerâmicos decorados, a qual seria maior na Subtradição Taquara, encontrada em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, do que na Itararé e na Casa de Pedra, localizadas no Paraná e em Santa Catarina. O autor também sublinha que alguns sítios Taquara e Itararé apresentam cerâmicas Tupiguaraní, e “también una cerámica mestiza, en la que se funden razgos de ambas tradiciones”, sendo que “En ciertos casos, se copiaron... técnicas y/o motivos de la tradición Tupiguaraní” (Ibid., p. 196). Além da cerâmica, os registros arqueológicos da Tradição Planáltica também são formados por materiais líticos, considerados similares aos pré-cerâmicos, porém com frequências e variações maiores de artefatos polidos, bem como artefatos confeccionados em ossos, conchas e madeiras, vestígios de cestaria e têxteis, e restos vegetais de pinhão, erva-mate, cabaça e milho.

As casas subterrâneas foram entendidas como abrigos do frio, necessários devido à permanência exigida durante as atividades de processamento e armazenamento dos recursos obtidos com a coleta de pinhão e a caça nos bosques de araucária, efetuadas no inverno. Durante as outras estações do ano, os portadores da Tradição Planáltica se deslocavam até os ambientes de mata galeria, onde praticavam a pesca, a caça e a coleta de outros recursos vegetais. Aludindo as insinuações das fontes históricas em relação à prática da agricultura entre as populações da Tradição Planáltica

– apesar de não esclarecer a identidade étnica ou cultural e a situação sócio-histórica e espaço-temporal das suas fontes analógicas – Amilcar Rodríguez (1992, p. 206) considera “que si la misma fue adoptada... fue tardamente y... tuvo un rol accesorio”.

A Tradição Savanas Baixas, distribuída nas terras baixas situadas entre o planalto meridional, o litoral, o curso inferior do Paraná e o rio da Prata, consiste em uma tentativa de classificação de uma série de manifestações culturais, conhecidas como “Vieira”, “Salto Grande” e “Ibicueña”, convertidas em subtradições no esquema de Amilcar Rodríguez (1992, p. 196-9, 203). Os portadores da dita tradição também possuiriam uma estratégia adaptativa generalizada, baseada na combinação dos recursos obtidos em atividades de coleta, caça e pesca, sendo que “cada una de las subtradiciones... adecuó ese padrón... a las características del ambiente que le tocó ocupar” (AMILCAR RODRÍGUEZ, op. cit., p. 206).

Os portadores da Subtradição Vieira ocuparam as terras baixas ao sul do planalto meridional, entre o sudeste do Rio Grande do Sul e o nordeste do Uruguai, em montículos convencionalmente designados “cerritos”, datados entre 2 mil e 250 AP. O vasilhame apresentava antiplástico mineral, manufatura acordelada, faces alisadas, cores sépia e cinza, formas simples, globulares e hemisféricas, de pequenas dimensões, utilizadas como panelas, tigelas, travessas e pratos fundos, eventualmente decoradas com ponteados, incisos, digitados e engobo branco. Segundo Amilcar Rodríguez (1992, p. 198), o vasilhame da Subtradição Vieira se tornou mais diversificado “Después del 1.000 d.C....”, com o surgimento de decorações produzidas com impressões de esteiras e cestarias, espatulados, roletados, ungulados, corrugados, imbricados e engobo vermelho, e de vasilhas com formas compostas, “... como possible consecuencia del contacto con los portadores de las tradiciones Tupiguaraní y Taquara”. Os registros arqueológicos também são formados por líticos lascados, brutos e polidos, artefatos ósseos, restos osteológicos terrestres e aquáticos, e enterramentos humanos.

A Subtradição Salto Grande foi formada por sítios encontrados na bacia do médio Uruguai e pela cerâmica do conjunto de materiais arqueológicos conhecidos como “Cancha de Luisa”, localizado no Paraná médio. As datações estendem-se entre 2.400 e 650 AP, “las más antiguas del período cerámico” (AMILCAR RODRÍGUEZ, 1992, p. 198). O vasilhame era acordelado e possuía antiplástico mineral e vegetal, superfícies alisadas, cor sépia, decoração incisa, ponteadas e modeladas, sendo esta exclusiva dos lábios dos fragmentos de borda, e morfologias simples, bases côncavas e dimensões reduzidas, com até 30 cm de diâmetro da boca e 20 cm de altura. Os registros

arqueológicos ainda são formados por artefatos líticos e ósseos, e por restos faunísticos de alimentação, principalmente conchas, sendo que “En algunos... son muy potentes las camadas de gasterópodos, constituyendo verdaderos conchales”.

A Subtradição Ibicueña encontra-se distribuída pelo delta do Paraná, o baixo Uruguai e o rio da Prata, em sítios a céu aberto. Até então, não havia datações arqueológicas da dita subtradição. O vasilhame apresentava antiplástico mineral, manufatura acordelada e “por pastillaje, aunque... raro” (AMILCAR RODRÍGUEZ, 1992, p. 198), paredes lisas, formas similares às outras subtradições da Tradição Savanas Baixas e decorações elaboradas com incisões e ponteados, formando motivos geométricos estilizados. O registro arqueológico também é formado por materiais líticos, principalmente brutos ou modificados pelo uso, e artefatos ósseos, alguns decorados com incisões.

Segundo Amilcar Rodríguez (1992, p. 199-200), a Tradição Ribeirinha-Paranaense, enfim, corresponde às manifestações culturais conhecidas na literatura arqueológica argentina como “Cultura de los Ribereños Plásticos” ou “Tipo Cultural Goya-Malabrigo”. Na opinião do autor, a dita tradição “carece de una sistematización... adecuada. Pero no caben dudas que podrán segregarse numerosas fases, dada su amplia distribución espacial y probablemente temporal” (Ibid., p. 203). Os sítios estão implantados na planície aluvial do baixo Paraná, da confluência do Paraguai ao rio da Prata, e no baixo curso do Uruguai, e, pelo menos até então, haviam sido datados entre 1.500 e 350 AP. A pasta cerâmica era temperada com cacos moídos, minerais, conchas e carvão, e o vasilhame era confeccionado com o uso das técnicas acordelado e modelado. No que se refere à morfologia, Amilcar Rodríguez (1992, p. 200) afirma que “Se mantienen las mismas formas de... la tradición... Sabanas Bajas. Por otro lado, hay algunas nuevas”. Entre estas o autor destaca a presença de potes restringidos com pescoço tronco-cônico, contorno composto e forma globular, e de “campanas”, um tipo de artefato cerâmico tronco-cônico, restringido, geralmente sem base, porém com perfurações e apliques zoomórficos no segmento superior. As paredes eram predominantemente alisadas e apresentavam cores laranja, vermelha, sépia, cinza, preta e bege. Algumas vasilhas eram decoradas com apliques zoomórficos da cabeça e de outras partes anatômicas dos animais representados, como as asas e as caudas dos pássaros, mais recorrentes, as patas e rabos de mamíferos e répteis, e as nadadeiras dos peixes, presentes tanto nas campanas quanto nas bordas dos recipientes, principalmente nos abertos, mas também nos fechados. As vasilhas, as campanas e os apliques também

eram decorados com sulcos rítmicos, incisões, ponteados, pinturas e engobo vermelho e branco, impressões de cestarias, redes e cordas, escovado e ungulado. Além do vasilhame, a indústria cerâmica contava com contas, colheres, pingentes, bolas, cachimbos e fusos. No mais, os registros também são compostos por materiais líticos lascados, brutos e polidos em baixa densidade, e por artefatos ósseos e conchíferos.

Baseado nas fontes sobre as etnias históricas, mencionando os Timbú, “supuestamente relacionados a esta tradición”, Amilcar Rodríguez (1992, p. 206) sugere que os portadores da Tradição Ribeirinha-Paranaense exploravam os recursos aquáticos e terrestres da planície do Paraná, do Uruguai e do Prata, fazendo uso da canoa desde antes da chegada dos europeus. No mesmo parágrafo, o autor também menciona as informações seiscentistas sobre práticas agrícolas entre os indígenas na região, porém considera que “por el momento no hay evidencia que posibilite confirmar la misma en tiempos precolombinos”.

A Tradição Tupiguaraní, na opinião de Amilcar Rodríguez (1992, p. 200-1), é encontrada em quase todo o sudeste sul-americano, possui uma cerâmica “muy diagnóstica”, líticos lascados, brutos e polidos (destacando os tembetás, também confeccionados em matérias ósseas e resinosas), sepultamentos secundários em urnas funerárias e datações entre 1.500 e 250 AP. O autor pensa que os portadores da Tradição Tupiguaraní teriam uma “estrategia de subsistencia mixta”, baseada na exploração dos recursos silvestres e na agricultura, mesmo considerando que “no se cuenta aún con evidencia... que confirme una práctica agrícola, lo cual... no significa que no pueda haber existido” (Ibid., p. 206). Mesmo assim, paradoxalmente, “las pipas” são tidas como “posiblemente tardías” (Ibid., p. 200). O autor também sugere que a Tradição Tupiguaraní se expandiu rapidamente, se estabelecendo sobre territórios ocupados pelas outras entidades e se interagindo com elas de modos distintos. A relação com a Tradição Planáltica foi vislumbrada como de “índole pacífica”, “simbiótica”, compartilhada e complementária, “con intercambios fluidos”. Com a Tradição Savanas Baixas a relação foi vista como “hostil”, já que estes teriam sido deslocados pela Tradição Tupiguaraní. Quanto à Tradição Ribeirinha-Paranaense, o autor nota que “los Tupi-guaraní no avanzan sobre el territorio ocupado por la misma y ello... no se debió a... incompatibilidad ambiental” (Ibid., p. 208).

Pressupondo “que los cambios climáticos hán tenido un efecto significativo sobre la adaptación de las poblaciones pré-históricas, forzandolas a cambiar”, Amilcar Rodríguez (1992, p. 205) correlaciona as oscilações climáticas com a origem, o

desenvolvimento, a migração e o surgimento de inovações, como a cerâmica e a agricultura, nas manifestações culturais na região. Assim, o surgimento, o clímax e o colapso da Tradição Paleoíndia foram associados, respectivamente, ao aumento da temperatura durante a transição Pleistoceno-Holoceno e ao período de aridez ocorrido entre 9 e 8 mil anos atrás. A expansão da Fase Vinitu e da Tradição Umbu foi relacionada aos períodos secos subsequentes, ao contrário da Tradição Humaitá, cujo clímax foi vinculado ao “Optimum climaticum”. O autor ainda acredita que os portadores desta última poderiam ter gerado alguns aspectos da estratégia adaptativa ligada à exploração dos bosques de araucária, as quais, posteriormente, teriam sido herdadas pelos povos da Tradição Planáltica. A Tradição Litorânea, por sua vez, teria se originado a partir da migração de povos coletores vindos do interior no mesmo período de seca do desaparecimento dos Paleoíndios, e se expandido no “Altithermal”, assim como a Humaitá.

A introdução da tecnologia cerâmica, por sua vez, foi correlacionada com o período seco entre 2.400 e 1.700 AP, o qual teria imposto um rearranjo adaptativo e um contexto favorável ao contato e ao empréstimo de inovações provenientes de outros povos. Nesse sentido, Amilcar Rodríguez (1992, p. 207) crê que “las mismas manifestaciones precerámicas... incorporam ese elemento”. Excetuando a Tradição Tupiguaraní, o autor considera que as outras entidades ceramistas apresentam traços culturais em comum e, por conseguinte, a mesma origem, oriunda do norte, aventando que o “ancestro comum podría ser la tradición Mina del NE del Brasil”, ou do oeste-noroeste, e atribui o caráter regional da variabilidade entre umas e outras à reelaboração própria de cada uma durante a aquisição da cerâmica. A persistência de certos elementos técnicos, principalmente nas indústrias cerâmicas e líticas, também são apontados como indícios da continuidade cultural entre pré-cerâmicos e ceramistas. Em se tratando dos líticos, o autor cita “piedras con hoyuelo, bolas... puntas... choppers y... raspadores” como exemplos dessa constância. Já em relação à cerâmica, o autor menciona apenas “algunos aspectos”, porém suponho que se trata principalmente da morfologia do vasilhame, seguida pela decoração e por outros elementos técnicos, e pelo contexto situacional dos sítios e dos depósitos arqueológicos, sobretudo implantação na paisagem e densidade material.

Por outro lado, a Cultura São Francisco, apesar de situada na bacia platina, encontra-se além do recorte geográfico de Amilcar Rodríguez (1992), tanto que o mesmo nem a menciona. Como não tive acesso à outra referência citada por Eremites de

Oliveira (CALANDRA, et al.⁹ 2000, apud EREMITES DE OLIVEIRA, 2004: 45), busquei por outros textos, tanto dos arqueólogos citados como de outros, e acabei me atendo à um artigo de Dougherty (1974) e à duas publicações de Ortiz (2003, 2013). O primeiro texto de Ortiz (2003), um capítulo de livro sugestivamente intitulado “Estado actual del conocimiento del denominado complejo o tradición cultural San Francisco, a 100 años de su descubrimiento”, proporciona uma síntese das informações sobre origem e desenvolvimento cultural, vinculação com outras áreas, modos de ocupação do espaço, cultura material (cerâmica, lítico, evidências esqueléticas, estruturas de combustão, objetos metálicos e conchíferos), contato cultural e cronologia, pautada por uma verificação das primeiras hipóteses acerca da Tradição São Francisco – propostas a partir do início do séc. XX, através da atuação da missão sueca (NORDENSKIÖLD, 1902; BOMAN, 1903, 1908 apud¹⁰ ORTIZ 2003) e dos arqueólogos que os sucederam, principalmente Serrano (1962) e Dougherty (1975) – à luz dos dados e das investigações mais recentes – iniciadas na década de 80 e intensificadas na década seguinte. O outro texto de Ortiz (2013), um artigo denominado “¿Pescadores, cazadores, recolectores pedemontanos? El caso de las sociedades de Tradición San Francisco (Prov. de Jujuy, noroeste de Argentina)”, proporciona uma reflexão sobre a categorização social da dita tradição e adiciona alguns informes não contidos no primeiro, bem como uma ou outra atualização. O artigo de Dougherty (1974), consultado em complemento aos citados acima, versa sobre a filiação do sítio Palpalá-I no “Complejo San Francisco”, com uma descrição do sítio e da cerâmica, e o equaciona nas discussões sobre origem, desenvolvimento cultural e vinculação com outras áreas.

A chamada região arqueológica do rio São Francisco localiza-se nos piemontes entre os Andes e o Chaco, nas províncias de Jujuy e Salta, no noroeste da Argentina. Trata-se de parte da região historicamente conhecida como “Chaco Gualamba”, caracterizada pela diversidade ambiental e pelos recursos naturais decorrentes da tensão ecológica entre o meio andino e o chaquenho (Ortiz 2013, p. 118-20). O rio São

⁹ CALANDRA, H. A. et al. **Estudio preliminar de los restos cerámicos hallados en el sitio arqueológico “El cachapé” (Chaco, Argentina)**. Comunicação apresentada no XX Encuentro de Geohistoria Regional. Resistência, IFHI (CONICET).

¹⁰ BOMAN, E. Enterratorio prehistórico en Arroyo del Medio (Departamento Santa Bárbara, Jujuy). *Historia*, t. I, p. 1-17, 1908.

_____. **Antigüedades de la región andina de la República Argentina y del Desierto de Atacama.**

(Traducción por Delia Gomez Rubio). (s/l): Universidad Nacional de Jujuy, 1908

NORDENSKIÖLD, E. **Lugares precolombinos de asentamiento y entierro en la frontera sudoeste del Chaco.** (Traducción por Alicia Fernandez Distel y Ana Distel). (s/l): Universidad Nacional de Jujuy, 1903 (Serie jujuy en el pasado).

Francisco é um dos principais tributários do rio Bermejo, o qual, por sua vez, deságua na margem direita do baixo curso do rio Paraguai, não muito distante da confluência deste com o Paraná. Os achados arqueológicos na região vêm sendo classificados como “Cultura Subandina del Chaco Occidental”, “Cultura de Santa Bárbara”, “Cultura San Francisco”, “Complejo Cultural São Francisco” e “Tradición San Francisco” (Ortiz 2003, p. 23). De qualquer maneira, é importante não confundir a tradição argentina com o conjunto de manifestações rupestres homônimo, encontrado nos Estados de Minas Gerais, Bahia e Sergipe, no Brasil (ETCHEVARNE, 1999-2000; MARTIN, 2008; PROUS, 1992).

Os achados arqueológicos na região do São Francisco argentino apresentam uma distribuição espacial descontínua, caracterizada pela alternância entre áreas com a presença de vários sítios distintos, de um lado, e espaços amplos com achados isolados, de outro. A variabilidade entre os sítios, observada na implantação na paisagem e na formação dos depósitos arqueológicos, sendo uns mais densos e diversificados, e outros mais singelos e redundantes, levou à proposição de um modelo de ocupação baseado na funcionalidade dos sítios, formado por sítios residenciais de uso prolongado, ocupados permanentemente ao longo do ano; sítios residenciais breves, ocupados sazonalmente; sítios de ocupação curta ou esporádica, associados à captação de recursos; sítios com estruturas monticulares, com função indeterminada; achados isolados de baixa densidade e “no sitios”, associados ao trânsito casual (Ortiz 2003, p. 31). Por outro lado, também é possível que a variabilidade entre os sítios esteja associada à variação cronológica e, por extensão, à dinâmica histórica e cultural da Tradição São Francisco. As publicações da missão sueca mencionaram estruturas de pedra e taludes sobre-elevados, ao passo que Dougherty (1975) considerou os montículos como a forma característica de assentamento da Tradição São Francisco. Porém, se por um lado as pesquisas recentes não confirmaram as primeiras observações, sustentando que as estruturas habitacionais eram do tipo “casa pozo”, construída com materiais perecíveis, por outra elas afirmam que a presença dos montículos, “lejos de constituir una constante... podría ser considerada... anómala”, haja vista que entre cerca de 40 sítios detectados, apenas dois podem ser considerados estruturas monticulares, ao passo que outros dois podem vir a sê-lo, “siempre y cuando pueda demostrarse” (Ortiz 2003, p. 25, 29, 2013, p. 120-1).

De acordo com Dougherty (1974, p. 136-143 *passim*), a cerâmica recolhida no sítio Palpalá-I, compreendida como “típicamente sanfranciscana”, apesar da presença de

algumas vasilhas com formas e decorações exóticas, apresenta as seguintes características: tempero mineral e cacos moídos; manufatura acordelada e modelada; bordas diretas e extrovertidas; lábios arredondados, planos e com reforço-externo; bases planas e côncavas; formas abertas, utilizadas como tigelas – sendo que uma delas apresentou “una pequeña elevación del borde constituyendo una orejuela” – e formas restringidas com e sem pescoço, compostas por potes globulares com alças de suspensão; acabamento de superfície predominantemente alisado e polido em ambas as faces, com presença de barbotina na face externa; queima incompleta e completa; coloração marrom, laranja, pardo-acinzentado, cinza, pardo-alaranjado; dureza entre 2,5 e 3° Mohs; faces externas decoradas com motivos geométricos confeccionados por meio de gravuras sobre engobo vermelho, incisões e pinturas brancas e vermelhas – considerados traços característicos das cerâmicas dos períodos formativos no noroeste da Argentina, norte do Chile e sul da Bolívia – bem como digitados e corrugados; faces internas com banhos de engobo e pinturas vermelhas. A estes atributos, Ortiz (2003, p. 69-71) adiciona que a espessura dos fragmentos varia entre 0,3 e 1,2 cm e que as vasilhas também eram decoradas com impressões de corda, incisões preenchidas por pinturas vermelhas e pretas, apêndices modelados antropomorfos e zoomorfos, banhos monocromáticos, ungulados e modelados de tiras de argila “al pastillaje”. A mesma arqueóloga também observou que certos tipos de acabamento de superfície são zonados, ou seja, restritos a certas partes das vasilhas, sendo uns exclusivos das não restringidas, como as impressões de corda, e outros das restringidas, a exemplo dos ungulados, digitados e das tiras de argila “al pastillaje” – a última específica das vasilhas grandes com bordas diretas e reforço-externo. Por outro lado, os acabamentos não zonados são característicos das vasilhas fechadas, como o corrugado, enquanto que uma série de outros acabamentos, como incisão e pintura, pintura bicolor, pintura sobre engobo e incisão são compartilhadas por vasilhas abertas e fechadas. No outro artigo, Ortiz (2013, p. 125, 129) relaciona a variabilidade morfológica do vasilhame cerâmico à diversidade de recursos explorados e à variação dos modos de processá-los, e interpreta o estilo São Francisco, sobretudo as representações gráficas, como sinalizações de identidade, condutas de visibilidade e expressões de territorialidade, marcando a posse, o uso e a exploração exclusiva do território.

Outra conclusão interessante acerca da cerâmica, alcançada graças ao acúmulo de dados classificatórios e cronológicos, é que a tecnologia não mudou substancialmente através do tempo, tendo em vista que a maioria dos traços elencados

acima está presente na maior parte dos sítios datados, desde os mais antigos até os mais tardios, durante cerca de mil anos, entre aproximadamente 2.500 e 1.600 AP (Ortiz 2003, p. 37-39). Esta constatação vai de encontro com as interpretações decorrentes das classificações anteriores, como as de Serrano (1962) e Dougherty (1975), os quais subdividiram a cerâmica do vale do São Francisco em dois conjuntos, sendo um denominado “Arroyo Medio” pelo primeiro e “San Francisco Pulido” pelo segundo, formado pelas cerâmicas cinzas, polidas e decoradas com incisões, pinturas e engobos, e o outro de “El Infante” e “San Francisco Ordinario”, respectivamente, constituído pelas cerâmicas com tratamento de superfície por deslocamento da pasta, como os corrugados e digitados. Ambos consideraram que o último dos conjuntos retro referidos seria mais tardio, porém Dougherty (1974, p. 145-146), levando outros atributos em conta, a exemplo da presença de asas, ponderou que o conjunto São Francisco Polido teria origens e influências alóctones, provenientes do Chaco, ou seria o resultado de um desenvolvimento local, ao passo que São Francisco Ordinario seria proveniente do norte do Chile. Boman (1908), por sua vez, havia considerado que os achados na região do São Francisco eram recentes, associando-os a povos andinos, como os Calchaqui, e aos Guarani.

Os materiais líticos, frequentes nos contextos arqueológicos da Tradição São Francisco, podem ser divididos entre lascados e brutos, de um lado, e polidos, de outro. Em se tratando dos primeiros, destacam-se os artefatos lascados com técnicas expedientes, confeccionados em quartzito, e os seixos rolados utilizados como percutores e polidores. Entre os polidos, são recorrentes as lâminas de machado com garganta, bem como as mãos de mó e os cachimbos, produzidos em basalto. As matérias-primas utilizadas na confecção eram extraídas de fontes locais, como a margem dos rios e o sopé da Serra de Santa Bárbara, e uma vez levadas aos sítios, eram aproveitadas até o esgotamento. Eventualmente, também foram encontradas pontas de projétil de obsidiana, geralmente em formas acabadas, supostamente obtidas através de intercâmbio com povos situados ao leste da região. Além das pontas de obsidiana, existem outros elementos nos contextos arqueológicos da Tradição São Francisco que indicam relações de intercâmbio e interações culturais com os altiplanos e as terras baixas, como conchas inteiras oriundas do Pacífico e do Chaco, contas de colares de concha semelhantes às chaquenhas e amazônicas, anéis, braceletes e outros objetos metálicos de cobre, restos osteológicos de lhama, e a ocorrência de cerâmicas São Francisco na região de Quebrada de Humauaca há 2 mil anos.

As formas de enterramento incluíam sepultamentos em urnas, utilizadas especificamente no enterro de recém-nascidos, em cemitérios distantes dos sítios residenciais; sepultamentos diretos de crianças e adultos, isolados ou coletivos, nas proximidades dos sítios residenciais, nas áreas de habitação e em estruturas de combustão do tipo fornos-fogões, utilizados primariamente para processar e armazenar alimentos, mas também em cemitérios; e de ossos isolados no interior de fogões. A maior parte dos sepultamentos encontra-se parcialmente incinerada, porém a presença de acompanhamento funerário é excepcional, sendo formado, quando ocorre, principalmente por conchas, contas de conchas e carvões, se bem que há registros de enterramentos associados a esqueletos de roedores, fragmentos cerâmicos e um prato invertido sobre o crânio (ORTIZ; NIEVA, 2011). As análises bioantropológicas dos indivíduos exumados indicaram práticas de deformação craneana anular, ausência de stress nutricional, dieta centrada mais na caça, pesca e coleta do que na agricultura, e exaustão física. Os vestígios zooarqueológicos e arqueobotânicos, ao seu turno, são formados por restos osteológicos de mamíferos, aves, peixes e anfíbios, geralmente de pequeno porte e *habitat* local, por um lado, e por sementes queimadas de mistol e algarrobo, quiçá um grão de pólen de milho na pasta de um fragmento cerâmico e a super-representação de pólen de Chonopodiaceae em um sítio, a qual, não obstante, pode indicar tanto práticas agrícolas quanto o abandono da área.

Apesar desses indícios, aos quais podem ser somados a variabilidade artefactual e a presença de estruturas como os fornos-fogões, Ortiz (2013, p. 127-8) considera que a incorporação da agricultura entre os portadores da Tradição São Francisco ainda está para ser demonstrada e propõe que os grupos em questão “poseían una economía mixta, basada en la caza... recolección... pesca y posiblemente el uso de algunas plantas domésticas”. Destarte, contando que as “sociedades formativas” da Tradição São Francisco vêm sendo categorizadas acriticamente como “grupos agroalfareros”, a autora as qualifica como “sociedades... del *middle ground*”, compreendendo que:

Estos grupos se perfilan como soluciones económicas exitosas de larga duración basadas en una explotación óptima y diversificada de los numerosos recursos que ofrece el ambiente (...) considero... hasta tanto no pueda probarse... la presencia de agricultura, considerar a estos grupos como sociedades extractoras con producción de alimentos a baja escala (ORTIZ, 2013, p. 130).

Além das hipóteses sobre origens e influências culturais vagamente aludidas acima, várias outras foram formuladas. Dougherty (1974, p. 146), por exemplo, baseando-se na semelhança entre a Tradição São Francisco e as demais culturas do período formativo no noroeste argentino (“El Mollar”, “Ciénega”, “Condorhuasi” e “Vaquerías”), e na associação de El Mollar ao surgimento da “Cultura Candelaria”, na categoria de “fase I” ou “Candelaria I”, sugeriu que São Francisco e Candelária possuiriam um “aire de família”, decorrente da difusão de influências dos Andes e das terras baixas pelo vale do São Francisco, no sentido norte-sul. Não obstante, Ortiz (2003, p. 24) considera que as hipóteses sobre a origem da Tradição São Francisco, segundo a qual “los grupos de estas regiones habrían ingressados a través... de la vertiente Atlántica, ocupando... los tributários occidentales (...) estableciéndose en las estribaciones... y... en... sectores del... oasis occidentales”, ainda não foram discutidas suficientemente.

De fato, há uma série de traços em comum entre a Tradição São Francisco e a Tradição Ribeirinha-Paranaense, daqui em diante referida como Entidade ou Tradição Goya-Malabrigo (CERUTI, 2003, CERUTI; GONZÁLEZ, 2007), bem como entre estas e os outros conjuntos inseridos na Macrotradição Pantanal (EREMITES DE OLIVEIRA 2004) ou na Tradição Pantanal, no sentido de Schmitz et al. (1998), mais ou menos compartilhado por Peixoto (2002) e Migliacio (2000). Todavia, do mesmo modo como as especificidades das fases Pantanal, Jacadigo, Taiamã, Castelo e do contexto detectado no sítio MS-CP-25 desafiam as generalizações subjacentes à noção de Tradição Pantanal, as relações entre São Francisco e Ribeirinha-Paranaense, de um lado, e entre estas e a Macrotradição Pantanal, de outro, também são dignas de pingos nos is. O sentido da Tradição Chaquenha, na acepção de Willey (1971), pode ser comparado, a meu ver, com concepções mais generalizantes como a Tradição Pantanal de Schmitz et al. (1998) e a Macrotradição Pantanal de Eremites de Oliveira (2004). Já as tradições Pantanal e Chaquenha sensu Eremites de Oliveira e Viana (1999-2000) e Eremites de Oliveira (2009) apresentam significados mais particularizados. A Tradição Pantanal corresponde às ideias de Fase Pantanal de Schmitz et al. (1998) e de Complexo Arqueológico Alto-paraguaiense e Xarayense de Susnik (1975), e a Tradição Chaquenha à Tradição Pantanal do sítio MS-CP-25 de Schmitz et al. (1998) e ao Estilo Guaná-Mbayá de Susnik (1975) – os quais, nunca é demais lembrar, são semelhantes ao

vasilhame etnográfico dos índios Kadiwéu e, por extensão, aos fragmentos arqueológicos Guaikuru encontrados em Lalima.

1.9 Pingos nos is

Em um ensaio inspirador sobre a filiação cultural e a origem da Entidade Goya-Malabrigo, Politis e Bonomo (2012, p. 17-18) afirmaram que as proposições de conexões e vetores de difusão no sentido leste-oeste, baseadas na presença de modelados zoomorfos e de estruturas monticulares, e nas informações históricas sobre relações entre o baixo Paraná e Santiago del Estero, através de cursos fluviais como o Salado, não foram contrastadas sistematicamente e permanecem “a un nivel altamente especulativo”. No entanto, dado o antecedente de Eremites de Oliveira (2004), julgo que é possível, desde que se busquem referências mais atualizadas que Amilcar Rodríguez (1992), observar certas regularidades entre as entidades Goya-Malabrigo e São Francisco, por um lado, e entre estas e a Tradição Pantanal, por outro. Todavia, penso que, em última instância, do mesmo modo como em relação às fases da Tradição Pantanal, as especificidades dos conjuntos argentinos suportarão a carga subjacente à sua inserção na Macrotradição Pantanal apenas parcialmente, pois se por um lado certos elementos reforçam a existência de certos laços entre certos conjuntos, por outro, outros elementos indicam outros entrelaçamentos com outros conjuntos, o que os tornam semelhantes uns em relação aos outros em certos aspectos, porém distintos em outros.

Tanto a Entidade Goya-Malabrigo quanto a Tradição São Francisco podem ser entendidas como correlatos de formações territoriais associados à trajetória histórica e cultural de povos indígenas ceramistas que se estabeleceram e se mantiveram em paisagens e territórios distintos, porém igualmente drenados pelas águas que desembocam no atlântico pelo Prata. De acordo com referências mais atualizadas (BONOMO; POLITIS; GIANOTTI GARCIA, 2011; POLITIS; BONOMO, 2012), os territórios Goya-Malabrigo, distribuídos na conversão da bacia platina, foram formados e mantidos entre 2 mil e 300 AP, pelas etnias inseridas no “complejo Chaná-Timbú” e, principalmente, pelos seus ascendentes, entendidos como sociedades ranqueadas, com organização sócio-política hierárquica, modo de vida canoeiro, inserção em redes de intercâmbio, subsistência baseada na pesca, caça, coleta e agricultura, e assentamento formado por sítios funcionalmente distintos, com áreas residenciais – localizadas em

lugares protegidos das enchentes, como terraços fluviais, bancos de areia, encostas de colina e aterros, também utilizados como cemitérios – e áreas de atividades específicas – associadas à exploração periódica ou esporádica de recursos localizados nas áreas inundáveis e até mesmo além delas. Note que apesar de conhecidos desde o séc. XIX (TORRES, 1911), Amilcar Rodríguez (1992, p. 206) não menciona a presença de sepultamentos e nem de estruturas monticulares antropogênicas do tipo aterro na sua descrição acerca da Tradição Ribeirinha-Paranaense, limitando-se a informar, no que se refere ao assentamento, que “ocuparon los puntos más altos de este *habitat*... inundado por las crecientes, así como las terrazas o tierras altas que los flanquean”. Quanto aos costumes funerários, as mesmas referências mais hodiernas citadas acima relatam que os enterramentos eram primários e secundários, pigmentados de vermelho, não raro acompanhados por campanas, contas de concha e cerâmica, ossos e crâneos de animais, arpões de ossos e, mais raramente, placas, contas e pingentes de cobre, decoradas com motivos andinos. Também foram encontradas partes anatômicas isoladas, algumas ainda articuladas, depositadas em lixeiras e fogões.

Porém se por um lado parece que ninguém duvida da relação da Entidade Goya-Malabrigo com os Chaná-Timbú, as questões sobre a filiação cultural destes e a gênese daquela, apesar do lançamento recente de hipóteses mais sofisticadas, ainda não foram resolvidas. Questionando a importância da filogênese e da etnogênese na origem e no desenvolvimento de Goya-Malabrigo, Politis e Bonomo (2012) discutiram as proposições anteriores e apresentaram um novo conjunto de hipóteses calcadas na filiação dos Chaná-Timbú à matriz cultural Arawak. Embora compreendidas como opostos do mesmo continuum, a filogênese tem a transmissão cultural vertical e transgeracional como princípio, enquanto que a etnogênese pressupõe processos de transmissão horizontal entre grupos diferentes, porém adjacentes. No que se refere à Goya-Malabrigo, os pressupostos filogenéticos foram apropriados a partir de vieses difusionistas e essencialistas, em um primeiro momento, e evolucionistas e adaptacionistas, em outro. Os primeiros associaram Goya-Malabrigo mecanicamente à expansão demográfica e à migração dos Chana-Timbú, tendo-os como Arawak, principalmente por conta das similaridades observadas na cerâmica decorada com incisões e modelados, e no assentamento sobre estruturas monticulares. Os outros, apesar de associarem Goya-Malabrigo aos Chaná-Timbú, não os consideraram Arawak, e argumentaram a favor de gêneses autônomas e desenvolvimentos independentes, através de processos filogenéticos locais.

Apesar das proposições de processos de transmissão horizontal concebidas na primeira metade do XX – as quais vincularam a cerâmica Goya-Malabrigo ao vasilhame zoomórfico e antropomórfico dos Paiaguá, e atribuíram as impressões de corda e os apliques zoomorfos Goya-Malabrigo aos Mbayá-Guaikuru, caracterizados como uma “tribu arawakizada” (SERRANO, 1945, p. 12¹¹ apud POLITIS; BONOMO, 2012, p. 27) – as hipóteses etnogênicas baseadas na filiação de Goya-Malabrigo e dos Chana-Timbú à matriz cultural Arawak, por sua vez, foram formuladas mais recentemente, com base nos enfoques “neo difusionistas, no essencialista, y basados en la teoría social” sobre “la expansión/ dispersión/ diáspora de los... arawak” (POLITIS; BONOMO, op. cit., p. 38-39). Ao contrário dos pontos de vista difusionistas mecânicos e essencialistas, as perspectivas antropológicas mais contemporâneas, baseadas nas idéias seminais de Max Schmidt (1917), sustentam que a difusão cultural Arawak não implica, necessariamente, em migração (ERIKSEN, 2011; HECKENBERGER, 2005; HORNBERG; HILL, 2011; HILL; SANTOS-GRANERO, 2002). As pesquisas etnográficas e arqueológicas apontam que a transmissão cultural subjacente à origem e ao desenvolvimento das sociedades Arawak pode ter se dado por meio da integração de certos segmentos sociais em determinados grupos locais, através de incorporações mútuas, via redes de interação suprarregionais, em viagens e deslocamentos, ocasionando mudanças culturais como diferenciação e até mesmo substituição linguística, e, conseqüentemente, processos etnogênicos contínuos e fluidos, bem como registros arqueológicos difusos e ambíguos. Nesse sentido, Politis e Bonomo (2012, p. 39) consideraram que a origem de Goya-Malabrigo poderia estar relacionada com processos de “arawakización” dos povos que ocupavam a região, através da incorporação de elites e de grupos de indivíduos especializados, “algo así como ‘comerciantes’”, e outras inovações, como a “hidrocentralidad”, definida em relação ao ethos argonáutico, voltado à exploração dos recursos aquáticos; a agricultura, inferida por meio da identificação de amidos de milho, feijão, abóbora e, talvez, mandioca; a reelaboração de símbolos e identidades, refletidos, por exemplo, no estilo cerâmico; e a hierarquização social e a participação em redes de intercâmbio, indicadas pela presença de matérias-primas líticas alógenas e objetos metálicos, sobretudo lâminas e contas em bronze, não raro associadas a sepultamentos.

¹¹ SERRANO, A. los Chaná-Timbú no son Guaycuru. *Revista Geográfica Americana*, n. 8, p. 12-14, 1945.

Quase como Goya-Malabrigo, os portadores da Tradição São Francisco também têm sido considerados, mais recentemente, como povos alóctones, apesar de sugestões em prol de gênesis autônomas e independentes, formados principalmente por pescadores, caçadores, coletores e, talvez, agricultores, assentados em sítios funcionalmente distintos, inclusive sobre estruturas monticulares, “cuya funcionalidad consederamos hoy incierta” (ORTIZ, 2003, p. 25). No entanto, além da não comprovação da agricultura e da frequência anômala dos aterros, entre outros fatores, a Tradição São Francisco também é diferente de Goya-Malabrigo em outros aspectos, principalmente espaciais, temporais e sociais. Os territórios dos portadores da Tradição São Francisco foram formados nas cabeceiras da porção oeste da bacia platina, nos sopés andinos, ao menos 500 anos antes do surgimento de Goya-Malabrigo, sendo mantidos por aproximadamente um milênio, em contemporaneidade àquela durante a metade desse período, e abandonados mil anos antes da chegada dos europeus. Além disso, apesar de também apresentarem formas de sepultamentos distintas e participarem de redes de intercâmbio e interação cultural, os portadores da Tradição São Francisco foram categorizados como sociedades de meio-termo, o que se aplica, do ponto de vista conceitual, não apenas à subsistência e ao assentamento, do modo como enfatizado por Ortiz (2013), mas também em relação à organização social.

A cerâmica da Tradição São Francisco também era, em alguns aspectos, tecnologicamente semelhante à Goya-Malabrigo, sobretudo manufatura, morfologia, acabamento de superfície e queima, porém era diferente em outros, mormente tempero, decoração e função. Além do mais, a Tradição Goya-Malabrigo apresenta uma diversidade artefactual maior que São Francisco, composta por miniaturas, contas, pingentes, bolitas, colheres, pesos de rede, cachimbos e fusos, tanto que Politis e Bonomo (2012, p. 26) consideraram que “Goya-Malabrigo representa una nueva e intensa relación de las poblaciones... de la región con la arcilla”, a qual serviu como material construtivo na elevação dos aterros e de suporte às representações simbólicas possivelmente associadas à decoração das vasilhas. Em relação à preparação da pasta, Goya-Malabrigo, temperada com cacos moídos, conchas e carvões, varia mais que São Francisco, cuja plasticidade era controlada, principalmente, com a adição de chamote. Ambas empregavam técnicas acordeladas e modeladas na produção cerâmica, porém enquanto que os apêndices funcionais, sobretudo asas e alças de suspensão, são análogos, os figurativos são distintos e característicos. A morfologia é semelhante em muitos aspectos, não apenas em se tratando das formas mais simples, mas também de

algumas das mais distintas, a exemplo das “ollas globulares de contorno compuesto... con cuello trococónico insinuado”, destacada por Amilcar Rodríguez (1992, p. 200) como uma das formas “nuevas” características da Tradição Ribeirinha-Paranaense em relação à Subtradição Salto Grande. Contudo, há também algumas formas distintas, como as “campanas”, igualmente destacadas pelo arqueólogo retrocitado, e as outras vasilhas abertas e fechadas decoradas com apêndices zoomórficos, típicas da Tradição Goya-Malabrigo, e as formas restringidas e não restringidas com lábios reforçados, mais frequentes na Tradição São Francisco. As vasilhas eram predominantemente alisadas e/ou polidas tanto em um como no outro caso, porém São Francisco contava com acabamentos e decorações por deslocamento da pasta, como corrugados e digitados. Algumas técnicas decorativas eram similares, a exemplo das incisões, pinturas, engobos, impressões, unguados e apliques. No entanto, além de que havia algumas outras técnicas específicas ou ao menos mais frequentes em uma do que na outra – como incisões preenchidas por pinturas e apliques de tiras de argila “al pastillaje” na Tradição São Francisco, e sulcos rítmicos, ponteados e escovados em Goya-Malabrigo – as representações gráficas, incluso as executadas através do uso das técnicas comuns, eram distintas. Apesar do desconhecimento da função das campanas, as vasilhas das tradições em questão eram utilizadas primariamente como tigelas, panelas e potes, para processar, consumir e armazenar alimentos sólidos e líquidos. Todavia, as vasilhas da tradição São Francisco também eram utilizadas como urnas funerárias no sepultamento de crianças, e as da Tradição Goya-Malabrigo como acompanhamento funerário. A queima era a céu aberto e majoritariamente incompleta em ambos os casos.

Os materiais líticos São Francisco e Goya-Malabrigo, muito mais frequentes naquela do que nesta, até apresentam algumas semelhanças, sobretudo em relação às formas básicas dos utensílios. No entanto, como esperado, também variam, principalmente em se tratando dos processos de obtenção de matérias-primas e dos indicadores de modificação. A aquisição de matérias-primas era muito mais simples para os portadores da Tradição São Francisco, por conta da proximidade, abundância e diversidade das fontes de extração, um fato que também deve ter influenciado a cadeia operatória, inclusive uso, reciclagem, “curation” e descarte, do que para os da Tradição Goya-Malabrigo, os quais, devido à escassez de jazidas, obtinham núcleos através de circuitos de intercâmbio entre si e com os povos estabelecidos na planície pampeana e nas serras de Córdoba e São Luiz (BONOMO, 2012). Os portadores da Tradição São Francisco também intercambiavam pontas de obsidiana, só que geralmente em formas

acabadas. Basicamente, o instrumental era mais ou menos semelhante, sendo formado principalmente por utensílios brutos ou lascados de forma expediente, e por artefatos polidos. Todavia, parece que Goya-Malabrigo ponha mais ênfase na conservação e na reciclagem do que São Francisco, os quais, por sua vez, apresentavam uma indústria lítica polida mais formal e diversificada.

Em se tratando dos materiais orgânicos, sejam artefatos ou restos de alimentação, a variabilidade é maior em Goya-Malabrigo do que na Tradição São Francisco. No entanto, parece que a variação entre uma e outra é devida mais a fatores naturais, relativos às condições de conservação dos depósitos arqueológicos, mais favoráveis nos aterros do Paraná do que nos sítios superficiais a céu aberto no vale do São Francisco, do que culturais, haja vista que os portadores de ambas devem ter lançado mão de várias matérias-primas orgânicas distintas e dos recursos faunísticos e florísticos disponíveis ou manejados nos seus territórios. No que diz respeito aos costumes funerários, uns e outros velavam os mortos, na maioria dos casos, em enterramentos primários e secundários nas áreas residenciais, e depositavam partes de corpos em fogões. Todavia, ao passo que os portadores da Tradição São Francisco sepultavam os lactentes em urnas funerárias enterradas em cemitérios fora das áreas residenciais, os acompanhamentos funerários Goya-Malabrigo – igualmente eventuais, não obstante a frequência de ossos pigmentados – eram mais diversificados e significativos.

Apesar dos traços e dos elementos em comum, não me arrisco a considerar a probabilidade de algum elo cultural mais profundo entre a Tradição São Francisco e a Entidade Goya-Malabrigo. No entanto, diante das evidências e das proposições acerca das relações entre os portadores da Tradição São Francisco e as outras populações que se estabeleceram ou se originaram nos piemontes andinos e nas terras baixas chaquenas e amazônicas, por um lado, e dos registros de intercâmbio com outras populações cisandinas e das hipóteses baseadas na conexão Arawak de Goya-Malabrigo, principalmente as etnogênicas, por outro, é possível que haja um pano de fundo ou uma matriz cultural comum entre uma e outra, bem como entre estas e outras.

A proposta da “Tradición Estampada e Incisa de Bordes Doblados” (ALCONINI MCELHINNY; RIVERA CASANOVAS, 2003; RIVERA CASANOVAS 2003) e as pesquisas sobre a “Tradição Descalvados” (EREMITES DE OLIVEIRA, 2009; MARTINS; KASHIMOTO, 2000; MIGLIACIO, 2000, 2000-2001, 2006) são elucidativas nesse sentido. Conforme as primeiras autoras citadas acima, apesar de

nunca ter sido abordada sistematicamente, a “Tradição Estampada e Incisa de Bordas Dobradas” vem sendo denominada na bibliografia arqueológica sobre os vales piemontanos e intermédios das encostas orientais da cordilheira andina, no centro e no sul da Bolívia, como “Género Gris”, “Mizque Género Gris”, “tradición del sudeste” e “con influencia de las zonas bajas”. Inicialmente, Nordenskiöld (1917, 1979) considerou que as cerâmicas do “Gênero Cinza” encontradas em Mizque, na província de Cochabamba, Bolívia, seriam portadas por grupos de nível cultural mais baixo que as culturas andinas, associando a origem do conjunto em cheque às migrações tardias dos Guarani-Chiriguano. Por outro lado, sem conectar uma coisa a outra, o célebre investigador sueco também contribuiu com o debate acerca da influência dos Chané-Arawak sobre as culturas andinas, sugerindo que os primeiros teriam influenciado a complexidade material e sócio-política nos Andes, através da transmissão da agricultura e da geração de comércio e intercâmbio, antes de serem submetidos pelos Guarani-Chiriguano, nos séc. XVI e XVII. Posteriormente, contradizendo boa parte destas considerações, Rydén (1956), a partir da análise da coleção recolhida pelo próprio Nordenskiöld, ponderou que o Gênero Cinza seria mais antigo, teria se difundido pela vertente leste dos Andes, entre o sul da Bolívia e o norte da Argentina, seria similar às culturas Candelária e São Francisco, e corresponderia a uma cultura independente ou a uma área cultural. Porém, de certa forma materializando as hipóteses sobre as influências das terras baixas, o mesmo Rydén (op. cit.) sugeriu que o uso de urnas funerárias entre os povos andinos teria sido influenciado pelas culturas do leste. Desde então, muitos pesquisadores relataram presenças de cerâmicas do Gênero Cinza em contextos arqueológicos formados pelo registro de diferentes culturas andinas ao longo de distintos períodos, e inferiram contatos entre os altiplanos e as terras baixas.

Depois de revisar a bibliografia, definir as características tecnológicas, morfológicas e decorativas da cerâmica, por um lado, e a área de dispersão e a cronologia relativa, de outro, Alconini McElhinny e Rivera Casanovas (2003) concluíram que as denominações propostas anteriormente restringem as variações tecnológicas, limitam a distribuição espacial, desconsideram processos de interação, assimilação e emulação, e não destacam as especificidades frente a outras culturas e outros períodos. As análises comparativas realizadas pelas autoras permitiram o isolamento das seguintes características: tempero mineral; manufatura acordelada e modelada; formas espessas e grandes, constituídas por vasilhas globulares e semi-globulares, utilizadas para armazenar alimentos sólidos e/ou líquidos, tigelas abertas

hiperbólicas e semi-arredondadas, referidas por Rivera Casanovas (2003, p. 181) como “tazones acampanados, cuya forma se parece... a los... amazônicos de los Llanos de Mojos”, e urnas funerárias, umas e outras com “bordes doblados formando una banda em alto relieve alrededor de los labios”, considerados como um “rasgo típico”, e asas verticais e horizontais, cabos e alças; acabamento de superfície geralmente alisado ou escovado; coloração laranja e cinza; decoração com impressões de espigas de milho e têxteis, incisões curvilíneas e em zig-zag, e ponteados circulares e semi-circulares, tidos como “lo mas característico de esta tradición”, distribuídas nas bordas dobradas ou logo abaixo delas, além de rostos antropomórficos incisos com olhos “granos de café”, pinturas e engobos; queima predominantemente redutora, relacionada ao tamanho das vasilhas. Assim, diante destes traços, principalmente os decorativos e morfológicos qualificados como característicos e típicos, Alconini McElhinny e Rivera Casanovas (2003, p. 169) argumentaram que, em detrimento das denominações anteriores, a definição do conjunto como Tradição Estampada e Incisa de Bordas Dobradas “sistematiza las características tecnológicas y de producción de la misma”.

A área de dispersão da Tradição Estampada e Incisa encontra-se no sudeste boliviano, nos vales intermédios, a oeste, e, principalmente, nos piemontes andinos e, provavelmente, nas planícies chaquenhass, à leste, entre as regiões de Mizque-Samaipata, ao norte, e Tarija, ao sul. O marco mais oriental se encontra no nordeste da área de dispersão, nas Planícies de Grigotá, na Província de Santa Cruz de La Sierra, em “lomas ocupacionales” escavadas na área de Pailon (PRÜMERS; WINKLER, 1997). Ainda é possível que a Tradição Estampada e Incisa também esteja presente no norte da Argentina, porém Alconini McElhinny e Rivera Casanovas (2003, p. 157) constataram que a mesma “no há sido descrita en detalle, ni aislada como entidad independiente”, e sugeriram que as relações com “Candelaria e San Francisco entre otros (...) parece tratarse... del uso extendido... de... técnicas y rasgos... en otras tradiciones y estilos locales”. É interessante notar que a área de dispersão localiza-se no divisor de águas entre as bacias amazônicas e platinas. Ao norte, com o degelo dos Andes, nascem os formadores do Mamoré, um dos principais tributários do Madeira, e, ao centro e ao sul, os do Pilcomayo e do Bermejo, os afluentes mais importantes da margem direita do curso chaquenho do Paraguai.

O quadro cronológico proposto por Alconini McElhinny e Rivera Casanovas (2003, p. 159, 167, 171), elaborado a partir das datações absolutas e relativas dos estilos cerâmicos subandinos associados às cerâmicas da Tradição Estampada y Incisa, indica

que a dita tradição pode ter surgido durante o “Período intermedio Temprano” (200 a.C.-600 d.C.), passado pelo “Horizonte Médio” (600-1430 d.C.) e alcançado o “Horizonte Inka” (1430-1535 d.C.). A associação ao Período Intermédio Antigo foi observada apenas em Mizque, de modo que a mesma deve ser vista com cautela, porém não deixa de ser interessante que a data relativa mais antiga tenha sido obtida ao norte da área de dispersão (HIGUERAS; 1996). Nas zonas baixas de Santa Cruz de la Sierra, por sua vez, a Tradição Estampada e Incisa encontra-se associada às fases antiga (900-1100 d.C.) e tardia (1100-1300 d.C.).

As culturas subandinas, a exemplo dos portadores dos estilos Mizque-Tiwanaku-Oroncota, Yampara, Qaraqara-Yura-Uruquilla e Chicha, não só tiveram acesso, como também incorporaram a produção da cerâmica da Tradição Estampada e Incisa, emulando-as, adicionando traços próprios e originando estilos mistos. A interação entre umas e outras ainda não foi investigada detalhadamente, porém é possível que as mesmas tenham interagido através da formação de redes de comércio e intercâmbio, as quais, nos termos de Alconini McElhinny e Rivera Casanovas (2003, p. 167), “pudo estar acompañado... con procesos de aculturación, mutua influencia, generación de identidades, y asimilación de... rasgos... de las zonas bajas”. No vale interandino de Cinti, localizado no sudoeste do departamento boliviano de Chuquisaca, nas cabeceiras do Pilcomayo, Rivera Casanovas (2003) considera que a incorporação da cerâmica da Tradição Estampada e Incisa, produzida localmente, e a presença de contas de colar e outros ornamentos de concha, associados aos períodos de Desenvolvidos Regionais Antigo (400-800 DC) e Tardio (800-1430 DC), e ao Período Tardio (1430-1540 DC), indicam que as sociedades subandinas ali estabelecidas interagiram com as populações dos sopés dos Andes e do Chaco até o início do colonialismo, não só por meio de intercâmbios econômicos – os quais deveriam incluir uma série de itens além dos vestígios arqueológicos, sobretudo orgânicos, como mel e madeira – mas também através da formalização de alianças políticas e relações de parentesco. De acordo com a autora, as cerâmicas da Tradição Estampada e Incisa encontradas no vale do Cinti estão associadas às estruturas habitacionais das vilas e das grandes vilas, e dos centros locais e regionais, bem como à contenção de bebidas, sendo utilizadas principalmente como cântaros e jaras. Assim como em outros setores dos vales interandinos, ainda é possível que os recipientes da Tradição Estampada e Incisa também tenham sido utilizados como urnas funerárias, apesar das mesmas não terem sido achadas, uma vez que, em Cinti, o sepultamento em urnas, tido como um indício de influência das terras baixas, coexistiu

com as tumbas cistas. De qualquer modo, a Tradição Estampada e Incisa parece relacionada a atividades especiais, como ocasiões festivas e cerimoniais. Diante dessas evidências, Rivera Casanovas (op. cit., p. 198), compreendendo estilo como uma forma de comunicação simbólica, sugere que a incorporação da Tradição Estampada e Incisa pode ser entendida como uma manifestação dos elementos ideológicos vinculados ao surgimento de mecanismos de integração e de “identidades compartilhadas” entre as populações pré-hispânicas do vale do Cinti e as terras baixas do sudeste boliviano.

Com base nos resultados da avaliação da fronteira Inka-Chiriguana, efetuada através de escavações e prospecções no entorno de Oroncota e Manchachi-Cuzco Tuyu, dois centros Inka respectivamente situados a oeste e leste do limite territorial retro referido – cujos resultados indicam que os vestígios dos Chiriguano estão presentes apenas em Machachi, ao passo que a Tradição Estampada e Incisa foi amplamente encontrada em ambas as áreas – Alconini McElhinny e Rivera Casanovas (2003, p. 169) iniciam um debate sobre a suposta correlação entre a Tradição Estampada e Incisa e os Guarani-Chiriguano, afirmando que “La cerámica Chiriguana... difiere completamente de la tradición Estampada e Incisa”. Conforme as autoras, o “conjunto Chiriguano-Guaraní”, caracterizado pela presença de decoração unglada, digitada, “incisa compleja”, engobo cereja e antiplástico de caco moído, “es bastante similar... a la cerámica Guaraní descrita por La Salvia e Brochado (1989)”, e “conforma una entidade separada de la tradición Estampada e Incisa de Bordes Doblados” (ALCONINI MCELHINNY; RIVERA CASANOVAS, op. cit., p. 169-170). Sem se esquecer de sublinhar que tanto a cerâmica Chiriguana quanto a Estampada e Incisa provêm das terras baixas, as autoras, nas mesmas páginas citadas acima, consideram que, diante destes e dos outros dados, principalmente os cronológicos, “es evidente que la tradición Estampada e Incisa de Bordes Doblados se remonta a etapas tempranas... anteriores a la llegada Chiriguano-Guarani”. Evocando as referências que atribuem as influências das terras baixas sobre as populações subandinas às redes de intercâmbio e interação formadas pelos Arawak antes da chegada dos Inka e dos Chiriguano, Alconini McElhinny e Rivera Casanovas (2003, p. 170) sugerem que “quizá nos encontremos con los remanentes de los prehistóricos Arawak-Chané”. Assim, enfatizando a necessidade de mais investigações, as autoras consideram a avaliação da relação entre a Tradição Estampada e Incisa e os Arawak como um problema importante para o futuro.

Não obstante, tendo em vista que alguns dos argumentos das proponentes da Tradição Estampada e Incisa pressupõem que os Guarani teriam se estabelecido na

Bolívia apenas no séc. XVI, por intermédio das migrações históricas dos Chiriguano, vale a pena lembrar que Pärssinen (2005) mencionou documentos que aludem a presença de outros povos Guarani no sudeste da Bolívia além daqueles, apresentou dados arqueológicos que remetem a ocupação Guarani na região a aproximadamente 1.600 AP e sugeriu que outros grupos Guarani poderiam ter migrado ou se expandido em direção às serras andinas orientais antes dos Chiriguano. Por outro lado, embora os fragmentos corrugados, ungulados e pintados sobre engobo, com antiplástico de caco moído, sejam deveras semelhantes aos registros Guarani encontrados no Pantanal e nas regiões sul e sudeste do Brasil, os outros fragmentos destacados pelo autor, “com serpentes ponteadas e apliques de mamilos (...) incisos e ponteados, além de... impressos com tecidos” (PÄRSSINEN, op. cit., p. 56), são semelhantes aos inseridos por Alconini McElhinny e Rivera Casanovas (2003) na Tradição Estampada e Incisa.

Aproveitando a deixa, até por que Pärssinen (2005, p. 54-55) acredita que “a distribuição... das... cerâmicas corrugadas e unguladas com tempero de cacos moídos parece corresponder... bem com a evidência... dos assentamentos tupi-guaranis do séc. XVI (...) pode... ser relacionado com os movimentos... tupi-guaranis”, cabe frisar que os corrugados atribuídos à Tradição São Francisco são idênticos aos Guarani, embora os ungulados sejam um pouco diferentes, tanto que do ponto de vista de um observador forâneo, acostumado com a cerâmica Guarani, a divisão proposta inicialmente por Serrano (1962) faria o maior sentido. Todavia, do modo como referido acima, Ortiz (2003) demonstrou que os corrugados e os outros atributos similares aos Guarani, como os ungulados e os fragmentos temperados com caco moído, entre outros, estão associados cronologicamente com os outros elementos característicos da Tradição São Francisco.

A “Tradição Descalvados”, por sua vez (EREMITES DE OLIVEIRA, 2009; MARTINS; KASHIMOTO, 2000; MIGLIACIO, 2000, 2001-2002, 2006; PETRULLO 1932; SCHMIDT, 1940), encontra-se nas planícies alagáveis do Pantanal de Cáceres/MT e nas terras firmes e não inundáveis adjacentes. Os sítios arqueológicos apresentam características distintas, provavelmente associadas à funcionalidade e à hierarquia de assentamentos, porém em geral ocupam áreas grandes, com quilômetros de extensão e estratigrafias espessas. Os registros arqueológicos são formados principalmente por sedimentos antropogênicos (terra-preta), fragmentos cerâmicos em profusão e vasilhas inteiras, inclusive urnas funerárias, materiais líticos, adornos de

ossos e conchas, restos faunísticos e florísticos, fogueiras e estruturas diversas, como aterros, montículos, cemitérios e pisos de cerâmica.

A tecnologia ceramista era sofisticada e, em certos casos, “sem dúvida demandariam certa especialização em todo o seu processo de produção, desde a obtenção e transporte da matéria-prima, preparação da pasta... com adição de antiplásticos, modelagem, acabamento e queima” (MIGLIACIO, 2006, p. 86). A pasta era temperada preponderantemente com conchas e cacos moídos, bem como com cauxi e cariapé, porém em baixa proporção. As vasilhas eram manufaturadas através da sobreposição de roletes e da modelagem de apêndices, principalmente de suspensão. Todavia, se por um lado há registros de bordas e lábios modelados, é provável que algumas vasilhas também tenham sido decoradas com apêndices zoomórficos (MARTINS; KASHIMOTO, 2000, p. 135; MIGLIACIO, 2006, p. 237). A variação morfofuncional era enorme, constituída por vasilhas não restringidas e restringidas, com e sem pescoço, contornos simples, infletidos e compostos, formas planas, semi-elípticas, semi-globulares, semi ovais, elípticas, globulares, ovais e piriformes, espessuras entre 0,4 e 4 cm, diâmetro da boca entre 11 e 42 cm, e volumes entre menos de 2 e mais de 200 l, utilizadas na armazenagem, processamento, consumo e performances rituais, como pratos, tostadores, tigelas fundas e rasas, panelas, jarros, silos, urnas funerárias e containers de oferendas. Em sua maioria, o vasilhame era alisado e/ou polido, porém alguns foram decorados com incisões, impressões de corda, engobo vermelho, branco e preto, e pinturas de faixas e motivos geométricos vermelhos e pretos. Predominava a queima oxidante incompleta, porém a presença de vasilhas com queimas completas era significativa.

As análises realizadas por Migliacio (2000, 2006, p. 86) indicaram a presença de “duas classes de vasilhas cerâmicas: uma de caráter doméstico e outra... ritual”. A primeira seria formada por vasilhas temperadas com concha moída, “acabamento... mais grosseiro, embora algumas apresentem engobo”, e recorrência de fuligem. A outra seria composta pelas vasilhas utilizadas como urnas funerárias, tampas de urnas e recipientes de oferendas, também usadas em contextos domésticos, com a função de armazenar e servir. As vasilhas com caco moído e decorações plásticas e cromáticas estariam associadas à classe das cerâmicas rituais. Sem embargo, ao contrário das pinturas geométricas vermelhas e/ou pretas – associadas às tigelas e, em uma medida menor, às vasilhas infletidas – e das incisões simples e contínuas – dispostas abaixo do lábio ou no pescoço, no limite entre este e o bojo – tidas como típicas ou características da cerâmica

Descalvados, as impressões de corda, bem como certos padrões de incisos e ungulados, foram considerados intrusivos. Porém no caso das impressões de corda, compostas por uma, duas ou três linhas horizontais paralelas impressas abaixo da borda ou no pescoço das vasilhas – quase que do mesmo modo que os incisos característicos – a autora pensa que não se trata apenas da aquisição de vasilhas provenientes de outros grupos, sobretudo Guaná, mas também da incorporação de técnicas e de mulheres pelos portadores da Tradição Descalvados. As palavras de Migliacio (2006, p. 278) nesse sentido são as seguintes:

(...) A ocorrência dessa decoração... parece indicar não apenas uma ‘cerâmica importada’, mas a possibilidade de integração de oleiras de grupos exógenos, já que esse padrão decorativo é atribuído ao grupo etnográfico *Guaná* (...). Tal integração também é sugerida pelo uso de concha triturada como antiplástico, traço... característico... da cerâmica Descalvados, na cerâmica com impressão de corda.

É interessante notar que Alconini McElhinny & Rivera Casonovas (2003, p. 167-8) chegam a conclusões semelhantes em relação à presença de vasilhas da Tradição Estampada e Incisa nas regiões subandinas do vale do Cinti e das regiões de Oroncota e Quila-Quila, as quais foram confeccionadas e decoradas com pastas e engobos brancos e vermelhos característicos das culturas Uruquilla e Yampara. Além do vasilhame, a indústria cerâmica Descalvados também contava com estatuetas antropomorfas e zoomórficas, adornos, cachimbos, carimbos, flautas e apitos. A indústria lítica, por sua vez, era tão elaborada quanto à cerâmica, inclusive no que se refere à especialização na confecção de certos artefatos, como os adornos (MIGLIACIO, 2006, p. 87, 159-207). As matérias-primas mais utilizadas eram o sílexito, o quartzo, o arenito e o calcário, obtidas em afloramentos e cascalheiras. O instrumental era constituído por utensílios brutos, muitas vezes multifuncionais, como percutores, bigornas, almofarizes e amoladores; artefatos talhados e retocados, como furadores, raspadores e pontas, além de lascas e núcleos utilizados; e artefatos polidos, como lâminas de machado e adornos, constituídos por contas, pingentes e tembetás. O contexto arqueológico também conta com refugos de lascamento e estruturas formadas por blocos, não raro associadas a sepultamentos. Estes, formados por enterramentos primários e secundários, eram acompanhados por vasilhas cerâmicas, conchas, contas líticas e conchíferas, dentes

perfurados de macaco e restos faunísticos. Cabe destacar “o pote pequeno com decoração em impressão de corda”, associado aos enterramentos com vasilhas cerâmicas sobre o crânio achados na Fazenda Descalvados por Vincent Petruzzo em 1931 (MIGLIACIO, 2006, p. 74).

As datações arqueológicas indicam que os territórios dos portadores da Tradição Descalvados foram estabelecidos e mantidos entre 1.500 e 200 AP, a despeito de uma data isolada de 2.300 AP (MARTINS; KASHIMOTO, 2000, p. 135, MIGLIACIO, 2006, p. 325-35). Ao longo dessa trajetória, é provável que as populações da Tradição Descalvados tenham interagido com os povos da Tradição Pantanal, assentados nas áreas inundáveis da região ao menos desde 2.200 AP. Porém, se por um lado alguns aterros antes ocupados por estes apresentam registros daqueles, por outro também é possível que os portadores da Tradição Descalvados tenham construído aterros nas planícies inundáveis. As datas situadas no período histórico, por sua vez, sugerem que a Tradição Descalvados pode ter sido portata pelos povos indígenas denominados Xarayes, contatados pelos espanhóis ainda na primeira metade do séc. XVI. Os Xarayes foram descritos como uma sociedade complexa, estratificada, populosa e agrícola, integrada por estradas e protegida por aldeias fortificadas com paliçadas e fossos. Posteriormente, Susnik (1994, p. 145) lançou mão dos dados históricos para classificar os Xarayés como “Aruak paleo-amazônicos” e “senhorio sóciopolítico”, dotados de “chefes” e “bairros cacicados”. Assim, tendo em vista que os registros arqueológicos da Tradição Descalvados contam com elementos que corroboram tanto as informações históricas quanto as presunções antropológicas, Migliacio (op. cit, p. 57), sugeriu que os “grupos Aruak... poderão estar associados os vestígios ora em estudo”. Porém, mais à frente, aludindo à presença dos povos Arawak – como os Pareci – Chiquitanos, falantes de línguas Arawak e Otuquê – e Macro-Jê – como os Bororo e os Guató – na região de Cáceres, a autora se mostrou mais cautelosa:

... levando em conta a diversidade cultural e a complexidade étnica que caracteriza o Chaco e o alto Paraguai, é necessário considerar... a possibilidade de que os grupos encontrados pelos espanhóis... denominados Xarayés, poderiam representar grupos de filiação étnica e/ou lingüística diversa, de algum modo relacionadas... compondo complexos culturais. (MIGLIACIO, 2006, p. 70)

Apesar dos riscos e dos problemas em torno da relação entre culturas arqueológicas e identidades étnicas e culturais, as tradições Goya-Malabrigo, Estampada e Incisa de Bordas Dobradas, e Descalvados podem estar associadas aos processos etnogênicos desencadeados pela expansão Arawak pela bacia platina. A Entidade São Francisco entrou em colapso antes do colonialismo, de modo que as conjecturas acerca das suas origens culturais são ainda mais complicadas. Porém a dita entidade apresenta várias relações com os registros arqueológicos datados do mesmo período e dos períodos subsequentes, sobretudo em se tratando da Cultura Candelária e da Tradição Estampada e Incisa, bem como com Goya-Malabrigo e Descalvados.

1.10 Questão de ordem

Os registros arqueológicos classificados nas fases da Tradição Pantanal por Schmitz et al. (1998), Peixoto (2002) e Migliacio (2000), e as tradições, estilos e culturas inseridas na Macrotradição Pantanal por Eremites de Oliveira (2004), possuem várias similaridades com a Tradição São Francisco e a Entidade Goya-Malabrigo, bem como com a Tradição Estampada e Incisa de Bordas Dobradas e a Tradição Descalvados. No entanto, se por um lado estas semelhanças apresentam um caráter parcializado e fragmentado, por outro também há muitas variações e particularidades.

Assim como as entidades argentinas e as tradições Descalvados e Estampada e Incisa, as fases Pantanal, Castelo e Taiamã, associadas às planícies inundáveis do Pantanal, datam do período pré-histórico. Todavia, as fases retro citadas, respectivamente datadas em até 2.820 AP, 2.640 AP e 2.200 AP (MIGLIACIO, 2006; PEIXOTO, 2002), são mais remotas que aquelas, se bem que a Tradição São Francisco é, por enquanto, mais antiga que a Fase Taiamã. Apesar da ausência de datas, a Fase Jacadigo e os materiais do sítio MS-CP-25 detectados na região de Corumbá foram considerados históricos, “de meados do século XIX” (SCHMITZ, et al. 1998, p. 241). Contudo, os dados arqueológicos provenientes dos abrigos Cera, em Aquidauana, da Serra da Bodoquena, em Bodoquena, e da Terra Indígena Lalima, em Miranda, não só sugere que a Fase Jacadigo apresenta uma temporalidade mais recuada, como também uma área de dispersão maior. Praticamente o mesmo pode ser dito em relação aos materiais do MS-CP-25, igualmente presentes em Lalima, bem como em Bodoquena, Porto Murtinho e na província paraguaia adjacente. Porém, conquanto plausível, a

suposta antiguidade dos registros arqueológicos associados à cerâmica tecnologicamente semelhante à Kadiwéu permanece no nível das hipóteses.

Por outro lado, a Tradição São Francisco entrou em colapso antes do colonialismo, enquanto todas as outras podem ter alcançado o período colonial e até mesmo passado por ele, como parece ser o caso do estilo Kadiwéu. No entanto, se há um consenso em relação à identidade étnica ou cultural dos portadores da Entidade Goya-Malabrigo, o mesmo não pode ser dito em relação às tradições Descalvados e Estampada e Incisa, de um lado, e às fases da Tradição Pantanal, de outro, inclusive no que se refere aos portadores de tecnologias ceramistas semelhante à Kadiwéu, as quais, em troca, podem ter sido incorporadas por outros povos. Porém, neste último caso especificamente, é provável que as populações envolvidas correspondam, em grande medida, aos diversos grupos étnicos falantes de línguas Mbayá-Guaikuru e Chané-Guaná, entre outros, os quais, por sua vez, se entrelaçaram numa complexa teia de relações sociais ainda pouco compreendidas em termos históricos e antropológicos. Além disso, é provável que a Tradição Estampada e Incisa esteja associada aos Chané-Guaná estabelecidos do outro lado do Chaco, nos piemontes drenados pelas nascentes andinas do Mamoré, Pilcomayo e Bermejo, na encruzilhada entre a Amazônia, o Chaco e os Andes, e a Tradição Descalvados aos Xarayés, os quais, ao seu turno, poderiam ser portadores de uma matriz cultural Arawak e integrantes de um sistema de ocupação multiétnica no alto Paraguai.

Não obstante, ao contrário da Tradição Descalvados e da Entidade Estampada e Incisa, na medida em que o vulto da primeira e as impressões de espigas de milho nas bordas dobradas das vasilhas da outra falam por si, porém ainda de modo semelhante às tradições argentinas, as fases Pantanal, Castelo e Taiamã vêm sendo associadas mais a populações pescadoras-caçadoras-coletoras do que agricultoras. Deduzindo – com base na proposição de um modelo de assentamento constituído por sítios centrais, formados por aterros ocupados permanentemente, e sítios periféricos e sazonais, em aterros e acampamentos a céu aberto, ocupados durante as enchentes – que a exploração dos recursos disponíveis no Pantanal suportaria poluções densas, a exemplo das registradas nas fontes históricas e etnográficas, cujas menções sugerem abundância alimentar, Schmitz et al. (1998, p. 240) afirmaram que “não sabemos se estes alimentos vinham de algum tipo de cultivo ou se eram resultados de coleta”, e classificaram as populações portadoras da Fase Pantanal como “pescadoras-coletoras-caçadoras”, “exploradoras de recursos aquáticos” e “forrageadoras, canoieiras, de grande mobilidade”. No que lhe diz

respeito, Eremites de Oliveira (2009, p. 99, 104), de posse de analogias históricas e etnográficas mais consistentes e de um instrumental teórico mais sofisticado, categoriza os portadores da Tradição Pantanal como “complexo de grupos canoeiros pescadores-caçadores-coletores” e “pescadores-caçadores-coletores ceramistas”, infere que a presença de cachimbos e fusos “indicam o uso do fumo e do algodão e sugerem o domínio de técnicas de cultivo”, sublinha a possibilidade de manejo ambiental e propõe “certa complexidade emergente em termos de organização social”, principalmente a existência de hierarquização e centralização de poder. De acordo com o autor citado, a emergência de complexidade teria sido favorecida por um cenário de competitividade pelos recursos ambientais, pressões demográficas, relações interétnicas, circulação de ideologias, alianças políticas, intercâmbios, incursões, manutenção de cativos, organização do trabalho social e formas particulares de organização espacial. Os aterros, vistos como “fontes de prestígio” e “marcos ou monumentos paisagísticos” (EREMITES DE OLIVEIRA, 2004, p. 52-53), foram considerados como um dos principais indicadores de complexidade social, uma vez que a sua construção exigiria mobilização de mão de obra, trabalho disciplinado, conhecimento arquitetônico, relações de poder e estratégias de territorialidade.

Dito de outra forma, o modo como os povos canoeiros da Tradição Pantanal têm sido categorizados do ponto de vista socioeconômico não é muito distinto das ideias de “sociedade...del *middleground*”, utilizada em relação à Tradição São Francisco (ORTIZ, 2013, p. 130), ou de “*ranked society*”, aplicada à Entidade Goya-Malabrigo (BONOMO; POLITIS, 2012, p. 25), mas é substancialmente diferente das noções de “senhorio sociopolítico” e “cacicado”, empregadas na caracterização dos Xarayés, muito provavelmente associados à Tradição Descalvados (MIGLIACIO, 2006, p. 70), e de “sociedades altamente complejas”, direcionadas aos Chané-Guaná andinos, os quais, por sua vez, podem estar relacionados com a Tradição Estampada e Incisa (ALCONINI MCELHINNY; RIVERA CASANOVAS, 2003, p. 172). Todavia, o conceito de hidrocentralidade, entendido como “una tecnología especializada en la explotación de los recursos acuáticos”, na qual também se inclui a “modificación de los paisajes fluviales mediante las construcciones en tierra”, concebida por Politis e Bonomo (2012, p. 38) em alusão à Entidade Goya-Malabrigo, se encaixa mais com as fases Pantanal, Castelo e Taiamã do que com a Tradição São Francisco, embora esta também tenha sido caracterizada como “pescadora-caçadora-coletores”. Com efeito, as fases referidas acima e a Entidade Goya-Malabrigo estão associadas a populações canoeiras construtoras de

aterros em planícies inundáveis. Schmitz et al. (1998, p. 241-242), diga-se de passagem, acreditam que os restos faunísticos detectados no aterro MS-CP-22, ocupado no início do holoceno, “sugerem que, já neste tempo, se deveriam usar canoas”. A Tradição São Francisco, embora conte com uma indústria lítica picoteada/polida formal, apresenta uma frequência anômala de estruturas moticulares, cujas funções ainda não foram determinadas, e um assentamento piemontano.

Não obstante, os aterros associados às fases Pantanal, Castelo e Taiamã não são exatamente iguais aos relativos à Entidade Goya-Malabrigo. Estes, também denominados “cerritos” ou “montículos”, são constituídos por estruturas preponderantemente ovais, com até 80 m de diâmetro e 2,5 m de altura, encontradas nas proximidades de margens fluviais e lacustres, isoladas ou em grupos de dois ou três – sendo, neste caso, uma maior que as outras, embora as isoladas sejam, em média, maiores que as agrupadas. De acordo com Bonomo, Politis e Gianotti Garcia (2011), depressões na superfície e materiais arqueológicos achados pelo entorno indicam que os cerritos Goya-Malabrigo eram construídos por meio da extração de terra proveniente de áreas adjacentes, não raro sobre elevações naturais, e acréscimo de fragmentos cerâmicos e restos de alimentação, principalmente conchas e ossos de mamíferos, répteis, aves e peixes. Topografias detalhadas, escavações estratigráficas e cálculos experimentais efetuados pelos autores citados acima sustentam que o maior montículo detectado no Baixo Paraná, com volume de 3.912,6 m³, poderia ser erigido em 30 dias por 50 pessoas escavando e transportando 2,6 m³ de terra durante 5 horas por dia cada. Contudo, os mesmos reconheceram que ainda não é sabido se os montículos eram construídos em um único evento ou em múltiplos. Cabe lembrar, ainda, que os modelos de assentamento relativos à Entidade Goya-Malabrigo compreendem os aterros, bem como outros tipos de sítios, geralmente localizados em lugares protegidos das cheias periódicas, como áreas residenciais, associadas à performance de atividades cotidianas e rituais, inclusive sepultamentos.

Os aterros encontrados no Pantanal, por sua vez, não só são mais antigos – cabe recordar que além dos construídos pelos ceramistas, há também os que foram edificados pelos a-ceramistas, classificados por Schmitz et al. (1998) na Fase Corumbá I, associada ao sítio MS-CP-22, e Fase Corumbá II, posteriormente datada em 5.500 AP (PEIXOTO, 2003) – como apresentam densidades e, possivelmente, variações muito maiores que a Entidade Goya-Malabrigo. Com efeito, enquanto “existe actualmente un total de 36 montículos registrados y/o publicados para el Delta del Paraná” (BONOMO; POLITIS;

GIANOTTI GARCIA, 2011, p 316), Schmitz et al. (1998, p. 9) relataram que “Na beira do rio Paraguai, de seus afluentes, das grandes lagoas Jacadigo e Negra e nos campos alagadiços foram visitados... 170 aterros de populações indígenas pescadoras-coletoras-caçadoras”. Todavia, há ainda muitos outros mencionados na bibliografia, apesar do número de referências arqueológicas sobre o Pantanal ser menor do que o de publicações relativas ao baixo Paraná.

Na opinião de Schmitz et al. (1998, p. 28), a formação dos aterros “resulta de fatores naturais e antrópicos”, mais ou menos da seguinte maneira: em um primeiro momento, resíduos antrópicos, deixados sobre “saliências pré-existentes” ou “pequenas elevações” dispersas pelos alagados, teriam favorecido o crescimento de plantas e, conseqüentemente, atraído animais; estes, em conjunto com as plantas, teriam contribuído com o aumento do volume dos depósitos, tornando-os atrativos ao “homem”; estes, na busca por recursos, retornariam e, amiúde, deixariam seus vestígios, os quais, sucessivamente, aumentariam a pequena elevação e a manteriam seca; finalmente, “conchas vazias poderiam ser agregadas com o mesmo fim”. Eremites de Oliveira (2004, p. 49-57), por outro lado, considera os aterros como de tipos diferentes, os correlaciona com etnias diversas, os associa a processos de formação igualmente distintos e põe mais ênfase na intencionalidade da edificação e no uso de conchas como material construtivo. Sem embargo, o autor ainda considera o aproveitamento de elevações naturais e o acréscimo de resíduos alimentares como fatores importantes, e emprega “o termo *aterro*... para designar um tipo de sítio arqueológico de interior (...) a céu aberto, que se apresenta nas paisagens como uma elevação do terreno sob forma de estrutura monticular, total ou parcialmente antrópica” (EREMITES DE OLIVEIRA, 2009, p. 94).

Já o caráter piemontano do assentamento dos portadores das tradições São Francisco e Estampada e Incisa, de um lado, e dos da Tradição Descalvados situados nas terras não inundáveis em torno do Pantanal de Cáceres, é semelhante, em termos de implantação na Paisagem, aos sítios Guarani, aos inseridos na Fase Jacadigo, ao sítio MS-CP-25 e aos sítios a céu aberto associados à Fase Pantanal, implantados no sopé da Morraria do Urucum. Porém, se por um lado o sítio Cayman I, formado por materiais mais ou menos semelhantes aos do MS-CP-25, apresenta um contexto topográfico distinto, situado em um dique fluvial na margem esquerda do Paraguai, em Porto Murtinho/MS, por outro, a base sobre o assentamento dos portadores da Fase Jacadigo ainda não permite a identificação de padrões e nem a realização de comparações. Seja

como for, se os dados sobre a implantação dos sítios na TI Lalima são mais ou menos compatíveis aos de Corumbá, as informações sobre a Serra da Bodoquena e a pesquisa nos Abrigos Cera, na Serra de Maracajú, sugerem que os portadores da Fase Jacadigo também podem ter ocupado abrigos areníticos e cavernas calcárias. A Fase Jacadigo e o sítio MS-CP-25 foram associados, por Schmitz et al. (1998), aos Mbayá-Guaikuru, categorizados como pastores-nômades. Sem embargo, a hipótese de uma antiguidade maior do que a proposta pelos autores supracitados não está acompanhada apenas pela pressuposição de diversidade étnica e cultural, mas também pela possibilidade de modos de vida igualmente diversificados, os quais podem abranger práticas agrícolas, manejo ambiental e, conseqüentemente, outras formas de assentamento e mobilidade (EREMITES DE OLIVEIRA, 2004, 2009).

As tecnologias ceramistas associadas à Entidade Goya-Malabrigo e à Tradição São Francisco têm lá suas semelhanças com as fases da Tradição Pantanal, porém estas são tão parciais quanto no que diz respeito aos aspectos socioeconômicos, só que numa ordem inversa. Se, a despeito das diferenças, a subsistência e o assentamento das tradições argentinas se mostraram mais semelhantes às fases Pantanal, Castelo e Taiamã, principalmente entre estas e Goya-Malabrigo, a cerâmica apresenta uma similaridade maior com a Fase Jacadigo e com a cerâmica Kadiwéu, bem como com a Entidade Estampada e Incisa e a Tradição Descalvados, guardadas as devidas proporções. Não obstante, a preparação da pasta utilizada na confecção do vasilhame cerâmico é mais ou menos semelhante. As fases Pantanal, Castelo e Taiamã apresentam antiplásticos tão diversificados quanto a Entidade Goya-Malabrigo e a Tradição Descalvados, se bem que nesta predomina a concha moída, presente em baixa proporção nas outras. O mesmo pode ser dito a respeito dos registros arqueológicos formados por cerâmicas semelhantes à dos Kadiwéu, apesar de Schmitz et al. (1998) não mencionarem a presença de caco moído no MS-CP-25. Todavia, Eremites de Oliveira (2009, p. 106) utiliza os dados etnográficos, principalmente os resumidos por Herberts (1998), para esboçar um esquema tecnológico da Tradição Chaquenha, associada pelo mesmo à cerâmica análoga à Kadiwéu. O autor considera a presença de cacos moídos e insere o sítio Cayman I, onde “foi encontrado o maior número de vasilhas inteiras... no Pantanal de Mato Grosso do Sul” (EREMITES DE OLIVEIRA, 2004, p. 95), na dita tradição, mas não apresenta dados analíticos sobre a cerâmica. O tempero da pasta na Fase Jacadigo, segundo a descrição de Schmitz et al. (1998), varia menos do que os

outros conjuntos inseridos na Tradição Pantanal, porém a presença de caco moído a torna semelhante à Tradição São Francisco.

A utilização do modelado em conjunto com o acordelado, por sua vez, aproxima a manufatura, a morfologia e a decoração das entidades argentinas e das tradições Descalvados e Estampada e Incisa, de um lado, da Fase Jacadigo e da tecnologia ceramista Kadiwéu e Terena, de outro. Todos os conjuntos acima referidos possuem vasilhas com apêndices de suspensão. Inclusive, o atributo aludido diferencia o vasilhame em questão da cerâmica Guaraní e das outras fases da Tradição Pantanal. A se julgar pela descrição e pelo esboço contido em Caggiano (1984), os potes com pescoço tronco-cônico e contorno composto, tidos por Amilcar Rodríguez (1992) como característicos da Entidade Goya-Malabrigo, são tão semelhantes morfologicamente à Tradição São Francisco quanto à vasilha atribuída por Martins e Kashimoto (2012) à Tradição Serra da Bodoquena (Figura 11). Na sua reflexão sobre as vinculações pré-históricas entre o nordeste da Argentina, o Uruguai e o Sul do Brasil, Caggiano (1984, p. 49-53, 74, 78-89, 107-108), assim como Amilcar Rodríguez (1992), só que alguns anos antes e de uma forma mais pormenorizada, também considerou que a “Cultura Ribereños Plásticos” apresentava um vasilhame semelhante à da cultura precedente, denominada “Cultura Entrerriana” ou “Cultura Básica del Litoral”, porém enriquecidos com a adição de seis variedades de formas e apêndices. Os potes em questão possivelmente correspondem às formas classificadas na “**Variedad 3**”, descritas como “olla com collo troncocónico”, constituídas por vasilhas globulares, restringidas, arredondadas, com pescoço e apêndices de suspensão em forma de alça, sem decoração ou decoradas com sulco rítmico e pintura vermelha. A autora ainda ressaltou que a dita variedade é escassa e que uma peça inteira decorada com pintura de triângulos vermelhos, achada em Los Ubajay, na província argentina de Santa Fé, apresentava restos de milho e estava associada a um sepultamento.

Salvo melhor juízo, talvez o único fragmento de vasilha cerâmica decorado com apêndice modelado contido na bibliografia arqueológica sobre o Pantanal, corresponda ao exposto na foto “a” da “Fig. 3” do artigo de Martins e Kashimoto (2000, p. 137) sobre a arqueologia no contexto do rio Jauru, um dos principais afluentes da margem direita do alto Paraguai, impactado pelo gasoduto Bolívia-Mato Grosso (Figura 12). Possivelmente, trata-se de um fragmento de borda de uma vasilha não restringida, decorada com ao menos um apêndice zoomórfico em forma de cabeça de ave, talvez um psitacídeo. O apêndice foi coletado no sítio Riacho São Sebastião 3 (SE3), em contexto

com duas estatuetas, uma antropomórfica feminina e outra zoomórfica, bem como pingentes, fusos e um carimbo. Apesar da identificação de uma provável ocupação pré-cerâmica, os sítios ceramistas submetidos às atividades de resgate arqueológico foram considerados “extensos aldeamentos de grupos indígenas agricultores, fabricantes de... cerâmica... das características da Tradição Descalvado” (MARTINS; KASHIMOTO, op. cit., 132).

Figura 11: Vasilhas cerâmicas da cultura Ribeirinhos Plásticos, segundo Caggiano (1984, p. 74, 107): 1) tigela; 2) pote com pescoço insinuado; 3) pote com pescoço troco-cônico; 4) tigela; 5 e 6) campanas.

No entanto, a não identificação de modelados decorativos nas vasilhas cerâmicas arqueológicas encontradas no Pantanal não significa que os mesmos não existam. As estatuetas antropomórficas atribuídas à Tradição Serra da Bodoquena por Martins e Kashimoto (2012) podem ser uma pista nesse sentido. Além do mais, as indústrias cerâmicas Kadiwéu e Terena contam com vasilhas decoradas com bordas e lábios modelados, de um lado, e apêndices em forma de animais, de outro. Estas poderiam ser classificadas sem maiores problemas em ao menos duas das variedades de formas Goya-Malabrigo classificadas por Caggiano (1984): a “**Variedad 4**”, composta por vasilhas não restringidas, decoradas com apêndices zoomórficos, sulco rítmico e pintura vermelha, geralmente na face externa, em forma de pratos e tigelas, e a “**Variedad 5**”, constituída pelas “campanuliformes”. Há ainda uma série de outras vasilhas Kadiwéu e Terena semelhantes às variedades 1 e 2 da classificação de Caggiano (op. cit., p. 49-50), respectivamente constituídas por pratos e tigelas não restringidas e potes globulares com pescoço insinuado, e às tigelas com bordas elevadas ao modo de orelhas, associadas à Tradição São Francisco por Dougherty (1974).

Por outro lado, é interessante notar que os lábios modelados mostrados por Amílcar Rodríguez (1992, p. 197) na prancha de fotografias de fragmentos cerâmicos inseridos na Subtradição Salto Grande, da Tradição Savanas Baixas, então datada entre 2.400 e 700 AP, no médio Uruguai, são similares aos “lábios... entalhados” observados na Fase Pantanal e “predominantemente” na cerâmica análoga à Kadiwéu encontrada no MS-CP-25 (SCHMITZ et al. 1998, p. 224, 257-8), e ao lábio da vasilha restringida com borda direta e alças de suspensão da Tradição Descalvados representada graficamente por Migliacio (2006, p. 238).

Figura 12: Material cerâmico associado à “Tradição Descalvado” por Martins e Kashimoto (2000, p. 137, figura 3): a) modelado zoomórfico; b) estatueta zoomórfica; c) estatueta antropomórfica; d) rodela de fuso; e, f, g) pingente; i) carimbo.

Aliás, é provável que a variação morfológica da Fase Jacadigo não seja tão ou mais simples do que a da Tradição Pantanal, do modo como afirmado por Schmitz et al. (1998, p. 32), assim como a cerâmica Kadiwéu não o é. Seja como for, é claro que o vasilhame cerâmico das entidades argentinas varia mais do que as fases Pantanal, Castelo e Taiamã, tanto em termos morfológicos quanto funcionais. Porém, diante das indefinições em torno da Entidade Estampada e Incisa, nenhuma destas varia tanto quanto a Tradição Descalvados, apesar da presença de urnas funerárias nas tradições São Francisco e Estampada e Incisa, e de vasilhas semelhantes às assadores de mandioca em sítios Goya-Malabrigo (BONOMO; POLITIS, 2012, p. 26).

Por outro lado, a despeito das Fases Castelo e Taiamã contarem com uma variação decorativa relativamente baixa, a Fase Pantanal, a Fase Jacadigo e as cerâmicas Kadiwéu não ficam tão atrás das entidades argentinas e das tradições Descalvados e Estampada e Incisa. De qualquer forma, em todos os casos as vasilhas alisadas e polidas predominam, seguidas pelos acabamentos plásticos e cromáticos. Considerando os tratamentos plásticos, tanto a Fase Pantanal quanto a Tradição São Francisco contam com vasilhas corrugadas, porém as corrugações não só são qualitativamente distintas, como são mais frequentes e diversas na primeira. Nesta, os corrugados, denominados por Schmitz et al. (1998) de “corrugado-simples”, têm um aspecto de roletes amassados, como se fossem roletados-corrugados. Não obstante, os corrugados-simples podiam ser alisados e combinados com outras formas de corrugações, como corrugado-riscado, corrugado-digitado, corrugado-espátulado e corrugado-ungulado, ou com outras técnicas decorativas, como apliques, incisões, escovados e engobo vermelho. Na Tradição São Francisco, os acabamentos por deslocamento da pasta não são tão variáveis, a densidade é menor e o feitio é semelhante aos corrugados-digitados tipicamente Guarani. Schmitz et al. (op. cit.) também registraram a presença de corrugado-simples no sítio MS-CP-19, associado à Fase Jacadigo. Porém, tendo em vista que o MS-CP-19 está parcialmente sobreposto ao aterro MS-CP-18, na beira da lagoa do Jacadigo, e do pressuposto de que a Fase Jacadigo seria mais tardia que a Fase Pantanal, os autores atribuíram a frequência de corrugado-simples no MS-CP-19 à miscelânea com o MS-CP-18. A Tradição São Francisco e as fases Pantanal e Jacadigo também contam com acabamentos digitados, ungulados e serrungulados. Os roletados parecem ser mais frequentes nas fases Pantanal e Jacadigo. O escovado aparece na Entidade Goya-Malabrigo, na Tradição Estampada e Incisa, e na Fase Pantanal. A Tradição São Francisco conta ainda com barbotina.

Em se tratado das decorações plásticas, as Fases e Tradições consideradas apresentam muitas técnicas em comum, porém nem sempre o produto final é o mesmo. As cordas impressas estão presentes em todos os conjuntos, mas nenhum conta com motivos tão sofisticados quanto à cerâmica análoga à Kadiwéu. Enquanto que nos outros conjuntos as impressões de corda limitam-se a linhas horizontais simples, duplas ou múltiplas, situadas abaixo das bordas das vasilhas não restringidas ou no limite entre o bojo e o pescoço nas restringidas, na cerâmica Kadiwéu as cordas são utilizadas para traçar representações geométricas estilizadas e policromas, com a pintura das linhas impressas em tonalidades de branco e o preenchimento dos campos assim delimitados com tons em vermelho e preto. A decoração com impressão de corda e policromia Kadiwéu pode cobrir toda a superfície externa das vasilhas, sobretudo nas formas abertas, ou então restringir-se ao pescoço e/ou ao segmento superior do bojo. A Tradição Estampada e Incisa, por outro lado, se caracteriza pela impressão de têxteis e espigas de milho sobre as bordas dobradas, não raro em conjunto com motivos incisos e ponteados.

Apesar de Eremites de Oliveira (2009, p. 106) mencionar a prática de incisões no seu perfil da Tradição Chaquenha, a aplicação da técnica em questão é rara na cerâmica Kadiwéu e ausente na coleção do MS-CP-25 (SCHMITZ et al., 1998). Contudo, todas as outras fases, entidades e tradições contam com vasilhas decoradas com incisões, só que as presentes nas entidades argentinas e na Tradição Estampada e Incisa são mais elaboradas que as das fases Pantanal e Jacadigo. A variação das incisões na Fase Pantanal, formada por linhas múltiplas retilíneas e curvilíneas, talvez executadas com uma espécie de pente, ainda parece maior do que na Fase Jacadigo. É oportuno mencionar o conjunto detectado por Migliacio (2000, 2006, p. 334) nas camadas mais profundas e antigas dos aterros no Pantanal de Cáceres, sugestivamente referidos como “Inciso-Penteadado”, vagamente associado à Tradição Pantanal, porém a autora sublinhou “que a variabilidade existente nessa cerâmica ainda não é bem conhecida, nem está bem explicada”. A Tradição Descalvados também conta com padrões de incisos complexos, mas as incisões horizontais simples em barra foram tidas como mais típicas por Migliacio (2006).

A Entidade Goya-Malabrigo caracteriza-se por uma espécie de incisão estilizada denominada sulco rítmico, bem distinta dos padrões dos outros conjuntos, e a Tradição São Francisco pela presença de gravuras sobre engobo vermelho. Os Ponteados, geralmente associados às incisões, são mais frequentes na Entidade Goya-Malabrigo, na

Tradição Estampada e Incisa, e nas fases da Tradição Pantanal, com exceção da Castelo. Os beliscados, por sua vez, parecem mais frequentes nas fases Pantanal e Jacadigo.

Os apliques “al pastillaje” estão presentes na Tradição São Francisco e nas fases Pantanal e Jacadigo. No entanto, enquanto que na primeira a aplicação das tiras modeladas se restringe aos lábios das vasilhas fechadas de grandes proporções, nas fases retro referidas os apliques de filigranas estão associados a todas as classes e dimensões de vasilhas, tanto no lábio, geralmente reforçados ou dobrados, quanto na face externa. No caso da Fase Jacadigo, as filigranas de argila também eram aplicadas sobre os apêndices de suspensão. Contudo, a configuração dos apliques de filigranas na Fase Pantanal é um pouco diferente da Jacadigo. Em ambas as filigranas foram utilizadas de um modo estilizado, mas me parece que os motivos são mais sensíveis e elaborados na Fase Jacadigo, mas esta impressão pode ter sido enviesada pelas análises dos materiais recolhidos na TI Lalima. Amilcar Rodríguez (1992) menciona a utilização da técnica “al pastillaje” pelos portadores da Subtradição Ibicueña, porém o mesmo a associa à manufatura das vasilhas, não à decoração. As tradições São Francisco e, principalmente, a Estampada e Incisa, por sua vez, destoam das demais pelos rostos antropomorfos com olhos “grãos de café”, modelados e aplicados no pescoço e no seguimento superior das vasilhas restringidas com pescoço.

Assim como em relação aos acabamentos e decorações plásticas, algumas técnicas decorativas utilizadas no cromatismo das vasilhas das fases da Tradição Pantanal não são muito diferentes das usadas nas demais entidades e estilos inseridos na Macrotradição Pantanal e nas tradições Descalvados e Estampada e Incisa. Porém se por um lado o layout também é outro, principalmente em se tratando das pinturas, as variações entre umas e outras parecem ser mais evidentes do que no que se refere às decorações plásticas. O banho de engobo vermelho, presente em todos os conjuntos, é o cromatismo mais comum. No entanto, a frequência varia, sendo menor na Entidade Goya-Malabrigo e na Fase Taiaimã, e maior nas fases Jacadigo, Castelo e Pantanal, e nas tradições São Francisco e Descalvados. O engobo branco, presente na entidade Goya-Malabrigo, na Tradição Descalvados e nas fases Castelo e Pantanal, é menos frequente, assim como o engobo preto, registrado apenas na Fase Castelo e na Tradição Descalvados. Todavia, se por um lado Schimtz et al. (1998) consideraram o engobo branco na Fase Pantanal como uma influência “Tupiguarani”, por outro ressaltaram a distinção do engobo vermelho na Fase Jacadigo em relação à Pantanal.

De acordo com Schmitz et al. (1998, p. 227), Peixoto e Bezerra (2004), Felicíssimo et al. (2004, p. 337) e Migliacio (2000, 2006, p. 264, 270), as fases Jacadigo, Castelo e Taiamã não contam com vasilhas pintadas, ao contrário da Fase Pantanal, das entidades argentinas e das Tradições Descalvados e Estampada e Incisa. Sem embargo, as pinturas das vasilhas na Fase Pantanal e na Entidade Goya-Malabrigo variam menos do que na Entidade São Francisco, na Tradição Estampada e Incisa, e na Tradição Descalvados. Naquelas, predominam pinturas de linhas e faixas vermelhas, não raro estilizadas, embora a Fase Pantanal também conte com pinturas pretas. Na Tradição São Francisco destacam-se as pinturas vermelhas e brancas, isoladas ou em conjunto, e/ou, no caso das últimas, sobre engobo vermelho. Apesar da presença de faixas vermelhas e/ou pretas nos lábios e nas faces interna e externa em boa parte das vasilhas pintadas, a Tradição Descalvados se sobressai em relação às outras pela complexidade dos seus motivos geométricos. No vale do Cinti, as taçonas campaniformes associadas à Tradição Estampada e Incisa, tidas como semelhantes à dos Llanos do Mojos e relacionadas às atividades rituais e cerimoniais, apresentam pinturas pretas igualmente sofisticadas.

Por outro lado, talvez com exceção das fases Castelo e Taiamã, todos os outros conjuntos apresentam associações, combinações e sobreposições de tratamentos de superfície e decorações plásticas e cromáticas, porém cada qual ao seu modo. Outra semelhança digna de nota consiste na utilização de bordas e lábios reforçados, aplanados ou dobrados como suporte de decorações plásticas e cromáticas, como incisões, apliques “al pastillaje”, unglados, ponteados, entalhes, modelados e pinturas de faixas vermelhas, presentes na Entidade São Francisco, na Tradição Estampada e Incisa, e nas fases Pantanal e Jacadigo. Além do mais, é importante lembrar que apesar de Schmitz et al. (1998) não terem registrado a presença de pinturas na Fase Jacadigo, mesmo considerando que os autores taxaram os cromatismos observados nas fases por eles propostas como “vermelho”, a vasilha da Tradição Serra da Bodoquena exibida por Martins e Kashimoto (2012) conta com decoração mista, formada por apliques de filigranas de argila e pintura vermelha.

A coloração das superfícies, por sua vez, parece variar mais em função das matérias-primas do que das técnicas de cozimento, uma vez que a queima a céu aberto parece ter sido a regra, a despeito da presença significativa de vasilhas total ou parcialmente oxidadas na Tradição Descalvados e dos indícios de especialização no âmbito desta e da Tradição Estampada e Incisa. Enfim, as indústrias cerâmicas

associadas às fases Pantanal e Jacadigo e às tradições Goya-Malabrigo e Descalvados são mais diversificadas do que as outras, pois apresentam outros itens cerâmicos além do vasilhame, embora a Tradição São Francisco também conte com cachimbos.

Desafortunadamente, não há dados sobre materiais líticos porventura associados aos conjuntos de registros arqueológicos formados por cerâmicas análogas à Kadiwéu e à Tradição Estampa e Incisa, ao passo que os sítios vinculados à Fase Taiamã apresentaram apenas percutores, quebra-cocos e corantes, e os da Fase Jacadigo somente blocos despedaçados. Todavia, as outras fases da Tradição Pantanal, as entidades argentinas e a Tradição Descalvados contam com indústrias líticas constituídas por instrumentos brutos, lascados e polidos, confeccionados, principalmente, porém não exclusivamente, com matérias-primas locais. Em termos gerais, os utensílios brutos, compostos por percutores, pilões, bigornas, almofarizes e outros, modificados pelo uso ou com poucas modificações intencionais, são bastante semelhantes, assim como os lascados, confeccionados principalmente por meio de lascamentos expedientes, apesar do registro de artefatos talhados e retocados, principalmente nas tradições São Francisco e Descalvados. Os polidos também estão presentes em todos os contextos em cheque, principalmente na forma de lâminas de machado, enxós, goivas e mãos de pilão e de mó, porém a Tradição Descalvados conta com uma tecnologia polida mais formalizada do que os outros conjuntos, sobretudo por conta dos adornos, apesar do registro de cachimbos líticos na Tradição São Francisco, de bolas na entidade Goya-Malabrigo e de “pingentes esculpidos com forma de animais” na Fase Castelo (PEIXOTO; BEZERRA, 2004).

Por outro lado, a densidade de materiais líticos na Tradição Goya-Malabrigo e nas fases Pantanal e Castelo é menor do que nas tradições São Francisco e Descalvados. Com efeito, Schmitz et al. (1998, p. 242) observaram que a indústria lítica associada à Fase Corumbá I, constituída por núcleos, lascas, talhadores, percutores, blocos com depressões polidas e com superfícies deprimidas, bolas, lâminas e seixos com faces e/ou gumes polidos, e pingentes, é bem mais diversificada do que as das fases Corumbá II e Pantanal, respectivamente consideradas como “insignificantes” e “inexpressivas, aparecendo raras lâminas de machado com gargalo, talhadores simples, seixos e plaquetas usados sem modificação prévia e lascas de matérias-primas variadas”. Em se tratando de Goya-Malabrigo, a baixa densidade está associada à restrição de fontes de matérias-primas, tanto que os seus portadores intercambiaram núcleos com populações estabelecidas em outras regiões. Os portadores da Tradição São Francisco, apesar da

disponibilidade de fontes locais, também se empenhavam na aquisição de pontas de obsidiana. Por sua vez, a presença de contas de concha e de refugos associados à confecção das mesmas nos sítios interandinos no vale do Cinti, sugere que os portadores da Tradição Estampada e Incisa também estavam integrados em redes de intercâmbio, assim como as fontes históricas em relação aos Xarayés. Todavia, afora a ocupação dos aterros, adrede ocupado por portadores da Tradição Pantanal (Fase Taiamã e cerâmica Inciso-Penteada), e as hipóteses relativas à incorporação da impressão de corda e à integração de oleiras exógenas, as pesquisas arqueológicas ainda não têm muito a dizer sobre as relações de troca e interação entre os portadores da Tradição Descalvados e os povos estabelecidos em territórios circunvizinhos.

Os registros arqueológicos associados à indústria óssea são mais conhecidos na Entidade Goya-Malabrigo e na Fase Pantanal. Por um lado, isso se deve às melhores condições de preservação dos materiais orgânicos nos aterros. Porém, por outro, também é devido aos interesses dos investigadores, mais concernidos com as análises dos materiais inorgânicos, quando muito. Todavia, a densidade e a variação do artefactual ósseo na Entidade Goya-Malabrigo, constituída por pontas, arpões decorados com incisões, furadores, agulhas, espátulas e inaladores, confeccionados sobre ossos de mamíferos, inclusive camelídeos andinos, como lhama e guanaco, bem como peixes e aves, são maiores do que na Fase Pantanal, as quais contam principalmente com pontas, espátulas e dentes perfurados. Migliacio (2006, p. 120) menciona o achado de contas ósseas cilíndricas e discoidais em um montículo do sítio Jacaré (MT-PO-02), filiado à Tradição Descalvados. As contas de concha, por sua vez, apenas não foram observadas nos contextos da Fase Jacadigo, haja vista que Eremites de Oliveira (2004, p. 95) as encontrou no sítio Cayman I, formado por materiais cerâmicos análogos ao Kadiwéu, classificados pelo autor na Tradição Chaquenha. Por outro lado, apesar das condições ambientais adversas, os restos faunísticos e florísticos de alimentação foram encontrados, em maior ou menor grau, na maioria dos conjuntos considerados. No mais, é provável que a ausência de contas de concha na Fase Jacadigo esteja relacionada à carência de pesquisas mais detalhadas.

Afora as fases Jacadigo, Castelo, Taiamã e os sítios formados por materiais cerâmicos análogos aos dos Kadiwéu, apesar do achado de “fragmentos de ossos e dentes humanos” no sítio Cayman I por Eremites de Oliveira (2004, p. 95), todos os outros conjuntos de registros arqueológicos sublinhados contam com sepultamentos humanos. A princípio, os costumes funerários dos portadores da Fase Pantanal, das

entidades argentinas e das tradições Descalvados e Estampada e Incisa poderiam ser balizados pela relação entre presença e ausência de urnas funerárias, haja vista que todas apresentam sepultamentos diretos. No grupo da presença, constaria a Tradição São Francisco, a Entidade Estampada e Incisa, e a Tradição Descalvados. No outro, a Entidade Goya-Malabrigo e a Fase Pantanal. Os Mbaya-Guaikuru, cujas práticas mortuárias são conhecidas histórica e etnograficamente, também poderiam ser inseridos no conjunto dos sepultamentos diretos. No entanto, as variações funerárias não são sintetizáveis apenas com a definição entre os que têm e os que não têm urnas. No âmbito da Tradição São Francisco, as urnas funerárias parecem ter sido destinadas exclusivamente ao sepultamento de recém-nascidos, em cemitérios aliçados das áreas residenciais. Já na Tradição Descalvados, as urnas eram utilizadas no enterramento de crianças e adultos. Apesar do tamanho avantajado das urnas, o sepultamento dos adultos era predominantemente secundário e, não raro, múltiplo. O enterramento das crianças, por sua vez, era preponderantemente primário, em vasilhas menores e, talvez, em áreas específicas, a exemplo do montículo escavado no sítio Jacaré por Migliacio (2006, p. 215) e do cemitério identificado no sítio Descalvados (MT-PO-01) por Petrullo (1932), porém neste último caso os sepultamentos eram diretos. Por outro lado, as urnas funerárias típicas da Tradição Estampada e Incisa foram reproduzidas entre diversas culturas subandinas e utilizadas no sepultamento dos mortos em conjunto com as tumbas cistas.

De acordo com Schmitz et al. (1998), predominam os enterramentos primários e secundários na Fase Pantanal, ao passo que na Fase Corumbá I prevalece os diretos. Porém, tanto em um caso como no outro, os sepultamentos foram encontrados apenas nos aterros considerados assentamentos centrais. Posteriormente, Eremites de Oliveira (2009, p. 103-4) sugeriu que a variação nos modos de sepultamento estaria associada à mobilidade, considerada mais intensa entre os ceramistas. Destarte, os restos mortais dos indivíduos falecidos e enterrados primeiramente em assentamentos sazonais – como os aterros situados na planície de inundação e os acampamentos no sopé do Planalto do Urucum, teoricamente mais frequentados durante as cheias – seriam exumados e levados até os assentamentos centrais, onde seriam sepultados novamente, em conjunto com outros enterramentos secundários e com os primários, os quais, por sua vez, pertenceriam aos indivíduos mortos nos assentamentos centrais ou nas proximidades. O acompanhamento funerário era mais variado nos sepultamentos da Tradição Descalvados e, em menor medida, na Entidade Goya-Malabrigo, as quais eram seguidas

pelas Fases Pantanal e Corumbá I, pela Tradição Estampada e Incisa, embora ainda se saiba pouco acerca desta, e, por último, pela Tradição São Francisco.

Finalmente, apesar da inserção das fases Pantanal, Jacadigo, Castelo, Taiamã e do sítio MS-CP-25 na Tradição Pantanal, de um lado, e da inclusão desta, da Tradição Chaquenha, do Estilo Guaná-Mbayá, do Complexo Alto-Paraguaiense e das entidades Goya-Malabrigo e São Francisco na Macrotecnologia Pantanal, de outro, a revisão proporcionada acima sugere que a gênese e o desenvolvimento das populações portadoras destes conjuntos foram tão complexas e singulares que não é possível sintetizá-las através das classificações propostas por Schmitz et al. (1998) e Eremites de Oliveira (2004). Mesmo admitindo a existência de relações estruturais mais profundas entre estas populações, inclusive entre portadores de matrizes culturais distintas, a pressuposição de elos culturais e tecnológicos, e, conseqüentemente, de relações de continuidade e mudança entre todas estas populações, do modo como explícito e implícito nas noções classificatórias dos investigadores citados acima, simplifica a dinâmica histórica e cultural associada às origens e trajetórias dos povos em cheque, e obscurece os contextos sociais, espaciais e temporais dos “inputs” estimulados pela interação entre eles.

Sem questionar a lisura de Schmitz et al. (1998) e de Eremites de Oliveira (2004), a Tradição Pantanal e a Macrotradição homônima desembocam em concepções semelhantes às de Amilcar Rodríguez (1992), explicitamente inspiradas pelo PRONAPA. Conforme o último arqueólogo citado, os caçadores-coletores teriam incorporado a cerâmica em um período de aridez a partir da mesma fonte difusora, oferecendo como elementos comprobatórios certas semelhanças adaptativas presumidas entre uns e outros, supostamente materializadas nos artefatos líticos, principalmente nos informais e expedientes, e nas vasilhas cerâmicas, sobretudo em se tratando das formas mais simples, como as tigelas, as panelas e os potes. Assim, argumentando que a variabilidade entre as tradições Planáltica, Savanas Baixas e Ribeirinha-Paranaense “es de carácter regional y atribuible a la... reelaboración que cada entidade impimió al recibirla”, Amilcar Rodríguez (op. cit., p. 207) considerou que “está claro que las distintas tradiciones cerámicas, con excepción de la Tupiguaraní, comparten una serie de rasgos... lo cual podría implicar... un ancestro común para todas ellas”.

Uma crítica avassaladora ao modelo pronapiano em relação à suposta continuidade entre os caçadores-coletores da Tradição Humaitá e os ceramistas das tradições Taquara, Itararé e Casa de Pedra pode ser conferida na revisão sobre a

arqueologia e a história dos Jê na região Sul do Brasil, elaborada por Noelli (1999). Do ponto de vista deste investigador, as ideias pronapianas sobre a origem das tradições ceramistas acima referidas foram concebidas a partir de um programa de pesquisas desconectado do panorama americanista. Destarte, ao desconsiderar os dados antropológicos e históricos a respeito dos povos indígenas no Sul do Brasil, principalmente as implicações linguísticas e as informações etnográficas, os pronapianos acabaram “reinventando a roda”, sugerindo uma origem autóctone através da conjuração de mecanismos evolucionistas e difusionistas. Considerando resolvida a questão da continuidade histórica entre os Jê do Sul, como os Kaingang e Xocleng, e os registros arqueológicos Taquara-Itararé-Casa de Pedra, Noelli (op. cit., p. 292), apoiado por uma perspectiva interdisciplinar, concluiu que:

O atual conjunto de dados etnológicos/linguísticos/biológicos e arqueológicos sustentam a hipótese de que a origem e expansão dos Kaingang e Xocleng começou a partir de uma área fora do sul – a ser definida –, no Brasil central e áreas vizinhas acima do Paralelo 16°, onde está concentrada a maioria das populações do tronco Macro-Jê.

Na opinião de Schmitz et. al. (1998, p. 243), a resposta referente às questões sobre as relações de continuidade entre o período pré-cerâmico e cerâmico, os processos associados ao surgimento da cerâmica da Tradição Pantanal e as identidades étnicas e culturais dos grupos indígenas coloniais que a portavam, “ainda é desconhecida”. Mesmo assim, eles calcularam, logo na sequência, a “boa probabilidade de que a fase Jacadigo... seja de populações Mbayá-Guaicuru”. Efetivamente, os autores observaram que a estratigrafia dos aterros foi perturbada pelos próprios indígenas que os ocuparam, principalmente os ceramistas, e que a cerâmica é “diversificada” desde o princípio, lançando como hipóteses não resolvidas a adoção da mesma pela “população local” ou a substituição desta por uma “nova população”. Em troca, Eremites de Oliveira (2009, p. 98-99), baseado nos mesmos dados que os arqueólogos retro citados, pensa que “as pesquisas... sugerem a possibilidade de... continuidade... na área abrangida pelo *Projeto Corumbá*... desde os... pescadores-caçadores-coletores a-ceramistas, sobretudo os mais tardios, até os... da tradição... *Pantanal* (...)”. Já em relação à origem da cerâmica, paradoxalmente, o autor considera que, como

Até pouco tempo quase nada se sabia sobre o assunto (...) quaisquer interpretações que não estejam... baseadas em dados arqueológicos tornam-se... insustentáveis, inclusive modelos difusionistas e representações etnográficas não pautadas por observações diretas” (EREMITES DE OLIVEIRA, 2009, p. 103).

Sem embargo, não só é obvio que a dinâmica das culturas indígenas não surgiu com o colonialismo, como é evidente que os registros arqueológicos indígenas possuem significados históricos e culturais. Por outro lado, como bem demonstrado no que se refere aos Jê do Sul por Noelli (1999), e, antes dele, por Brochado (1984) e pelo próprio Noelli (1993), porém em relação aos Guaraní, o cruzamento de dados antropológicos, históricos e arqueológicos é fundamental na proposição de hipóteses e modelos coerentes. Destarte, tendo como base os princípios da linguística histórica e o fato dos falantes de línguas Mbayá-Guaikuru serem a maioria no Chaco, a possível continuidade entre pré-ceramistas e ceramistas, e a probabilidade da cerâmica da Fase Pantanal, a mais antiga na bacia platina, ter sido reproduzida até o período colonial por povos Mbayá-Guaikuru, como os Payaguá e, talvez, os Guaxarapó, não só é muito provável que grupos étnicos diversos, porém falantes de línguas Mbayá-Guaikuru, já estivessem estabelecidos no Chaco antes da chegada dos portadores de matrizes culturais Macro-Jê, oriundos do Planalto Central, e Arawak e Guaraní, da Amazônia, como também não é impossível que algumas destas diversas etnias tenham sido os portadores da tecnologia cerâmica da Fase Pantanal e os ancestrais dos povos que ficaram conhecidos historicamente. Porém, é importante ressaltar que o Chaco também era ocupado por uma série de outros povos, falantes de línguas relacionadas a outras famílias linguísticas, como Mascoy, Lule-vilela, Mataco e Zamuco, além dos grupos de filiação linguística desconhecida, sobretudo na bacia do Bermejo, como os Malbalá e Matará, e do Alto Paraguai, a exemplo dos Orejones, Artanes, Yacaré e Perobozones, entre outros (METRAUX, 1946, p. 231-2, 245-46). Logo, é igualmente possível que os ancestrais desses povos também tivessem ocupado o Chaco e incorporado a cerâmica antes da chegada ou mesmo da influência dos povos oriundos do planalto central e da Amazonia, assim como os Mbayá-Guaikuru.

Em relação às fases Castelo e Taiamã, o problema é ainda mais complicado. Apesar do pouco conhecimento a respeito dos portadores da Fase Taiamã e da cerâmica Inciso-Penteadá, os vislumbres baseados no pressuposto de que os Guató falam línguas

Macro-Jê, permitiriam inferir que os seus ancestrais teriam se estabelecido ou influenciado a ocupação indígena nas planícies inundáveis desde o surgimento dos aterros na região, a cerca de 2.200 anos atrás, portanto antes da chegada dos Amazônicos, ou mesmo adrede. Deveras, há uma série de datas antigas nas serranias em torno de Jangada e de Rondonópolis, no Mato Grosso, drenadas pelos tributários da margem direita do alto Paraguai, não muito distantes de Cáceres, relacionadas tanto a ocupações caçadoras-coletoras, datadas entre 23 e 2 mil AP, e ceramistas, associadas às Tradições Una, Uru, Tupi-Guarani e Bororo, situadas entre 2.390 e 250 AP (FIGUTTI, 2006, p. 214; VIALOU, 2005, p. 104-6; VIALOU, 2006, p. 220-1; WÜST, 1999, p. 305). Porém, se por um lado Ribeiro (2006, p. 422) considera a filiação da língua Guató ao tronco linguístico Macro-Jê como “an open question”, Sandalo (2002, p. 65) relata que os cognatos encontrados entre a língua Bororo, da família Macro-Jê, e o “Proto-Guaykurú” sugere “um parentesco genético ou... um contato robusto”. Por outro lado, se essas indicações linguísticas não haviam sido observadas por Wüst (1990), não se pode dizer que elas contradizem as linhas gerais das suas interpretações acerca das origens pluri-étnicas dos Bororo, decorrentes da simbiose cultural entre as populações indígenas portadoras das tradições Una, Uru e Tupiguarani.

Os portadores da Entidade Goya-Malabrigo, a despeito das hipóteses filogenéticas, podem ter se originado a partir de processos de etnogênese associados à difusão não essencialista do ethos Arawak. O mesmo pode ser conjecturado em relação às tradições Descalvados e Estampada e Incisa de Bordas Dobradas. Contudo, apesar das reflexões acerca dos mecanismos de transmissão e dos processos de formação dos seus correlatos arqueológicos, a discussão em torno da expansão Arawak no Pantanal ainda é embrionária, apesar dos estudos seminais de Max Schmidt e Branislawa Susnik, de um lado, e das pesquisas arqueológicas no Pantanal de Cáceres e nas terras firmes adjacentes, de outro (MARTINS; KASHIMOTO, 2000; MIGLIACIO, 2000, 2000-2001, 2006; PETRULLO, 1932). O mesmo pode ser dito em relação à Argentina e à Bolívia, onde as considerações preliminares de Torres (1911), Nordenskiöld (1902, 1930) e Serrano (1962), foram reconsideradas apenas recentemente, por Politis & Bonomo (2012) e Alconini McElhinny e Rivera Casanovas (2003). Quanto à Tradição São Francisco, é difícil dizer mais do que já foi dito, mas fica a deixa.

Em Mato Grosso do Sul, como muito bem pautado por Ferreira (2009) em relação às estratégias discursivas utilizadas na deslegitimação das reivindicações territoriais dos índios Terena, há uma tendência em considerar a presença Arawak no

Pantanal como datada do período histórico. Contudo, não só é fato que os Guaikuru, os Terena e outros Guaná, como os Laiana e os Quiniquinao, se assentaram nas regiões de Corumbá e Miranda antes do *utis posseditis* português – embora isso nem venha ao caso, pois a tradicionalidade territorial não está diretamente correlacionada com a persistência espaço-temporal – como também é provável que povos Arawak tenham se estabelecido na região em períodos pré-históricos. Seja como for, a arqueologia e a etnografia no Pantanal sul-mato-grossense podem ser consideradas peças-chave no quebra-cabeça da expansão Arawak, na medida em que a interação entre os Guaná, os Mbayá-Guaikuru e o colonialismo podem estar contextualmente associados à manutenção da tecnologia ceramista semelhante à Kadiwéu e ao desenvolvimento da cerâmica Terena, as quais, sucessivamente, apresentam uma série de elementos em comum com as tecnologias ceramistas arqueológicas e etnográficas relacionadas aos Arawak.

2 A Fase Jacadigo na Aldeia Lalima

2.1 A Terra Indígena Lalima

A TI Lalima, mais conhecida como Aldeia Lalima, situa-se no centro-oeste do Estado de Mato Grosso do Sul, na margem direita do médio curso do rio Miranda, um dos principais tributários da margem esquerda do curso pantaneiro do rio Paraguai, no município de Miranda, a cerca de 50 Km ao sul do perímetro urbano (Mapa 2).

Mapa 2: Localização da Terra Indígena Lalima.

Nos termos do Atlas Multirreferencial de Mato Grosso do Sul (SEPLAN, 1990) – baseado, em boa medida, no RADAMBRASIL (BRASIL, 1982) – e do estudo fisiográfico e geoecológico do Pantanal elaborado por Ab’Sáber (2006), Lalima encontra-se nos piemontes do centro do dorso da depressão interplanáltica de Miranda, entre as escarpas da borda noroeste da bacia sedimentar do Paraná, ao leste, o lineamento da Serra da Bodoquena, ao oeste, e a planície do Pantanal, ao norte. O relevo, balizado entre 300 e 100 manm, apresenta formas dissecadas (convexas, tabulares e aguçadas), erosivas (pediplanos, pedimentos e inselbergs) e aluviais (planícies e terraços fluviais). Os sedimentos são formados por depósitos arenosos, argilosos e litólicos, originados através de processos pedogenéticos e erosivos envolvendo os arenitos fanerozóicos da bacia do Paraná e as rochas xistosas, quartzosas, quartzíticas, filíticas e calcárias pré-cambrianas do Grupo Cuiabá.

Atualmente, predominam áreas de ação antrópica associadas à pecuária, porém a região encontra-se no domínio dos cerrados (cerrado, cerradão, campo sujo e campo limpo) e das florestas estacionais semidecíduas e decíduais (matas submontanas e galerias). O clima foi classificado como Termoxeroquimênico Atenuado, com temperatura média de 24° C, pluviosidade entre 1.200 e 1.400 mm, e estiagem entre maio e agosto. A diversidade florística e faunística, característica do Pantanal, já foi muito maior, mas ainda é alta.

Os índios, por sua vez, se referem à área e ao seu entorno, de um modo geral, como “Serra”. A parcela territorial ocupada atualmente, chamada de “Divisa da FUNAI”, possui pouco mais de 3 mil há, superpovoados por mais de 1.300 almas, cercados pela Fazenda Santa Rosa, ao norte, o assentamento Tupãbaé, ao leste, a Fazenda Vargem Grande, ao sudeste, e o rio Miranda, ao sudoeste (Mapa 3). Lalima conta com dois grandes bairros, denominados “Sede” e “Campina”. O primeiro, subdividido na “Sede” propriamente dita, na “Vila Pantanera”, no “Baxadão” e no “Morrinho”, localiza-se em uma colina suave no centro oeste da área, em torno do Posto Indígena da FUNAI e da Igreja Católica, construídos no tempo do SPI, bem como da Escola e do Posto de Saúde, mais recentes, e corresponde à localidade mais urbanizada da Aldeia. A Campina, por sua vez, situa-se na entrada da TI, entre a margem esquerda da “nascente do Guanandi” e a direita do “córgo do Lima”, nos sopés da vertente oeste do “Morro do Jaraguá”, e é quase tão povoada quanto a Sede. Ainda há outras duas localidades ocupadas permanentemente, porém por um número menor de pessoas, situadas em uma parte do território tradicional retomada pela comunidade, denominadas “Barrero”, na margem esquerda do “cór. do Barrero”, e “Potrero”, nas cabeceiras do Barrero, no sopé do “Morro do Potrero”.

De acordo com os índios, o território tradicional, denominado “Divisa do Lalima”, era bem maior do que a Divisa da FUNAI (Mapa 3). A Divisa do Lalima se inicia na “Lagoa do Arrozal”, no “Deságue do córgo Fundo”, bem à jusante da “Portera” – onde atualmente se encontra um dos limites da Divisa da FUNAI na margem do Miranda. Da foz do cór. Fundo, a Divisa do Lalima subia o curso do mesmo, passando por uma série de lugares significativos, principalmente marcos territoriais, lugares de memória e áreas de captação de recursos, até um lugar denominado “Goiabal”. A partir daí, a Divisa tendia no sentido sudoeste, passando novamente por uma série de outros lugares significativos, até a “Praia Grande” e o “Poço Azul”, situados novamente na margem direita do Miranda, só que bem mais à

montante da “Placa do Furado” – onde, por sua vez, se localiza o outro limite da Divisa da FUNAI na beira do Miranda.

Mapa 3: Paisagem cultural na Terra Indígena Lalima.

Os índios ainda contam que antes do estabelecimento da Divisa da FUNAI, o Capitão Inocência Xavier, celebrenente considerado como um dos últimos chefes Guaikuru de Lalima, reagiu à usurpação do território tradicional, através da delimitação de uma área referida pelos índios como “Divisa do Inocência” (Mapa 3). Esta, por sua vez, era menor do que a Divisa do Lalima, mas era maior que a Divisa da FUNAI. A Divisa do Inocência começava na “Figuera”, situada à montante da Portera, porém bem mais à jusante do Deságue do córgo Fundo. Da Figuera, o território definido pelo Cap. Inocência seguia pelo curso do “Córrego do Jaraguá”, passando, mais uma vez, por uma série de lugares significativos, até o “Canto do Jaraguá”, situado no sopé setentrional do Morro do Jaraguá. Daí, a Divisa do Inocência seguia, no sentido sudeste, até a “Campina do Cidronho”, localizada exatamente no mesmo lugar onde atualmente se encontra o Potrero. A partir do Cidronho, a Divisa do Inocência tendia na direção sul-sudeste, até o “Lagoão”, na margem do Miranda, bem à montante do Furado, porém não muito distante da Praia Grande e do Poço Azul. Após a sua demarcação, o Capitão Inocência se assentou na vertente leste do Morro do Jaraguá, próximo da margem direita do “Córrego do Macaco”, em um lugar denominado pelos índios de “Campina do Inocência”, onde permaneceu até adoecer. Posteriormente, no séc. XX, porções da Divisa do Inocência situadas ao noroeste e ao nordeste-leste-sudeste da Divisa da FUNAI foram paulatinamente usurpadas pelas fazendas Santa Rosa e Vargem Grande, e pelo INCRA. A perda territorial cessou com a demarcação da FUNAI, no final dos anos 80, e com a retomada do Potrero, sucessivamente.

2.2 Levantamento arqueológico

A pesquisa arqueológica na TI Lalima resultou na obtenção de dados sobre a trajetória histórica de formação territorial dos portadores da Fase Jacadigo, Guarani e da história de Lalima propriamente dita, formada pelos contextos arqueológicos Guaikuru e Terena (Mapa 4). Os contextos arqueológicos formados por fragmentos cerâmicos similares aos da Fase Jacadigo foram encontrados nos sítios Córrego Lalima, Asa de Pote e Potrero, e nas áreas de ocorrência 4, 7 e 10 (Tabela 1). Os contextos Guarani, por sua vez, foram observados nos sítios Córrego Lalima, Asa de Pote, Tapera do Gino e Campina, bem como na ocorrência 5. Os contextos Guaikuru estão presentes nos sítios Tapera do Gino, José Rondon de Souza, Limpão, Manoel de Souza Neto, Estrada e na

ocorrência 2, e os Terena nos sítios Tapera da Urumbeva e Tapera do Pirizal. Ainda detectei mais dois sítios e seis áreas de ocorrências arqueológicas não identificadas em termos tecnológicos, históricos ou culturais, denominados, respectivamente, Anita Vieira e Hélio Correia, e ocorrências 1, 3, 6, 8, 9 e 11 (Anexo 1: Tabela 1).

Mapa 4: Localização dos sítios e áreas de ocorrência arqueológica na TI Lalima.

Com exceção do sítio Córrego Lalima, detectado por Gilson Rodolfo Martins em maio de 2003 (KASHIMOTO; MARTINS, 2008, p. 153, 155), todos os outros sítios e áreas de ocorrência citados acima vêm sendo registrados desde 2005, depois que comecei a investigar a história cultural da ocupação indígena na TI Lalima. É oportuno esclarecer que não existe nenhum córrego com o nome de Lalima no território da Aldeia. Os índios se referem ao curso d'água próximo do sítio Córrego Lalima como “córrego do Lima”, em alusão a uma pessoa morta.

Em termos gerais, os “sítios” correspondem às áreas que apresentam concentrações de materiais arqueológicos, e as “áreas de ocorrência” às áreas com materiais isolados ou em baixa densidade. É importante deixar claro que o conceito de sítio adotado aqui inclui as áreas de concentração de materiais arqueológicos independente da sua função no sistema/padrão de assentamento. Destarte, os sítios listados adrede podem corresponder tanto a aldeias quanto a áreas de atividades

específicas. As áreas de ocorrência, por sua vez, são áreas que, antes de qualquer coisa, precisam ser investigadas mais detalhadamente. Algumas podem corresponder a sítios, outras podem estar associadas a outros sítios, outras podem tratar-se de artefatos perdidos, abandonados ou deixados em caminhos, acampamentos e/ou em atividades votivas, e outras podem ter sido tiradas de contexto. Seja como for, a frequência de sítios e áreas de ocorrência mostra o quanto a paisagem vem sendo apropriada e domesticada pelas populações indígenas que se estabeleceram territorialmente em Lalima ao longo do tempo.

Tabela 1: Sítios e áreas de ocorrência arqueológica da Fase Jacadigo da Tradição Pantanal na Terra Indígena Lalima

Sítio/ Ocorrência	UTM 21K	Atividades de pesquisa	Implantação na paisagem	Altimetria (manm)	Espessura (m)	Observações
Córrego Lalima	574802/ 7725523	Registro, topografia, coleta de superfície, escavação de sondagens e poços- teste, datação, análise cerâmica, descrição lítico	Topo e alta encosta de colina suave, margem esquerda do cór. do Lima, sedimento arenosos, argiloso e lítico, vegetação doméstica, localidade Sede	160	0,70	Sítio multicompo- nencial, também formado por materiais Guarani
Asa de Pote	574450/ 7727296	Registro, topografia, coleta de superfície, escavação de sondagens e poços- teste, datação, análise cerâmica, descrição lítico	Topo e alta encosta de colina suave, margem esquerda da nascente do Guanandi, sedimento arenoso, siltoso e argiloso, vegetação doméstica e agricultura, localidade Campina	180	0,50	Sítio multicompo- nencial, também formado por materiais Guarani
Potrero	580296/ 7725567	Registro, topografia, coleta de superfície, escavação de sondagens e poços- teste	Piemonte do morro do Potrero, cabeceira da margem esquerda do cór. Barrero, sedimento arenoso, siltoso e argiloso, vegetação doméstica, pastagem e mata secundária, localidade Potrero	200	0,30	Área: 10,64 há
Ocorrência 4	575998/ 7724418	Registro	Baixa encosta de colina suave, margem direita do cór. do Matinho, sedimento arenoso, localidade Garrafão, agricultura e mata secundária			
Ocorrência 7	575715/ 7728224	Registro	Piemonte do morro do Jaraguá, cabeceira da margem direita do cór. do Barrero, sedimento arenoso e argiloso, localidade Canto do Jaraguá, pastagem e mata primária			
Ocorrência 10	575521/ 7727028	Registro	Piemonte do morro do Jaraguá, cabeceira da margem esquerda do cór. Barrero, sedimento arenoso, siltoso e argiloso, localidade Campina, agricultura e mata secundária			

Os sítios Córrego Lalima, Asa de Pote e Urumbeva foram abordados através de atividades de coleta em superfície, através do estabelecimento de áreas amostrais de coleta, e subsuperfície, a partir da escavação de sondagens com trado-articulado e poços-teste de 1 m², por níveis artificiais de 10 cm de profundidade, durante as pesquisas relativas à minha dissertação. Já os sítios Potrero e Tapera do Gino foram investigados mais recentemente, por meio da mesma metodologia, porém de uma forma mais intensiva.

Como pode ser observado no mapa com a localização dos sítios e áreas de ocorrência na TI Lalima, os contextos arqueológicos associados à Fase Jacadigo encontram-se em cotas altimétricas mais elevadas do que os sítios Guarani, Guaikuru e Terena (Mapa 4). Por outro lado, os contextos Guarani estão associados tanto à Fase Jacadigo, nos sítios Córrego Lalima e Asa de Pote, quanto Guaikuru, no sítio Tapera do Gino. Os contextos da Fase Jacadigo e Guaikuru estão associados apenas com os Guarani, porém em sítios multicomponenciais distintos. De qualquer modo, mesmo os sítios Guarani não estão implantados em cotas tão altas como os da Fase Jacadigo. Os contextos Terena não foram observados em sítios multicomponenciais, porém estão próximos dos contextos Guaikuru, majoritariamente localizados em cotas mais baixas, nas proximidades da margem direita do rio Miranda – “bem escondidinho”, segundo o Sr. Manoel.

Tabela 2: Densidade de materiais arqueológicos em superfície na Terra Indígena Lalima

Sítio	Tradição tecnológica	Cerâmica (g)	Lítico (g)	Área (há)	Densidade (g/m ²)
Córrego Lalima - Setor 2	Fase Jacadigo	9905	7122	1,62	1,05104938
Córrego Lalima - Setor 1	Guarani	12500		1,2936	0,96629561
Tapera do Gino	Guarani/ Fase Jacadigo	5097	2936	1,9173	0,4189746
Tapera do Limpão	Guaikuru	957		0,25	0,3828
Tapera do Urumbeva	Terena	776		1	0,0776
José Rondon de Souza	Guaikuru	380		0,75	0,05066667
Asa de Pote - Setor 2	Fase Jacadigo	1770	1534	9	0,03671111

Sem embargo, os contextos arqueológicos da Fase Jacadigo apresentam, ao mesmo tempo, a maior e a menor densidade de materiais arqueológicos em superfície, observadas, respectivamente, no setor 2 do sítio Córrego Lalima e no setor 2 do Asa de Pote (Tabela 2). Os correlatos Guaikuru e Terena, por sua vez, apresentam densidades

de materiais arqueológicos em superfície menores que o contexto da Fase Jacadigo no setor 2 do sítio Córrego Lalima e o contexto Guarani no setor 1 do mesmo, sendo que a densidade em superfície nos sítios Tapera do Urumbeva e José Rondon de Souza é quase tão baixa quanto no setor 2 do Asa de Pote.

O setor 2 do Córrego Lalima situa-se na porção norte de uma colina suave, entre 154 e 161 m acima do nível do mar, nas proximidades da nascente da margem esquerda do cór. do Lima (Mapa 5). No sentido do poente, a visibilidade de entorno alcança uma extensão considerável do curso do rio Miranda e da serra da Bodoquena, localizada na outra margem, bem mais além. Na direção oposta, a visibilidade não é tão vasta, mas impetra as encostas e os piemontes da vertente oeste do morro do Jaraguá, situado na porção oeste da Divisa da FUNAI.

Além do setor 1, constituído majoritariamente por materiais Guarani, o sítio Córrego Lalima ainda foi subdividido em mais dois setores, denominados 3 e 4. Apesar de contarem com “núcleos” bem evidentes, os limites entre os setores 1 e 2 não foram definidos claramente. O setor 3, por sua vez, foi submetido à atividades de coleta em superfície e subsuperfície, assim como os setores 1 e 2, porém os registros arqueológicos ainda não foram analisados. O setor 4, localizado em uma área menos ocupada da colina, ao sudeste, foi apenas registrado. Não obstante, observei materiais Guarani e da Fase Jacadigo tanto no setor 3 quanto no 4.

O sítio Córrego Lalima pode ser visto como a base da Sede, a localidade mais “urbanizada” da TI. O Setor 2 é formado por uma quadra mais ou menos retangular, delimitada por estradas, ocupada por 10 famílias, a maioria aparentada, distribuídas em 24 casas, isoladas ou em grupos de até três unidades, majoritariamente construídas em madeira, bambu, palha e chão batido, porém também existem casas de madeira e alvenaria. Uma das pessoas mais ilustres do lugar é a “Vovó Nhola”, uma anciã com 101 anos de idade, bem como seus filhos, filhas, netos, netas, bisnetos, bisnetas e afins, impossíveis de serem nomeados aqui. Além das estruturas de habitação, também foram construídos banheiros e fossas, inclusive de alvenaria, bem como galinheiros, chiqueiros, mangueiros e outras facilidades, como churrasqueiras, lixeiras, regos de escoamento e um campinho de futebol.

A vegetação é composta exclusivamente por espécies domesticadas e/ou manejadas, esparsas pela quadra ou distribuídas em bosques, hortas, roças, pastos e jardins, contidos nos quintais em torno das casas, ao longo dos caminhos de acesso, ou em áreas próximas. Em termos amplos, as plantas são destinadas ao consumo humano e

SÍTIO ARQUEOLÓGICO CÓRREGO LALIMA MS-MI-01

LEGENDA

- PT1 Poço teste
- Sondagem
- Sondagem com material arqueológico
- Material cerâmico coletado em superfície
- Material lítico coletado em superfície
- ▤ Edificação
- Cerca
- Estrada

N

0 30 60 90 120m
ESCALA

Origem das coordenadas UTM: Equador e Meridiano de 57° W de Greenwich acrescidas as constantes 10.000.000m e 500.000m, respectivamente - Datum SAD69 (Zona 21S).

- Equidistância das curvas de nível: 1m.
- Elementos traçados foram estimados a partir de imagem de satélite (Google Earth).

animal, à fitoterapia, à sociabilidade, à expiação e ao embelezamento do lugar, entre outras práticas, tanto profanas quanto mágicas. As mangueiras, de várias espécies, são profusas e enormes, e suas copas podem ser vistas de longe. As laranjeiras são igualmente abundantes, bem como os limoeiros, bergamoteiras, bananeiras, aceroleiras, jabuticabeiras, goiabeiras, ingazeiros, mamoeiros, jaqueiras e várias outras, como abacaxizeiros e canaviais. Muitas residências são adornadas com flores e orquídeas, e protegidas por plantas mágicas, como fumo e espada de São Jorge. As palmeiras, principalmente as bocaiúvas, também estão presentes, do mesmo modo como uma série de ervas, cascas e raízes medicinais. As áreas menos ocupadas da quadra, ao norte, são utilizadas como pastagens de cavalos, ovelhas, cabras e gado. Os quintais também são usados no cultivo de hortaliças e na criação de galinhas, patos, gansos, porcos, cães, gatos, papagaios, araras, mutuns, macacos e catetos.

Os sedimentos estão revolvidos e expostos na maior parte do setor, principalmente por conta das construções de estradas e das estruturas domésticas, e das atividades de conservação, limpeza e manejo dos quintais. Em superfície, os sedimentos apresentam textura arenosa, coloração marrom-claro (10YR6/3), consistência solta e macia. Em subsuperfície, foram observadas camadas de sedimentos areno-argilosos escuros, amarronzados e acinzentados (10YR3/3, 10YR3/2, 10YR2/2, 7.5YR3/2, 7.5YR3/3, 7.5YR4/4), a até 40 cm de profundidade, e, abaixo destas, sedimentos argilosos, duros, amarronzados e avermelhados (7.5YR4/6 e 2.5YR3/6) (Figura 13). Ao norte e ao nordeste, o topo e as encostas da colina são formados por uma cascalheira constituída por blocos de quartzo e quartzito.

Embora o sítio como um todo conte com uma área de aproximadamente 40 hectares, os limites da dispersão dos registros arqueológicos associados aos materiais cerâmicos semelhantes aos da Fase Jacadigo não puderam ser definidos. O setor 2, porém, conta com aproximadamente 1,62 há de área e 0,70 cm de espessura. A maioria dos registros arqueológicos, formados principalmente por materiais cerâmicos e líticos, foi recolhida em superfície e nas camadas escuras, geralmente em contexto com refugos de materiais de origem industrializada, como plásticos, vidros e latas, e restos faunísticos de alimentação, provavelmente recentes – haja vista que há um local específico no quintal destinado à carneação de mamíferos, peixes e aves (Fotos 1 e 2, Anexo 2: Tabelas 1, 32).

A área de dispersão dos materiais Guarani no sítio Córrego Lalima também não foi delimitada, porém o setor 1 conta com ao menos 8 há de área e 0,30 cm de espessura

(Mapa 5). As coletas de superfície foram efetuadas em um campo de futebol e pelo seu entorno, em uma área de 1,2936 há. É interessante sublinhar que não registrei materiais líticos em contexto com os fragmentos cerâmicos Guaraní recolhidos em superfície no setor 1, apesar de ter encontrado quatro peças em subsuperfície. Mesmo assim, considerando apenas a massa cerâmica, a densidade de materiais arqueológicos em superfície no setor 1 do Córrego Lalima é quase a mesma do setor 2. Por outro lado, a frequência de materiais recolhidos em subsuperfície no setor 2 do Córrego Lalima é maior do que no setor 1 (Anexo 3: Tabela 1). Os contextos Guaikuru e Terena também contam com frequências de materiais em subsuperfície menores que o setor da Fase Jacadigo no Córrego Lalima. Todavia, a espessura do depósito arqueológico na Tapera do Gino alcança o nível 6 (Anexo 5: Tabela 1, Anexo 6: Tabela 1).

Figura 13: Sítio Córrego Lalima, setor 2, Perfil norte do poço-teste 4: A) areia fina marrom-escuro (10YR3/3); B) areia fina marrom-acinzentado-escuro (10YR3/2); C) sedimento silte-argiloso, marrom-escuro (7.5YR3/2), com materiais arqueológicos da Fase Jacadigo e refugos de materiais industrializados associados ao contexto etnográfico atual; D) sedimento silte-argiloso, marrom-escuro (10YR2/2), com materiais da Fase Jacadigo e refugos de materiais industrializados; E) sedimento mosqueado, marrom-escuro (7.5YR3/2) e marrom-avermelhado-escuro (5YR3/4), com materiais da Fase Jacadigo em baixa densidade e sem refugos de materiais industrializados; F) sedimento argiloso, vermelho-escuro (2.5YR3/6), sem materiais arqueológicos.

O sítio Asa de Pote está implantado no topo e nas encostas de um colo piemontano, com formato alongado e declive suave, entre 175 e 185 m acima do nível do mar, nas proximidades da margem esquerda da nascente do Guanandi (Mapa 6). A visibilidade de entorno é ainda mais ampla do que no sítio Córrego Lalima, sobretudo no sentido oeste, pois além do curso do Miranda e da serra da Bodoquena, a vista

SÍTIO ARQUEOLÓGICO ASA DE POTE - MS-MI-06

LEGENDA

- PT1 Poço teste
- Sondagem
- Sondagem com material arqueológico
- Material cerâmico coletado em superfície
- Material lítico coletado em superfície
- Material pilhado
- Leira
- Edificação
- Estrada

- Equidistância das curvas de nível: 1m.
- Elementos tracejados foram estimados a partir de imagem de satélite (Google Earth).

alcança parte do curso do cór. Fundo, um tributário perene da margem direita do Miranda, à jusante de Lalima, considerado pelos índios como uma das balizas do território tradicional. O Asa de Pote também pode ser visto como a base de parte da Campina, o bairro quase tão urbanizado quanto a Sede. Porém se por um lado a quantidade de estradas e casas é menor do que no Córrego Lalima, por outro a maior parte da área é utilizada em atividades agrícolas, as quais, por sua vez, incluem práticas de limpeza, fertilização e preparação do solo através de queimadas, construção de curvas de nível, chamadas de “leras”, com trator de esteira, a fim de conter a erosão pluvial e delimitar os campos de cultivo, e arado mecanizado. O plantio, a manutenção e a colheita, por sua vez, são atividades braçais, efetuadas à base de enxadas e facões. A agricultura é comunitária, familiar e orgânica, e é destinada tanto ao consumo humano e animal, quanto à reciprocidade, à troca e ao comércio com a sociedade envolvente.

Foto 1: Sítio Córrego Lalima, setor 2, borda de vasilha cerâmica não restringida decorada com apliques de filigranas de argila no lábio, achada em superfície.

Foto 2: Sítio Córrego Lalima, setor 2, escavação do poço-teste 4.

Por tratar-se de uma área de cultivo e de residência, a vegetação também é completamente antropizada e domesticada. Nos quintais e nos acessos das casas, situadas mais no topo da colina, a configuração vegetal é semelhante à do setor 2 do Córrego Lalima. Nas áreas de roça, localizadas nas encostas, os campos cultivados com mandioca, milho, feijão, abóbora, batata-doce, amendoim, melancia, cana e banana, alternam-se com áreas em pousio, recobertas por formações pioneiras, eventualmente utilizadas como pastagem. Até a mata ciliar das margens da nascente do Guanandi, nas proximidades do sítio, é formada majoritariamente por vegetação secundária, apesar da presença de umas espécies primárias típicas da região, como o jatobá e a piúva, entre outras.

Os sedimentos também estão expostos e revolvidos. Em superfície, a textura é arenosa, a coloração marrom-escuro (10YR3/3) e a consistência solta e macia. Em subsuperfície, há uma camada semelhante à da superfície, porém mais compacta, com aproximadamente 10 cm de espessura. Abaixo desta, existe uma camada argilo-arenosa, marrom-escuro (7.5YR2.5/2), igualmente compacta e com cerca de 10 cm de espessura. Mais abaixo, há uma camada argilo-arenosa mosqueada, marrom-escuro e marrom avermelhada (10YR3/3 e 5YR3/3), dura, com mais ou menos 20 cm de espessura, seguida por uma camada argilosa, marrom-escuro-avermelhada (2.5YR3/3) e muito dura (Figura 14). Os sedimentos piemontanos, geralmente argilosos e avermelhados, são considerados pelos índios como os mais férteis da região, sendo qualificados como “terra forte”.

Os limites da área de dispersão dos materiais da Fase Jacadigo no sítio Asa de Pote também não foram definidos com clareza, porém o setor 2 conta com ao menos 9 ha de área e 0,50 m de espessura. Não obstante, a maioria dos materiais coletados em subsuperfície foi detectada na camada mosqueada, observada entre os níveis 3 e 4. O hiato no nível 2 levou à proposição da existência de duas camadas de ocupação, sendo uma na superfície e no nível 1, de um lado, e outra na camada variegada, de outro, porém é difícil acreditar que a estratigrafia tenha sido preservada. A maioria dos materiais arqueológicos do setor 2 do Asa de Pote também foi encontrada na superfície. Não obstante, a densidade de materiais arqueológicos é bem menor do que no setor 2 do Córrego Lalima, assim como a frequência em subsuperfície (Fotos 3 e 4, Anexo 4: Tabelas 1, 24).

O setor 1 do sítio Asa de Pote é constituído por apenas 176 fragmentos cerâmicos Guarani dispersos por uma área de 0,58 há. (Mapa 6). Ao contrário dos

setores 1 e 2 do sítio Córrego Lalima, o setor 1 do Asa de Pote conta com uma área bem definida, situada à aproximadamente 200 m do “core” do setor 2. Sondei a subsuperfície, mas não encontrei materiais arqueológicos em profundidade no setor 1. Seja como for, apesar da miscelânea entre os setores do Córrego Lalima e da presença de cerâmicas Guarani no setor 2 do Asa de Pote, os registros Guarani e análogos Jacadigo restaram em lugares distintos em ambos os sítios.

Figura 14: Sítio Asa de Pote, setor 2, Perfil norte do poço-teste 1: A) areia marrom-escuro (10YR 3/3), com materiais arqueológicos da Fase Jacadigo em baixa densidade; B) sedimento areno-argiloso, marrom-escuro (7.5YR 2.5/2), com materiais da Fase Jacadigo em baixa densidade; C) sedimento areno-argiloso, mosqueado, marrom-escuro (10YR 3/3) e marrom-avermelhado (5YR 3/3), com materiais da Fase Jacadigo em baixa densidade; D) sedimento argiloso, marrom- avermelhado-escuro (2.5YR 3/3), sem materiais arqueológicos.

Enquanto o Asa de Pote era pesquisado, alguém esburacou o sítio com uma enxada. Até hoje muitos índios compreendem a arqueologia como uma forma de exploração mineral. Eles pensam que os arqueólogos procuram por preciosidades para vender. Por um lado, essa concepção está relacionada com os significados mágico-minerais atribuídos aos registros arqueológicos dissociados das memórias etno-históricas e das identidades culturais do coletivo indígena, culturalmente vinculados ao complexo mítico regionalmente conhecido como “enterros” ou “guardados”. Por outro, antes da chegada da arqueologia em Lalima, alguns garimpeiros de pedras semipreciosas procuraram a comunidade com o objetivo de comprar cristais de quartzo dos índios. Porém as lideranças indígenas, sob os auspícios da FUNAI, proibiram a mineração de cristais de quartzo na TI. Mesmo assim, há boatos de que muitos se beneficiaram da venda dos cristais.

Foto 3: Sítio Asa de Pote, setor 2, fragmento de vasilha cerâmica decorada com apliques de filigranas de argila na face externa, achada em superfície.

Foto 4: Sítio Asa de Pote, setor 2, escavação do poço-teste 4.

A ocorrência 10 encontra-se no mesmo colo piemontano que o Asa de Pote, só que em uma área topograficamente mais elevada, a cerca de 800 m de distância ao leste, situada entre o sopé do morro do Jaraguá e a margem esquerda da nascente do Guanandi (Foto 5). A visibilidade de entorno é bem mais ampla do que no Córrego Lalima e no Asa de Pote, porém a perspectiva continua sendo a do poente. A área também é utilizada como roça, no cultivo de feijão, mas as encostas do Jaraguá contam com uma vegetação submontana do tipo cerradão bem preservada. Os sedimentos também estão expostos e revolvidos. Em superfície, a textura é areno-argilosa, a coloração avermelhada e a consistência solta e macia. O dono da roça, conhecido como Sairú, me mostrou um punhado de fragmentos de vasilhas cerâmicas, inclusive bordas com os lábios decorados com apliques de filigranas de argila. Provavelmente, o lugar também pode ser considerado como um sítio arqueológico. No entanto, como se o pouco tempo

em que consegui permanecer na área não bastasse, ainda é possível que a área de ocorrência 10 esteja associada ao sítio Hélio Correia.

Foto 5: Ocorrência 10, fragmento de borda com lábio dobrado.

O sítio Hélio Correia, por sua vez, também se encontra no mesmo piemonte do morro do Jaraguá, entre dois pequenos mananciais formadores da nascente do Guanandi, a cerca de 700 m a leste do Asa de Pote, e a uns 200 m ao norte da ocorrência 10. A visibilidade, o uso atual e os sedimentos apresentam as mesmas características que a ocorrência 10, porém os cultivos agrícolas são mais diversificados. Apesar da grande quantidade de materiais arqueológicos em superfície, sobretudo fragmentos de vasilhas cerâmicas, notei apenas alguns fragmentos decorados com engobo vermelho no pouco tempo em que passei na área.

O sítio Anita Vieira também está implantado no piemonte do Jaraguá, porém na baixa vertente, nas proximidades da nascente do cór. do Lima, a uma distância de mais ou menos 1.000 metros ao sul do Hélio da Silva e da área de ocorrência 10. A visibilidade de entorno é restrita pelo morro do Jaraguá, ao nordeste, e pela colina onde o sítio Córrego Lalima está implantado, na Sede, ao sudoeste. O uso atual da área é similar ao do Asa de Pote, marcado pela presença de algumas casas em meio a várias roças. Os sedimentos também são semelhantes aos observados nos outros sítios e áreas de ocorrência detectadas no piemonte do Jaraguá. Nas proximidades da nascente do cór. do Lima, no entanto, os sedimentos apresentam as características dos solos convencionalmente descritos como glei, associados a áreas úmidas.

O contexto arqueológico do sítio Anita Vieira é semelhante ao Hélió da Silva, ou seja, densidade considerável de fragmentos de vasilhas cerâmicas e presença de alguns cacos decorados com engobo vermelho. Sem embargo, a Sr.^a Mayara Pereira, uma das moradoras da área, doou-me um cachimbo decorado com impressões de corda e ponteados achado no quintal da sua casa (Foto 6). O cachimbo conta com forma troncular (6,8 cm de comprimento), frente reta (3,8 cm de diâmetro e 0,6 cm de espessura), forninho cônico (5,5 cm de fundura), orifício de inserção de piteira (0,7 cm de diâmetro e 0,7 cm de espessura), coloração *Yellowish Brown* (10YR5/4) e massa de 90 g. A decoração cobre toda a face externa da peça e é composta por dois retângulos, esboçados com a impressão de três linhas em cada lado, preenchidos por ponteados. A pasta apresenta muita mica e o cachimbo deve ter sido confeccionado através da modelagem.

Foto 6: Sítio Anita Vieira, cachimbo troncular.

Precipitadamente, antes de conhecer melhor os materiais arqueológicos achados em Lalima, associei os sítios Anita Viera e Hélió da Silva à ocupação Guarani. Posteriormente, percebi que o engobo vermelho é um atributo decorativo comum aos correlatos de todos os processos de formação territorial identificados na área, embora as frequências e, talvez, as tonalidades sejam distintas, e que os sítios Anita Vieira e Hélió Correia não contavam com os elementos caracteristicamente Guarani presente nos sítios Córrego Lalima, Tapera do Gino, Asa de Pote, Campina e na área de ocorrência 5, como as corrugações típicas, as policromias, as ungulações e as carenas, entre outros. Schmitz et al. (1998, p. 87-88) relataram um “equivoco” semelhante em relação ao sítio MS-CP-31, inicialmente atribuído à Tradição Tupiguarani, porém depois inserido “tentativamente” na Fase Jacadigo.

A área de ocorrência 9, formada por apenas um fragmento de borda de vasilha cerâmica decorada com engobo vermelho, achado em meio aos sedimentos recém arados em uma roça de feijão, foi encontrada nas proximidades do sítio Anita Vieira, a mais ou menos 300 m na direção nordeste. Pela falta de contexto, não fui capaz de associá-la aos correlatos das histórias de formação territorial identificados em Lalima. No entanto, do ponto de vista do Seu Manoel, trata-se de um caco de pote Terena.

As áreas de ocorrência 6 e 7 também foram encontradas no piemonte do Jaraguá, porém no contexto da margem direita da nascente do Guanandi, num lugar conhecido como “Canto do Jaraguá”, situado no vértice norte do polígono da terra indígena definida pela FUNAI. A área conta com duas configurações distintas: de um lado, a cerca da FUNAI e o cerradão nas encostas do morro do Jaraguá, na Terra Indígena; do outro, a estrada paralela à cerca e a Faz. Santa Rosa, com suas cercas, pastos, açudes e gado. Além da nascente do Guanandi, há ainda outras três nascentes, duas tributárias da margem esquerda do cór. Fundo, situadas ao norte, e uma da margem direita do “córrego do Macaco”, um dos formadores do Barrero – o curso fluvial que baliza o limite oeste da “divisa da FUNAI”. A visibilidade de entorno é tão profunda quanto no Hélio Correia e na ocorrência 10, porém o espectro é mais vasto, pois além da direção oeste, a vista alcança os horizontes norte e leste. Quando o Sr. Manoel quis me mostrar os limites do território tradicional, ele me levou até o Canto do Jaraguá, contemplou o horizonte nos sentidos oeste, norte e leste, e, antes de nomear os lugares significativos, inclusive os marcos territoriais, disse: “é tudo meu”. Além do mais, é possível mirar o piemonte do morro do Potrero, onde se encontra o outro sítio da Fase Jacadigo, situado a aproximadamente 4.700 metros no sentido sudeste do Canto do Jaraguá.

As ocorrências 6 e 7 foram detectadas durante uma vistoria territorial solicitada pelos índios. Eles tinham dúvidas se a área constante no mapa da FUNAI estava sendo ocupada efetivamente pela comunidade ou não, e me pediram para conferir os limites do polígono com o GPS. A ocorrência 6, formada por quatro fragmentos cerâmicos simples, foi encontrada em meio aos sedimentos escavados durante a construção da cerca entre Lalima e a Santa Rosa. A ocorrência 7, por sua vez, achada nos sedimentos revolvidos com a construção/manutenção da estrada, a aproximadamente 500 m no sentido noroeste da ocorrência 6, é formada por apenas dois fragmentos de vasilhas cerâmicas, porém um deles apresenta decoração feita com apliques retilíneos e ondulados de filigranas de argila na face externa (Foto 7). Muito provavelmente, assim como em relação à ocorrência 10, é possível que haja uma concentração de registros

arqueológicos no canto do Jaraguá muito maior que as achadas até agora. Outro fato interessante é que o lado da terra indígena está preservado. Ao contrário da Santa Rosa, a vegetação e os sedimentos – arenosos e amarronzados, em superfície, e argilosos e avermelhados, em profundidade – nunca foram destocados e revolvidos.

Foto 7: Ocorrência 7, fragmento de vasilha cerâmica decorado com apliques de filigranas de argila.

A área de ocorrência 4 também foi encontrada na baixa vertente do piemonte do Jaraguá, só que em um lugar mais distante dos sítios e das outras ocorrências consideradas acima, a aproximadamente 2 mil metros à sudeste do sítio Anita Vieira. O acesso se dá pela mesma estrada que leva ao Potrero e à Fazenda Vargem Grande, situados a oeste da divisa da FUNAI. A visibilidade de entorno também é restrita, limitando-se ao morro do Jaraguá, ao nordeste, à Sede, ao noroeste, e ao vale do Miranda, ao sudoeste. O local, próximo do lugar conhecido como “Garrafão”, se localiza ao sul da estrada, nas proximidades da confluência da margem direita de uma calha pluvial com a margem esquerda de um córrego conhecido como “do Matinho”. Não há moradores no local, mas a área é utilizada atualmente como roça, de modo que os sedimentos, mais arenosos e amarronzados, estão expostos e revolvidos. Sem embargo, a área encontra-se rodeada por mata secundária, além de que as encostas do Jaraguá estão recobertas por mata primária. Apesar da busca em meio aos sedimentos revolvidos, foram encontrados apenas dois fragmentos de vasilhas cerâmicas na área, sendo um deles uma parede com um apêndice de suspensão, detectado pelo “dono” da roça, um senhor já falecido, chamado Estevão Cabrocha (Foto 8).

Foto 8: Ocorrência 4, fragmento de vasilha cerâmica com apêndice de suspensão.

Provavelmente, o Asa de Pote, o Hélio Correia e as ocorrências 6, 7 e 10 correspondam a um único sítio arqueológico, implantado nos patamares e encostas suaves do piemonte do morro do Jaraguá. Foi assim com o sítio Córrego Lalima. Em um primeiro momento, os lugares denominados de setor 1, 2, 3 e 4 foram considerados sítios distintos. Posteriormente, percebi que os setores eram adjacentes e estavam implantados na mesma colina. Nesse sentido, embora o setor 1 seja majoritariamente Guarani e o setor 2 da Fase Jacadigo – os setores 3 e 4 não foram analisados, mas observei fragmentos diagnósticos Guarani e da Fase Jacadigo em ambos – passei a compreender o lugar como um sítio multicomponencial. Schmitz et al. (1998), por outro lado, levaram mais em conta o contexto tecnológico, histórico e cultural do que o espaço na definição dos sítios detectados no Projeto Corumbá. O MS-CP-19, por exemplo, vinculado à Fase Jacadigo, está parcialmente sobreposto ao aterro MS-CP-18, formado por camadas cerâmicas associadas à Fase Pantanal e por uma camada pré-cerâmica (Figura 2). É verdade, conforme o “Croqui dos sítios MS-CP-18 e 19” (Schmitz et al. op. cit., p. 55), que o segundo conta com uma área de dispersão maior que a “área com conchas”. Todavia, os mesmo dados mostram que tanto um como o outro estão no mesmo lugar. O MS-CP-26, igualmente associado à Fase Jacadigo, também está implantado no mesmo compartimento que o sítio MS-CP-15, atribuído à Tradição Tupiguarani. O MS-CP-25, não atribuído a nenhuma fase, mas associado aos Mbayá-Guaikuru – assim como a Fase Jacadigo – também se encontra na mesma paisagem dos sítios Tupiguarani MS-CP-05, MS-CP-06 e MS-CP-07, e do lajedo com

petroglifos MS-CP-02 (Figura 4). Por outro lado, o sítio MS-CP-47 foi dividido em “a” e “b”, por ser constituído por duas concentrações de materiais cerâmicos “Num espaço contíguo” (Ibid.: 122). Com base no que tenho visto em Lalima, penso que se trata mais de histórias e culturas diversas do que de espaços diferentes.

2.3 O sítio Potrero

Investi na abordagem do sítio Potrero, situado numa parcela do território tradicional não contemplada pela divisa da FUNAI, porém retomada pela comunidade indígena, investigando-o de uma forma mais sistemática e por um período de tempo maior, por causa de dois fatores: um arqueológico e outro etnoarqueológico. O primeiro está associado às hipóteses elaboradas a partir dos resultados das atividades de levantamento arqueológico sintetizadas na minha dissertação. Tendo como base as observações efetuadas durante a detecção e o registro do sítio, sugeri, por um lado, que o Potrero poderia apresentar um estado de preservação maior do que os sítios Córrego Lalima e Asa de Pote, sobretudo por estar situado em uma área habitada por apenas uma família, distante das localidades mais povoadas de Lalima, e, por outro, que o entorno da área também poderia conter registros arqueológicos associados às outras histórias de formação territorial e de transformação da paisagem identificadas em Lalima.

O fator etnoarqueológico, por sua vez, está relacionado com a abordagem das transformações da paisagem associadas aos processos de formação territorial da TI Lalima. Obviamente, por tratar-se de um território retomado, o Potrero é, do ponto de vista êmico, um dos lugares mais significativos de Lalima. Assim, numa perspectiva etnoarqueológica, a investigação do Potrero foi como uma espécie de observação participante da retomada territorial.

Desafortunadamente, os fatos arqueológicos se mostraram contrários às hipóteses elaboradas adrede: o Potrero não estava tão conservado como suposto e eu não detectei outros sítios ou áreas de ocorrência no entorno. Porém o resultado etnoarqueológico da permanência no Potrero foi fundamental no incremento da minha percepção sobre a territorialidade e a paisagem cultural na TI Lalima – mas essa é outra história.

O sítio Potrero está implantado no piemonte sudoeste do morro do Potrero, em uma área entre 186 e 213 m acima do nível do mar, em meio a duas nascentes tributárias

da margem esquerda do cór. Barrero (Mapa 7, foto 9). A nascente mais próxima, atualmente seca, encontra-se ao sul, a cerca de 20 m. A outra, represada, está mais distante, a aproximadamente 260 m na direção noroeste.

A visibilidade de entorno é bastante ampla nas direções sul, oeste e norte. Além do piemonte propriamente, é possível visualizar o curso d'água sazonal que nasce ao sul do sítio; o morro do Urubú, ao sudoeste, na outra margem da nascente sazonal; o vale do Barrero, ao norte, oeste e sudoeste; a Campina do Inocência, situada na vertente oposta, no piemonte leste do morro do Jaraguá, bem como o curso do Miranda e a serra da Bodoquena, ao oeste. Com efeito, os cursos d'água, os morros do Urubu e do Jaraguá, e, ao leste, o morro do Potrero, dão a impressão de se estar em uma área ladeada por uma barreira. Finalmente, se por um lado pode-se dizer que o morro do Potrero obstrui a visibilidade ao leste, não se pode afirmar, por outro, que ele a impeça, pois do seu topo, situado a mais de 250 m acima do nível do mar – utilizado atualmente como um lugar de culto evangélico por índios e não-índios – pode-se visualizar todo o entorno, por um raio de vários quilômetros.

Foto 9: Sítio Potrero, sentido oeste-leste.

O morro do Potrero possui uma forma ondula e alongada, com eixo no sentido norte-sul. Conforme pontuado acima, as pesquisas geológicas e geomorfológicas realizadas em escalas macro regionais (AB'SÁBER, 2006; BRASIL, 1982; SEPLAN, 1990) sustentam que o dorso da depressão interplanáltica de Miranda é formado por sinclinais e anticlinais constituídas por rochas xistosas, quartzosas, filíticas e calcárias, de origem pré-cambriana, inseridas no grupo Cuiabá. Ao longo do fanerozóico, as rochas do grupo Cuiabá teriam sido sotopostas pelos arenitos da bacia sedimentar do Paraná e pelos basaltos da Formação Serra Geral, e desnudadas por conta do recuo da

SÍTIO ARQUEOLÓGICO POTRERO MS-MI-10

LEGENDA

- PT1 Poço teste
- Sondagem
- Sondagem com material arqueológico
- Material cerâmico coletado em superfície
- Edificação
- ☼ Mata secundária
- ☼ Pastagem
- Cerca
- Estrada

ESCALA

Origem das coordenadas UTM: Equador e Meridiano de 57° W de Greenwich acrescidas as constantes 10.000.000m e 500.000m, respectivamente - Datum Sirgas 2000 (Zona 21S).

- Equidistância das curvas de nível: 1m.
- Levantamento topográfico: Motta Maciel Engenharia, 2012.

borda noroeste da bacia sedimentar do Paraná. No entanto, observações *in loco* sugerem que o morro do Potrero é formado, principalmente, por rochas básicas, as quais, inclusive, serviram como fonte de matéria-prima na confecção de uma série de utensílios líticos polidos e brutos. Os estudos pedológicos contidos nas mesmas referências citadas acima também indicam que os sedimentos existentes na área se originaram a partir da erosão dos arenitos da bacia sedimentar do Paraná e da pedogênese das rochas do grupo Cuiabá, e que os solos mais férteis da área correspondem aos do tipo Glei. Sem embargo, a existência de rochas básicas no morro do Potrero sugere que os sedimentos argilosos e avermelhados denominados pelos índios de “terra forte” podem estar relacionados à pedogênese de rochas basálticas, da mesma forma como a famosa “terra rocha”, associada aos derrames basálticos da formação Serra Geral e tidas como uma das mais produtivas da América do Sul.

O morro do Potrero é circundado por piemontes, colinas, matas, campinas, nascentes, pastagens, roçados, propriedades rurais, estradas e uma série de outros morros. Os piemontes e as colinas possuem declives suaves e sedimentos variados, com predomínio dos argilosos e avermelhados, seguidos pelos pedimentos e arenosos. As matas, características do cerrado, estão restritas às encostas rochosas do morro e às margens das nascentes e calhas, as quais, por sua vez, escoam as águas plúvio-fluviais até a margem esquerda do cór. Barreiro. As pastagens se concentram em torno do morro, enquanto que os roçados se restringem às proximidades das sedes das propriedades rurais. Ao norte, leste e sudeste, o morro se limita com o assentamento Tupãbaé, um projeto de reforma agrária do INCRA incrementado à revelia da demanda territorial indígena, e com o “morro Chato”, considerado pelos índios como mais uma das balizas do território tradicional. Além das estradas, melhor conservadas no assentamento, todos estes lugares estão conectados por trilhas.

Na área do sítio há três grandes pastos cercados, sendo um ao sul, outro ao centro, leste, oeste e noroeste, e outro ao norte. A outra parte do piemonte, constituída pela antiga sede da fazenda implantada no território indígena, situada ao nordeste do sítio, é mantida por Alcides Farias e sua esposa, Roseli Borges, já há mais de 10 anos. Conforme o uso e as cercas, o domicílio do casal pode ser dividido em 5 partes. Ao centro, no retângulo maior, encontra-se o galpão, na entrada do lote, e a residência, ao fundo. Ao sul, no retângulo menor, localiza-se uma pastagem, destinada ao confinamento de ovelhas e cabras. Ao sudeste, na porção do terreno com uma forma aguçada, situa-se o chiqueiro, o galinheiro, o banheiro e um roçado de subsistência,

cultivado com abacaxi, abóbora, banana, bocaiúva, cana, feijão, goiaba, laranja, limão, manga, mandioca, bergamota e algumas plantas com propriedades mágicas e medicinais. Ao norte, no terreno acima do lote residencial, há um mandiocal, cultivado com uma espécie propícia à alimentação animal. Finalmente, ao norte do mandiocal, encontra-se uma estrutura associada à pecuária, denominada “mangueiro”, usada no manejo do gado. Apesar do uso das benfeitorias da fazenda, os índios estão “deixando” a vegetação se regenerar, inclusive nas pastagens, e se sentem orgulhosos por isso, principalmente das piúvas, ximbúas, aroeiras e angicos, fundamentais na manutenção do seu modo de vida tradicional e muito estimadas regionalmente. Ainda há caça na área, sobretudo de mutuns, tatus, pacas, catetos, veados e antas, porém mais rareada do que nunca.

O depósito arqueológico sofreu mais com as transformações da paisagem na área do que avaliado inicialmente. De acordo com os índios, a fazenda Arroio Potrero foi formada entre as décadas de 60 e 70 do séc. XX. Até então, tanto a área da fazenda quanto o entorno em geral eram cobertos por matas, cerrados e campinas, as nascentes e os cursos d’água eram perenes, a caça, a pesca e a coleta eram abundantes, a terra era fértil, não havia estradas e o lugar era percebido como território indígena. Os mais velhos se referem à área como “campina do Cidronho”, ou simplesmente “Cidronho”. Provavelmente trata-se de um nome próprio, possuído por um homem, porém os índios não têm memórias a respeito da personalidade homenageada no topônimo. Assim como no caso do capitão Inocência Xavier, o último capitão “Uvaikurú” de Lalima, cuja memória ficou registrada no topônimo do piemonte leste do morro do Jaraguá, do outro lado do Barrero, na encosta oposta à do Potrero, o Cidronho deve ter se assentado na área, juntamente com parentes e afins, no mesmo contexto do assentamento da campina do Inocência. As feições ecológicas denominadas pelos índios de “campinas”, por sua vez, geralmente estão localizadas nos patamares dos piemontes constituídos por sedimentos do tipo “terra forte”, apresentam áreas abertas, recobertas por capim chamado de Jaraguá, em meio ao cerrado e ao cerradão, situam-se nas proximidades de fontes d’água e contam com registros arqueológicos. Destarte, é possível que as “campinas” correspondam a lugares previamente antropizados.

Com a implantação da Fazenda, o destoque da vegetação e o preparo agroindustrial da terra foi efetuado à base do correntão, esteira e arado. O cerrado foi desmatado, empilhado em leiras e queimado, ao mesmo tempo em que os sedimentos foram revolvidos e o contexto arqueológico remexido. Em seguida, a sede da fazenda

foi construída, a eletricidade foi instalada e a área começou a ser cultivada com soja. Além do padrão, dois postes de transmissão de energia foram erguidos e fincados no sítio. Na época, havia outra estrada de acesso, a qual partia da entrada do lote residencial no sentido sudeste, até uma porteira no canto da cerca que divide as pastagens ao centro e ao sul, na porção sudeste do sítio. A plantação logo foi abandonada e a área passou a ser utilizada na pecuária, com a cobertura do terreno por capim braquiária.

Os colaboradores disseram que a área já estava do jeito que está desde antes da retomada. Os únicos impactos causados pelos índios dizem respeito à construção da estrada atual e à manutenção do seu modo de vida tradicional. A estrada atual foi construída por uma patrula, com o objetivo de conectar o território retomado ao território demarcado pela FUNAI. Trata-se de uma via local em chão batido, sem cascalho, a não ser por alguns blocos e entulhos colocados pelo Alcides para impedir o avanço da erosão. Além dos seus 350 m de extensão, a estrada tem 4 m de largura, em média, e taludes de até 0,50 m.

Depois da retomada, o então Cacique Celso Cabrocha foi o primeiro a se mudar para a área e a arar o terreno. Apesar de permanecer pouco tempo no lugar, o Cacique cultivou em torno da residência, do mesmo modo como o Alcides, e na pastagem ao sul. O Alcides, por sua vez, já arou os terrenos em volta da residência várias vezes, mas nunca usou as áreas de pasto na agricultura.

O desmate da cobertura vegetal e o uso agropecuário exacerbou a susceptibilidade dos sedimentos, desencadeando uma série de processos erosivos impulsionados pelo pisoteamento do gado, pela construção das estradas e pela ação pluvial, geralmente mais intensa entre setembro e abril (Foto 10).

As atividades de coleta de superfície e subsuperfície resultaram no recolhimento de 1.862 fragmentos de vasilhas cerâmicas e 537 líticos, bem como 30 amostras de carvão, 14 vegetais e 12 vestígios osteológicos (Anexo 7: Tabelas 1-2). De acordo com as observações realizadas em campo, os materiais cerâmicos são formados majoritariamente por fragmentos de parede, borda, base e apêndices de vasilhas cerâmicas. A maioria dos cacos são pequenos e delgados, e contam com coloração marrom-alaranjada, queima incompleta e acabamento de superfície simples. Alguns fragmentos apresentam dimensões maiores, bem como corrugações e impressões de corda na face externa, banhos de engobo vermelho em ambas as faces e apliques de filigranas de argila na face externa e no lábio dos fragmentos de borda. À primeira vista,

a cerâmica coletada no sítio Potrero é semelhante à do setor 2 do Asa de Pote, a qual, por sua vez, apresenta uma variação menor que a cerâmica coletada no setor 2 do sítio Córrego Lalima, apesar de ambas estarem associadas à Fase Jacadigo.

Foto 10: Sítio Potrero, erosão na pastagem central, na porção oeste do sítio.

Os materiais líticos são constituídos principalmente por vestígios de picoteamento, polimento e lascamento. Os vestígios de picoteamento e polimento são compostos por blocos e lascas com ou sem marcas de uso, bigornas, percutores, polidores, calibradores, pré-formas de lâminas de machado e outros artefatos, lâminas de machado picoteadas e/ou polidas inteiras, fragmentadas e em fragmentos, bem como mãos de pilão e de mó, mós, quebra-coquinhos e talhadores, entre outros. A maior parte dos líticos picoteados e polidos foram confeccionados com rochas básicas, matéria-prima abundante nas encostas do morro do Potrero. Os vestígios de lascamento são formados por blocos, núcleos, seixos rolados, percutores, lascas, estilhas, talhadores, raspadores e outros artefatos unifaciais e bifaciais. Apesar da ocorrência de lascamento em quartzo sobre núcleo, igualmente abundante no morro do Potrero, a maior parte dos vestígios lascados parece ter sido confeccionada sobre seixos rolados de quartzo, quartzito, arenito silicificado e silexito, muito provavelmente provenientes de cascalheiras localizadas nas margens do rio Miranda, cuja menor distância é de 4.500 m na direção SSE.

As amostras de carvão são formadas por um ou poucos grãos, por concentrações constituídas por vários ou muitos fragmentos de madeira carbonizada, ou por grandes tocos queimados. Contudo, não só é provável que a maioria das amostras de carvão contextualizadas com outros materiais arqueológicos tenha sido contaminada por conta da exploração agro-industrial do terreno, como ainda é possível que outras tantas

estejam relacionadas com queimadas ocorridas antes do assentamento dos portadores da Fase Jacadigo. Com exceção de um dente achado em superfície, o qual pode ter uma origem arqueológica ou não, todos os outros materiais osteológicos são formados por fragmentos ósseos milimétricos e friáveis. Os vegetais são constituídos apenas por cocos de bocaiúva, os quais, apesar de recolhidos em subsuperfície, podem ser recentes.

Foto 11: Sítio Potrero, coleta de superfície na pastagem central, na porção oeste do sítio. Ao fundo, é possível visualizar a Serra da Bodoquena.

A coleta de superfície foi realizada por equipes alternadas, formadas por até 3 arqueólogos e 4 auxiliares indígenas, com o caminhar sistemático e repetido pela área do sítio durante boa parte do período dedicado às investigações arqueológicas. A maioria dos materiais plotados em superfície foi achada na pastagem central, nas porções leste, oeste e norte do sítio (Foto 11). A visibilidade de superfície na pastagem central é razoável. Por um lado, a maior parte da área encontra-se recoberta por pasto, o que dificultou a verificação do terreno e a busca pelos vestígios. Por outro, há muitas áreas desprovidas de pastagem e outras tantas onde os sedimentos foram revolvidos, como nas erosões, leiras e estradas, o que facilitou as observações e as atividades de coleta. A se julgar pela área de dispersão dos materiais arqueológicos pela superfície, o Potrero conta com 380 m de eixo maior, no sentido norte-sul, 280 m de largura e, consequentemente, 10,64 há (Mapa 7).

A maior parte dos materiais arqueológicos coletados na pastagem central foi achada em uma erosão, no acesso antigo e na porção oeste do sítio. Na erosão, localizada entre o noroeste e o oeste do sítio, na meia encosta do piemonte, os materiais foram recolhidos em toda a sua extensão. Muitas peças foram encontradas no fundo da erosão, porém outras tantas estavam aflorando nas margens e no entorno, a não mais

que 0,20 m da superfície. Entre estas, vale mostrar uma concentração de fragmentos achada na margem da erosão, um fragmento de borda de vasilha cerâmica decorada com a aplicação de um apêndice espiralado na face externa e de filigranas de argila sobre o apêndice, a face externa e o lábio, e uma mão de pilão (Fotos 12 a 14). No acesso utilizado antes da retomada, situado entre o centro-norte, o centro-leste e o leste-sudeste do sítio, os materiais também foram coletados ao longo de todo o seu trajeto, apesar da cobertura da superfície pelo pasto. Várias peças foram achadas nos taludes erodidos do acesso antigo, a exemplo dos fragmentos cerâmicos e da lâmina de machado com o gume plano mostrados nas Fotos 15 e 16. Na porção leste do sítio, os materiais foram encontrados nas leiras e em meio aos tufos de braquiária. Entre estes, cabe destacar um fragmento de instrumento bifacial talhado em quartzo leitoso (Foto 17).

Também foram achados vários materiais em uma erosão junto à cerca entre as pastagens central e sul, localizada entre o leste-sudeste e o oeste-sudoeste do sítio, e em um conjunto de erosões menores, situadas ao noroeste do sítio, ao norte da estrada atual. Ainda foram encontrados alguns vestígios arqueológicos nos taludes do acesso utilizado atualmente, em profundidades semelhantes àquela verificada no barranco da erosão na pastagem central, e no fundo de uma erosão parcialmente coberta por mata secundária, no oeste-noroeste do sítio.

Os materiais encontrados no fundo das erosões sugerem que muitas peças foram transportadas pela encosta. Por outro lado, os materiais achados nos taludes e nos barrancos não só indicaram a profundidade e a espessura do sítio, como também apontaram que as erosões e as estradas cortaram o depósito. Por sua vez, as peças encontradas na pastagem, sobretudo nas leiras e no meio dos tufos, parecem ter aflorado durante a exploração agro-econômica da área, por conta da preparação e do cultivo da terra com maquinário agrícola. Assim, ao mesmo tempo em que resultaram na movimentação vertical e horizontal do depósito, os impactos suportados pelo sítio também revelaram a situação dos materiais arqueológicos na pastagem central.

A maior densidade de materiais arqueológicos em superfície, por sua vez, foi conferida no domicílio do Alcides, relacionada com o aumento da visibilidade de superfície em relação à pastagem central, devido às transformações causadas pela manutenção do modo de vida tradicional. Com efeito, a maioria dos materiais estava no roçado de subsistência, principalmente na sua porção sul, cujo terreno estava sendo preparado, à base de enxada, para o cultivo de feijão. Vale registrar que vários blocos

Foto 12: Sítio Potrero, concentração de fragmentos cerâmicos aflorando na erosão da meia-encosta.

Foto 13: Sítio Potrero, fragmento de borda decorada com apliques de apêndice espiralado e de filigranas de argila encontrado nas proximidades da erosão da meia-encosta.

Foto 14: Sítio Potrero, mão de pilão encontrada nas proximidades da erosão da meia-encosta.

grandes de basalto foram removidos da roça e colocados do outro lado do cercado, na pastagem central. Na outra parte do roçado, as peças foram achadas em meio aos itens

Foto 15: Sítio Potrero, concentração de fragmentos cerâmicos encontrados no talude erodido do acesso antigo. Entre os fragmentos, destaca-se um corrugado-simples.

Foto 16: Sítio Potrero, lâmina de machado encontrada no talude erodido do acesso antigo.

Foto 17: Sítio Potrero, fragmento de artefato lítico lascado encontrado na porção leste do sítio.

vegetais cultivados na área e em torno das estruturas de criação de animais e de evacuação de matérias fecais. Também foram encontrados materiais arqueológicos em volta da residência, onde as peças foram varridas centrifugamente e acumuladas junto

aos cercados, e na área de confinamento caprino e ovino, em meio aos tufos de napiê. Entre as peças coletadas no domicílio do Alcides, vale destacar dois fragmentos cerâmicos, sendo um decorado com filigranas de argila e outro com impressões de corda (Fotos 18 e 19).

Foto 18: Sítio Potrero, fragmento cerâmico decorado com filigranas de argila encontrado no domicílio do Alcides.

Foto 19: Sítio Potrero, fragmento cerâmico decorado com impressões de corda achado no domicílio do Alcides.

Durante a coleta de superfície, percebi que a maioria dos materiais plotados estava disposta na periferia do sítio. Apesar dos impactos sofridos, a disposição dos vestígios pela superfície levantou a possibilidade do sítio possuir um formato circular. Essa hipótese ainda não foi testada sistematicamente, a exemplo do que foi feito por Araújo (2001-2002) no sítio Branco, em Itapeva/SP, onde o autor criticou a atribuição de “destruído” aos sítios impactados pela ação do arado, alegando que a aragem apenas revolve os sedimentos, sem transportá-los de lugar, e alcançou uma série de conclusões

interessantes com a análise espacial dos materiais arqueológicos plotados em uma área recém-arada, inclusive no que se refere à forma.

Por enquanto, a ânsia em demonstrar o mesmo no Potrero levou à elaboração de três gráficos com a distribuição dos materiais cerâmicos em superfície e subsuperfície, com o auxílio do software SURFER 8 (Figuras 15 à 17). De um modo geral, os gráficos não variam muito em relação à distribuição de todos os materiais coletados, a qual pode ser conferida na planta do sítio. Seja como for, a hipótese da forma está lançada e, apesar do potencial que o Potrero ainda oferece à sua demonstração, a mesma somente será confirmada ou não com a realização de pesquisas arqueológicas em outros sítios da Fase Jacadigo.

Em subsuperfície, foram escavados e peneirados 14,218 m³ de sedimentos. A escavação das sondagens foi desenvolvida por até três equipes alternadas, formadas por um arqueólogo e até três auxiliares indígenas, durante mais de dois terços do período dedicado à investigação do sítio. Inicialmente, a pretensão era escavar sondagens com 1 m de profundidade em uma malha de 20 m sobre-além da área aferida em superfície. Porém, depois de uma avaliação parcial dos resultados obtidos com ¼ das sondagens escavadas, dispostos em alinhamentos perpendiculares cruzados no centro do sítio, da situação contextual dos vestígios arqueológicos em superfície, nos taludes das estradas e nos barrancos das erosões, das condições adversas dos sedimentos e das limitações do cronograma físico-financeiro, optou-se por um grid de sondagens a cada 20 m em alinhamentos perpendiculares a cada 60 m, aplicada em uma área de 16 há, e pela fundura de 0,50. Destarte, foram escavadas 194 sondagens, as quais revelaram 6 camadas de sedimentos, afora a superfície e o embasamento rochoso (Foto 20). Entre a superfície e, em alguns casos, a até 0,30 m de profundidade, o sedimentos apresentaram textura silte-argilosa, coloração preta (10YR2/1) e marrom-muito-escura (10YR2/2, 7.5YR2.5/1 e 7.5YR2.5/2), consistência macia e friável, com inclusões de poucos seixos quartzosos arredondados e subangulares pequenos, presença de raízes e radículas fasciculadas, atividade biológica causada por insetos e materiais arqueológicos. Talvez, essa camada seja antropogênica. Abaixo desta, a até 0,50 m de fundura, ou, na sua ausência, desde a superfície, os sedimentos são silte-argilosos ou argilosos, geralmente mosqueados, cinza-muito-escuro (7.5YR3/1), marrom-muito-escuro (7.5YR2/2 e 7.5YR2.5/2), marrom-escuro-avermelhado (5YR3/3 e 5YR3/2) e vermelho-escuro-acinzentado (2.5YR3/2), duros e firmes, com seixos pesquenos de quartzo, raízes, radículas, insetos e, eventualmente, materiais arqueológicos. Em seguida, a até 0,80 m,

Figura 15: Sítio Potrero, distribuição dos fragmentos cerâmicos em superfície.

Figura 16: Sítio Potrero, distribuição dos fragmentos cerâmicos em subsuperfície.

Figura 17: Sítio Potrero, distribuição dos fragmentos cerâmicos em superfície e subsuperfície.

há uma camada argilosa, marrom-avermelhada-escuro (5YR3/4, 2.5YR3/4 e 2.5YR2.5/4) ou marrom-avermelhada (2.5YR4/4), por vezes variegada com marrom (10YR3/4) e marrom-escuro (7.5YR3/2), dura e firme, com poucas inclusões minerais de óxido de ferro arredondadas e pequenas, bem como raízes, radículas e insetos, porém sem vestígios arqueológicos. Mais abaixo, às vezes além de 1 m de profundidade, vem uma camada composta por sedimentos argilosos, mosqueados, marrom-escuro-amarelado (10YR4/4), marrom-escuro-avermelhado (10YR4/2, 5YR3/4 e 2.5YR3/4), marrom-escuro-acinzentado (10YR4/2), marrom (10YR4/3) e cinza-escuro (10YR4/1), úmidos, firmes, com inclusões ferruginosas, sem materiais arqueológicos. Não raro, ainda foi observada, por debaixo, uma camada argilosa, variegada, marrom-avermelhado (5YR4/4) e marrom-escuro-amarelado (10YR4/4), úmida, firme, com óxidos ferruginosos e arqueologicamente estéril. Mais raramente, geralmente nas sondagens de 1 m efetuadas na baixa encosta, no fundo das erosões, foi vista outra camada, associada à decomposição do embasamento rochoso, composta por silte, coloração mosqueada, marrom-amarelado (10YR4/4), marrom-avermelhado (5YR5/4),

branco (7.5YR5/1) e marrom-oliva-claro (2.5YR5/4), úmida e muito firme, sem materiais arqueológicos.

Foto 20: Sítio Potrero, sondagem 580400/7725580, escavada na pastagem central.

Apenas 34 sondagens apresentaram materiais arqueológicos. De acordo com estas, os limites do sítio, em subsuperfície, encontram-se nas sondagens escavadas na coordenadas 21K 580400/7725680, situada no quintal do domicílio do Alcides, ao norte; 21K 580340/7725380, na pastagem sul; 21K 580500/7725540, na pastagem central, a leste; e 21K 580280/7725520, também na pastagem central, porém na porção oeste do sítio. Destarte, a se julgar pelos resultados da escavação de sondagens, a subsuperfície apresenta 320 m de eixo, no sentido norte-sul, 240 m de largura, e, consequentemente, 7,68 há de área (Mapa 7).

No que se refere à forma, a situação das sondagens com vestígios no grid é a mesma da superfície, ou seja, as sondagens positivas estão situadas na periferia do sítio, assim como a maioria dos materiais coletados à flor da terra. Todavia, a maior parte das sondagens com materiais está localizada na pastagem central, na porção centro-leste do sítio, a qual, por sua vez, também é a mais elevada, plana, com melhor visibilidade de entorno, mais próxima da nascente ao sul do sítio e dos afloramentos de rochas básicas disponíveis nas encostas do morro do Potrero, e com a camada supostamente antropogênica mais escura e espessa.

A escavação dos poços-teste, iniciada enquanto a coleta de superfície e a execução do grid terminava, foi realizada por até 3 equipes, formadas por um máximo de 2 arqueólogos e 4 auxiliares indígenas. Os poços foram escavados em áreas selecionadas em função das observações realizadas durante as atividades de coleta em superfície e dos resultados da escavação das sondagens. Assim, diante do fato de que não foram detectadas estruturas ou feições, foram escavados cinco poços-teste em

quatro áreas distintas, sendo um no domicílio do Alcides, dois na porção leste, outro na porção oeste e outro na pastagem sul, com o objetivo de conferir os dados obtidos adrede, de conseguir outros dados, principalmente amostras confiáveis destinadas a datação radiocarbônica, e de abordar algumas das questões surgidas em campo, sobretudo no que se refere ao estado de preservação e à forma do sítio.

Em termos gerais, os poços-teste atravessaram as quatro primeiras camadas descritas acima, doravante referidas, respectivamente, pelas letras A, B, C e D. A maioria dos materiais arqueológicos evidenciados com a escavação dos poços-teste (N = 164) foi recolhida na camada A, supostamente antropogênica. Assim, a espessura do sítio alcança, em alguns lugares, até 0,30 m de profundidade. Desafortunadamente, visto que o uso do arado revolveu o depósito arqueológico, nenhuma das amostras de carvão recolhida foi considerada confiável para a realização de datações arqueológicas. Por outro lado, assim como no sítio Asa de Pote, constituído por um depósito sedimentar similar ao do Potrero, muitos carvões e torrões de sedimentos queimados foram encontrados abaixo da camada arqueológica. É possível que a maioria dos carvões e sedimentos queimados encontrados nas camadas arqueologicamente estéreis esteja associada às queimadas efetuadas durante a transformação do lugar em área agrícola. No entanto, uma datação arqueológica do Asa de Pote sugere que alguns destes carvões podem ser mais antigos do que os portadores da tecnologia ceramista da Fase Jacadigo.

Ao contrário do verificado na superfície, a maioria dos materiais coletados nos poços-teste foi encontrada na porção oeste do sítio e na pastagem sul. Na porção oeste, a área mais impactada com a exploração agro-econômica, foram escavados 2 poços-teste adjacentes, denominados PT4 e PT5. A escavação foi iniciada com o primeiro, empreendido com o objetivo de retificar o barranco esquerdo da erosão da meia-encosta, nas proximidades da área de coleta das peças mostradas nas fotos 12 a 14, bem como da sondagem que marca o limite oeste do sítio em subsuperfície. Na base do nível 1, no perfil leste do poço-teste 4, 2 fragmentos cerâmicos ($Y = 0,04$ m e $Y = 0,05$ m, sucessivamente) foram seccionados durante a escavação. Porém, tendo em vista a posição vertical do primeiro e horizontal do segundo, é provável que os fragmentos tenham sido estilhados pelo arado antes da investigação arqueológica (Foto 21).

O outro poço-teste começou a ser escavado enquanto o primeiro encontrava-se no nível 3, depois da descoberta, no nível 2, de uma suposta estrutura formada por um toco de madeira carbonizada. A partir da base do nível 1, no perfil norte do poço-teste 5, entre os quadrantes nordeste e noroeste, foi observada uma mancha escura arredondada.

Inicialmente, com a continuidade formal da mancha no nível 2, pensou-se que a mesma poderia ser caracterizada como uma feição, quiçá um buraco de esteio. Porém, nos níveis 4 e 5, a mancha tornou-se disforme, o que tornou claro que se tratava do negativo de uma raiz pivotante (Foto 22 e Figura 18).

Foto 21: Sítio Potrero, poço-teste 5, fragmento cerâmico estilhaçado pelo arado no perfil leste.

Foto 22: Sítio Potrero, poço-teste 4, nível 4, com toco queimado no quadrante nordeste, e poço-teste 5, nível 3, com negativo de uma raiz pivotante, no perfil norte, entre os quadrantes nordeste e noroeste.

Durante a coleta dos vestígios em ambos os poços, percebeu-se que muitos fragmentos, talvez todos ($N = 57$), achados entre os níveis 1 e 2, pertençam à mesma vasilha. Se assim o for, é um tanto quanto provável que a peça não tenha rolado encosta abaixo. Por outro lado, também foi possível avaliar o impacto das atividades agro-industriais, as quais podem ter perturbado as camadas A, B e parte da C. Assim,

considerando que não houve um deslocamento significativo das peças pela encosta, não só é possível que o sítio Potrero de fato apresente uma configuração formal, como ainda é provável que o mesmo estivesse preservado até a exploração agro-econômica da área. O toco queimado, por sua vez, estava abaixo da camada arqueológica.

Figura 18: Sítio Potrero, poços-teste 4 e 5, perfil norte: A) sedimento silte-argiloso, marrom-muito-escuro (10YR 2/2), com materiais arqueológicos da Fase Jacadigo; B) sedimento argiloso, mosqueado, marrom-muito-escuro (7.5YR 2.5/2) e marrom-avermelhado-escuro (5YR 3/3), sem materiais arqueológicos; C) sedimento argiloso, marrom-avermelhado-escuro (5YR 3/3), sem materiais arqueológicos; D) sedimento argiloso, pouco mosqueado distinto, marrom-amarelado-escuro (10YR 4/4) e marrom-acinzentado-escuro (10YR 4/4), sem materiais arqueológicos.

O poço-teste 1 foi escavado na poção leste do sítio, em meio a um pequeno capão de mato formado por algumas espécies típicas do cerradão (Foto 23). Não foi possível avaliar se o capão pode ser tido como um testemunho da cobertura vegetal antes da exploração agro-econômica ou se o mesmo se desenvolveu posteriormente, apesar dos índios classificarem as árvores mais copadas e frondosas da área como muito antigas. A porção leste do sítio apresentou muitos vestígios arqueológicos em superfície, bem como a maioria das sondagens positivas durante a escavação da malha e a camada supostamente antropogênica mais escura e espessa, com até 0,27 m de espessura. Porém a estratigrafia do poço-teste não só foi igualmente revolvida, como ainda apresentou apenas três camadas de sedimento (Figura 19).

O poço-teste 2, localizado na pastagem sul, foi escavado em meio a uma concentração de vestígios arqueológicos em superfície. A camada A não é tão siltosa e escura como as camadas supostamente antropogênicas verificadas nos outros poços-teste, porém o depósito arqueológico conta com a mesma espessura (Foto 24).

Foto 23: Sítio Potrero, escavação do poço-teste 1.

Figura 19: Sítio Potrero, poço-teste 1, perfil norte: A) sedimento silte-argiloso, marrom-muito-escuro (10YR 2/1), com materiais arqueológicos da Fase Jacadigo; B) sedimento argiloso, mosqueado, marrom-muito-escuro (7.5YR 2/2) e vermelho acinzentado (2.5YR 3/2), sem materiais arqueológicos; C) sedimento argiloso, marrom-avermelhado-escuro (2.5YR 2.5/4), sem materiais arqueológicos.

Foto 24: Sítio Potrero, poço-teste 2, perfil norte.

O poço-teste 3, por sua vez, foi escavado no domicílio do Alcides, onde foi encontrada a maior média de peças/m² durante a coleta de superfície. Porém, paradoxalmente, o PT3 apresentou a menor frequência de materiais arqueológicos entre os poços escavados (N = 19), apesar da espessura da camada A ser semelhante à dos outros poços (Figura 20).

Figura 20: Sítio Potrero, poço-teste 3, perfil norte: A) sedimento silte-argiloso, marrom-muito-escuro (10YR2/1), com materiais arqueológicos da Fase Jacadigo; B) sedimento argiloso, mosqueado, marrom-muito-escuro (10YR2/2) e marrom-avermelhado-escuro (5YR 3/3), sem materiais arqueológicos; C) sedimento argiloso, mosqueado, marrom-avermelhado-escuro (2.5YR3/4) e marrom (10YR4/3), sem materiais arqueológicos; D) sedimento argiloso, mosqueado, marrom-avermelhado-escuro (5YR3/4) e cinza-escuro (10YR3/4), sem materiais arqueológicos.

Ainda durante a investigação do Potrero, encontrei mais uma área de ocorrência, denominada ocorrência 8, na estrada construída pelos índios depois da retomada do Potrero, porém na meia encosta do piemonte oeste do morro do Urubu, na confluência da margem direita de uma nascente com a margem esquerda do Barrero, a aproximadamente 2.300 m ao sudoeste do Potrero (Mapa 4). A área apresenta ampla visibilidade de entorno no sentido oeste e sul, com destaque para o morro do Espírito Santo, ao sul-sudeste, e os campos da Faz. Vargem Grande, ao sul-sudoeste, bem como o curso do Miranda e a Serra da Bodoquena. Assim como a Faz. Santa Rosa e a Faz. Lucero, entre outras, bem como o assentamento Tupãbaé, a Vargem Grande também é tida como parte do território indígena tradicional.

Atualmente, o lugar é utilizado como pastagem e área de moradia pela Família da Sr.^a Catarina de Paulo, filha da vovó Nhola, onde permaneci hospedado, em conjunto com os colaboradores indígenas e alguns colegas arqueólogos, por mais de um mês. As encostas dos morros do Urubu e do Jaraguá, situado do outro lado do Barrero, estão recobertas por vegetação submontana preservada e figuram como um dos pontos de caça mais importantes dos índios, apesar das matas também serem habitadas pelo “gritadô”, também conhecido como “assubiadô”, “garrafão” ou “pé de garrafa”, uma das principais ameaças aos caçadores mais desavisados. O lugar conta com várias das prerrogativas dos outros sítios detectados em Lalima. Todavia, a despeito dos caminhamentos feitos pelo entorno, encontrei apenas duas peças líticas na área, ao longo da estrada, sendo uma lâmina de machado fragmentada, sem a parte distal, confeccionada sobre um bloco de rocha básica, e um seixo rolado, em arenito silicificado, com um negativo de retirada.

2.4 Implantação na paisagem

Isto tudo posto, é evidente que a implantação dos sítios da Fase Jacadigo na TI Lalima assemelha-se mais aos da Fase Jacadigo propriamente, localizados nas áreas não inundáveis contidas no sopé da morraria do planalto do Urucum, na região de Corumbá/MS (SCHMITZ et al., 1998), do que com os sítios em ambientes fechados, encontrados nas serras de Maracajú e Bodoquena, em Aquidauana/MS e Bodoquena/MS (MARTINS; KASHIMOTO; TATUMI, 1999; MARTINS, 2002; PÓVOA, 2007; MARTINS; KASHIMOTO, 2012). Sem embargo, se por um lado é bem provável que os sopés das serras retro referidas também contem com sítios a céu aberto associados à Fase Jacadigo, por outro o contexto de implantação dos sítios com materiais cerâmicos análogos em Lalima não é exatamente igual ao da Fase Jacadigo em Corumbá. Conforme aludido acima, os sítios da Fase Jacadigo encontram-se em áreas não inundáveis mais próximas das áreas inundáveis e dos aterros da Fase/Tradição Pantanal, enquanto que os sítios “Tupiguarani” estão localizados nos patamares mais elevados da morraria do Urucum. Além disso, os depósitos da Fase Jacadigo foram considerados superficiais ou, na melhor das hipóteses, rasos, formados principalmente por fragmentos de vasilhas cerâmicas e, mais raramente, materiais líticos brutos.

Na TI Lalima, por sua vez, os contextos da Fase Jacadigo estão implantados nos mesmo lugares que os Guarani ou então em áreas relativamente mais altas. Por outro lado, a diferença entre o contexto de implantação dos sítios da Fase Jacadigo, de um lado, e Guaikuru e Terena, de outro, é latente, uma vez que os últimos, com exceção da ocorrência 2, estão situados nas cotas mais baixas, nas proximidades da margem direita do rio Miranda. Os depósitos da Fase Jacadigo em Lalima, por sua vez, também são mais espessos e diversificados do que os sítios da Fase Jacadigo em Corumbá. Aparentemente, estes são mais parecidos com o setor 2 do Asa de Pote e o Potrero, mais rarefeitos, do que com o setor 2 do Córrego Lalima, mais denso. Porém, paradoxalmente, os depósitos da Fase Jacadigo em Lalima mais parecidos com a Fase Jacadigo em Corumbá são justamente os mais distintos topograficamente, e os sítios Jacadigo em Lalima são formados, ainda, por uma variedade considerável de materiais líticos polidos, lascados e brutos, e, talvez, por sedimentos antropogênicos e outros materiais. O contexto arqueológico estudado por Póvoa (2007) também apresenta materiais líticos associados a fragmentos de vasilhas cerâmicas análogas à Fase Jacadigo. No entanto, a frequência de líticos nos abrigos CERA não só é bem maior do que em Lalima, como é constituída principalmente por vestígios de lascamento, os quais, a meu ver, são tecnologicamente mais semelhantes às indústrias líticas comumente associadas aos povos indígenas caçadores-coletores arcaicos, a exemplo dos portadores da Tradição Itaparica, do que aos ceramistas formativos e históricos.

Outro aspecto interessante dos contextos arqueológicos deixados pelos portadores da Fase Jacadigo em Lalima diz respeito à organização espacial intra-sítio no Córrego Lalima e no Asa de Pote, igualmente ocupados por povos Guarani. Apesar dos limites entre os setores 1 e 2 do Córrego Lalima não serem muito nítidos, a se julgar pelas observações focadas na superfície e pelas sondagens e poços-testes escavados durante as atividades de levantamento, os contextos arqueológicos Guarani e Jacadigo observados nos sítios Córrego Lalima e Asa de Pote contam com “cores” bem definidos. Assim, se por um lado me parece que os Guarani e os portadores da Fase Jacadigo não se estabeleceram no Córrego Lalima e/ou no Asa de Pote ao mesmo tempo, por outro tenho a impressão de que uns e outros utilizaram os mesmos espaços de modos distintos.

Além disso, a variação entre o setor 2 do Córrego Lalima, mais denso, espesso e próximo do rio, de um lado, e, de outro, o setor 2 do Asa de Pote e o Potrero, mais rarefeitos, rasos e implantados em áreas de cabeceiras, também apontam que esses

lugares eram utilizados de modos distintos. Schmitz et al. (1998) observaram que alguns sítios da Fase Jacadigo, principalmente o MS-CP-26 e o MS-CP-47, apresentavam uma distribuição espacial complexa, e os correlacionaram à acampamentos dos Mbayá-Guaikuru, considerados pastores-nômades. Os depósitos do setor 2 do Asa de Pote e do Potrero são mais redundantes do que o setor 2 do Córrego Lalima, o que poderia indicar uma certa hierarquia de assentamentos, constituída por aldeias e áreas de atividades específicas. Em termos amplos, é essa a relação dos índios atuais com a “terra forte”, utilizada principalmente no cultivo sazonal de feijão, apesar de muitos cultivarem-na o ano todo, porém com outros itens. Assim, embora rasos e singelos, a redundância do setor 2 do Asa de Pote e do Potrero pode estar relacionada com o uso prolongado do mesmo lugar na mesma atividade. Sem embargo, diante da situação atual do conhecimento sobre os portadores da Fase Jacadigo, é igualmente possível que a variação do setor 2 do Córrego Lalima em relação ao setor 2 do Asa de Pote e ao Potrero, estejam relacionados com processos de continuidade e mudança através do tempo.

Seja como for, o contexto arqueológico associado à Fase Jacadigo na TI Lalima parece mais agricultor formativo do que pastor histórico. Nesse sentido, é oportuno mencionar que o contexto Guaikuru no sítio Tapera do Gino é formado, principalmente, por restos osteológicos de gado, muitos com marcas evidentes de cortes feitos com instrumentos de metal, como facões e machados, entre outros materiais históricos.

Outra questão complicada em relação à subsistência dos portadores da Fase Jacadigo, diz respeito à pressuposição de que os mesmos não exploravam os recursos pesqueiros no Pantanal. Depois de ter permanecido em Lalima por algum tempo e de apreender alguns dos significados etno-históricos e territoriais concedido ao rio Miranda, penso que o mesmo não fluiu despercebidamente pelos povos que se estabeleceram nas suas margens, até hoje uma das mais piscosas no Pantanal. De acordo com o Sr. Genésio de Souza, outro tio do Sr. Manoel, então com 99 anos, o rio foi fundamental na permanência dos Uvaicuru em Lalima:

... eu falo pa o senhor pro senhor, a vida num tem graça, si si aqui... é ruim toda parte é ruim... vamo afirmá morador pá vê u qui presta, vamo trabaiá pra nós, dando di jeito, da mai da mai lucro prantano por aí... dá muito mais, no início nós tem qui tê sorte um poco num tem aí quase u papá mai vamo vê aí tem esse

rio, esse rio ajuda muito ali... ajuda muito pega um-um-uma linhada vai pescá vai, vai comeno peixe... é... é por isso qui num tem nada qui alimpe duma veiz né? I aí não, a-a caça a caça aqui vem tinha muito, eu falei quem falava im passa fome aqui nu Lalima é porque tem prigiça... mai pega uma linhada do-dobaí-dobra um anzol vai ali no rio qui já tá comenu peixe... é, pra quê mais du que isso qui eles querem? (Genésio de Souza, maio/2011).

Apesar da falta de indícios mais claros e do caráter uniformitarista dos meus argumentos, é provável que os portadores da Fase Jacadigo na TI Lalima complementassem a sua dieta com itens alimentares provenientes de atividades de cultivo, manejo, coleta, pesca e caça, assim como a maioria dos grupos indígenas. De qualquer modo, ainda não consegui ir além da detecção dos sítios/ocorrências comentados acima, da obtenção de algumas datações absolutas não muito confiáveis, do esboço da variabilidade tecnológica dos registros cerâmicos, e da descrição dos tipos e matérias-primas dos materiais líticos achados nos contextos da Fase Jacadigo no setor 2 do Córrego Lalima e no setor 2 do Asa de Pote.

Não obstante, os dados espaciais inter e intra-sítio, por mais frágeis que sejam, sugerem que os portadores da tecnologia ceramista análoga à Fase Jacadigo em Lalima incorporaram a paisagem através de um processo de formação territorial distinto dos Guarani e dos Guaikuru, Terena, Kinikinao e Laiana. Inclusive, é provável que as transformações paisagísticas decorrentes da formação territorial dos portadores da Fase Jacadigo tenham influenciado o assentamento posterior nas feições ambientais denominadas pelos índios de “campina”. Com efeito, além das campinas, acredito que há outros ecofatos na TI Lalima, como um laranjal nas proximidades da planície de inundação do Miranda, na porção sudeste da Divisa da FUNAI, um jaboticabal quilométrico em meio a mata ciliar do Miranda, entre a divisa da FUNAI e a do Inocência, um guavirobal, um goiabal e um angical na Faz. Santa Rosa, situados em lugares distintos, e um buritizal na Faz. Lucero. No entanto, a origem e a manutenção dos ecofatos também deve estar associada à formação territorial Guarani e Guaikuru/Terena.

Por outro lado, se é mais ou menos claro que os registros Guarani encontrados em Lalima estão associados à expansão pré-histórica dos Tupi da Amazônia e com a

história cultural dos Guarani na região de Miranda, extensivamente designados “Itatim”, e que a formação territorial da TI Lalima está relacionada com a migração dos povos Mbayá-Guaikuru e Chané-Guaná a partir do séc. XVIII, se não antes, penso, diferentemente de Schmitz et al. (1998), que a Fase Jacadigo em Lalima foi portata por outros povos, histórica e culturalmente distintos dos Guaikuru. Porém se por um lado é possível que os portadores da Fase Jacadigo tenham se estabelecido na área em um período pré-histórico, durante ou mesmo antes do estabelecimento Guarani, é igualmente provável que a origem da sua tecnologia ceramista, assim como a Guaikuru e Terena, esteja associada a outro processo de etnogênese envolvendo povos chaquenhos e Arawak, só que em outro contexto histórico e cultural.

3 Datações arqueológicas

Datei duas amostras de carvão e um fragmento cerâmico associado aos registros arqueológicos dos povos indígenas portadores da Fase Jacadigo na TI Lalima. As datas obtidas através das amostras de carvão foram publicadas anteriormente, na minha dissertação. Ambas foram coletadas no poço-teste 1 do setor 2 do sítio Asa de Pote, nos níveis 3 e 6, e nas camadas B-C e D, respectivamente. É importante lembrar que a estratigrafia do setor 2 do Asa de Pote, formada pela “terra forte” dos índios, vêm sendo revolvida devido à utilização da área na agricultura, que a frequência de materiais arqueológicos em subsuperfície é ínfima, e que, não obstante, há um hiato entre a superfície e o nível 1, de um lado, e os níveis 3 a 5, de outro (Mapa 6, Figura 14).

A amostra do nível 3, recolhida entre as camadas B e C, em contexto com 5 fragmentos simples, proporcionou uma data de 1.070 ± 60 AP (Tabela 3). Conforme discutido acima, Schmitz et al. (1998), baseados na presença de impressões de corda e na suposta superficialidade dos sítios, associaram a Fase Jacadigo aos Mbayá-Guaikuru, os quais, na opinião dos mesmos, teriam se assentado na região de Corumbá no séc. XIX. Por outro lado, Martins, Kashimoto e Tatumi (1999) e Póvoa (2007), respectivamente, dataram contextos arqueológicos formados por vasilhas cerâmicas semelhantes às da Fase Jacadigo, denominadas pelos primeiros de Tradição Serra da Bodoquena, em 680 ± 80 e 690 ± 80 AP. No entanto, se as fontes históricas e etnográficas do período colonial indicam que povos Mbayá-Guaikuru, como os Paiaçuá e, talvez, os Guaxarapó, poderiam ter se estabelecido na região de Corumbá desde antes do colonialismo, já que ambos são mencionados nos relatos quinhentistas, e que os Kadiwéu se assentaram na área em um momento anterior ao séc. XIX, entre os séculos XVII e XVIII, se não antes, o fato da tecnologia ceramista ser conhecida entre os povos indígenas no Pantanal há ao menos 3 mil anos torna a data do nível 3 do poço-teste 1 do Asa de Pote, apesar do revolvimento da estratigrafia, plausível. Nesse sentido, as semelhanças tecnológicas entre as Fases Pantanal e Jacadigo seriam um indício da antiguidade de ambas, a despeito das diferenças em relação ao assentamento e, provavelmente, a outros aspectos culturais. Além do mais, é preciso levar em conta que, embora majoritariamente constituído por fragmentos cerâmicos da Fase Jacadigo, o setor 2 do Asa de Pote também apresentou materiais Guaraní. Assim, se sou forçado a admitir que a data do nível 3 ainda não prova nada, a mesma pode ser vista como mais

um indício da origem pré-histórica dos portadores da tecnologia ceramista semelhante à Fase Jacadigo, de um lado, e da diversidade cultural na região de Miranda, de outro.

Tabela 3: Datações arqueológicas na Terra Indígena Lalima

Data radiocarbônica convencional AP	Data calibrada 2 sigma AC-DC/AP	Código do laboratório	Sítio	Proveniência	Material	Tradição tecnológica
90 ± 30	1810 a 1930/140 a 20	Beta (332611)	Tapera do Gino	Poço-teste 4, nível 3, X=15cm, Y=75cm e Z=31cm	Carvão	Guaikuru
550 ± 30	1390 a 1430/560 a 520	Beta (362388)	Córrego Lalima	Setor 2, superfície, X=981,697, Y=1029,514 e Z=146,271	Cerâmica	Fase Jacadigo
970 ± 60	980 a 1210/970 a 940	Beta (238765)	Córrego Lalima	Setor 1, poço-teste 1, nível 3, X=57cm, Y=23cm e Z=26cm	Carvão	Guarani
1.070 ± 60	870 a 1040/1080 a 910	Beta (238768)	Asa de Pote	Setor 2, poço-teste 1, nível 3, X=56cm, Y=62cm e Z=27,5cm	Carvão	Fase Jacadigo
6.340 ± 70	5510 a 5300/7460 a 7250	Beta (238767)	Asa de Pote	Setor 2, poço-teste 1, nível 6, X=86cm, Y=32cm e Z=51,5cm	Carvão	?

A amostra recolhida no nível 6, encontrada na camada D, portanto abaixo dos sedimentos revolvidos, forneceu uma data de 6.340 ± 70 AP (Tabela 3). Os carvões datados estavam em contexto com um torrão de sedimento queimado, inicialmente interpretado como uma bolota de argila, e outra amostra de carvão. Sem embargo, o último fragmento cerâmico recolhido no poço-teste foi coletado no nível 5, a exatamente 8,5 cm acima da amostra datada. Com efeito, a data da amostra do nível 6 não só é muito mais antiga que as datações associadas às ocupações ceramistas das terras baixas da América do Sul, com exceção da Amazônia, como ainda situa-se no hiato entre os grupos pré-ceramistas inseridos na Fase Corumbá I e na Fase Corumbá II.

Por outro lado, existem datas semelhantes no contexto da margem sul-mato-grossense do alto curso do rio Paraná, nos sítios correlacionados com a primeira fase úmida identificada na região durante o holoceno, entre 8 e 3.500 anos atrás, e o povoamento humano da área por povos caçadores-coletores-pescadores arcaicos, datados entre 3.580 ± 50 AP e “7.170 a 6.770 cal AP” (KASHIMOTO; MARTINS, 2009, p. 258). Não obstante, é difícil corroborar as interpretações sobre os caçadores-coletores proporcionadas pelos autores, carregadas de preceitos evolucionistas e, por conta disso, colonialistas. Reproduzindo a fórmula utilizada por Schmitz et al. (1998) em relação à Fase Jacadigo, caracterizada mais pela ausência de atributos presentes na Fase Pantanal do que pelos seus próprios, Kashimoto e Martins (2009, p. 255)

categorizaram os caçadores-coletores do arcaico, em oposição às “culturas indígenas do período formativo/clássico”, da seguinte maneira:

... grupos de caçadores/ coletores nômades, portadores de uma cultura nitidamente pré-histórica, isto é, não indígena: sem agricultura, sem o pastoreio... sem aldeias e sem a confecção de recipientes de cerâmica (...) produziam suas ferramentas... por meio do lascamento de pedras... economia natural baseada na pesca, caça e coleta... todavia, não produziam seus alimentos, apropriavam-se apenas do que estava disponível na natureza. Acampavam nas proximidades... de recursos naturais. As representações simbólicas... eram complexas, como se pode constatar observando-se os painéis de ‘arte rupestre’... em cavernas e abrigos... nas escarpas do alto curso dos afluentes do Alto Paraná, em sua margem direita...

De um ponto de vista crítico, o discurso é típico do evolucionismo social do séc. XIX, proferido, no Brasil, durante a institucionalização da “arqueologia nobiliárquica”, na “era dos museus”, e do neo-evolucionismo determinista-ambiental da primeira metade do séc. XX, “institucionalizado” na arqueologia brasileira através do PRONAPA: os caçadores-coletores do arcaico são associados aos estágios iniciais do desenvolvimento cultural e são compreendidos de uma forma passiva, determinista e supostamente neutra e objetiva, a partir dos atributos e traços culturais característicos dos estágios mais avançados da evolução social (FAUSTO, 2005; FERREIRA, 2010; NOELLI; FERREIRA, 2007). Até mesmo o degeneracionismo, tão característico do neo-evolucionismo pronapiano, pode ser percebido no entendimento dos caçadores-coletores do arcaico proporcionado por Kashimoto e Martins (2009), na medida em que os autores consideram que as suas representações simbólicas “eram” complexas, o que, em contrapartida, leva à compreensão de que os grupos indígenas do formativo, posicionados um degrau acima na linha evolutiva, não praticavam arte rupestre e nem tinham manifestações artísticas complexas.

Estas predisposições teóricas foram criticadas desde o nascimento da antropologia americana, na virada entre os séculos XIX e XX, porém ganharam um novo ímpeto com as abordagens neo-evolucionistas, ecológicas e funcionalistas, na primeira metade do séc. XX, até serem postas em cheque novamente pela antropologia social, pela ecologia histórica e pelas abordagens pós-modernas, a partir da segunda

metade do século passado. A arqueologia incorporou todos estes preceitos ao longo da sua trajetória disciplinar, através das correntes histórico-culturais, processuais e pós-processuais (BAHN, 1996; DANIEL, 1981; TRIGGER, 2004). Atualmente, a voga é o combate ao colonialismo, a descolonização da arqueologia e o incremento da arqueologia indígena (GNECCO, 2008; LAYTON, 1989, 1994; SHEPHERD, 2003; SILLIMAN, 2005; SMITH; WOBST, 2005). Partindo do pressuposto de que todo o conhecimento, por mais imparcial que possa parecer, é subjetivo e reflete as posições políticas dos seus autores, as posturas anticolonialistas e descolonizadoras têm o objetivo de desvendar o significado ideológico das acepções arqueológicas, utilizadas na manutenção da ordem social dominante, e de apoderar os grupos étnicos e as classes sociais exploradas, oprimidas e marginalizadas, através do desenvolvimento de métodos de pesquisa alternativos e colaborativos, nos quais o conhecimento tradicional e as interpretações dele derivadas sejam devidamente valorizadas, independentemente da validação científica.

Depois da publicação de “Original affluent society”, por Sahlins, em 1972 (2007), poucos arqueólogos, mesmo os mais reacionários, representariam a economia e o modo de vida caçador-coletor de um modo tão primitivo e, por conta disso, anacrônico. Com efeito, alguns arqueólogos têm proposto modelos de formação territorial de grupos indígenas caçadores-coletores cujo início se dá ainda no pleistoceno, passa por todo o holoceno e, em alguns casos, como no dos Blackfeet, resiste ao colonialismo e chega até o presente (ZEDENÑO, 2010; ZEDENÑO; ANDERSON, 2010; ZEDENÑO; BALLENGER; MURREY, 2014). Por outro lado, vários arqueólogos e antropólogos têm demonstrado que os caçadores-coletores nas terras baixas sul-americanas também domesticam a paisagem – principalmente com a formação de florestas antropogênicas, consideradas ilhas de recursos florísticos e faunísticos, oriundas da interação de longa duração com o meio, em atividades de forrageio, manejo ambiental, cultivo itinerante, abertura de clareiras e queimadas – e sugerido que as transformações agenciadas pelos caçadores-coletores podem ter influenciado o surgimento do sedentarismo, da agricultura e da complexidade social (BALÉE, 2008; ERICKSON, 2005; SILVA, 2009; POLITIS, 2011). Em muitos casos, os grupos indígenas agricultores não substituíram os caçadores-coletores. Eles apenas acrescentaram outros modos de vida aos já existentes, contribuindo, assim, com a diversidade cultural indígena, observada não só durante os primeiros séculos do colonialismo, no passado, mas também no presente, ainda hoje. Parece que foi

justamente isto o que ocorreu no Pantanal e no Chaco, onde os povos indígenas contatados nos séc. XVI e XVII foram descritos tanto como caçadores-coletores quanto como agricultores, o que indica que esses modos de vida distintos já eram mantidos desde antes da chegada dos europeus (CARVALHO, 1992; METRAUX, 1946; SUSNIK, 1975). Além disso, é possível que muitos agricultores-ceramistas tenham adotado ethos caçador-coletor diante da expansão pré-histórica de outros povos indígenas e do colapso causado pelo colonialismo, como parece ter sido o caso dos Jê frente aos Tupi-Guarani e dos Tupi-Guarani diante dos europeus (FAUSTO, 2005; MONTEIRO, 1992; ROOSEVELT, 1992).

Porém o mais inquietante na concepção de Kashimoto e Martins (2009) e Martins e Kashimoto (2012) é a qualificação dos caçadores-coletores arcaicos como “não indígenas”. Será que os caçadores-coletores do arcaico não eram índios? O homem de Lagoa Santa ou a Luzia, bem como os portadores das tradições Umbu e Itaparica, ou os sambaquieiros e os outros povos que poderiam ser enquadrados no período paleoíndio ou arcaico, como os pescadores-caçadores-coletores das Fases Corumbá I e II, não eram indígenas? E os caçadores-coletores atuais, talvez descendentes, em alguns casos, de caçadores-coletores e agricultores pré-históricos, são ou não índios? O que será que os índios têm a dizer a respeito disso? Já que essas respostas parecem óbvias, talvez seja mais pertinente questionar por que os autores não consideram os caçadores-coletores do arcaico como indígenas. Seria por alguma questão ideológica? Quais seriam as implicações políticas da classificação dos caçadores-coletores como não indígenas? Em um contexto histórico, social, político e econômico como o de Mato Grosso do Sul, marcado pela reação às demandas indígenas desde o séc. XVI, um discurso arqueológico que desconsidera a condição de indígena dos caçadores-coletores do arcaico interessa apenas à elite dominante. De um ponto de vista simbólico, classificar os caçadores-coletores do arcaico como não indígenas, soa como uma tática discursiva semelhante à utilizada pelos autores de processos judiciais contrários à identificação e demarcação das terras indígenas Terena, os quais tentam deslegitimar as reivindicações territoriais utilizando os dados históricos e etnográficos sobre migrações e mudanças culturais para questionar a nacionalidade e a autenticidade cultural dos índios, vistos como paraguaios, aculturados e assimilados (FERREIRA, 2009).

Aos interessados, há uma crítica muito mais ferrenha à postura teórico-metodológica adotada por um dos autores das concepções sobre os caçadores-coletores discutidas acima em um artigo escrito por Eremites de Oliveira (2006, p. 29-49), porém

mais pautada nos problemas sobre a utilização de modelos arqueológicos histórico-culturais no julgamento da imemorialidade e da tradicionalidade da ocupação indígena em laudos periciais atrelados aos processos judiciais contra a identificação e a demarcação de terras indígenas. O fato é que, em Lalima, ainda não encontrei registros de povos indígenas caçadores-coletores ou a-ceramistas, o que obviamente não significa que eles não existam. Privilegiei estratégias de levantamento oportunístico e extensivo, e dirigi meus esforços na escavação e análise de sítios formados por fragmentos de vasilhas cerâmicas da Fase Jacadigo e Guaikuru, sobretudo por serem menos conhecidos do ponto de vista arqueológico e pela possibilidade de estarem associados à formação territorial no âmbito do contexto etnográfico atual, constituído por índios Guaikuru, Terena, Kinikinao e Laiana. No entanto, a estratigrafia do Potrero, igualmente formada por “terra-forte”, também apresentou carvões e sedimentos queimados em subsuperfície, abaixo da camada arqueológica, da mesma forma como a camada D do Asa de Pote, onde recolhi a amostra datada em 6 mil anos. Assim, se é claro que a data da amostra do nível 6 não está associada à ocupação ceramista da Fase Jacadigo, é possível que os carvões encontrados abaixo da camada arqueológica no Potrero datem do mesmo período.

Além das datações do Asa de Pote, também publiquei, na minha dissertação, uma data obtida com uma amostra de carvão proveniente do setor 1 do sítio Córrego Lalima, formado por materiais Guarani. Os carvões também foram recolhidos em uma camada perturbada, através da escavação do poço-teste 1, no quintal de uma residência (Mapa 5, Figura 21). Sem embargo, a amostra estava associada a um fragmento de vasilha cerâmica corrugada e proporcionou uma datação plausível, em 970 ± 60 AP (Tabela 3). Assim, antes desta tese, eu contava com duas datas de mais ou menos mil anos relativas às ocupações ceramistas na TI Lalima, sendo uma associada à formação territorial dos portadores da Fase Jacadigo e a outra aos Guarani. Baseando-me nestas datações, propus que o contexto arqueológico da Fase Jacadigo era pré-histórico e que a diversidade cultural encontrada pelos europeus na região de Miranda no início do período colonial já devia existir ao menos desde o ano mil. Porém, influenciado pelos estudos históricos sobre a presença dos Guarani-Itatim no rio Miranda e nas investigações arqueológicas acerca da ocupação Guarani no centro-sul do Brasil, também inferi que os Guarani deviam ter se imposto do ponto de vista cultural e territorial frente às outras populações que se assentaram no rio Miranda antes da chegada dos europeus, apesar de ter reconhecido que ainda não era possível afirmar se

eles haviam se estabelecido antes ou depois do assentamento dos portadores da Fase Jacadigo.

Figura 21: Sítio Córrego Lalima, setor 1, poço-teste 1, perfil norte: A) sedimento arenoso, marrom-escuro (10YR3/3), com materiais arqueológicos Guarani; B) sedimento areno-argiloso, marrom-escuro (7.5YR3/4), com materiais arqueológicos Guarani em baixa densidade; C) sedimento areno-argiloso vermelho-amarelado (5YR4/6), sem materiais arqueológicos.

A ideia era contribuir com essas questões datando o Potrero, mas como não obtive amostras confiáveis, tentei obter uma data a partir das conchas trituradas utilizadas como antiplástico em um fragmento de vasilha cerâmica proveniente do setor 2 do sítio Córrego Lalima. Selecionei uma das peças mais densas da coleção, porém de acordo com a avaliação técnica do laboratório incumbido da tarefa, as conchas contidas no fragmento apresentavam alterações causadas pelo processo de queima da vasilha (Fotos 25-26). Tais alterações, marcadas pela redução e desintegração das conchas, poderiam ter diminuído a quantidade de CaCO_3 , o que comprometeria a obtenção da massa de carbonos necessária à efetuação da datação e a sua acurácia.

Alternativamente, o laboratório sugeriu a utilização de outro método, denominado “bulk sherd organics”, utilizado geralmente na datação de fragmentos de vasilhas cerâmicas que não apresentam resíduos de alimentação ou depósitos de carbono. O método em cheque data os carbonos contidos na pasta, isolando-os através da pulverização do fragmento e do tratamento ácido. O problema é que a datação pode ser contaminada pela antiguidade da argila utilizada como matéria-prima ou pela absorção de ácidos húmicos mais recentes. Contudo, a data obtida não é muito antiga e nem muito recente, o que aumenta a sua confiabilidade. Assim, de acordo com o

método radiocarbônico retro citado, o fragmento cerâmico temperado com conchas recolhido no setor 2 do sítio Córrego Lalima foi datado em 550 ± 30 AP (Tabela 3).

Foto 25: Sítio Córrego Lalima, setor 2, fragmento cerâmico temperado com conchas trituradas submetido à datação arqueológica.

Foto 26: Sítio Córrego Lalima, setor 2, alterações causadas nas conchas trituradas utilizadas no tempero do fragmento cerâmico submetido à datação arqueológica durante a queima da vasilha. (Foto: Ron Hatfield).

Apesar de algumas décadas mais recente, a datação da cerâmica coletada no setor 2 do sítio córrego Lalima é semelhante às datas proporcionadas por Martins, Kashimoto e Tatum (1999), de um lado, e Póvoa (2007), de outro, porém é mais recente que a datação do setor 2 do Asa de Pote e do setor 1 do sítio Córrego Lalima. Por um lado, a data do fragmento fortalece as teses em favor das origens pré-históricas da Fase Jacadigo e da diversidade cultural na região de Miranda, ao mesmo tempo em que aproxima os seus portadores do período colonial. Nesse sentido, é possível que os sítios da Fase Jacadigo em Corumbá sejam mais recentes do que os sítios formados por materiais cerâmicos semelhantes localizados nos abrigos e cavernas das serras de

Maracajú e Bodoquena, e na TI Lalima. Se assim o for, pode ser que os portadores da Fase Jacadigo tenham se estabelecido na região de Miranda antes de se assentarem em Corumbá, em um período não muito distante do assentamento Guaikuru e Guaná na mesma área. Porém esta hipótese seria mais válida se fosse demonstrada a origem autóctone dos portadores das cerâmicas análogas à Fase Jacadigo, pois a tecnologia em xeque não tem análogos conhecidos ao leste da bacia do Miranda-Aquidauana. Os análogos mais próximos encontram-se a oeste, sudoeste e, talvez, norte-noroeste.

Por outro lado, a data da cerâmica do setor 2 do Córrego Lalima também sugere que a variação entre este, de um lado, e o setor 2 do Asa de Pote e o Potrero, de outro, possa ser mais temporal do que sistêmica – embora uma coisa esteja inextricavelmente atrelada à outra. Destarte, partindo do pressuposto de que os portadores da Fase Jacadigo e os Guarani não ocuparam os mesmos espaços ao mesmo tempo, é possível que uns e outros tenham se alternado territorialmente. Consequentemente, a estratigrafia do setor 2 do Asa de Pote, apesar de tudo, pode representar dois momentos distintos de ocupação dos portadores da Fase Jacadigo.

Os correlatos da formação territorial Guaikuru, por sua vez, foram datados, a partir de uma amostra de cascas de cocos de buriti carbonizadas, encontradas em meio a uma feição/estrutura descoberta no sítio Tapera do Gino, em 90 ± 30 AP (Tabela 3, Mapa 8, Figura 22, Foto 27, Anexo 1). Destarte, é possível que o conjunto de sítios Guaikuru no Baxadão corresponda à Lalima oitocentista visitada por Joaquim Alves Ferreira em 1848, então ocupada por 500 “Guaicurú-Cologuéo” (FERREIRA, 2001, p. 13) (Mapa 4). Como pode ser visto na planta da Tapera do Gino, as pesquisas arqueológicas mostraram que o assentamento Guaikuru foi seccionado pela Divisa da FUNAI, tanto que os índios concordaram em abordar apenas a parte contida dentro dos limites reconhecidos oficialmente. Contudo, se o assentamento incluía o outro lado da cerca e o sítio corresponde à Lalima do séc. XVIII, então os dados arqueológicos corroboram as histórias de usurpação e conflitos territoriais contadas pelos índios, pois ao que as evidências indicam o território mantido pelos Guaikuru na Tapera do Gino se estendia além das balizas atuais.

Por outro lado, é bem provável que a antropização prévia do lugar pelos Guarani tenha influenciado o assentamento Guaikuru na Tapera do Gino e, por extensão, no Baxadão. Com efeito, além da proximidade da margem direita do Miranda, inclusive de dois pontos de pesca altamente rentáveis, chamados de “Barra” e “Pedra”, a Tapera do Gino também está próxima dos Jaboticabais, Guavirobais e Buritizais frequentados

SÍTIO ARQUEOLÓGICO TAPERA DO GINO - MS-MI-04

Datum Sad69 - Zona 21S

0 1 2 3km
ESCALA

LEGENDA

- PT1 Poço teste
- Sondagem
- Sondagem com material arqueológico
- Material cerâmico coletado em superfície
- ☼ Cerrado
- ✕ Mata secundária (capoeira)
- ✕ Vazante
- Cerca
- == Estrada
- Curso d'água
- ◊ Lagoa

N

0 20 40 60 80m
ESCALA

Origem das coordenadas UTM: Equador e Meridiano de 57° W de Greenwich acrescidas as constantes 10.000.000m e 500.000m, respectivamente - Datum Sirgas 2000 (Zona 21S).

- Equidistância das curvas de nível: 1m.
- Levantamento topográfico: Motta Maciel Engenharia, 2012.

Figura 22: Sítio Tapera do Gino, poço-teste 4, perfil oeste e norte: A) areia fina, mosqueada, marrom-escuro (7.5YR3/2) e marrom-cinza- muito-escuro (10YR3/2); B) sedimento areno-siltoso, marrom-escuro (7.5YR3/2); C) sedimento areno-siltoso, mosqueado, marrom (7.5YR4/3 e 7.5YR4/2), com materiais arqueológicos Guaikuru em baixa densidade; D) areno-siltoso, marrom-muito-escuro (7.5YR2.5/3), com materiais Guaikuru em alta densidade; E) areia grossa, marrom (7.5YR4/4), com materiais Guaikuru em baixa densidade; F) areno-siltoso, mosqueado, marrom (7.5YR4/4) e marrom-avermelhado-escuro (5YR3/4), sem materiais arqueológicos; G) cascalheira.

Foto 27: Sítio Tapera do Gino, poço-teste 4, nível 3, contexto arqueológico Guaikuru datado em 90 ± 30 AP.

sazonalmente pelos índios. Assim, se as “campinas” contidas nos sopés dos morros forem antropogênicas, é interessante notar que a dinâmica do processo de estabilização territorial da TI Lalima, correlato nos contextos Guaikuru e Terena, se expandiu dos lugares transformados pelos Guarani aos antropizados pelo portadores da Fase Jacadigo.

Mapa 9: Sítio arqueológico Tapera do Urumbeva

Com base na tradição oral, os contextos Terena, sucessivamente, datam desde ao menos 90 anos atrás, sendo que o Pirizal foi ocupado antes da Urumbeva, talvez desde o

séc. XIX, mas foi abandonado depois (Mapa 4, Anexo 1). O Sr. Genésio, o tio do Sr. Manoel mencionado acima, nasceu no Pirizal, e se mudou para a Campina, sobre os sítios Jacadigo e Guarani, na década de 40. O pai e, sobretudo, os tios do Sr. Genésio, avós do Sr. Manoel, são os Souza mais velhos da memória etno-histórica de Lalima. De acordo com os meus colaboradores, eles vieram do “campo dos índios”, a oeste, onde atualmente situa-se a Terra Indígena Kadiwéu. A vovó Ñhola e outros anciões, como o Cororó e a vovó Cila, igualmente nonagenários, nasceram no “otro lado”, no Morro Grande, na Faz Jaboti, no sopé da Serra da Bodoquena, mas se mudaram ainda criança, juntamente com suas famílias, para a Urumbeva, e, posteriormente, depois da construção do Posto do SPI, em 1925, para a Sede e a Campina (Mapa 9).

Ainda há outras taperas além do Pirizal e da Urumbeva, como a Divisa, o Mangal, a Tapera do Domingos Gomes e o Engenho do Elísio, e outros lugares que podem conter registros arqueológicos associados à formação territorial de Lalima, como a Campina do Inocêncio e a Praia Grande. Não obstante, ou não pude visitar estes lugares, situados em lugares de difícil acesso ou nas fazendas em torno da Divisa da FUNAI, reclamadas territorialmente pelos índios, ou então não encontrei os registros materiais dos mesmos.

Outra questão interessante é que, apesar das datas temporalmente distintas, a rota de acesso à região de Miranda dos Guaikuru e Guaná, possuidores das cerâmicas análogas à Kadiwéu e Terena, pode ter sido a mesma utilizada pelos portadores da Fase Jacadigo. Todavia, se por um lado os indícios arqueológicos em relação à origem alóctone da Fase Jacadigo ainda não permite uma discussão mais aprofundada sobre a gênese dos seus portadores, por outro o caráter questionável das poucas datações disponíveis – sendo duas por termoluminescência (MARTINS; KASHIMOTO; TATUMI, 1999; PÓVOA 2007) e outras duas por C^{14} , obtidas a partir de uma amostra de carvão recolhida em uma camada perturbada e de um fragmento cerâmico coletado em superfície – ainda não comporta o rechaço da hipótese histórica de Schmitz et al. (1998). Mesmo assim, se essa cerâmica for tão recente quanto à Guaikuru em Lalima, penso que é mais provável que a mesma tenha sido portata pelos Guaná do que pelos Guaikuru.

4 A variabilidade artefactual em Lalima

4.1 A Fase Jacadigo no setor 2 do sítio Córrego Lalima

A maioria dos materiais cerâmicos recolhidos no setor 2 do sítio Córrego Lalima é formada por cacos de paredes, bordas, bases e apêndices de vasilhas associadas à Fase Jacadigo da Tradição Pantanal (Anexo 2: Tabelas 1-2). Contudo, também registrei a presença de 17 bolotas de argila e 1 cachimbo modelado. Assim como a peça similar proveniente do sítio Anita Vieira, o cachimbo do Córrego Lalima possui forma troncular (5,5 cm de comprimento), frente reta (2,2 cm de diâmetro e 0,6 cm de espessura) e foi confeccionado através do modelado. Não obstante, o forninho é cônico-arredondado e raso (1,4 cm de fundura), a parte proximal apresenta desgaste biconvexo, próximo do orifício para introdução da piteira (0,5 cm de diâmetro e 0,8 cm de espessura), coloração cinza-escuro (10YR4/1), massa de 33 g e decoração constituída por um alinhamento de ponteados na parte distal, paralelo ao forninho (Prancha 1: U).

De acordo com as análises dos fragmentos, concernidas com o esboço da variabilidade formal entre as tradições tecnológicas ceramistas identificadas na TI Lalima, as pastas utilizadas na confecção das vasilhas associadas à Fase Jacadigo no setor 2 do Córrego Lalima – muito provavelmente manufaturas pelo gênero feminino, como na grande maioria dos povos indígenas conhecidos histórica e etnograficamente – contavam, majoritariamente, com antiplásticos minerais, sobretudo quartzo, mica, óxido de ferro e areia (Anexo 2: Tabela 3). Na falta de análises arqueométricas específicas, é difícil considerar se os elementos minerais foram adicionados intencionalmente ou se os mesmos já faziam parte das fontes de matéria-prima argilosa, como é o caso entre os Asurini do Xingu (SILVA, 2000, 2004, 2005). No entanto, vale levar em conta que as fontes etnográficas mencionam que as ceramistas Kadiwéu temperavam a argila utilizada na confecção das vasilhas com areia, além de cacos moídos, conchas e cinzas (CHIRI, 1974; HERBERTS, 1998; OBERG, 1949; RIBEIRO, 1980; SANCHEZ-LABRADOR, 1910). Seja como for, pouco mais de 1/4 dos fragmentos apontam que a pasta de algumas vasilhas da Fase Jacadigo no setor 2 do Córrego Lalima era temperada intencionalmente, principalmente com cacos moídos, porém também com conchas trituradas e associações entre cacos e conchas. Ainda observei um caco de parede

simples, com pequenos fragmentos porosos, esbranquiçados e acinzentados na pasta, tidos como ossos estilhaçados.

A diferença nas técnicas de preparação da pasta entre o setor 2 do Córrego Lalima e o setor 1, majoritariamente Guarani, é evidente: quase todos os fragmentos do setor 1 apresentam cacos moídos (Anexo 3: Tabelas 1-3). Não obstante, também observei alguns fragmentos do setor Guarani com antiplásticos minerais e, em menor medida, conchas, geralmente associadas a cacos moídos. Porém, se por um lado a presença de conchas em alguns fragmentos Guarani parece fortuita, por outro o percentual de fragmentos com conchas trituradas no setor 2 é um pouco maior do que no setor 1, embora ambos contem com poucos cacos de vasilhas temperadas com conchas.

As evidências das técnicas de manufatura das vasilhas foram observadas em quase 1/5 dos fragmentos do setor 2 do Córrego Lalima, sendo que a maioria destes apresenta roletes ou negativos da sobreposição dos roletes nos bordos (Anexo 2: Tabela 4). Todavia, a presença dos apêndices e de fragmentos de recipientes com apêndices fragmentados mostra que algumas vasilhas eram confeccionadas através da combinação de técnicas acordeladas e modeladas (Figura 30, Prancha 1: C, O-P). No setor 1, por sua vez, a maioria dos fragmentos analisados indica que as vasilhas Guarani foram confeccionadas principalmente por meio do acordelado, visto que o modelado não foi observado nem nos cacos de vasilhas e nem na forma de outros artefatos cerâmicos (Anexo 3: Tabela 4).

A análise morfológica indica que o vasilhame da Fase Jacadigo no setor 2 do Córrego Lalima apresentava bordas diretas (verticais e inclinadas interna e externa) e extrovertidas; lábios com reforço-externo, dobrados, com rebarba-externa, arredondados, biselados, planos e apontados; bases circulares, côncavas e planas; e apêndices de suspensão em forma de alças e asas (Figura 23, Prancha 1: C,G, I-J, M-N, Q, Anexo 2: Tabelas 5-8). A espessura das vasilhas, por sua vez, variava entre 0,3 e 1,5 cm, porém a maioria dos fragmentos analisados conta com espessuras < 1 cm (anexo 2: Tabela 9).

Apenas cinco fragmentos de borda apresentaram mais de 12,5 % do diâmetro da boca das vasilhas, aferidas entre 14 e 32 cm (Anexo 2: Tabela 10). Somente estes fragmentos possibilitaram a reconstituição gráfica confiável da classe de simetria, contorno, forma e altura do vasilhame da Fase Jacadigo no setor 2 do Córrego Lalima. Trata-se de cinco vasilhas não restringidas, com contornos simples – apesar de uma

delas possuir uma leve angulação, mais marcada na face interna – formas semi-elíptica-horizontal, semi-esférica e semi-oval-vertical, e alturas entre 5 e 15 cm (Figura 24). Sem embargo, vários fragmentos, como as paredes infletidas e as bordas extrovertidas e inclinadas, sugerem que o vasilhame também era constituído por vasilhas fechadas e fechadas com pescoço, com contornos infletidos e pescoços pronunciados (Figura 23, Prancha 1: G, Q-R, Anexo 2: Tabelas 11-15). Além das paredes infletidas, observei uma parede carenada, decorada com banho de engobo branco na face externa. Porém, em minha opinião, trata-se de um fragmento de vasilha Guarani em meio aos da Fase Jacadigo.

Figura 23: Sítio Córrego Lalima, setor 2, fragmentos de borda das vasilhas cerâmicas da Fase Jacadigo: a) extrovertida; b) direta-vertical; c) inclinada-interna; d) inclinada-externa. A figura também mostra a variação de lábios reforçados e dobrados, entre outros.

O vasilhame Guarani no setor 1, ao seu turno, apresentava bordas côncavas, diretas verticais e inclinadas externa e interna, bem como extrovertidas, cambadas, e introvertidas; lábios arredondados, biselados, apontados, planos, com reforço e rebarba

externa; paredes infletidas e carenadas; bases circulares planas e côncavas; e espessuras entre 0,4 e 2,9 cm (Figura 25, Prancha 2: A-B, D, H, Anexo 3: Tabelas 5-9).

Apenas três fragmentos de borda do setor 1 do Córrego Lalima possibilitaram a tomada de medidas confiáveis do diâmetro da boca, aferidos em 10, 22 e 58 cm (Anexo 3: Tabela 10). Consequentemente, somente três vasilhas puderam ser reconstituídas graficamente. De acordo com a classificação das vasilhas Guarani proposta por Brochado e colegas (LA SALVIA; BROCHADO, 1989; BROCHADO; MONTICELLI, 1994; BROCHADO; MONTICELLI; NEUMANN, 1990; NOELLI; BROCHADO, 1998; NOELLI, 1993), as vasilhas reconstituídas graficamente correspondem a um “cambuchí”, um “yapepó” e um “cambuchí caguâba” (Figura 26).

Figura 24: Sítio Córrego Lalima, setor 2, vasilhas cerâmicas da Fase Jacadigo reconstituídas graficamente: a) vasilha aberta, simples, semi-elíptica horizontal; b) vasilhas abertas, simples, semi-esféricas e semi-ovais.

A reconstituição do cambuchí deve ser vista com ressalvas, pois se por um lado as bordas cambadas são características e a medida do diâmetro da boca é confiável, sabe-se, por outro, que não há uma relação entre a abertura da boca e a altura dos

Figura 25: Sítio Córrego Lalima, setor 1, fragmentos de borda das vasilhas cerâmicas Guarani: A) côncava; B) direta-vertical; C) inclinada-interna; D) inclinada-externa; E) extrovertida; F) cambada; G) carenada; H) infletida; I) introvertida.

cambuchí, e nota-se, ainda, que o perfil da borda na qual a reconstituição se baseia não dá conta do contorno da vasilha. As reconstituições do yapepó e do cambuchí caguâba, por sua vez, são mais confiáveis, visto que as bordas são características, as medidas dos diâmetros adjudicáveis, que há uma relação entre a abertura da boca e a altura das classes em cheque, e que o perfil dos fragmentos utilizados na reconstituição gráfica inclui o bojo e a borda das vasilhas às quais os mesmos pertenciam. Seja como for vários fragmentos de borda cujo diâmetro não pôde ser aferido confiavelmente, bem

como alguns cacos de paredes infletidas e carenadas, foram associados aos cambuchí, yapepó, cambuchí caguâba e ñaetá (Anexo 3: Tabela 12).

Figura 26: Sítio Córrego Lalima, setor 1, vasilhas Guarani reconstituídas graficamente: a) cambuchí; b) yapepó; c) cambuchí caguâba.

Com é sabido, a classe cambuchí é formada por vasilhas fechadas, com contornos compostos e complexos, piriformes, utilizadas no processamento, no consumo e no armazenamento de alimentos líquidos, como talhas, e no sepultamento secundário, como urnas ou acompanhamento funerário. A classe yapepó é constituída por vasilhas fechadas com ou sem pescoço, contornos infletidos e compostos, e formas globulares ou de cuia, usadas no processamento de alimentos sólidos e líquidos, como panelas, e como urnas e acompanhamento funerário. Já a classe cambuchí caguâba é composta por vasilhas carenadas sem pescoço, com contornos compostos e complexos, em geral piriformes, empregadas no consumo de alimentos líquidos, como tigelas, e como acompanhamento funerário. A classe ñaetá, enfim, é formada por vasilhas abertas, com contorno simples e formas semi-elípticas horizontais, utilizadas no processamento de alimentos sólidos e como tampa das urnas funerárias.

A maioria das vasilhas da Fase Jacadigo do setor 2 do Córrego Lalima apresentava acabamento de superfície simples, principalmente polimento, seguido por alisamento e, em menor medida, barbotina, tanto nas faces externas e internas, quanto no lábio (Anexo 2: Tabelas 16-21). No entanto, algumas vasilhas eram decoradas com tratamentos plásticos, cromáticos, mistos e duplos, sobretudo na face externa e no lábio. A face interna, sucessivamente, era decorada, principalmente, com cromatismos.

As vasilhas Guarani no setor 1 também apresentavam, majoritariamente, acabamento simples nas faces externa e interna, e no lábio (Anexo 3: Tabelas 13-15). Todavia, diferentemente do setor 2, a frequência de fragmentos alisados no setor 1 é maior do que a de polidos, e a barbotina, embora comum na cerâmica Guarani, não foi identificada (Anexo 3: Tabelas 16, 19-20). Por outro lado, a face externa dos fragmentos do setor 1 conta com uma frequência de tratamentos plásticos e cromáticos maior do que os cacos com acabamento simples. A face interna, por sua vez, também apresenta, principalmente, acabamentos cromáticos. Contudo, a policromia Guarani, seja na face externa ou na interna, é bem mais característica do que o cromatismo do vasilhame da Fase Jacadigo. Os lábios das vasilhas Guarani, enfim, eram decorados, sobretudo, com cromatismos, haja vista que os lábios com tratamentos plásticos observados no setor 1 são típicos das vasilhas da Fase Jacadigo.

As decorações plásticas nas faces externas das vasilhas da Fase Jacadigo no setor 2 do sítio Córrego Lalima eram formadas, principalmente, por incisões, porém também haviam vasilhas com impressões de corda, apliques de filigranas de argila, corrugados-simples, apliques de apêndices mamilonares, ponteados e roletados. As vasilhas com acabamentos duplos, constituídos pela aplicação de duas técnicas decorativas plásticas distintas sobre a mesma superfície, contavam com incisos-ponteados, incisos-aplicados (com apêndice mamilonar) e impressões de corda-ponteados (Prancha 1: A-H, Figuras 27-30, Anexo 2: Tabelas 22-23).

Em termos gerais, as técnicas associadas às incisões e impressões de corda eram utilizadas na decoração de vasilhas fechadas com contornos infletidos, através de alinhamentos horizontais simples, duplos e múltiplos (Prancha 1: A-B, Figuras 27-29). Apenas um fragmento com impressões de corda apresentou estilização, aparentemente constituída por um motivo geométrico escalonado. Apesar de muitas incisões múltiplas não contarem com espaços regulares entre si, é possível que as mesmas tenham sido feitas com o uso de instrumentos semelhantes a pentes, com pontas convexas, planas e aguçadas. Os apliques mamilonares e os ponteados decoravam os segmentos superiores

Prancha 1: Sítio Córrego Lalima, setor 2, materiais cerâmicos da Fase Jacadigo: A) inciso; B) impressão de corda; C, M, Q-R) apliques de filigranas de argila; D) corrugado-simples; E) applique mamilonar; F) inciso-ponteadado; G) inciso-aplicado (com applique mamilonar); H) impressão de corda-ponteadado; I) applique de filigranas e pintura vermelha; J) pintura vermelha; K) engobo vermelho; L) enegrecimento; N) ponteadado; O) apêndice de suspensão (alça); P) apêndice de suspensão (asa); S) fuligem; T) depósito de carbono; U) cachimbo troncular.

dos bojos das vasilhas fechadas, geralmente abaixo das incisões ou das impressões de corda. Os ponteadados apresentavam formas esféricas, circulares e triangulares alinhadas horizontalmente (Prancha 1: E-H, N).

Figura 27: Sítio Córrego Lalima, setor 2, face externa de fragmento de borda de vasilha cerâmica associada à Fase Jacadigo, com acabamento duplo inciso-aplicado (apêndice mamilonar).

Figura 28: Sítio Córrego Lalima, setor 2, face externa de fragmento de vasilha cerâmica da Fase Jacadigo, com acabamento duplo inciso-pontado.

Figura 29: Sítio Córrego Lalima, setor 2, face externa de fragmento de vasilha cerâmica da Fase Jacadigo, com impressões de corda múltiplas.

Figura 30: Sítio Córrego Lalima, setor 2, face externa de fragmento de borda de vasilha cerâmica aberta da Fase Jacadigo, com apliques de filigranas de argila e apêndice de suspensão.

Figura 31: Sítio Córrego Lalima, setor 2, face externa de fragmento de vasilha cerâmica da Fase Jacadigo, com acabamento misto, formado por apliques de filigranas de argila e pintura vermelha.

Os apliques de filigranas de argila, por sua vez, eram utilizados na ornamentação da face externa e do lábio das vasilhas abertas, e, talvez, do pescoço das vasilhas restringidas, geralmente na representação de motivos geométricos estilizados, formados por linhas retilíneas, onduladas e em zig-zag, simples, duplas e múltiplas, em posições horizontais, verticais e oblíquas (Figura 30, Prancha 1: C, M, Q-R). As vasilhas com decorações mistas, constituídas pela associação entre técnicas de acabamento plástico e cromático sobre a mesma face, apresentavam apliques de filigranas e pinturas e/ou engobo vermelho (Figura 31, Prancha 1: I).

Ao contrário das outras técnicas de acabamento plástico, mais zonadas, é possível que os corrugados-simples e os roletados cobrissem toda a superfície de certas vasilhas. Sem embargo, alguns fragmentos apresentaram corrugações apenas na constrição das vasilhas restringidas (Prancha 1: D).

Os cromatismos na face externa das vasilhas análogas à Fase Jacadigo no setor 2 do Córrego Lalima eram constituídos por pinturas vermelhas, banhos de engobo vermelho e enegrecimento (Anexo 2: Tabela 24). As pinturas vermelhas são formadas principalmente por faixas abaixo da borda nas vasilhas abertas, porém também observei um fragmento decorado com uma linha vermelha em zig-zag. O engobo vermelho contava com tonalidades vermelho-amarelado (5YR4/6), marrom-avermelhado (5YR5/4 e 5YR4/4) e vermelho (7.5YR4/6).

Além dos tratamentos de superfície considerados acima, associados à Fase Jacadigo, identifiquei alguns fragmentos com acabamentos tipicamente Guarani no setor 2 do sítio Córrego Lalima, constituídos pelos corrugados característicos, bem como pelos ungulados e pelas pinturas de linhas e/ou faixas vermelhas e/ou pretas sobre engobo branco.

O acabamento plástico na face externa do vasilhame Guarani no setor 1 do Córrego Lalima, ao seu turno, era formado principalmente por superfícies corrugadas. Com efeito, a frequência de corrugações na face externa dos fragmentos do setor 1 é igual à de cacos alisados. Contudo, o setor 1 também conta com uma frequência considerável de fragmentos ungulados. Provavelmente, as corrugações e as ungulações cobriam toda a face externa das vasilhas. Apenas um fragmento, o qual se trata de uma parede carenada, apresenta acabamento de superfície duplo, constituído por corrugações no segmento superior do bojo, acima da linha da carena, e por incisões verticais no segmento inferior (Prancha 2: A-D, Anexo 3: 17).

Além dos corrugados e ungulados, observei outros acabamentos plásticos no setor 1, porém em baixa densidade. Alguns desses acabamentos, como o roletado e a incisão, são comuns às vasilhas da Fase Jacadigo e à cerâmica Guarani – embora aquela conte com uma frequência muito maior de incisões do que esta. Outros acabamentos, como os ponteados e as filigranas de argila, são típicos da Fase Jacadigo. O escovado, porém, é mais característico da cerâmica Guarani (Prancha 2: E).

A decoração cromática na face externa do vasilhame Guarani do setor 1 do Córrego Lalima era composta, majoritariamente, por pinturas de linhas vermelhas e/ou pretas sobre engobo branco (Figura 32, Prancha 2: F-H, Anexo 3: Tabela 18). Porém

também foram observados alguns fragmentos com pinturas vermelhas e banhos de engobo vermelho, comuns à cerâmica Guarani e à Fase Jacadigo. No entanto, a frequência de fragmentos decorados com pinturas vermelhas e engobo vermelho na face externa é maior no setor 2 do que no setor 1. A tonalidade do engobo vermelho na face externa dos fragmentos do setor 1 varia entre vermelho-amarelado (5YR4/6 e 5YR5/6), amarelo-avermelhado (5YR7/6) e pink (7.5YR7/4).

Prancha 2: Sítio Córrego Lalima, setor 1, materiais cerâmicos e tembetás Guarani: A-B) corrugado; C) unculado; D) corrugado-inciso; E) escovado; F, H) pintura vermelha e preta sobre engobo branco; G) engobo branco; I) polidor de sulco; J) tembetá lítico; L) tembetá de resina.

As faces internas das vasilhas da Fase Jacadigo no setor 2 do Córrego Lalima eram decoradas principalmente com pintura vermelha, engobo vermelho e enegrecimento (Prancha 1: J-L, Anexo 2: Tabela 25). Apenas uma peça apresentou tratamento de superfície misto, constituído por um alinhamento ondulado horizontal de

apliques de filigranas logo abaixo da linha do lábio e pinturas de faixas vermelhas paralelas. Apesar da presença de faces internas decoradas com banhos de engobo branco e policromias, e da dificuldade em isolar as pinturas e os banhos vermelhos da cerâmica Guarani e da Fase Jacadigo, as pinturas vermelhas associadas à última parecem mais características na face interna do que na externa. Além das faixas paralelas, igualmente observadas na face externa, notei a presença de faixas em grega e faixas onduladas e entrecruzadas na face interna, porém bastante esvanecidas (Prancha 2: J). A tonalidade do engobo vermelho na face interna varia em relação à externa. A coloração bruno-avermelhado (5YR4/3, 5YR4/4, 5YR5/4 e 2.5YR5/4) é mais frequente, seguida pelos tons vermelho-amarelado (5YR4/6) e pink (7.5YR7/4).

Figura 32: Sítio Córrego Lalima, setor 1, fragmento de vasilha cerâmica Guarani, com pinturas vermelhas e pretas sobre engobo branco na face externa.

Na face interna do vasilhame Guarani no setor 1, os fragmentos com banhos de engobo vermelho e branco conformam a maioria, porém também observei cacos ornados com pinturas vermelhas e pinturas vermelhas sobre engobo branco. A tonalidade do engobo vermelho na face interna dos fragmentos do setor 1 é a mesma da face externa.

A maior parte dos lábios decorados das vasilhas cerâmicas análogas à Fase Jacadigo no setor 2 do Córrego Lalima contava com alinhamentos simples, duplos ou múltiplos de apliques de filigranas de argila paralelos ao diâmetro da boca, e acabamento misto, constituído por apliques de filigranas e faixas vermelhas igualmente paralelas à boca (Figura 30, Prancha 1: C, I, N, R, Anexo 2: Tabela 26). Contudo, também observei faixas vermelhas isoladas, ponteados, banhos de engobo vermelho e, em apenas um caso, ungulações no lábio (Prancha 1: N). Embora as ungulações sejam

características da cerâmica Guarani, não observei nenhum fragmento de borda com lábio unglado no setor 1 do Córrego Lalima, ao mesmo tempo em que verifiquei apenas um fragmento com ungulações na face externa no setor 2. Por outro lado, a frequência dos fragmentos unglados no setor Guarani é maior do que no setor Jacadigo e, em todos os casos, as ungulações foram justapostas por toda a superfície. É importante ressaltar que a maioria dos fragmentos de borda com lábios decorados do setor 2 do Córrego Lalima, sobretudo aqueles com decorações plásticas, apresentam reforço externo ou lábio dobrado, característicos do vasilhame cerâmico da Fase Jacadigo na TI Lalima.

A boca do vasilhame cerâmico Guarani no setor 1 era decorado principalmente com pintura de faixas vermelhas, haja vista que os únicos fragmentos de borda com lábios ornados com acabamentos plásticos apresentavam apliques de filigranas de argila, típicos das vasilhas da Fase Jacadigo (Anexo 3: Tabela 20).

Apesar da presença considerável de núcleos escuros entre os fragmentos de vasilhas da Fase Jacadigo no setor 2 do sítio Córrego Lalima, os quais podem estar associados tanto a oxidações incompletas quanto a queimas redutoras, a oxidação do vasilhame era incompleta e a queima, muito provavelmente, a céu aberto (Anexo 2: Tabela 27). A face externa da maioria das vasilhas apresentava coloração marrom, seguida por cinza, amarelo, preto, branco, vermelho e pink. A face interna também contava, majoritariamente, com tonalidades marrom, seguidas por cinza, porém a frequência de preto e branco é maior do que amarelo, vermelho e Pink (Anexo 2: Tabelas 28-29).

Em termos qualitativos, os núcleos dos fragmentos cerâmicos do setor 1 contam com as mesmas configurações do setor 2, porém as frequências são distintas. Não obstante, a queima do vasilhame Guarani também era incompleta e, ao que tudo indica, a céu aberto. O mesmo pode ser dito em relação à coloração dos fragmentos. A face externa apresentava, principalmente, coloração marrom e amarelo, seguidos por pink, preto, vermelho, cinza e branco, e a face interna, por sua vez, mormente marrom, amarelo e preto, bem como pink, cinza, vermelho e branco (Anexo 3: Tabelas 21-23).

Considerações baseadas na análise morfológica e nas marcas de uso nas faces externa e interna, majoritariamente constituídas, respectivamente, por fuligem e depósitos de carbono, sugerem que o vasilhame do setor 2 do sítio Córrego Lalima era utilizado para preparar e servir alimentos sólidos e/ou líquidos, como tigelas e panelas (Prancha 1: S-T). Sem embargo, é possível que também houvessem vasilhas utilizadas

no consumo e no armazenamento de alimentos líquidos, como potes e moringas. A variação nos elementos decorativos, por sua vez, sugere que as vasilhas também eram utilizadas como forma tradicional de expressão e comunicação simbólica, e, porventura, em atividades ritualísticas e cerimoniais. Além do mais, os fragmentos também eram reciclados e reutilizados como polidores de sulco e matéria-prima na confecção de chamote (Anexo 2: Tabelas 30-31).

A identificação das classes de vasilhas Guarani e a análise das marcas de uso nos fragmentos do setor 1 do Córrego Lalima, por sua vez, indicam que a função primária do vasilhame Guarani era semelhante à das vasilhas da Fase Jacadigo no setor 2. Além disso, os fragmentos cerâmicos também eram reciclados e utilizados como matéria-prima de chamote e como polidor de sulco (Prancha 2: I). Por outro lado, apesar do uso secundário das classes identificadas no setor 1 nos sepultamentos tipicamente Guarani, ainda não detectei urnas funerárias em Lalima. Não obstante, um tio octogenário do Sr. Manuel, chamado Luiz de Souza, me contou, certa vez, que acharam um pote na Sede, no mesmo campo de futebol onde coletei a maioria dos fragmentos cerâmicos no setor 1. Pensaram que era um “guardado”, desenterraram o pote e “as coisera” que tinha dentro. No fundo, encontraram uma cabeça, se assustaram e saíram correndo. Todavia, Jorge Cabrocha me doou, em maio de 2011, um cambuchi caguâba quase inteiro, encontrado no quintal da sua casa, situada na Sede, no setor 3 do sítio Córrego Lalima, em conjunto com outras duas vasilhas inteiras (Foto 28).

Foto 28: Sítio Córrego Lalima, setor 3, cambuchi caguâba Guarani com pinturas vermelhas e pretas sobre engobo branco na face externa.

Apesar das limitações quantitativas e analíticas, os materiais líticos recolhidos no setor 2 do Córrego Lalima, portanto em contexto com fragmentos de vasilhas cerâmicas da Fase Jacadigo, contam com uma variação significativa. Em termos gerais, os líticos coletados são formados por refugos de picoteamento/polimento e artefatos polidos, vestígios de lascamento e artefatos talhados e retocados, e utensílios brutos, com poucas modificações causadas pelo uso ou com nenhuma modificação (Anexo 2: Tabelas 32-33).

Prancha 3: Sítio Córrego Lalima, setor 2, materiais líticos da Fase Jacadigo: A) Lâmina de machado; B) fragmento de lâmina de machado; C) pré-forma de lâmina de machado; D) mão de mó; E) polidor discoide; F) fragmento de tembetá; G) plaina; H) furador; I) almofariz; J) amolador; K) percutor; L) quebra-coco.

Os materiais líticos picoteados e/ou polidos são formados, principalmente, por mãos de mó, lâminas de machado, fragmentos de lâminas de machado e polidores discoides. Porém ainda observei uma lasca de picoteamento, uma pré-forma de lâmina de machado, um fragmento de artefato polido e um fragmento de tembetá. Com exceção

dos polidores e do tembetá, confeccionados em quartzo leitoso, todas as outras peças picoteadas/polidas foram produzidas em rochas básicas (Prancha 3: A-F, Anexo 2: Tabelas 34-35).

Os vestígios de lascamento são constituídos por lascas e núcleos. Entre as lascas, observei duas lascas unipolares primárias e uma lasca secundária, bem como uma lasca sired e uma micro-lasca. Já entre os núcleos, notei dois núcleos com uma plataforma definida, um núcleo com duas plataformas em ângulo e um núcleo com várias plataformas em outras posições. Apenas duas peças foram classificadas como artefatos, sendo uma um furador e a outra uma plaina (Prancha 3: G-H). Os líticos lascados, por sua vez, foram confeccionados em quartzo hialino e leitoso. A superfície da maioria das peças é acortical, com cicatrizes de lascamento anterior. Não obstante, também registrei alguns líticos lascados com córtex característicos de núcleos prismáticos, a exemplo da plaina, bem como uma peça com córtex rugoso e outra com córtex liso (Anexo 2: Tabelas 36-38).

Os materiais líticos brutos, enfim, são formados por alguns amoladores e um percutor, um almofariz, um quebra-coco, uma matéria-corante, um seixo e um fragmento de seixo (Prancha 3: I-L). Os amoladores, o almofariz e o quebra-coco são formados por blocos de rochas básicas, o percutor e os seixos por seixos rolados de quartzito, e o corante por um bloco de óxido de ferro (Anexo 2: Tabelas 39-41).

No setor 1 do sítio Córrego Lalima, em contexto com a cerâmica Guarani, encontrei apenas duas lascas primárias, uma lasca térmica e um fragmento de artefato talhado e retocado. Provavelmente, as lascas primárias foram produzidas a partir do lascamento do mesmo bloco de rocha básica, ao passo que a lasca térmica se originou com o espocamento de um seixo de silexito. O fragmento de artefato apresenta matéria-prima constituída por quartzo fumê. Sem embargo, vale registrar que encontrei um tembetá de resina em contexto com um fragmento corrugado tipicamente Guarani e alguns restos faunísticos em uma sondagem escavada no setor 1 do sítio Córrego Lalima, e que recebi a doação de um tembetá lítico do Sr. Sebastião Cabrocha (Prancha 2: J-L). De acordo com o doador, irmão e vizinho do Sr. Jorge Cabrocha, o doador do cambuchi caguâba, o tembetá foi encontrado no quintal da sua casa, na Sede, no setor 3 do sítio Córrego Lalima. A peça foi confeccionada com o polimento de uma matéria-prima constituída por quartzito verde e conta com uma forma idêntica, semelhante a uma “fisga”, ao tembetá polido em quartzo achado no sítio Córrego São Lourenço 1,

localizado no contexto da margem direita do alto curso do rio Paraná, por Kashimoto e Martins (2009: 153).

4.2 A Fase Jacadigo no setor 2 do sítio Asa de Pote

Assim como no setor 2 do sítio Córrego Lalima, a maior parte dos materiais cerâmicos associados à Fase Jacadigo no setor 2 do Asa de Pote é formada por fragmentos de paredes, bordas, bases e, em menor medida, apêndices de vasilhas (Anexo 4: Tabelas 1-2). Porém também encontrei uma rodela de fuso e uma “ficha” fragmentada (Prancha 4: J-K).

A pasta utilizada na confecção do vasilhame cerâmico do setor 2 do Asa de Pote contava com antiplásticos minerais e cacos moídos (Anexo 4: Tabelas 3). Não observei fragmentos temperados com conchas trituradas, como no setor 2 do Córrego Lalima. Sem embargo, a percentualidade de fragmentos de vasilhas temperadas com cacos moídos no setor 2 do Asa de Pote não só é quase tão representativa quanto à dos fragmentos com antiplásticos minerais, como ainda é maior do que no setor 2 do Córrego Lalima.

Provavelmente, do mesmo modo como no setor 2 do Córrego Lalima, algumas vasilhas da Fase Jacadigo no setor 2 do Asa de Pote devem ter sido confeccionadas com a combinação de técnicas de manufatura acordelada e modelada (Anexo 4: Tabela 4). No entanto, afora a rodela de fuso, o modelado foi observado em apenas 2 fragmentos de apêndice, constituídos por alças de suspensão (Prancha 4: I-J). Por outro lado, é importante considerar que, com exceção do torrão de sedimento queimado encontrado ao lado da amostra datada em mais de 6 mil anos, não registrei a presença de bolotas de argila no setor 2 do Asa de Pote.

Bem como no setor 2 do Córrego Lalima, o vasilhame da Fase Jacadigo no setor 2 do Asa de Pote apresentava, principalmente, bordas extrovertidas e diretas, lábios com reforço e rebarba externa e lábios dobrados, bases circulares planas e convexas, e alças de suspensão. Ainda observei uma borda inclinada externa e a presença de bordas com lábio apontado, biselado e marcado externo (Figura 33, Prancha 4: A, G, Anexo 4: Tabelas 5-7).

Nenhuma das bordas contou com 12,5 % ou mais do diâmetro da boca, o que inviabilizou a reconstituição gráfica do vasilhame. No entanto, o exame das bordas

identificadas e a presença de duas paredes infletidas com acabamento de superfície corrugado-simples, típico da Tradição Pantanal, indica que as vasilhas possuíam, ao menos, formas abertas e fechadas, contornos simples e infletidos, com alças de suspensão e, talvez, pescoços pronunciados (Prancha 4: A-B, I, Anexo 4: Tabela 8). Ainda registrei uma parede carenada no setor 2 do Asa de Pote, recolhida no nível 4 de uma sondagem. Contudo, além da carena, a parede apresenta pintura de linhas vermelhas sobre engobo branco na face externa e engobo vermelho na face interna, tipicamente Guarani (Prancha 4: M).

Figura 33: Sítio Asa de Pote, setor 2, fragmentos de borda das vasilhas cerâmicas da Fase Jacadigo: a) extrovertida; b) direta-vertical; c) inclinada-externa. A figura também mostra a variação de lábios com reforço e rebarba externa, entre outros.

A espessura das vasilhas, por sua vez, variava entre 0,3 e 1 cm (Anexo 4: Tabela 9). Apenas 4 cacos apresentaram espessuras > 1 cm, os quais correspondem ao apêndice de suspensão mostrado na Prancha 4, com 2 cm, a uma das bases, com 1,6 cm, e a duas paredes, com 1,7 e 1,3 cm. Sem embargo, a base e as paredes > 1 cm contam com corrugações tipicamente Guarani na face externa (Prancha 4: L). Destarte, apesar da maioria dos fragmentos do setor 2 do Córrego Lalima também apresentar espessuras < 1 cm, tanto a espessura quanto os outros atributos morfológicos mostram que o vasilhame da Fase Jacadigo no setor 2 do Asa de Pote era mais singelo.

As vasilhas da Fase Jacadigo no setor 2 do Asa de Pote também apresentavam acabamento de superfície preponderantemente simples em ambas as faces e nos lábios (Anexo 4: Tabelas 10-12). No entanto, ao contrário do setor 2 do Córrego Lalima, o setor 2 do Asa de Pote conta com uma frequência maior de fragmentos alisados do que polidos, tanto nas faces quanto nos lábios (Anexo 4: Tabelas 13-14, 18). Apenas um

Prancha 4: Sítio Asa de Pote, setor 2, materiais cerâmicos e líticos da Fase Jacadigo:
 cerâmicos: A) corrugado-simples; B, G) apliques de filigranas de argila; C) pintura vermelha; D) engobo vermelho; E) enegrecimento; F) barbotina; H) terracota com roletado e engobo vermelho; I) apêndice de suspensão (alça); J) rodela de fuso; K) “ficha” fragmentada; L) corrugado; M) carena com pintura vermelha sobre engobo branco;
 líticos: N-O) fragmentos de lâminas de machado; P) pré-forma de lâmina de machado, Q) polidor manual; R) disco picoteado.

fragmento contém barbotina, nas faces interna e externa (Prancha 4: F). Por outro lado, algumas vasilhas eram decoradas com acabamentos plásticos e cromáticos nas faces externas, cromáticos nas internas e plásticos nos lábios.

As vasilhas com tratamento plástico na face externa apresentavam corrugado-simples, aplicado com filigranas de argila e impressão de corda (Prancha 4: A-B, Figura 34, Anexo 4: Tabela 15). Embora o setor 2 do Asa de Pote também conte com uma frequência de fragmentos com acabamento plástico na face externa maior do que cromático, a variação qualitativa e quantitativa em relação ao tratamento plástico na face externa dos fragmentos do setor 2 do Córrego Lalima é notável: não observei incisões, ponteados, apliques mamilonares e tratamentos duplos na face externa no setor 2 do Asa de Pote, e apenas um fragmento apresentou decoração mista. Por outro lado, é interessante notar que a frequência de corrugado-simples no setor 2 do Asa de Pote é superior à do setor 2 do Córrego Lalima.

Figura 34: Sítio Asa de Pote, setor 2, fragmento de vasilha cerâmica da Fase Jacadigo com apliques de filigranas de argila.

Além dos tratamentos e decorações plásticas referidas acima, ainda observei uma frequência proporcionalmente representativa de fragmentos de vasilhas cerâmicas corrugadas tipicamente Guarani no setor 2 do Asa de Pote. Entre estes, metade corresponde aos fragmentos corrugados espessos mencionados adrede. A outra metade, por sua vez, é constituída por cacos de parede com 0,7, 0,9 e 1 cm de espessura.

Por outro lado, guardadas as devidas proporções, o acabamento cromático na face externa das vasilhas do setor 2 do Asa de Pote, formado por fragmentos decorados com pinturas vermelhas, banhos de engobo vermelho e enegrecimento, não varia muito em relação ao setor 2 do Córrego Lalima (Anexo 4: Tabela 16), assim como a tonalidade do engobo vermelho na faces externa e interna, constituída por marrom-avermelhado (5YR5/4, 5YR4/3, 2.5YR5/4 e 2.5YR4/4) e vermelho-amarelado (5YR5/6 e 5YR4/6). O fragmento com pintura vermelha sobre engobo branco corresponde à

parede carenada Guarani aludida acima e a peça com acabamento misto, por sua vez, a um fragmento de vasilha de terracota, roletado em ambas as faces, sendo a externa decorada com banho de engobo vermelho (Prancha 4: H).

Excetuando o fragmento de terracota, o acabamento de superfície na face interna das vasilhas da Fase Jacadigo no setor 2 do Asa de Pote era semelhante ao verificado na face externa (Anexo 4: Tabela 17). No entanto, se por um lado o engobo vermelho também prevalece na face interna, por outro há uma quantidade maior de peças enegrecidas do que com pintura vermelha, ao contrário da face externa (Prancha 4: E). O setor 2 do Córrego Lalima também conta com uma frequência maior de fragmentos de vasilhas enegrecidas na face interna, porém a frequência de peças pintadas de vermelho é sempre maior do que as engobadas e enegrecidas. Contudo, ao menos uma das peças com engobo vermelho na face interna no setor 2 do Asa de Pote, constituída pela parede carenada retro referida, trata-se de um fragmento de vasilha cerâmica Guarani. Por outro lado, é igualmente interessante notar que a variação no acabamento de superfície da cerâmica Guarani observada no setor 2 do Asa de Pote, seja na face externa ou na interna, é menor do que no setor 2 do Córrego Lalima.

Apenas dois fragmentos de borda apresentaram lábio decorado, ambos com apliques de filigranas de argila em lábios reforçados, característicos das vasilhas cerâmicas da Fase Jacadigo (Prancha 4: G).

A variação da configuração do núcleo nos fragmentos do setor 2 do Asa de Pote é mais parecida com o setor 1 do Córrego Lalima, formado por materiais Guarani, do que com o setor 2 (Anexo 4: Tabela 19). Sem embargo, a queima e a oxidação da maioria das vasilhas da Fase Jacadigo no setor 2 do Asa de Pote também era a céu aberto e incompleta. A coloração das vasilhas, por sua vez, era semelhante à do setor 2 do Córrego Lalima, com o predomínio de tons amarronzados, seguidos pelos cinzentos (Anexo 4: Tabela 20-21). Porém, muito provavelmente por causa da matriz sedimentar, constituída pelo sedimento argiloso vermelho qualificado pelos índios como terra-forte, o percentual de faces avermelhadas é maior no setor 2 do Asa de Pote do que no setor 2 do Córrego Lalima. Por outro lado, tanto um como o outro contam com frequências de fragmentos amarelados maiores na face externa, enquanto que a presença dos pretos é maior na interna.

Apesar da impossibilidade da reconstituição gráfica, os dados morfológicos e a análises das marcas de uso, formadas principalmente por fuligem na face externa e depósitos de carbono na interna, indica que o vasilhame da Fase Jacadigo no setor 2 do

Asa de Pote era utilizado no preparo e no consumo de alimentos sólidos e/ou líquidos, como tigelas, panelas e, provavelmente, potes e moringas (Anexo 4: Tabelas 22-23). Não observei fragmentos reutilizados como polidores de sulco, porém além da reciclagem associada à produção de chamote, a ficha fragmentada também deve ter sido confeccionada a partir de um caco de vasilha cerâmica.

Por outro lado, se a função da rodela de fuso parece clara, não sei até que ponto pode-se afirmar o mesmo em relação à ficha cerâmica fragmentada (Prancha 4: K). Schmitz et al. (1998) atribuíram as fichas associadas às fases Pantanal e Jacadigo à jogos de caráter recreativo. Porém é possível que os artefatos em questão também fossem utilizados como adornos, na forma de alargadores auriculares, uma prática mais ou menos comum entre os povos indígenas contatados pelos espanhóis no Pantanal durante os séculos XVI e XVII, assim como o tembetá. Com efeito, um desses grupos, estabelecido nas proximidades do então “Puerto de los Reyes”, o qual pode corresponder à localidade de Corumbá, ficou conhecido historicamente pela denominação étnica impressionista de “Orejones”.

A frequência e a variação de materiais líticos associados aos fragmentos cerâmicos da Fase Jacadigo no setor 2 do Asa de Pote é menor do que no setor 2 do Córrego Lalima. No entanto, também observei vestígios de picoteamento/polimento e de lascamento, e o aproveitamento de blocos e seixos como utensílios brutos (Anexo 4: Tabelas 24-25).

Os materiais polidos são formados principalmente por fragmentos de lâminas de machado, porém também registrei um disco picoteado, uma pré-forma de lâmina de machado, um fragmento de artefato picoteado/amolado, talvez polido, não identificado, e um polidor manual (Prancha 4: N-R), confeccionados em rochas básicas (Anexo 4: Tabela 26).

Os vestígios de lascamento são constituídos por duas lascas primárias, uma micro-lasca e uma lasca bipolar. Uma das lascas primárias e a escama de retoque foram produzidas em quartzo hialino e contam com córtex rugoso, ao passo que a outra lasca primária e a lasca bipolar foram confeccionadas em quartzo leitoso, não apresentam córtex e contam com sinais de lascamento anterior (Anexo 4: Tabelas 27-29).

Os materiais líticos brutos, por sua vez, são formados por duas plaquetas em arenito e xisto, com córtex rugoso, um seixo de quartzito convertido em amolador e um seixo de quartzo sem marcas de uso (Anexo 4: Tabelas 30-32).

4.3 A Cerâmica Guaikuru no sítio Tapera do Gino

A maioria dos materiais cerâmicos recolhidos na Tapera do Gino é formada por fragmentos de paredes, bordas e bases de vasilhas Guaikuru e Guarani (Anexo 5: Tabelas 1-2). Ainda registrei um apêndice de suspensão e uma bolota de argila (Prancha 5: K, N).

A princípio, vislumbrei que o registro Guaikuru estaria sobre o depósito Guarani na Tapera do Gino. Porém o contexto arqueológico investigado na porção do sítio dentro da “Divisa da FUNAI” é constituído, principalmente, por materiais arqueológicos associados a fragmentos de vasilhas cerâmicas Guaikuru, os quais, conforme aludido acima, são análogos à cerâmica Kadiwéu e ao contexto arqueológico do sítio MS-CP-25, atribuído à Tradição Pantanal por Schmitz et al. (1998) e à Tradição Chaquenha por Eremites de Oliveira (2009) (Mapa 8, Foto 29, Anexo 1). Nesse sentido, é possível que o depósito Guaikuru, mais recente, tenha atravessado o contexto Guarani.

Foto 29: Sítio Tapera do Gino, poço-teste 4, fragmento de vasilha cerâmica Guaikuru, com acabamento misto, formado por impressão de corda e policromia.

De fato, apesar da maioria dos fragmentos de vasilhas cerâmicas na Tapera do Gino contar com pastas temperadas com caco-moído, o percentual não é tão alto quanto no setor 1 do Córrego Lalima, majoritariamente Guarani, e a frequência de antiplásticos minerais é quase tão representativa quanto a de chamote (Anexo 5: Tabela 3). De certa forma, o antiplástico na Tapera do Gino se parece mais com o setor 2 do Asa de Pote, predominantemente Jacadigo, porém a frequência entre cacos-moídos e minerais é

inversa. Não obstante, a Tapera do Gino também apresenta pastas temperadas com conchas trituradas. Porém se por um lado a frequência de fragmentos temperados com carapaças é praticamente a mesma do setor 1 do Córrego Lalima, por outro a adição das conchas parece mais deliberada do que fortuita, portanto de um modo mais semelhante aos fragmentos de vasilhas análogas à Fase Jacadigo no setor 2 do Córrego Lalima. Ainda observei um fragmento temperado com carvão.

Boa parte dos fragmentos mostra que o vasilhame da Tapera do Gino era confeccionado por meio do acordelado (Anexo 5: Tabela 4). Porém se por um lado somente um apêndice de suspensão sugere a utilização do modelado em conjunto com o roletado no processo de manufatura das vasilhas, a presença de lábios modelados é marcante (Prancha 5: F, I-K).

As vasilhas Guaikuru na Tapera do Gino apresentavam bordas diretas (verticais e inclinadas interna e externa), extrovertidas e infletidas; lábios modelados, biselados, aplanados, arredondados, expandidos, com rebarba externa, reforço externo, apontado e marcado externo; bases circulares e subcirculares côncavas e planas; e espessura entre 0,3 e 1 cm (Prancha 5: C-D, G, J-L, Anexo 5: Tabelas 5-9). É interessante notar que nenhum fragmento diagnóstico Guaikuru apresenta espessura > 1 cm, ao contrário dos cacos tipicamente Guarani. Entre estes, quase metade apresentou espessuras entre 1,1 e 2 cm. Sem embargo, assim como a outra parte dos fragmentos Guarani conta com espessuras < 1 cm, é possível que houvessem vasilhas Guaikuru mais espessas. Também observei uma borda côncava corrugada, uma borda cambada e uma série de paredes carenadas na Tapera do Gino, não raro associadas à engobo branco e/ou pintura vermelha sobre engobo branco, caracteristicamente Guarani.

Apenas um fragmento de borda forneceu uma medida confiável do diâmetro da boca, aferido em 5 cm. Trata-se de uma borda direta inclinada interna, decorada com incisões estilizadas e engobo vermelho na face externa, achada no nível 2 do poço-teste 4 (Prancha 5: C, Mapa 8). É oportuno notar que o padrão das incisões é similar às “marcas de propriedade” registradas entre os Kadiwéu por Ribeiro (1980, p. 264-7), utilizadas por homens e mulheres para assinalar a pertença de cavalos, bois e objetos de uso pessoal. Ainda encontrei outro fragmento da borda e vários cacos das paredes e da base da mesma vasilha da borda medida, mas as bordas não remontam entre si e nem com os fragmentos da parede-base. No entanto, é provável que a vasilha corresponda a um tipo de tigela, com contorno simples e forma oval vertical, utilizada no consumo de alimentos líquidos. Seja como for, as bordas inclinadas externas e extrovertidas, a base

subcircular e as paredes infletidas sugerem que também havia vasilhas abertas e outras classes de vasilhas fechadas em meio ao vasilhame Guaikuru na Tapera do Gino. Além disso, apesar do achado de apenas um apêndice entre os fragmentos, as vasilhas Kadiwéu conhecidas etnograficamente contam com várias formas dotadas de apêndices de suspensão e apliques zoomórficos.

A maioria das vasilhas na Tapera do Gino também apresentava acabamento de superfície simples nas paredes e nas bocas (Anexo 5: Tabelas 10-12). No entanto, se por um lado o alisamento é preponderante nas faces e nos lábios dos fragmentos, assim como no setor 2 do Asa de Pote e no setor 1 do Córrego Lalima, o polimento só é mais frequente do que as outras formas de tratamento de superfície nas faces, visto que a presença de acabamentos plásticos nos lábios é superior ao polimento (Anexo 5: Tabelas 13, 18-19). O percentual de barbotina nas paredes também é maior na Tapera do Gino do que no setor 2 do Córrego Lalima e no setor 2 do Asa de Pote.

Por outro lado, destoando ainda mais dos setores 1 e 2 do Córrego Lalima e do setor 2 do Asa de Pote, a Tapera do Gino conta com uma frequência de acabamentos cromáticos na face externa maior do que os acabamentos plásticos. Além disso, a frequência de acabamentos mistos na Tapera do Gino, ausente no setor Guarani do Córrego Lalima, é maior do que nos setores da Fase Jacadigo nos sítios Córrego Lalima e Asa de Pote. Já a frequência de acabamento duplo, ausente no setor 2 do Asa de Pote, é tão baixa na Tapera do Gino quanto nos setores 1 e 2 do Córrego Lalima.

Na face interna das vasilhas da Tapera do Gino, assim como nas outras amostras analisadas, predomina o tratamento cromático, porém também observei três peças com acabamento plástico e uma mista. No lábio, por sua vez, o acabamento plástico prevalece, portanto de um modo semelhante ao setor 2 do Córrego Lalima e aos contextos da Fase Jacadigo em geral, apesar do baixo percentual de lábios decorados no setor 2 do Asa de Pote.

A despeito da onipresença de engobo vermelho e pintura vermelha na face externa dos fragmentos cerâmicos correlatos das diversas formações territoriais na TI Lalima, a frequência de acabamentos cromáticos indica que boa parte das vasilhas Guaikuru na Tapera do Gino eram decoradas com banhos de engobo vermelho marrom-avermelhado (2.5YR4/3, 2.5YR4/4 e 5YR4/3) e pinturas vermelhas (Anexo 5: Tabela 14). Além disso, observei alguns fragmentos enegrecidos, também presentes na cerâmica da Fase Jacadigo, e um caco com pintura preta sobre engobo vermelho. Os fragmentos com engobo branco e pintura vermelha sobre engobo branco observados na

Prancha 5: Sítio Tapera do Gino, materiais cerâmicos e líticos Guaikuru: cerâmicos: A) impressão de corda; B) impressão de corda e policromia; C) inciso e engobo vermelho; D) perfurado; E) engobo vermelho; F) enegrecimento; G) pintura preta sobre engobo vermelho; H) barbotina; I-J) lábio modelado; K) apêndice de suspensão (alça); L) fuligem; M) depósito de carbono; N) bolota de argila; líticos: O) afiador; P) quebra-coco.

face externa correspondem, provavelmente, a cacos de vasilhas Guarani. As pinturas pretas sobre engobo vermelho, por sua vez, também já foram registradas em contextos arqueológicos Guarani. Conquanto, se por um lado muitos fragmentos mistos Guaikuru contam com pinturas vermelhas e pretas associadas às impressões de corda características, por outro registrei um fragmento com impressões de corda estilizadas na face externa e pinturas pretas sobre engobo vermelho na face interna, e não registrei nenhum fragmento com pintura preta sobre engobo vermelho no setor Guarani do sítio Córrego Lalima (Prancha 5: B, G).

Seja como for, os acabamentos plásticos, mistos e duplos diagnosticam mais a cerâmica Guaikuru do que os cromatismos (Anexo 5: Tabelas 15-17). Os acabamentos plásticos típicos das vasilhas Guaikuru são formados, sobretudo, por impressões de corda estilizadas, compondo motivos geometrizados, mas também por impressões de corda simples, duplas ou múltiplas, e perfurações entre as faces (Prancha 5: A, D). Não obstante, é importante levar em consideração que a maioria dos fragmentos plásticos na Tapera do Gino é constituída por cacos de vasilhas Guarani, principalmente corrugados, porém também por ungulados e escovados. A impressão de cestaria, por sua vez, parece mais um acidente de produção, decorrente do uso de cestos ou esteiras no transporte da argila ou na preparação da pasta, do que uma técnica de acabamento de superfície.

Os acabamentos mistos e duplos, ao seu turno, são tipicamente análogos Kadiwéu. Os primeiros são formados, majoritariamente, por impressões de corda e pinturas vermelhas, pretas e, mais raramente, brancas, sendo estas restritas às “linhas” formadas com as impressões de corda (Figura 35, Prancha 5: B). Ainda observei um fragmento impresso e pintado com perfurações, além da borda com incisões e engobo vermelho. Os acabamentos duplos, sucessivamente, são constituídos por somente dois fragmentos, sendo um com impressão de corda-perfurado, e o outro com impressão de corda-ponteadado, também presente no setor 2 do Córrego Lalima.

Figura 35: Sítio Tapera do Gino, fragmento de vasilha cerâmica Guaikuru com acabamento misto, formado por impressões de corda e policromia.

Conforme visto acima, as vasilhas da Fase Jacadigo também eram decoradas com impressões de corda. Porém o vasilhame Guaikuru não só conta com uma frequência de impressões de corda bem maior, como a maioria das impressões

compõem motivos estilizados combinados com cromatismo. Por outro lado, tendo como base as vasilhas Kadiwéu conhecidas etnograficamente, as perfurações, localizadas geralmente nas bordas das vasilhas abertas e fechadas, serviam para trançar colares de conchas ou de miçangas nas bocas das vasilhas, bem como para confeccionar instrumentos musicais, através da costura de uma peça de couro sobre a boca, ou ainda como furos de suspensão.

Provavelmente, baseado no mesmo argumento lançado em relação à face externa, o engobo vermelho, nas tonalidades marrom-avermelhado (2.5YR4/3, 2.5YR4/4 e 5YR4/3) e vermelho (5YR4/2), e a pintura vermelha preponderavam nas paredes internas das vasilhas Guaikuru na Tapera do Gino, seguidas pelo enegrecimento e pela pintura preta sobre engobo vermelho (Prancha 5: E-G, Anexo 5: Tabela 18). Os fragmentos com acabamentos plásticos e o caco misto na face interna correspondem aos fragmentos perfurados mencionados acima, sendo um deles combinado com engobo vermelho.

Os lábios das vasilhas eram decorados principalmente através do modelado, provavelmente elaboradas com a pressão dos dedos polegares, indicadores e médios (Prancha 5: F, I-J, Anexo 5: Tabela 19). Porém também observei bocas com pinturas de faixas vermelhas, engobo vermelho, enegrecimento e entalhes.

As frequências relativas às configurações do núcleo dos fragmentos variam em relação às outras amostras analisadas (Anexo 5: Tabela 20). Mesmo assim, a queima do vasilhame Guaikuru na Tapera do Gino também era incompleta e a céu aberto. Por outro lado, a coloração das faces é semelhante à cerâmica da Fase Jacadigo, com a preponderância de tonalidades marrom e cinza em ambas as faces, seguidas por vermelho, branco e preto na face externa, e, inversamente, preto, branco, vermelho e pink na face interna (Anexo 5: Tabela 21-22).

Se a análise morfológica não diz muito sobre a funcionalidade do vasilhame Guaikuru na Tapera do Gino, as marcas de uso nas paredes, formadas principalmente por fuligem na face externa e depósitos de carbono na interna, insinuam que as vasilhas eram utilizadas no processamento e no consumo de alimentos (Prancha 5: L-M). Além do mais, os fragmentos também deviam ser utilizados como matéria-prima do chamote. Os polidores de sulco, por sua vez, podem estar mais associados aos Guarani, haja vista que ao menos um dentre os dois cacos assim reciclados na Tapera do Gino corresponde à uma parede carenada com banho de engobo branco na face interna.

Analisei apenas duas peças líticas brutas e robustas provenientes da Tapera do Gino, coletadas durante a detecção do sítio. Uma é formada por um quebra-coco e a outra por um afiador de lâminas de metal, confeccionados a partir do aproveitamento de blocos de quartzito (Prancha 5: O-P). No entanto, recolhi muitos outros materiais líticos durante a investigação mais detalhada na Tapera do Gino, principalmente vestígios de lascamento e utensílios brutos, sobretudo lascas, núcleos, percutores e seixos. De qualquer forma, encontrei artefatos lascados e polidos no Limpão, igualmente formado por fragmentos de vasilhas cerâmicas Guaikuru (Mapa 4, Anexo 1). Apesar dos correlatos da formação territorial dos portadores da cerâmica Guaikuru na TI Lalima datarem do período histórico, tanto em termos absolutos quanto relativos – uma vez que a Tapera do Gino e os outros sítios semelhantes contam com louças, vidros, metais, contas e ossos bovinos – é importante considerar que é igualmente possível que os Guarani e os portadores da Fase Jacadigo tenham alcançado o período colonial e, conseqüentemente, possuído objetos de origem europeia. Sem embargo, ainda não conto com dados arqueológicos do contato entre estes e os europeus.

4.4 A cerâmica Terena na Tapera do Urumbeva

Os materiais cerâmicos recolhidos na Tapera do Urumbeva, reconhecidos pelos índios como Terena, são formados por paredes e bordas de vasilhas (Anexo 6: Tabelas 1-2). Apesar de igualmente associados à formação territorial da TI Lalima, a tecnologia ceramista Terena na Tapera do Urumbeva varia em relação à Guaikuru na Tapera do Gino. Porém há uma ou outra semelhança entre estas e, em uma medida ainda menor, à Fase Jacadigo. Por outro lado, a cerâmica Terena na Tapera do Urumbeva, provavelmente devido ao seu caráter doméstico e utilitário, é diferente da cerâmica Terena mais contemporânea. Esta, por sua vez, conta com formas semelhantes à cerâmica Kadiwéu, inclusive em se tratando da presença de formas abertas e fechadas com apêndices de suspensão e modelados zoomórficos. A decoração, contudo, formada por engobo vermelho e pintura branca, é bem distinta e característica (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2002, p. 237; OBERG, 1949, p. 12).

As técnicas de preparação da pasta utilizada na confecção das vasilhas Terena na Tapera do Urumbeva, todavia, não eram muito distintas das cerâmicas Guaikuru e Jacadigo. Assim como na Tapera do Gino, a maioria dos fragmentos na Tapera do

Urumbeva conta com cacos moídos, seguidos pelos antiplásticos minerais e, em menor medida, pelas conchas trituradas (Anexo 6: Tabela 3). Apesar da superioridade dos antiplásticos minerais, os fragmentos de vasilhas da Fase Jacadigo no setor 2 do Córrego Lalima também contam com pastas temperadas com chamote e concha. Os fragmentos da Fase Jacadigo no setor 2 do Asa de Pote, por sua vez, não apresentam pastas temperadas com conchas, porém a frequência de cacos moídos é quase tão representativa quanto os antiplásticos minerais. Por outro lado, enquanto boa parte dos fragmentos apresenta roletes nos bordos, não encontrei evidências do uso do modelado na confecção das vasilhas ou de outros artefatos cerâmicos na Tapera do Urumbeva (Anexo 6: Tabela 4).

O vasilhame Terena na Tapera do Urumbeva apresentava bordas diretas e extrovertidas, lábios marcados na face externa e aplanados, principalmente, seguidos pelos apontados, arredondados, biselados, expandidos, com rebarba e com reforço externo, e espessuras entre 0,4 e 1,4 cm (Figura 36), Anexo 6: Tabelas 5-7). Só um fragmento de borda possibilitou a medida do diâmetro da boca e, conseqüentemente, a reconstituição gráfica. Trata-se de uma vasilha aberta, com contorno simples, forma semi-oval vertical, provavelmente utilizada como panela (Figura 37). Sem embargo, as bordas extrovertidas indicam que havia outras formas abertas além da reconstituída, provavelmente mais rasas, semelhantes a pratos. Por outro lado, não identifiquei atributos morfológicos de vasilhas fechadas na Tapera do Urumbeva, porém os índios me disseram que as ceramistas faziam panelas, pratos e potes, sendo que algumas famílias ainda mantêm potes em casa com a finalidade de armazenar água potável (Foto 30). Atualmente, as vasilhas cerâmicas só são confeccionadas em Lalima sob encomenda, embora muitas mulheres detenham o conhecimento da olaria tradicional.

Do mesmo modo como nas outras tradições tecnológicas identificadas na TI Lalima, o acabamento de superfície nas vasilhas Terena na Tapera do Urumbeva era preponderantemente simples (Anexo 6: Tabelas 8-9, 12). Todavia, a frequência de fragmentos polidos é maior do que a de alisados, tanto nas faces quanto nos lábios das bordas. É interessante notar que o acabamento simples na cerâmica da Fase Jacadigo no setor 2 do Córrego Lalima também é formado, majoritariamente, por superfícies polidas. Por outro lado, algumas vasilhas eram decoradas com banhos de engobo vermelho, nas tonalidades marrom-avermelhado (5YR5/4, 5YR5/3 e 5YR4/3) e vermelho (2.5YR 5/6), e enegrecimento, nas faces externa e interna (Prancha 6: A-C,

Anexo 6: Tabelas 10-11). O engobo vermelho, como frisado em mais de uma passagem, era comum às outras tradições tecnológicas, embora provavelmente mais frequente na

Figura 36: Sítio Tapera do Urumbeva, fragmentos de borda das vasilhas cerâmicas Terena: a) direta; b) extrovertida. A figura também mostra a variação de lábios marcados na face externa e aplanados, entre outros.

Figura 37: Sítio Tapera da Urumbeva, vasilha cerâmica Terena reconstituída graficamente: vasilha aberta, simples, semi-oval vertical.

cerâmica Guaikuru. O engrecimento, porém, era compartilhado com estas e as cerâmicas da fase Jacadigo. Além disso, vale frisar que o índice de paredes externas e internas sem acabamento é praticamente o mesmo do engobo vermelho, só que em uma ordem inversa: o engobo é mais frequente na face externa, ao passo que as superfícies sem acabamento prevalecem na face interna (Prancha 6: D).

A queima das vasilhas também era a céu aberto e a oxidação incompleta (Anexo 6: Tabela 13). Notavelmente, a despeito das limitações quantitativas da amostra, a

ordem das frequências associadas à configuração do núcleo é a mesma da Tapera do Gino. A coloração das paredes era igualmente semelhante, com o predomínio de tonalidades amarronzadas e cinzentas, seguidas pelas brancas, pretas e vermelhas (Anexo 6: Tabelas 10-11).

Foto 30: Pote Terena utilizado no armazenamento de água.

Prancha 6: Sítio Tapera do Urumbeva, materiais cerâmicos Terena: A-B) engobo vermelho; C) enegrecimento; D) sem acabamento; E) atrito causado pelo uso.

Com bases nas informações etnográficas e nos dados arqueológicos sobre a morfologia e as marcas de uso, mais uma vez constituídas, sobretudo, por fuligem na face externa e depósitos de carbono na interna, entre outras, é possível afirmar que as vasilhas Terena na Tapera do Urumbeva eram utilizadas no preparo e no consumo de alimentos, e, provavelmente, no armazenamento de água. Além do mais, é necessário considerar que os dados arqueológicos e etnográficos sustentam que as vasilhas Terena

na Tapera do Urumbeva eram utilizadas em conjunto com louças, garrafas de vidro e recipientes de metal, como bacias e tambores.

4.5 Horizonte Jacadigo

Diante do exposto, acredito que esbocei a variabilidade artefactual entre a Fase Jacadigo, o contexto Guarani e os correlatos da formação territorial Guaikuru e Terena, assim como a variação entre a Fase Jacadigo no setor 2 do Córrego Lalima e no setor 2 do Asa de Pote. Sem dúvidas, o contexto Guarani, formado principalmente pela cerâmica característica, é o mais distinto. Todavia, vale lembrar que a implantação dos sítios na paisagem e as datações absolutas e relativas associadas aos Guarani são semelhantes, a despeito das variações, à Fase Jacadigo.

Por outro lado, embora a implantação e a datação dos sítios Guaikuru e Terena sejam distintas da Fase Jacadigo, a tecnologia ceramista conta com algumas semelhanças, mais notáveis nas técnicas de preparação da pasta, na manufatura, na morfologia e no acabamento de superfície. Com efeito, os fragmentos da Fase Jacadigo no setor 2 do Córrego Lalima, os Guaikuru na Tapera do Gino e os Terena na Tapera do Urumbeva apresentam tempero constituído por cacos moídos e conchas trituradas. Contudo, no setor 2 do Córrego Lalima predominam os antiplásticos minerais, seguidos não tão de perto pelos cacos moídos e pelas conchas. Já na Tapera do Gino e na Tapera do Urumbeva, a maioria dos fragmentos conta com chamote, seguidos de perto pelos antiplásticos minerais e, em menor medida, pelas conchas. Os fragmentos da Fase Jacadigo no setor 2 do Asa de Pote também apresentam, maiormente, antiplásticos minerais, porém seguidos de perto pelos cacos moídos. Ainda encontrei alguns fragmentos com conchas no setor 1 do Córrego Lalima, majoritariamente Guarani, mas a presença das mesmas parece circunstancial.

Os fragmentos também indicam que a manufatura das vasilhas da Fase Jacadigo e Guaikuru se dava através da combinação de técnicas acordeladas e modeladas, sobretudo por conta da presença de apêndices de suspensão. Não obstante, os apêndices no setor 2 do Córrego Lalima são formados por alças e asas, ao passo que o setor 2 do Asa de Pote e a Tapera do Gino apresentam apenas alças. A Tapera do Urumbeva não apresentou apêndices, porém é sabido, por intermédio das informações etnográficas, que os Terena, assim como os Kadiwéu, produzem várias vasilhas com alças, asas e cabos.

Apesar do uso de técnicas acordeladas e modeladas, as formas das vasilhas da Fase Jacadigo não eram tão semelhantes às Guaikuru. Ambas contavam com vasilhas abertas e fechadas, simples e infletidas, de pequenas dimensões. No entanto, o vasilhame Jacadigo apresentava, sobretudo, bordas com lábios reforçados, dobrados e com rebarba externa, enquanto que as Guaikuru possuíam, principalmente, lábios modelados, biselados e planos. As bordas Terena, por sua vez, apresentavam lábios marcados e planos. Além disso, é importante considerar que, a despeito das dimensões singelas da maioria das vasilhas da Fase Jacadigo, Guaikuru e Terena, o setor 2 do Córrego Lalima parece contar com uma variação morfológica e, por extensão, funcional, maior que o setor 2 do Asa de Pote e a Tapera do Gino.

De certa forma, o mesmo pode ser dito em relação ao acabamento de superfície. As vasilhas da Fase Jacadigo e Guaikuru apresentavam, majoritariamente, paredes e lábios simples, e compartilhavam técnicas de tratamento plástico, duplo e cromático, nomeadamente engobo e pintura vermelha, impressão de corda, enegrecimento, incisões e ponteados. Não obstante, o setor 2 do Córrego Lalima possui mais fragmentos polidos do que alisados, e conta com uma variedade de técnicas de tratamento de superfície maior que o setor 2 do Asa de Pote e que a Tapera do Gino. Por outro lado, apesar do engobo vermelho e do enegrecimento permear os análogos Jacadigo e Kadiwéu, bem como a cerâmica Terena, o cromatismo e as impressões de corda são mais frequentes e diversificados na Tapera do Gino.

Mesmo assim, vejo mais diferenças entre os contextos Jacadigo e Guaikuru na TI Lalima do que similitudes. Simultânea e paradoxalmente, por outro lado, penso que a Fase Jacadigo em Lalima é deveras semelhante à Fase Jacadigo na região de Corumbá/MS, e que o conjunto Guaikuru, por sua vez, é similar ao material do sítio MS-CP-25. Sem embargo, assim como em relação à implantação na paisagem e à datação, há algumas variações entre a cerâmica da Fase Jacadigo de fato e a sua semelhante na TI Lalima. Efetivamente, a Fase Jacadigo em Lalima apresenta tempero constituído por conchas trituradas, formas com bordas reforçadas e acabamento de superfície corrugado-simples. Ora, se por um lado a Fase Jacadigo propriamente conta com vasilhas carenadas, não observadas em Lalima, por outro é notável que as variações desta em relação àquela correspondam a alguns dos atributos tidos como diagnósticos da Fase Pantanal. Destarte, as vasilhas cerâmicas da Fase Jacadigo na TI Lalima são mais semelhantes à Fase Pantanal da Tradição Pantanal do que a Fase Jacadigo em Corumbá. A presença da ficha, igualmente presente na Fase Jacadigo, e

dos cachimbos tubulares decorados, adrede associados apenas à Fase Pantanal, também depõem nesse sentido.

Outra distinção fundamental entre a Fase Jacadigo na região de Corumbá e os contextos análogos na TI Lalima é que este conta com materiais líticos brutos e formais, tanto lascados quanto polidos. A princípio, os utensílios líticos eram utilizados no processamento de alimentos, como é o caso das mãos de mó e do almofariz, na confecção de outros artefatos, a exemplo dos seixos, percutores, amoladores, polidores, machados, plainas e furadores, no adorno corporal, com o tembetá, e, explícita ou implicitamente, em outras atividades, como agricultura, coleta, caça, troca, guerra e ritual. Além disso, a presença dos líticos em contexto com os fragmentos de vasilhas cerâmicas da Fase Jacadigo na TI Lalima podem ser encarados como mais um indício da sua origem pré-histórica.

Assim, me parece que, em Lalima, os portadores da tecnologia ceramista da Fase Jacadigo estão mais para os ancestrais dos Jerabayenes ou Gualachos Labradores mencionados por Rui Diaz de Guzman e pelo Pe. Diogo Ferrer, do que para os ascendentes Guaikuru dos povos indígenas na região de Miranda. Como visto acima, a base dos argumentos de Schmitz et al. (1998) foi alicerçada, sobretudo, pela semelhança entre os sítios da Fase Jacadigo e o MS-CP-25, considerados superficiais e, por isso, recentes. Todavia, os autores também consideraram, através de analogias etnográficas diretas, as impressões de corda como um fator importante. Porém, se não estou de todo equivocado, as cordas impressas na Fase Jacadigo são tão pouco frequentes e, porventura, qualitativamente mais semelhantes à Fase Pantanal do que ao MS-CP-25.

Seja como for, não há como negar que há mais semelhanças tecnológicas entre as cerâmicas das fases Pantanal, Jacadigo e Guaikuru, do que entre estas e a cerâmica Guarani. Como é sabido, a tecnologia ceramista Kadiwéu, bem como a Terena, não só apresenta algumas formas de vasilhas características dos povos de matriz cultural Arawak, a exemplo dos modelados zoomorfos, como ainda é bem possível que a mesma tenha emergido através da interação secular entre os Mbayá-Guaikuru e os Chané-Guaná, entre outros. Por outro lado, é possível que processos etnogênicos associados à difusão do ethos Arawak tenham ocorrido em outras regiões da bacia platina e em outros contextos históricos e culturais, como no alto Paraguai, nos sopés andinos e no baixo Paraná, associados, respectivamente, aos Xaray e à Tradição Descalvados, aos Chané-Arawak e a Tradição Estampada e Incisa de Bordas Dobradas, e aos Chaná-Timbú e a Entidade Goya-Malabrigo. Nesse sentido, é possível que a origem da

tecnologia ceramista da Fase Jacadigo esteja relacionada, de alguma forma, à influência Arawak, através de processos etnogênicos envolvendo a sedentarização dos portadores da Tradição Pantanal.

Considerações finais

Tendo em vista os significados históricos e culturais dos registros arqueológicos na TI Lalima, decodificados a partir dos dados espaciais, temporais, tecnológicos e etno-históricos, é possível afirmar que a paisagem, ao modo de um palimpsesto, vem sendo apropriada, já a mais de um milênio, em paralelo às histórias de formação territorial dos portadores da Fase Jacadigo da Tradição Pantanal, dos Guarani e dos Guaikuru, Terena, Kinikinao e Laiana.

A trajetória histórica da formação territorial Guaikuru, Terena, Kinikinao e Laiana, correlata nos materiais Guaikuru e Terena, se iniciou com o assentamento Guaikuru e Guaná, no séc. XVIII, e suportou as transformações desencadeadas pelo colonialismo, sobretudo a usurpação territorial, exacerbada depois da Guerra do Paraguai, e a mudança cultural, imposta pelos desmandos do coronelismo e pelas políticas assimilacionistas do SPI e da FUNAI, no séc. XX. Não obstante, no limiar do séc. XXI, a comunidade continua se declarando indígena e reclamando seus direitos, principalmente territoriais.

As formações territoriais Guarani e Jacadigo, por sua vez, datam, provavelmente, de antes da chegada dos europeus. No entanto, é provável que os materiais Guarani e Jacadigo tenham sido portados pelos povos indígenas descritos nos séc. XVI e XVII pelos espanhóis, durante a conquista européia, sobretudo os Guarani-Itatim, de um lado, e os Jerabayenes e Gualacho agricultores, de outro.

As formações territoriais dos Itatim, especificamente, estão associadas à expansão Tupi-Guarani da Amazônia, iniciada, muito provavelmente, a mais de dois mil anos atrás e ainda em curso, apesar do colapso causado pelo colonialismo.

A Fase Jacadigo da Tradição Pantanal, sucessivamente, proposta a partir das pesquisas arqueológicas vinculadas ao Projeto Corumbá, na região de Corumbá/MS, foi atribuída, em um primeiro momento, aos Guaikuru conhecidos historicamente, tidos como pastores. Sem embargo, conforme suposto por outros, com base nos dados do Projeto Corumbá, as pesquisas arqueológicas realizadas em Lalima, bem como na Serra de Maracajú, nos abrigos CERA, em Aquidauana/MS, e na Serra da Bodoquena, em Bodoquena/MS, apontam, por um lado, que os portadores da Fase Jacadigo se estabeleceram territorialmente na região centro-oeste do Estado de Mato Grosso do Sul – em sítios a céu aberto diversos, localizados em áreas não inundáveis e férteis, como

topos colinares e colos piemontanos, e em ambientes fechados, como abrigos e cavernas – desde períodos pré-históricos, e, por outro, que os seus modos de vida eram mantidos através de técnicas de subsistência mista, inclusive agricultura, coleta, caça e pesca. Apesar das datações em torno de mil anos, de um lado, e de 500 AP, de outro, a temporalidade dos territórios dos portadores da Fase Jacadigo ainda não foi definida. Seja como for, é provável que os mesmos tenham surgido antes da chegada dos Guarani e se mantido posteriormente, através de fronteiras mais ou menos fluidas, inclusive alternando-se espacialmente, até a chegada europeia, Guaikuru e Guana. Nesse sentido, é igualmente possível que a antropização do meio pelos portadores da Fase Jacadigo tenha influenciado o assentamento Guarani e Guaikuru, Terena, Kinikinao e Laiana, apesar da pressão exercida pelo colonialismo durante a territorialização de Lalima – iniciada no séc. XVIII, porém ainda mal resolvida.

As semelhanças tecnológicas entre as cerâmicas das fases Jacadigo, de um lado, e Pantanal, de outro, datada em até 3 mil AP, e a presença de materiais líticos formais em contexto com fragmentos cerâmicos da Fase Jacadigo na TI Lalima e, talvez, nos abrigos CERA, também podem ser consideradas como evidências da antiguidade da Fase Jacadigo. Por outro lado, a similaridade cerâmica Jacadigo e Pantanal também sugere a existência de interações culturais entre os seus portadores, inclusive origens em comum. Com efeito, as pesquisas etnográficas e linguísticas sustentam que os povos chaquenhos – majoritariamente Mbaya-Guaikuru, porém também havia outros, falantes de línguas diferentes, inseridas em famílias menores – teriam se estabelecido na região antes da chegada dos povos amazônicos, portadores de matrizes culturais Arawak e Tupi-Guarani. A despeito da arqueologia no Pantanal e em outras regiões chaquenhass e platinas indicarem que a tecnologia ceramista e a subsistência mista já compunham o “modus vivendi” das populações mais antigas, é provável que o assentamento Arawak e Guarani tenha desencadeado uma série de mudanças culturais ao longo do tempo. Estas, por sua vez, podem ter sido impulsionadas através de interações baseadas em redes de alianças e parentesco, bem ao gosto Arawak, ou então sob pressões e conflitos, algo que parece mais característico dos Guarani e dos Guaikuru – embora estes, principalmente os últimos, também tenham interagido de modos mais performáticos e compartilhados, tanto entre si quanto com outros povos. Dito de outra forma, o assentamento Arawak e Guarani na região do Prata parece estar associado ao aumento da diversidade étnica e cultural, através de processos etnogênicos e filogênicos, associados às histórias de formação territorial e às transformações da paisagem agenciadas por povos indígenas

caçadores, coletores, pescadores, agricultores e pastores. Assim, considerando não só as relações tecnológicas da Tradição Pantanal, mas também entre estas e as outras tradições arqueológicas platinas e chaquenhos, é possível que a variação entre as fases Pantanal e Jacadigo corresponda a um processo de mudança cultural em direção a um ethos agricultor, resultante da interação pré-histórica entre povos chaquenhos e as populações amazônicas, sobretudo de origem Arawak, mediante a circulação e a incorporação de objetos, pessoas e ideias, via redes de comércio e comunicação, levado a cabo nas terras férteis e não inundáveis drenadas pelas bacias do Miranda-Aquidauana e do Paraguai, entre a Serra de Maracajú, a Serra da Bodoquena e o Planalto do Urucum, no Pantanal, em Mato Grosso do Sul, e, porventura, alhures, sobretudo na Bolívia.

Parece que o passado arqueológico não é muito diferente do presente etnográfico na TI Lalima, na medida em que a diversidade étnica parece ser uma prerrogativa da trajetória histórica e cultural da ocupação indígena na área. De fato, apesar das histórias distintas de formação territorial, trata-se da mesma paisagem, a qual, por sua vez, pode ser lida como um palimpsesto, escrito e reescrito, ao menos desde mil anos atrás, nos idiomas Guaikuru, Terena, Kinikinao, Laiana, Guarani e, como diria o Sr. Manoel, “Jacadigo”.

Bibliografia

AB´SÁBER, A. N. **Brasil: paisagens de exceção (O Litoral e o Pantanal Mato-Grossense – Patrimônios Básicos)**. Cotia: Ateliê, 2006.

AGUIRRE, J. F. Diário del capitan de fragata de la Real Armada, Juan Francisco Aguirre. **Revista de la Biblioteca Nacional**, v. 19, n. 1, p. 9-598, 1948.

ALCONINI MCELHINNY, S.; RIVERA CASANOVAS, C. La tradicion ceramica “Estampada e Incisa de Bordes Doblados” en la vertiente oriental de los Andes: un caso de interaccion e influencia desde las zonas bajas. In: ORTIZ, G; VENTURA, B. (Ed.). **La mitad verde del mundo andino. Investigaciones arqueológicas en la vertiente oriental de los Andes y las Tierras Bajas de Bolivia y Argentina**. San Salvador de Jujuy: Universidad Nacional de Jujuy, 2003, p. 153-177.

ALMEIDA SERRA, R. F. de. Continuação do Parecer sobre os índios Uaicurús, Guanás, etc. Que se começou a publicar na Revista n. 26, pag. 204 do tomo 7º, etc. Manuscrito original do Sr. Dr. Tenente-coronel Jardim. **Revista Trimestral de História e Geografia ou Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, v. XIII, p. 348-396, 1845.

ALTENFELDER SILVA, F. Mudança cultural dos Terena. **Revista do Museu Paulista (Nova Série)**, v. III, 1949.

AMILCAR RODRÍGUEZ, J. Arqueología del sudeste de Sudamérica. In: MEGGERS, B. J. **Prehistoria sudamericana: nuevas perspectivas**. Washington: Taraxacum, 1992.

ARAÚJO, A. 2001. Destruído pelo arado? Arqueologia de superfície e as armadilhas do senso comum. **Revista de Arqueologia**, n. 14-15, p. 7-28.

AZANHA, G. **As terras indígenas Terena no Mato Grosso do Sul**. São Paulo: CTI, 1998.

_____. As terras indígenas Terena no Mato Grosso do Sul. **Revista de estudos e Pesquisas**, v. 2, n. 1, p. 61-111, 2005.

AZARA, F. de. **La geografia física y esférica del Paraguay y misiones guaraníes**. La Plata: Taller de Impresiones Oficiales, 1905.

BAHN, P. G. **The Cambridge illustrated history of archaeology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

BALDUS, H. Introdução. In: BOGGIANI, G. **Os Caduveos**. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1975, p. 11-46.

BALÉE, W. Sobre a indigeneidade das paisagens. **Revista de Arqueologia**, v. 21, n. 2, p. 9-24, 2008.

BANDEIRA, A. M. Ocupações humanas pré-históricas no litoral maranhense: um estudo arqueológico sobre o sambaqui do Bacanga na ilha de São Luís-Maranhão. 2008. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

BANNING, E. B. **Archaeological survey**. New York: Kluwer Academic/ Plenum Publishers, 2002.

BARTON, C. M. et al. Long term socioecology and contingent landscapes. **Journal of archaeological method and theory**, v. 11, n. 3,, p. 253-296. 2004.

BASTOS, U. R. de A. **Expansão territorial do Brasil colônia no vale do Paraguai**. 1972. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1972.

BEBER, M. V. **Arte rupestre no nordeste de Mato Grosso do Sul**. 1995. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

BERRA, J. C.; DeBLASIS, P. A cerâmica de Ferraz Egreja. In: Vialou, A.V. **Pré-história do Mato Grosso (vol. 2: Cidade de Pedra)**. São Paulo: EDUSP, 2006, p. 191-202.

BESPALEZ, E. **Levantamento arqueológico e etnoarqueologia na Aldeia Lalima, Miranda/MS: um estudo sobre a trajetória histórica da ocupação indígena regional**. 200 f. 2009. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

_____. Levantamento arqueológico na Aldeia Lalima, Miranda/MS: uma contribuição ao estudo da trajetória histórica da ocupação indígena regional. **Revista de Arqueologia**, v. 23, n. 2, p. 118-43, 2010.

_____. Arqueologia e etno-história na Terra Indígena Lalima, Miranda/MS. **Revista de Arqueologia**, v. 26, n. 1, p. 82-90, 2013.

BINFORD, L. Behavioral archaeology and the Pompeii premise. **Journal of archaeological resources**, v. 37, p. 195-208, 1981.

_____. **Working at archaeology**. New York: Academic Press, 1983.

BRASIL. Ministério das Minas e Energia. Secretaria Geral. Projeto RADAMBRASIL. **Folha SF 21 Campo Grande; geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação e uso potencial da terra**. Rio de Janeiro, 1982.

BOGGIANI, G. **Os Caduveos**. Belo Horizonte/São Paulo: Iatiaia/EDUSP, 1975.

BONOMO, M. **Historia prehispánica de Entre Ríos**. Buenos Aires: Fundación Felix de Azara, 2012.

BONOMO, M.; POLITIS, G. G.; GIANOTTI GARCIA, C. Montículos, jerarquia social y horticultura en las sociedades indígenas del Delta del río Paraná (Argentina). **Latin American Antiquity**, v. 22, n. 3, p. 297-333, 2011.

BROCHADO, J. P. **An ecological model of the spread of pottery and agriculture into Eastern South America**. 1984. Tese (Doutorado). Departamento de Antropologia, Universidade de Illinois, Urbana-Champaign, 1984.

BROCHADO, J. P.; MONTICELLI, G. Regras práticas na reconstrução gráfica das vasilhas de cerâmica Guarani a partir dos fragmentos. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 2, p. 107-118, 1994.

BROCHADO, J. P.; MONTICELLI, G.; NEUMANN, E. S. Analogia etnográfica na reconstrução gráfica das vasilhas Guarani arqueológicas. **Veritas**, v. 35, p. 727-743.

CABEZA DE VACA, A. N. **Naufraios y comentarios**. Madrid: Edición de Roberto Ferrero, 1985.

CAGGIANO, M. A. Prehistoria del N.E. Argentino sus vinculaciones con la Republica Oriental del Uruguay y Sur de Brasil. **Pesquisas**, n. 38, p. 1-109, 1984.

CAMERON, C. M.; TOMKA, S. A. **Abandonment of settlements and regions: ethnoarchaeological and archaeological approaches**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

CARDOSO de OLIVEIRA, R. **Urbanização e tribalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

_____. **Do índio ao bugre: o processo de assimilação dos Terena**. 2. ed. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1976.

_____. **Os diários e suas margens**. Brasília: UnB, 2002.

CARVALHO, S. M. S. Chaco: encruzilhada de povos e “melting pot” cultural, suas relações com a bacia da Paraná e o sul mato-grossense. In: Carneiro da Cunha, M. **História dos índios no Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 1992, p. 457-74.

CASTELNAU, F. de. **Expedições às regiões Centrais da América do Sul**. São Paulo: Nacional, 1949.

CERRUTI, C. Entidades culturais presents en la Cuenca de Paraná Medio (margem entrerriana). **Mundo de antes**, n. 3, p. 111-135, 2003.

CERRUTI, C.; GONZÁLEZ, M. I. Modos de vida vinculados con ambientes acuáticos del Nordeste y Pampa Bonaerense de Argentina. **Relaciones de la Sociedad Argentina de Antropología**, n. 33, p. 101-140.

COLINI, G. A. Notícia histórica e etnográfica sobre os Guaicuru e os Mbayá. In: BOGGIANI, G. **Os Caduveos**. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1975, p. 249-307.

CONKEY, M.; HASTORF, C. **The uses of style in archaeology**. Cambridge: Cambridge University, 1998.

CORRÊA, V. B. **Bandidos e Coronéis em Mato Grosso, 1889-1943**. 2. ed. Campo Grande: UNIDERP, 2005.

CORTESÃO, J. (org.). **Manuscritos da Coleção de Angelis. Jesuítas e bandeirantes no Itatim (1596-1760)**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Raras e Publicações, 1952.

COSTA, M. F. **História de um país inexistente: o Pantanal entre os séculos XVI e XVIII**. São Paulo: Kosmos, 1999.

DANIEL, G. **Historia de la arqueologia: de los anticuarios a V. Gordon Childe**. Madrid: Alianza, 1981.

DAVID, N.; KRAMMER, C. **Ethnoarchaeology in action**. Cambridge: Cambridge University, 2001.

DEL TECHO, N. **Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesus**. Madrid/Assunción: Librería y Casa Editorial A. de Uribe y Compañía, 1869 (Tomo Cuarto).

DIAS, A. S. Proposta metodológica para o estudo das indústrias líticas do sul do Brasil. **Revista do CEPA**, v. 21, n. 25, p. 21-62, 1997.

DIAS, A. S.; SILVA, F. A. Sistema tecnológico e estilo: as implicações desta interrelação no Estudo das indústrias líticas do Sul do Brasil. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, v. 11, p. 95-108, 2001.

DOUGHERTY, B. Informe preliminar sobre un nuevo yacimiento arqueológico en Palpalá, Provincia de Jujuy – su ubicación dentro del complejo San Francisco. **Relaciones**, 8, p. 135-152, 1974.

_____. **Nuevos aportes para el conocimiento del Complejo Arqueológico San Francisco (sector septentrional de la región de las selvas occidentales argentinas, subárea del noroeste argentino)**. Tese (Doutorado). Faculdade de Ciências Naturais e Museu, Universidade de La Plata, 1975.

EREMITES DE OLIVEIRA, J. Ambiente e cultura no contexto da ocupação indígena da planície de inundação do Pantanal. **Fronteiras**, v. 3, n. 6, p. 9-34, 1999.

_____. O uso tradicional da palmeira Acuri pelos índios Guató e suas implicações para a arqueologia no Pantanal. **Clio**, n. 14, p. 281-298, 2000.

_____. **Da pré-história à história indígena: (Re) pensando a arqueologia e os povos canoieiros do Pantanal.** 2002. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

_____. Da pré-história à história indígena: (Re) pensando a arqueologia e os povos canoieiros do Pantanal. **Revista de arqueologia**, v. 16, p. 71-86, 2003.

_____. **Arqueologia das Sociedades Indígenas no Pantanal.** Campo Grande: Oeste, 2004.

_____. Os primeiros passos em direção a uma arqueologia pantaneira: de Max Schmidt e Branka Susnik a outras interpretações sobre os povos indígenas nas terras baixas do Pantanal. **Revista de Arqueologia**, v. 20, p. 83-115, 2007.

_____. **Arqueologia Pantaneira: história e historiografia.** Dourados: UFGD, 2008.

_____. Arqueologia como história dos Índios no Pantanal. In: MORALES, W. F.; MÓI, F. P. (org.) **Cenários regionais em arqueologia brasileira.** São Paulo: Annablume. p. 89-120, 2009.

EREMITES DE OLIVEIRA, J.; VIANA, S. O Centro-Oeste antes de Cabral. **Revista USP**, n. 44, p. 142-189, 1999-2000.

ERIKSEN, L. **Nature and culture in prehistoric Amazonia: using G.I.S. to reconstruct ancient ethnogenetic processes from archaeology, linguistics, geography, and ethnohistory.** 2011. 364 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Ciências Sociais, Universidade de Lund, Lund, 2011.

ERICKSON, C. L. Amazonia: the historical ecology of a domesticated landscape. In: SILVERMAN, H.; ISBELL, W. H. **Handbook of South American Archaeology.** New York: Springer, 2008.

ESSELIN, P. **A gênese de Corumbá: confluência das frentes espanhola e portuguesa em Mato Grosso (1536-1778).** Campo Grande: UFMS (Fontes Novas), 2000.

ETCHEVARNE, C. A ocupação humana no Nordeste brasileiro antes da colonização portuguesa. **Revista USP**, n. 44, p. 112-141, 1999-2000.

FAUSTO, C. **Os índios antes do Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FELICÍSSIMO, M. P. *et al.* 2004. Estudos arqueométricos de cerâmicas indígenas pré-coloniais das lagoas do Castelo e Vermelha, localizadas no Pantanal sul-mato-grossense. **Canindé**, v. 4, p. 325-368.

FERREIRA, A. R. A expedição philosophica pelas capitâneas do Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuyabá. In: SOARES, J. P. M.; FERRÃO, C. **Viagem ao Brasil de Alexandre Rodrigues Ferreira**. s/l: Kapa, 1971.

FERREIRA, A. C. **Tutela e resistência indígena: etnografia e história das relações de poder entre os Terena e o Estado brasileiro**. 2007. Tese (Doutorado em Antropologia). Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

_____. Políticas para a fronteira, história e identidade: a luta simbólica nos processos de demarcação de terras indígenas Terena. **Mana**, v. 15, n. 2, p. 377-410, 2009.

FERREIRA, J. A. **Notícia sobre os índios de Mato Grosso: dada em ofício de 2 de dezembro de 1848 ao Ministro e Secretário de Estado do Império, pelo Diretor Geral dos Índios da então Província**. Cuiabá: IHGMT, 2001.

FERREIRA, L. M. **Território primitivo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

FIGUTTI, L. Os sítios a céu aberto na Fazenda Verde. In: VIALOU, A. V. **Pré-história do Mato Grosso**. São Paulo: EDUSP, 2006 (vol. 2: Cidade de Pedra).

GADELHA, R. M. A. F. **As missões jesuíticas do Itatin: um estudo das estruturas sócio-econômicas coloniais, séc. XVI e XVII**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

GANDIA, H. de. **História de la conquista del Rio de La Plata e del Paraguay**. Buenos Aires: Libreria de A. Garcia Santos, 1932.

GANDIA, H. de. **Las misiones jesuíticas y los bandeirantes paulistas**. Buenos Aires: La Facultad, 1935.

GASPAR, M. V. **A cerâmica da Tradição Pantanal: um estudo comparativo entre o material arqueológico da Aldeia Lalima e as coleções etnográficas Kadiwéu do MAE-USP**. Relatório de Iniciação Científica. Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado

de São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnoarqueologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

GIRELLI, M. **Lajedos com gravuras na região de Corumbá, MS**. 1994. Dissertação (Mestrado em História). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 1994.

GNECCO, C. Discursos sobre el otro. Pasos hacia una arqueología de la alteridad étnica. **Revista de Ciencias Sociales**, n. 2, p. 101-129, 2008.

GREENBERG, J. H. The general classification of Central, and South American languages. In: WALLACE, A. F. C. **Mena and cultures**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1960.

GUAPINDAIA, V. L. **Além da margem do rio: as ocupações Konduri e Pocó na região de Porto Trombetas, PA**. 2008. Tese (Doutorado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

GUZMAN, R. D. de. **Anais do descobrimento, povoação e conquista do Rio de La Plata**. Campo Grande: Governo de Mato Grosso do Sul, 2008 (Coleção Documentos Para a História de Mato Grosso do Sul).

HECKENBERGER, M. J. Rethinking the arawakan diaspora: hierarchy, regionality, and the Amazonian formative. In: HILL, D; SANTOS-GRANERO, F. **Comparative Arawakan history: rethinking language family and culture area in Amazonia**. Urbana: University of Illinois, 2002.

_____. **The ecology of power: culture, place, and personhood in the southern Amazon, AD 1000-2000**. New York: Routledge, 2005.

HECKENBERGER, M.; NEVES, E.; PETERSEN, J. De onde surgem os modelos?: a arqueologia da origem dos Tupi e Guaraní. **Revista de antropologia**, v. 41, n. 1, 1998.

HEMMING, J. **Ouro vermelho: a conquista dos índios brasileiros**. São Paulo: EDUSP, 2007.

_____. **Fronteira amazônica: a derrota dos índios brasileiros**. São Paulo: EDUSP, 2009.

HERBERTS, A. L. **Os Mbayá-Guaicuru: área, assentamento, subsistência e cultura material**. 1998. Dissertação (Mestrado em História), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 1998.

HIGUERAS, A. **Prehispanic settlement and land use in Cochabamba, Bolívia**. Tese (Doutorado). Universidade de Pittsburgh, Pittsburgh, 1996.

HILBERT, P. P.; HILBERT, K. P. Resultados preliminares da pesquisa arqueológica nos rios Nhamundá e Trombetas. **Boletim de Museu Paraense Emílio Goeldi**, n. 75, p. 1-11, 1980.

HILL, D; SANTOS-GRANERO, F. **Comparative Arawakan history: rethinking language family and culture area in Amazonia**. Urbana: University of Illinois, 2002.

HODDER, I. **Archaeology as Long-Term History**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

HOLANDA, S. B. de. **Monções**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

HORNBORG, A.; HILL, J. D (Ed.). **Ethnicity in ancient Amazonia**. Boulder: University Press of Colorado, 2011.

INGOLD, T. The temporality of the landscape. **World Archaeology**, v. 25, n. 2, p. 152-174, 1993.

INSOLL, T. (Ed.). **The archaeology of identities: a reader**. London: Routledge, 2007.

JOUKOWSKY, M. **A complete manual of field archaeology: tools and techniques of field work for archaeologists**. New York: Prentice Hall, 1986.

KASHIMOTO, E. M. **Variáveis ambientais e arqueologia no Alto Paraná**. 1997. Tese (Doutorado em Arqueologia), Museu de Arqueologia e Etnologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

KASHIMOTO, E. M.; MARTINS, G. R. A problemática arqueológica da tradição cerâmica Tupiguarani em Mato Grosso do Sul. In: Prous, A. & Lima, T. A. (org.). **Os ceramistas Tupiguarani**. Brasília: IPHAN, 2008.

_____. **Arqueologia e paleoambiente do rio Paraná em Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: Life, 2009.

LA SALVIA, F.; BROCHADO, J. P. **Cerâmica Guaraní**. Porto Alegre: Posenato arte e cultura, 1989.

LAYTON, R. **Who needs the past? (Indigenous values and archaeology)**. London: Routledge, 1989.

_____. **Conflict in the archaeology of living traditions**. London: Routledge, 1994.

LEMONNIER, P. Elements for an anthropology of technology. **Anthropological papers**, v. 88, 1992.

LEVI-STRAUSS, C. **Tristes tópicos**. Lisboa: 70, 1986.

LIMA, L. F. E. **A ocupação pré-colonial na fronteira ocidental: adaptabilidade humana, territorialidade e aspectos geomorfológicos na microregião do alto-Guaporé, Mato Grosso**. 2011. Tese (Doutorado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

LOZANO, P. **Historia de la conquista del Paraguay, Rio de la Plata y Tucuman**. Buenos Aires: Casa Editora Imprenta Popular, 1874 (Tomo Tercero).

MAEDER, E. J. A. **Aproximación a las Misiones Guaraníticas**. Buenos Aires: Universidad Católica Argentina, 1996.

MAGALHÃES, M. L. **Payaguá: o senhores do rio Paraguay**. 1999. Dissertação (Mestrado em História). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 1999.

MARQUÉZ MIRANDA, F. Hallasgos arqueológicos chaquenhos. **Relaciones**, v. 3, p. 7-27, 1942.

MARTIN, G. **Pré-história do nordeste do Brasil**. 5. ed. Recife: UFPE, 2008.

MARTINS, G. R. Breve painel etno-histórico de Mato Grosso do Sul. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2002.

_____. Santiago de Xerez: uma problemática para a arqueologia histórica. **Historia Paraguaya**, v. XLII, 2002.

_____. **Arqueologia do planalto Maracaju-Campo Grande**. Campo Grande: UFMS, 2003.

MARTINS, G. R.; KASHIMOTO, E. M. Arqueologia do contexto do rio Jauru (MT) impactado pelo gasoduto Bolívia-Mato Grosso. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 10, p. 121-143, 1999.

_____. **12.000 anos: arqueologia do povoamento humano no nordeste de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: Life, 2012.

MARTINS, G. R.; KASHIMOTO, E. M.; TATUMI, S. H. Datações arqueológicas em Mato Grosso do Sul. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 9, p. 73-93, 1999.

MELIÁ, B. **El guarani conquistado & reducido**. 2. ed. Asunción: CEAUC, 1986.

METRAUX, A. Ethnography of the Chaco. In: Steward, J. H. **Handbook of South American Indians**. Washington: Smithsonian Institution, 1946, v. I, p. 197-370.

MIGLIACIO, M. C. **A ocupação pré-colonial do Pantanal de Cáceres, Mato Grosso; uma leitura preliminar**. 2000. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

_____. A ocupação indígena no Pantanal de Cáceres, Alto Paraguai – do período pré-colonial aos dias atuais. **Revista do Museu Antropológico**, v. 5/6, n. 1, p. 213-250, 2000-2001.

_____. **O doméstico e o ritual: cotidiano Xaray no Alto Paraguai até o século XVI**. 2006. Tese (Doutorado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MILLER, E. T. **História da cultura indígena do alto-médio Guaporé**. 1983. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1983.

MONTEIRO, J. M. Os Guarani e a história do Brasil meridional. In: CUNHA, M. C. da (org.). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **Negros da terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MONTOYA, A. R. de. **Conquista espiritual**. 2. ed. São Paulo: Martins, 1997.

MOREIRA NETO, C. de. **Os índios e a ordem imperial**. Brasília: FUNAI, 2005.

NELSON, M. Abandonment: conceptualization, representation, and social change. In: Schiffer, M. B (ed.). **Social theory in archaeology**. Salt Lake City: University of Utah Press, 1997.

NEVES, E. G. **Paths in the dark waters: archaeology as indigenous history in the Upper Rio Negro Basin, northwest Amazon**. 2000. Phd. Thesis. Indiana University, Bloomington, 2000.

_____. Tradição oral e arqueologia na história indígena no Alto Rio Negro. In: FORLINE, L. C.; MURRIETA, R. S. S.; VIEIRA, I. C. G. (Org.). **Amazônia. Além dos 500 anos**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2006. p. 71-108.

NIMUENDAJU, C. **Mapa etno-histórico de Curt Nimuendajú**. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.

NOELLI, F. S. 1993. **Sem tekohá não há tekó: em busca de um modelo etnoarqueológico da subsistência e da aldeia Guarani aplicado há uma área de domínio no delta do Jacuí**. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

_____. As hipóteses sobre os centros de origem e as rotas de expansão dos Tupi, **Revista de Antropologia**, v. 39, n. 2, p. 7-53, 1996.

_____. Repensando os rótulos e a história dos Jê no Sul do Brasil a partir de uma interpretação interdisciplinar. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, Suplemento 3, p. 285-302, 1999.

NOELLI, F. S.; BROCHADO, J. P. O cauim e as beberagens dos Guarani: equipamentos, técnica de preparação e consumo. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 8, p. 117-128, 1998.

NOELLI, F. S.; FERREIRA, L. M. A persistência da teoria da degeneração e do colonialismo nos fundamentos da arqueologia brasileira. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, vol. 14, n. 4, p. 1239-1264, 2007.

NORDENSKIOLD, E. The Guarani invasion of the Inka Empire in the sixteenth Century: a historical Indian migration. **The geographical review**, v. 4, p. 103-121, 1917.

_____. **The changes in the material culture of two Indian tribes under the influences of New Surroundings**. New York: AMS Press.

OBERG, K. **The Terena and Caduveu of southern Mato Grosso**. Washington: Smithsonian Institution, 1949.

ORTIZ, G. Estado actual del conocimiento del denominado Complejo o Tradición cultural San Francisco, a 100 años de su descubrimiento. In: ORTIZ, G; VENTURA, B. (Ed.). **La mitad verde del mundo andino. Investigaciones arqueológicas en la vertiente oriental de los Andes y las Tierras Bajas de Bolivia y Argentina**. San Salvador de Jujuy: Universidad Nacional de Jujuy, 2003, p. 23-71.

_____. ¿Pescadores, cazadores, recolectores pedemontanos? El caso de las sociedades de Tradición San Francisco (Prov. de Jujuy, Noroeste de Argentina). **Cazadores Recolectores del Cono Sur**, n. 4, p. 115-133.

ORTIZ, G; NIEV, L. Prácticas mortuorias en las poblaciones tempranas del Valle del río San Francisco (Prov. de Jujuy, Argentina). **Comechingonia. Revista de Arqueología**. N. 14, p. 55-73, 2011.

ORTON, C. **Sampling in archaeology**. Cambridge: Cambridge University, 2000.

ORTON, C.; TYERS, P.; VINCE, A. **Pottery in archaeology**. Cambridge: University Press, 1993.

PANJA, S. Mobility strategies and site structure: a case study of Inamgaon. **Journal of anthropological archaeology**, v. 22, n. 2, p. 105-25, 2003.

PÄRSSINEN, M. Quando começou, realmente, a expansão Guarani em direção às Serras Andinas Orientais. **Revista de Arqueologia**, v. 18, 51-66, 2005.

PEIXOTO, J. L. S. Populações indígenas de tradição Tupiguarani no Pantanal Sul-mato-grossense. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 8, p. 71-86, 1998.

_____. **A ocupação dos povos indígenas pré-coloniais nos grandes lagos do Pantanal Sul-mato-grossense**. 2003. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

PEIXOTO, J. L. S.; BEZERRA, M. A. O. Os povos ceramistas que ocuparam a planície aluvial antes da conquista européia. In: IV SIMPÓSIO SOBRE RECURSOS NATURAIS E SÓCIO-ECONÔMICOS DO PANTANAL. 2004, Corumbá. **Anais...** Corumbá: EMBRAPA, 2004.

PETRULLO, V. M. Primitive peoples of Matto Grosso – an account of archaeological and ethnological field work at the headwaters of the Paraguai and Xingu rivers in Matto Grosso, Brazil, during 1931. **The Museum Journal**, v. 23, n. 2, p. 91-178, 1932.

PIRES de CAMPOS, A. Breve notícia que dá o capitão Antônio Pires de Campos do gentio bárbaro que há na derrota da viagem das minas de Cuyabá e seu recôncavo. **Revista Trimestral do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil**, t. XXV, p. 437-449, 1862.

PLOG, S. et al. Decision making in modern surveys. In: Schiffer, M. B. **Advances in archaeological method and theory**. New York: Academic Press, 1978.

POLITIS, G. G. Aplicaciones de la etnoarqueología para interpretar el registro arqueológico de los cazadores-recolectores del pasado. Tres ejemplos de América del Sur. In: AGUIAR, R. L. S. de et al (org.). **Arqueologia, Etnologia e Etno-história em Iberoamérica**. Dourados: UFGD, 2010.

POLITIS, G. G.; BONOMO, M. La entidad arqueológica Goya-Malabrigo (Ríos Paraná y Uruguay) y su filiación Arawak. **Revista de Arqueologia**, v. 25, n. 1, p. 10-46, 2012.

PÓVOA, M. B. **Arqueologia dos Abrigos Cera, Aquidauana/MS: cultura material e inserção na paisagem**. 2007. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

PREZIA, B. A. **Os indígenas do planalto paulista nas crônicas seiscentistas e setecentistas**. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, 2000.

PROUS, A. **Arqueologia brasileira**. Brasília: Unb.

PRÜMERS, H.; WINKLER, W. Excavaciones arqueológicas en las tierras bajas bolivianas: primer informe del proyecto Grigotá. **Beiträge zur Allgemeinen und Vergleichende Archäologie**, n. 17, p. 343-393, 1997.

RIBEIRO, D. **Kadiwéu**. Rio de Janeiro: Vozes, 1980.

RIBEIRO, E. R. Macro-Jê. In: BROWN, K. (Ed.). **Encyclopedia of language & linguistics**. 2. ed. Oxford: Elsevier, 2006, p. 422-426.

RICE, P. M. **Pottery analysis**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1987.

RIVASSEU, E. **A vida dos índios Guaicurus**. São Paulo: Nacional, 1936.

RIVERA CASANOVAS, C. Identidades compartidas en el Sur de Bolivia: interacciones entre las poblaciones prehispánicas del Valle del Cinti y las Tierras Bajas del Sud Este. In: ORTIZ, G; VENTURA, B. (Ed.). **La mitad verde del mundo andino. Investigaciones arqueológicas en la vertiente oriental de los Andes y las Tierras Bajas de Bolivia y Argentina**. San Salvador de Jujuy: Universidad Nacional de Jujuy, 2003, p. 179-204.

RODRIGUES do PRADO, F. **História dos índios cavaleiros ou da nação Guaicuru**. Campo Grande: IHGMS, 2009.

ROGGE, J. H.; SCHMITZ, P. I. Projeto Corumbá: a ocupação pelos grupos ceramistas pré-coloniais. **Revista de Arqueologia**, v. 8, n. 2, 169-180, 1994-95.

RONDON, C. M. da S. **Relatório dos trabalhos realizados de 1900-1906 pela Comissão de Linhas Telegráficas do Estado de Mato Grosso, apresentado às autoridades do Ministério da Guerra pelo Major de Engenharia Cândido Mariano da Silva Rondon, como chefe da Comissão**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional (publicação nº 69-70 do Conselho Nacional de Proteção aos Índios, Ministério da Agricultura), 1949.

RYDÉN, S. **The Erland Nordenskiöld Archaeological Collection from the Mizque Valley, Bolivia**. Goteborg: Etnografiska Museet, 1956 (Etnologiska Studier, n. 22).

RYE, O. S. **Technology: principles and reconstruction**. Washington: Taraxacum, 1981.

SAHLINS, M. **Cultura na prática**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

SANDALO, F. Paralelismo fonológico entre as línguas Guaikurú e Bororo. In: LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS: FONOLOGIA, GRAMÁTICA E HISTÓRIA. ATAS DO I ENCONTRO INTERNACIONAL DO GRUPO DE TRABALHO SOBRE LÍNGUAS INDÍGENAS DA ANPOLL. Belem. **Anais...** Belem: UFPA, p. 65-70.

SCHIFFER, M. B. **Formation process of the archaeological record**. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1987.

SCHIFFER, M. B.; SKIBO, J. The explanation of artifact variability. **American Antiquity**, v. 62, n. 1, p. 27-50, 1997.

SCHMIDEL, U. **Relato de la conquista Del rio de la Plata y Paraguay: 1534-1555**. Madrid: Alianza, 1986.

SCHMIDT, M. **The Arawak: a contribution to the problem of the expansion of culture**. 1917. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Universidade de Leipzig, Leipzig, 1917.

_____. Hallazgos prehistóricos en Matto Grosso. **Revista de la Sociedad Científica del Paraguay**, n. 1, p. 27-62, 1940.

SCHMITZ, P. I. O povoamento pleistocênico do Brasil. **Revista de Arqueologia Americana**, n. 1, p. 33-68.

_____. Arqueologia em Mato Grosso do Sul: dois projetos, dois resultados. **Fronteiras**, v. 2, n. 4, p. 203-222, 1998.

_____. Pescadores-caçadores-coletores do Pantanal do Mato Grosso do Sul. In: TENÓRIO, M. C. **Pré-história da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999, p. 149-156.

_____. Projeto Corumbá, balanço e prospecção. **Clio**, n. 14, p. 273-280, 2000.

SCHMITZ, P. I. et al. Aterros indígenas no Pantanal de Mato Grosso do Sul. **Pesquisas**, n. 54, 1998 (Série Antropologia).

SCHUCH, M. E. J. **Xaray e Chané: índios frente à expansão espanhola e portuguesa no Alto-Paraguai**. 1995. Dissertação (Mestrado em História). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 1995.

_____. Missões capuchinhas entre os Guaná sul-matogrossenses. **Pesquisas, História**, n. 30, p. 109-125, 1998.

SHEPARD, A. O. **Ceramics for the archaeologist**. Washington, D. C.: Carnegie Institution of Washington, 1956.

SHEPHERD, N. When the hand that holds the trowel is black... Disciplinary practices of self-representation and issue of 'native' labor in archaeology. **Journal of Social Archaeology**, v.3, n. 3, p. 334-352, 2003.

SEPLAN/IBGE. Estado de Mato Grosso do Sul. **Atlas Multirreferencial do Estado de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande, 1990.

SERRANO, A. **Investigaciones arqueológicas en el Valle del Río San Francisco (Provincia de Jujuy)**. Salta: Escuela Tipográfica del Colegio Salecianos Angel Zerda, 1962.

SILLIMAN, S.W. Culture contact or colonialism? Challenges in the archaeology of native North America. **American Antiquity**, v. 70, n. 1, p. 54-74, 2005.

SILVA, F. A. **As tecnologias e seus significados: um estudo da cerâmica dos Assurini do Xingu e da cestaria dos Kaiapó-Xikrin sob uma perspectiva etnoarqueológica**. 2000. Tese (Doutorado em Antropologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

_____. O significado da variabilidade artefactual: a cerâmica dos Asurini do Xingu e a plumária dos Kayapó-Xikrin do Cateté. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 2, n. 1, p. 91-103, 2007.

_____. Etnoarqueologia na Amazônia: problemas e perspectivas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 4, n. 1, p. 27-37, 2009.

SIQUEIRA Jr., J. G. **Arte e técnicas Kadiwéu**. São Paulo: Imprensa Oficial/FAPESP, 1992a.

_____. A iconografia Kadiwéu atual. In: Vidal, L. (org.). **Grafismo indígena**. São Paulo: Studio Nobel/ FAPESP/ EDUSP, 1992b.

SMITH, C. & WOBST, M. (ed.). **Indigenous Archaeologies**. London, Routledge, 2006.

SOUSA, N. M. de. **A redução de Nuestra Señora de la Fe no Itatim: entre a cruz e a espada**. 2002. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados, 2002.

STARK, M.; BOWSER, B.; HORNE, L. (Ed.). **Cultural transmission and material culture: breaking down bondaires**. Tucson: University of Arizona Press, 2008.

STEINEN, K. V. D. **Entre os aborígenas do Brasil Central**. São Paulo: Departamento de Cultura, 1940.

SUSNIK, B. **Dispersión Tupí-Guaraní Prehistórica: ensayo analítico**. Asuncion: Paraguay, 1975.

_____. **El indio colonial del Paraguay. El Chaquenho (III-1)**. Assunción: Museo Etnográfico Andres Barbero, 1971

_____. **Interpretacion etnocultural de la complejidad sudamericana antigua: formacion y dispersión étnica**. Assunción: Museu Etnográfico Andrés Barbero, 1994.

TAUNAY, A. **Relatos monçoeiros**. Belo Horizonte: Itatiaia/EDUSP, 1981.

_____. **A retirada da Laguna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. **Scenas de Viagem**. Rio de Janeiro: Typogrphia Americana, 1868.

TRIGGER, B. G. **História do pensamento arqueológico**. São Paulo: Odysseus, 2004.

TORRES, L. M. **Los primitivos habitantes del Delta del Paraná**. Buenos Aires: Universidad Nacional de La Plata, 1911.

UCKO, P. J. Forword. In: CARMICHEL, D. L. et al. (Ed.). **Sacred sites, sacred places**. London/New York: Routledge, 1994, p. xiii-xxiii.

VERONEZE, E. **A ocupação do planalto Central brasileiro: o nordeste de Mato Grosso do Sul**: o . 1994. Dissertação (Mestrado em História). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 1994.

VIALOU, A.V. **Pré-história do Mato Grosso** . São Paulo: EDUSP, 2005 (vol. 1: Santa Elina).

_____. **Pré-história do Mato Grosso**. São Paulo: EDUSP, 2006 (vol. 2: Cidade de Pedra).

WEBER, A. **Os Eyiguayegui-Mbayá-Guaicuru: encontros e desencontros com os luso-brasileiros na capitania do Mato Grosso**. 2002. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados, 2002.

WILLEY, G. R. **An introduction to American Archaeology**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1971 (Volume Two: South America).

WÜST, I. **Continuidade e mudança: para interpretação dos grupos pré-coloniais na bacia do rio Vermelho, Mato Grosso**. 1990. Tese (Doutorado em Antropologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

_____. Etnicidade e tradições ceramistas: algumas reflexões a partir das antigas aldeias Boro do Mato Grosso. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, Suplemento 3, p. 303-318, 1999.

ZEDEÑO, M. I. Landscapes, land use, and the history of territory formation: an example from pueblo in southwest. **Journal of archaeological method and theory**, v. 4, n. 1, p. 63-103, 1997.

_____. The archaeology of territory and territoriality. In: DAVID, B.; THOMAS, J. (ed.). **The Handbook of Landscape Archaeology**. Walnut Creek: Left Coast Press, 2008, p. 210-217

ZEDEÑO, M. N.; ANDERSON, D. Agency and Politics in Hunter-Gatherer Territory Formation. **Revista de Arqueologia**, v. 23, n 1, p. 9-28, 2010.

ZEDEÑO, M. N.; BALLENGER, J. A. M.; MURRAY, J. R. Landscape engineering and organizational complexity among late prehistoric bison hunters of the Northwestern plains. **Current Anthropology**, v. 55, n. 1, p. 23-58, 2014.

ANEXOS

ANEXO 1

Anexo 1 – Tabela 1

Sítios e áreas de ocorrência arqueológica com materiais cerâmicos Guarani, análogos Kadiwéu e Terena na Terra Indígena Lalima						
Sítio/ Ocorrência	UTM 21K	Atividades de pesquisa	Implantação na paisagem	Altimetria (manm)	Espessura (cm)	Tradição Tecnológica
Tapera do Gino	572877/ 7725744	Registro, topografia, coleta de superfície, escavação de sondagens e poços-teste, análise cerâmica, datação	Colina suave, margem esquerda de uma nascente tributária da margem direita do Miranda, sedimento arenoso e litólico, formações pioneiras e mata secundária e primária, divisa entre Lalima e Faz. Santa Rosa	150	0,70	Guarani/ Análogo Kadiwéu
Campina	574518/ 7726905	Registro	Colina suave, confluência da margem esquerda de nascente com margem esquerda do cór. Guanandi, sedimento arenoso e argiloso, vegetação doméstica, localidade Campina			Guarani
José Rondon de Souza	573816/ 7726032	Registro, coleta de superfície, análise cerâmica	Baixa encosta colina suave, confluência margem direita de uma pequena nascente com a margem esquerda do baixo curso do cór. do Lima, sedimento arenoso, vegetação doméstica e agricultura, localidade Baxadão			Análogo Kadiwéu
Limpão	572232/ 7724920	Registro, coleta de superfície, análise cerâmica	Topo de colina, margem direita do rio Miranda, sedimento arenoso e litólico, mata secundária e primária			Análogo Kadiwéu
Manoel de Souza Neto	573695/ 7725436	Registro	Colina suave, sedimento arenoso, confluência de nascente com a margem esquerda do baixo curso do cór. do Lima, aricultura a mata secundária			Análogo Kadiwéu
Estrada	573288/7 725620	Registro, coleta de superfície	Baixa encosta colina suave, margem direita do cór. do Lima, próximo da confluência com a planície inundável do Miranda, sedimento arenoso, pastagem			Análogo Kadiwéu
Tapera da Urumbeva	574739/ 7724094	Registro, setorização, topografia, coleta de superfície, escavação de furos e poços-teste, análise cerâmica	Baixa encosta colina suave, próxima de nascente tributária da planície de inundação da margem direita do rio Miranda, sedimento arenoso e litólico, mata secundária	155	0,10	Terena
Pirizal	573508/ 7725949	Registro, coleta de superfície, análise cerâmica	Área plana não inundável, próxima da planície de inundação da margem direita do Miranda, sedimento arenoso, vegetação doméstica, mata secundária e galeria			Terena
Tapera do Agápto	574477/ 7727875	Registro, coleta de superfície	Baixa encosta colina suave, sedimento arenoso e argiloso, margem direita do cór. Guanandi, na Faz. Santa Rosa, vegetação doméstica e pastagem			Terena

Anexo 1 – Tabela 1 (Continuação)

Sítios e áreas de ocorrência arqueológica com materiais cerâmicos Guarani, análogos Kadiwéu e Terena na Terra Indígena Lalima

Sítio/ Ocorrência	UTM 21K	Atividades de pesquisa	Implantação na paisagem	Altimetria (mnm)	Espessura (cm)	Tradição Tecnológica
Anita Vieira	575314/ 7726195	Registro	Colina suave, sedimento arenoso e argiloso, margem esquerda na nascente do cór. do Lima, vegetação doméstica e agricultura			
Hélio Correia	575535/ 7727300	Registro	Piemonte do morro do Jaraguá, sedimento arenoso e argiloso, próximo da nascente do cór. Guanandi, agricultura e mata secundária e primária			
Ocorrência 2	575216/7 725561	Registro	Topo de colina suave, sedimento arenoso, próximo da nascente do cór. do Lima, vegetação doméstica			Análogo Kadiwéu
Ocorrência 5	569646/7 727257	Registro	Margem direita do rio Miranda, sedimento arenoso, mata galeria			Guarani
Ocorrência 1	574477/7 723824	Registro	Área plana próxima da planície de inundação da margem direita do Miranda, sedimento arenoso, agricultura e mata secundária e primária			
Ocorrência 3	575196/7 723975	Registro	Área plana, margem direita do cór. do Matinho, sedimento arenoso, agricultura e mata secundária e primária			
Ocorrência 6	576316/7 727850	Registro	Piemonte do morro do Jaraguá, sedimento argiloso, proximidade da nascente do Guanandi, pastagem e mata secundária e primária, divisa entre Lalima e a Faz. Santa Rosa, localidade Canto do Jaraguá			
Ocorrência 8	578352/7 724505	Registro	Piemonte do morro do Urubú, sedimento arenoso e argiloso, margem esquerda do cór. Barrero			
Ocorrência 9	575611/7 726387	Registro	Baixa encosta colina suave, sedimento argiloso, próximo da nascente do cór. do Lima, agricultura e mata secundária			
Ocorrência 11	575960/7 723510	Registro	Área plana, sedimento arenoso, margem esquerda do cór. do Matinho, mata secundária e primária			

ANEXO 2

Anexo 2 – Tabela 1

Sítio Córrego Lalima – Setor 2

Proveniência dos materiais cerâmicos

Nível	Frequência	Porcentagem
Superfície	746	67,76%
Nível 1 (0-10 cm)	94	8,54%
Nível 2 (10-20 cm)	108	9,81%
Nível 3 (20-30 cm)	90	8,17%
Nível 4 (30-40 cm)	26	2,36%
Nível 5 (40-50 cm)	7	0,64%
Nível 6 (50-60 cm)	6	0,54%
Nível 7 (60-70 cm)	2	0,18%
Não identificado	22	2,00%
N	1101	100,00%

Anexo 2 – Tabela 2

Sítio Córrego Lalima – Setor 2

Análise da categoria dos fragmentos

Categoria	Frequência	Porcentagem
Parede	1000	90,83%
Borda	86	7,81%
Base	9	0,82%
Apêndice	6	0,54%

Anexo 2 – Tabela 3

Sítio Córrego Lalima - Setor 2

Análise do antiplástico

Antiplástico	Frequência	Porcentagem
Mineral	797	72,39%
Caco moído	284	25,79%
Concha triturada	14	1,27%
Caco moído e concha triturada	5	0,45%
Osso	1	0,09%

Anexo 2 – Tabela 4

Sítio Córrego Lalima - Setor 2

Análise da técnica de manufatura

Manufatura	Frequência	Porcentagem
Acordelado	207	18,80%
Modelado	6	0,54%
Não identificado	888	80,65%

Anexo 2 – Tabela 5

Sítio Córrego Lalima - Setor 2

Análise dos tipos dos fragmentos de borda

Tipos	Frequência	Porcentagem
-------	------------	-------------

Anexo 2 – Tabela 5 (Continuação)
Sítio Córrego Lalima - Setor 2
Análise dos tipos dos fragmentos de borda

Tipos	Frequência	Porcentagem
Diretas	25	2,27%
Extrovertidas	25	2,27%
Direta-inclinada-interna	10	0,91%
Direta-inclinada-externa	5	0,45%
Não identificado	21	1,91%
Não se aplica	1015	92,19%

Anexo 2 – Tabela 6
Sítio Córrego Lalima - Setor 2
Análise das formas do lábio nos fragmentos de borda

Formas	Frequência	Porcentagem
Reforçado-externo	42	3,81%
Dobrado	17	1,54%
Com rebarba-externa	12	1,09%
Arredondado	8	0,73%
Biselado	5	0,45%
Aplanado	1	0,09%
Apontado	1	0,09%
Não se aplica	1015	92,19%

Anexo 2 – Tabela 7
Sítio Córrego Lalima - Setor 2
Análise dos tipos de fragmentos de base

Tipos	Frequência	Porcentagem
Circular-côncava	8	0,73%
Circular-plana	1	0,09%
Não se aplica	1092	99,18%

Anexo 2 – Tabela 8
Sítio Córrego Lalima - Setor 2
Análise do apêndice

Apêndice	Frequência	Porcentagem
Alça de suspensão	5	0,45%
Asa	1	0,09%
Não se aplica	1095	99,46%

Anexo 2 – Tabela 9
Sítio Córrego Lalima - Setor 2
Análise da espessura

Espessura	Frequência	Porcentagem
0,3 - 0,5 cm	327	29,70%
0,6 - 1 cm	737	66,94%

Anexo 2 – Tabela 9 (Continuação)

Sítio Córrego Lalima - Setor 2

Análise da espessura

Espessura	Frequência	Porcentagem
1,1 - 1,5 cm	37	3,36%

Anexo 2 – Tabela 10

Sítio Córrego Lalima - Setor 2

Análise do diâmetro da boca nos fragmentos de borda

Diâmetro	Frequência	Porcentagem
14	1	0,09%
22	1	0,09%
24	1	0,09%
32	2	0,18%
Não identificado	81	7,36%
Não se aplica	1015	92,19%

Anexo 2 – Tabela 11

Sítio Córrego Lalima - Setor 2

Análise da altura do vasilhame cerâmico

Altura	Frequência	Porcentagem
5 - 10 cm	2	0,18%
11-15 cm	3	0,27%
Não identificado	1096	99,55%

Anexo 2 – Tabela 12

Sítio Córrego Lalima - Setor 2

Análise dos tipos dos fragmentos de parede

Tipos	Frequência	Porcentagem
Infletida	13	1,18%
Carenada	1	0,09%
Não identificada	985	89,46%
Não se aplica	102	9,26%

Anexo 2 – Tabela 13

Sítio Córrego Lalima - Setor 2

Análise das classes de simetria do vasilhame cerâmico

Classes	Frequência	Porcentagem
Não restringida	15	1,36%
Restringida	6	0,54%
Restringida independente	1	0,09%
Não identificado	1079	98,00%

Anexo 2 – Tabela 14

Sítio Córrego Lalima - Setor 2

Análise do contorno do vasilhame cerâmico

Contono	Frequência	Porcentagem
---------	------------	-------------

Anexo 2 – Tabela 14 (Continuação)
Sítio Córrego Lalima - Setor 2
Análise do contorno do vasilhame cerâmico

Contono	Frequência	Porcentagem
Simple	14	1,27%
Infletido	6	0,54%
Não identificado	1081	98,18%

Anexo 2 – Tabela 15
Sítio Córrego Lalima - Setor 2
Análise da forma do vasilhame cerâmico

Forma	Frequência	Porcentagem
Semi-esférica	6	0,54%
Semi-elíptica-horizontal	1	0,09%
Semi-oval-vertical	1	0,09%
Não identificado	1093	99,27%

Anexo 2 – Tabela 16
Sítio Córrego Lalima - Setor 2
Análise do acabamento de superfície na face externa dos fragmentos

Acabamento	Frequência	Porcentagem
Simple	950	86,29%
Plástico	71	6,45%
Cromático	57	5,18%
Misto	6	0,54%
Duplo	5	0,45%
Sem acabamento	5	0,45%
Não identificado	7	0,64%

Anexo 2 – Tabela 17
Sítio Córrego Lalima - Setor 2
Análise do acabamento de superfície na face interna dos fragmentos

Acabamento	Frequência	Porcentagem
Simple	1052	95,55%
Cromático	43	3,91%
Misto	1	0,09%
Sem acabamento	4	0,36%
Não identificado	1	0,09%

Anexo 2 – Tabela 18
Sítio Córrego Lalima - Setor 2
Análise do acabamento de superfície no lábio dos fragmentos de borda

Acabamento	Frequência	Porcentagem
Simple	52	4,72%
Plástico	21	1,91%
Cromático	7	0,64%

Anexo 2 – Tabela 18 (Continuação)**Sítio Córrego Lalima - Setor 2****Análise do acabamento de superfície no lábio dos fragmentos de borda**

Acabamento	Frequência	Porcentagem
Misto	6	0,54%
Não se aplica	1015	92,19%

Anexo 2 – Tabela 19**Sítio Córrego Lalima - Setor 2****Análise do acabamento simples na face externa dos fragmentos**

Acabamento	Frequência	Porcentagem
Alisamento	377	34,24%
Polimento	561	50,95%
Barbotina	12	1,09%
Não se aplica	151	13,71%

Anexo 2 – Tabela 20**Sítio Córrego Lalima - Setor 2****Análise do acabamento simples na face interna dos fragmentos**

Acabamento	Frequência	Porcentagem
Alisamento	404	36,69%
Polimento	641	58,22%
Barbotina	7	0,64%
Não se aplica	49	4,45%

Anexo 2 – Tabela 21**Sítio Córrego Lalima - Setor 2****Análise do acabamento simples no lábio dos fragmentos de borda**

Acabamento	Frequência	Porcentagem
Alisado	23	2,09%
Polido	29	2,63%
Não se aplica	1049	95,28%

Anexo 2 – Tabela 22**Sítio Córrego Lalima - Setor 2****Análise do acabamento plástico na face externa dos fragmentos**

Acabamento	Frequência	Porcentagem
Inciso	37	3,36%
Impressão de corda	10	0,91%
Aplique de filigranas	7	0,64%
Corrugado-simples	3	0,27%
Pontado	3	0,27%
Impressão de corda estilizada	1	0,09%
Aplique mamilonar	1	0,09%
Roletado	1	0,09%
Corrugado	7	0,64%

Anexo 2 – Tabela 22 (Continuação)**Sítio Córrego Lalima - Setor 2****Análise do acabamento plástico na face externa dos fragmentos**

Acabamento	Frequência	Porcentagem
Ungulado	1	0,09%
Não se aplica	1030	93,55%

Anexo 2 – Tabela 23**Sítio Córrego Lalima - Setor 2****Análise do acabamento duplo na face externa dos fragmentos**

Acabamento	Frequência	Porcentagem
Inciso e ponteadado	3	0,27%
Inciso e aplique mamilonar	1	0,09%
Impressão de corda e ponteadado	1	0,09%
Não se aplica	1096	99,55%

Anexo 2 – Tabela 24**Sítio Córrego Lalima - Setor 2****Análise do acabamento cromático na face externa dos fragmentos**

Acabamento	Frequência	Porcentagem
Pintura vermelha	26	2,36%
Engobo vermelho	14	1,27%
Enegrecimento	7	0,64%
Engobo branco	6	0,54%
Pintura vermelha sobre engobo branco	2	0,18%
Pintura vermelha e preta sobre engobo branco	2	0,18%
Não se aplica	1044	94,82%

Anexo 2 – Tabela 25**Sítio Córrego Lalima - Setor 2****Análise do acabamento cromático na face interna dos fragmentos**

Acabamento	Frequência	Porcentagem
Pintura vermelha	18	1,63%
Enegrecimento	11	1,00%
Engobo vermelho	11	1,00%
Engobo branco	2	0,18%
Pintura vermelha e preta sobre engobo branco	1	0,09%
Não se aplica	1058	96,09%

Anexo 2 – Tabela 26**Sítio Córrego Lalima (MS-MI-01) - Setor 2****Análise do acabamento de superfície no lábio dos fragmentos de borda**

Acabamento	Quantidade	Porcentagem
Alisado	23	2,09%
Polido	29	2,63%
Aplique de filigranas	17	1,54%

Anexo 2 – Tabela 26 (Continuação)
Sítio Córrego Lalima (MS-MI-01) - Setor 2
Análise do acabamento de superfície no lábio dos fragmentos de borda

Acabamento	Quantidade	Porcentagem
Ponteados	3	0,27%
Ungulado	1	0,09%
Pintura vermelha	5	0,45%
Engobo vermelho	2	0,18%
Pintura vermelha e aplicado	6	0,54%
Não se aplica	1015	92,19%

Anexo 2 – Tabela 27
Sítio Córrego Lalima - Setor 2
Análise da configuração do núcleo dos fragmentos

Configuração	Frequência	Porcentagem
Oxidação incompleta, com ou sem materiais orgânicos	438	39,78%
Oxidação incompleta, com materiais orgânicos	354	32,15%
Oxidação incompleta, com materiais orgânicos, margens do core difusas	187	16,98%
Oxidação incompleta, com materiais orgânicos	93	8,45%
Oxidação incompleta, com materiais orgânicos	28	2,54%
Redução e resfriado rapidamente no ar (2 vezes), margens do core definidas, core duplo	1	0,09%

Anexo 2 – Tabela 28
Sítio Córrego Lalima - Setor 2
Análise da coloração na face externa dos fragmentos

Coloração	Frequência	Porcentagem
Marrom	697	63,31%
Cinza	150	13,62%
Amarelo	93	8,45%
Preto	57	5,18%
Branco	56	5,09%
Vermelho	38	3,45%
Pink	10	0,91%

Anexo 2 – Tabela 29
Sítio Córrego Lalima - Setor 2
Análise da coloração na face interna dos fragmentos

Coloração	Frequência	Porcentagem
Marrom	598	54,31%
Cinza	199	18,07%
Preto	132	11,99%
Branco	72	6,54%
Amarelo	64	5,81%
Vermelho	23	2,09%
Pink	13	1,18%

Anexo 2 – Tabela 30

Sítio Córrego Lalima - Setor 2

Análise das marcas de uso na face externa dos fragmentos

Marcas	Frequência	Porcentagem
Fuligem	123	11,17%
Oxidação	2	0,18%
Polidor de sulco	2	0,18%
Fuligem e oxidação	1	0,09%
Não identificado	973	88,37%

Anexo 2 – Tabela 31

Sítio Córrego Lalima - Setor 2

Análise das marcas de uso na face interna dos fragmentos

Marcas	Frequência	Porcentagem
Depósito de carbono	52	4,72%
Fermentação	9	0,82%
Oxidação	2	0,18%
Polidor de sulco	1	0,09%
Não identificado	1037	94,19%

Anexo 2 – Tabela 32

Sítio Córrego Lalima – Setor 2

Proveniência dos materiais líticos

Proveniência	Frequência	Porcentagem
Superfície	25	75,76%
Nível 1 (0-10 cm)	1	3,03%
Nível 2 (10-20 cm)	2	6,06%
Nível 3 (20-30 cm)	2	6,06%
Nível 4 (30-40 cm)	3	9,09%
N	33	100,00%

Anexo 2 – Tabela 33

Sítio Córrego Lalima - Setor 2

Análise dos tipos de materiais líticos

Tipo	Frequência	Porcentagem
Polidos	13	39,39%
Lascados	11	33,33%
Brutos	9	27,27%

Anexo 2 – Tabela 34

Sítio Córrego Lalima - Setor 2

Análise formal dos materiais líticos picoteados e/ou polidos

Foma	Frequência	Porcentagem
Mão de mó	3	9,09%
Lâmina de machado	2	6,06%
Fragmento de lâmina de machado	2	6,06%

Anexo 2 – Tabela 34 (Continuação)**Sítio Córrego Lalima - Setor 2****Análise formal dos materiais líticos picoteados e/ou polidos**

Foma	Frequência	Porcentagem
Polidor discóide	2	6,06%
Fragmento de artefato picoteado e amolado, talvez polido, não identificado	1	3,03%
Pré-forma de lâmina de machado	1	3,03%
Fragmento de tembetá	1	3,03%
Lasca de picoteamento (associada à confecção de artefatos líticos polidos)	1	3,03%
Não se aplica	20	60,61%

Anexo 2 – Tabela 35**Sítio Córrego Lalima - Setor 2****Análise da matéria-prima dos materiais líticos polidos**

Matéria-prima	Frequência	Porcentagem
Rochas básicas	10	30,3%
Quartzo leitoso	3	9,09%
Não se aplica	20	60,61%

Anexo 2 – Tabela 36**Sítio Córrego Lalima - Setor 2****Análise formal dos materiais líticos lascados**

Foma	Frequência	Porcentagem
Lasca unipolar primária	2	6,06%
Núcleo unipolar com uma plataforma definida	2	6,06%
Lasca unipolar secundária (preparação de bifaces)	1	3,03%
Lasca silet	1	3,03%
Núcleo unipolar com duas plataformas em ângulo	1	3,03%
Núcleo unipolar com várias plataformas em outra posição	1	3,03%
Micro-lasca ou escama de retoque	1	3,03%
Furador	1	3,03%
Plaina	1	3,03%
Não se aplica	22	66,67%

Anexo 2 – Tabela 37**Sítio Córrego Lalima - Setor 2****Análise da matéria-prima dos materiais líticos lascados**

Matéria-prima	Frequência	Porcentagem
Quartzo hialino	7	21,21%
Quartzo leitoso	4	12,12%
Não se aplica	22	66,67%

Anexo 2 – Tabela 38**Sítio Córrego Lalima - Setor 2****Análise da superfície dos materiais líticos lascados**

Superfície	Frequência	Porcentagem
-------------------	-------------------	--------------------

Anexo 2 – Tabela 38 (Continuação)

Sítio Córrego Lalima - Setor 2

Análise da superfície dos materiais líticos lascados

Superfície	Frequência	Porcentagem
Acortical com cicatrizes de lascamento anterior	6	18,18%
Córtex liso (prisma)	3	9,09%
Córtex rugoso (bloco)	1	3,03%
Córtex liso (seixo)	1	3,03%
Não se aplica	22	66,67%

Anexo 2 – Tabela 39

Sítio Córrego Lalima - Setor 2

Análise formal dos materiais líticos brutos

Foma	Frequência	Porcentagem
Amolador	3	9,09%
Percutor	1	3,03%
Almofariz	1	3,03%
Quebra-coco	1	3,03%
Corante	1	3,03%
Seixo	1	3,03%
Fragmento de seixo	1	3,03%
Não se aplica	24	72,73%

Anexo 2 – Tabela 40

Sítio Córrego Lalima - Setor 2

Análise da matéria-prima dos materiais líticos brutos

Matéria-prima	Frequência	Porcentagem
Rochas básicas	5	15,15%
Quartzito	3	9,09%
Óxido de ferro	1	3,03%
Não se aplica	24	72,73%

Anexo 2 – Tabela 41

Sítio Córrego Lalima - Setor 2

Análise da superfície dos materiais líticos brutos

Superfície	Frequência	Porcentagem
Córtex rugoso (bloco)	6	18,18%
Córtex liso (seixo)	3	9,09%
Não se aplica	24	72,73%

Anexo 3

Anexo 3 - Tabela 1

Sítio Córrego Lalima - Setor 1

Proveniência dos materiais cerâmicos analisados

Proveniência	Frequência	Porcentagem
Superfície	722	91,28%
0,1 - 10 cm	42	5,31%
10,1 - 20 cm	23	2,91%
20,1 - 30 cm	1	0,13%
30,1 - 40 cm	2	0,25%
50,1 - 60 cm	1	0,13%
N	791	100,00%

Anexo 3 - Tabela 2

Sítio Córrego Lalima - Setor 1

Análise da categoria dos fragmentos

Categoria	Frequência	Porcentagem
Parede	718	90,77%
Borda	63	7,96%
Base	10	1,26%

Anexo 3 - Tabela 3

Sítio Córrego Lalima - Setor 1

Análise do antiplástico

Antiplástico	Frequência	Porcentagem
Caco-móido	744	94,06%
Mineral	41	5,18%
Caco-móido e concha triturada	5	0,63%
Concha triturada	1	0,13%

Anexo 3 - Tabela 4

Sítio Córrego Lalima - Setor 1

Análise da técnica de manufatura

Técnica	Frequência	Porcentagem
Acordelado	460	58,15%
Não identificado	331	41,85%

Anexo 3 - Tabela 5

Sítio Córrego Lalima - Setor 1

Análise do tipo dos fragmentos de borda

Categoria	Frequência	Porcentagem
Côncava	10	1,26%
Direta-vertical	8	1,01%
Direta-inclinada-interna	7	0,88%
Direta-inclinada-externa	6	0,76%
Extrovertida	4	0,51%
Cambada	4	0,51%

Anexo 3 - Tabela 5 (continuação)

Sítio Córrego Lalima - Setor 1

Análise do tipo dos fragmentos de borda

Categoria	Frequência	Porcentagem
Infletida	2	0,25%
Carenada	1	0,13%
Introvertida	1	0,13%
Não identificadas	20	2,53%
Não se aplica	728	92,04%

Anexo 3 - Tabela 6

Sítio Córrego Lalima - Setor 1

Análise da forma do lábio nos fragmentos de borda

Forma	Frequência	Porcentagem
Arredondado	25	3,16%
Biselado	13	1,64%
Apontado	10	1,26%
Plano	8	1,01%
Reforçado-externo	3	0,38%
Rebarba-externa	2	0,25%
Ausente	2	0,25%
Não se aplica	728	92,04%

Anexo 3 - Tabela 7

Sítio Córrego Lalima - Setor 1

Análise da categoria dos fragmentos de parede

Categoria	Frequência	Porcentagem
Carenada	22	2,78%
Segmento superior	3	0,38%
Infletida	1	0,13%
Angular	1	0,13%
Segmento inferior	1	0,13%
Não identificadas	690	87,23%
Não se aplica	73	9,23%

Anexo 3 - Tabela 8

Sítio Córrego Lalima - Setor 1

Análise dos tipos de fragmentos de base

Tipos	Frequência	Porcentagem
Circular-plana	8	1,01%
Circular-côncava	1	0,13%
Não identificada	1	0,13%
Não se aplica	781	98,74%

Anexo 3 - Tabela 9

Sítio Córrego Lalima - Setor 1

Análise da espessura

Espessura	Frequência	Porcentagem
0,4 - 0,5 cm	28	3,54%
0,6 - 10 cm	403	50,95%
1,1 - 1,5 cm	271	34,26%
1,6 - 2 cm	70	8,85%
2,1 - 2,5 cm	17	2,15%
2,6 - 3 cm	2	0,25%

Anexo 3 - Tabela 10

Sítio Córrego Lalima - Setor 1

Análise do diâmetro da boca nos fragmentos de borda

Diâmetro	Frequência	Porcentagem
10 cm	1	0,13%
22 cm	1	0,13%
58 cm	1	0,13%
Não identificado	60	7,59%
Não se aplica	728	92,04%

Anexo 3 - Tabela 11

Sítio Córrego Lalima - Setor 1

Análise da altura do vasilhame cerâmico

Altura	Frequência	Porcentagem
5 - 10 cm	2	0,25%
Não identificado	789	99,75%

Anexo 3 - Tabela 12

Sítio Córrego Lalima - Setor 1

Análise das classes de vasilhas Guarani

Classes	Frequência	Porcentagem
Cambuchi	29	3,67%
Yapepó	13	1,64%
Cambuchi caguabá	11	1,39%
Ñaetá	1	0,13%
Não identificado	737	93,17%

Anexo 3 - Tabela 13

Sítio Córrego Lalima - Setor 1

Análise do acabamento de superfície na face externa dos fragmentos

Acabamento	Frequência	Porcentagem
Simple	361	45,64%
Plásticos	333	42,10%
Cromático	63	7,96%
Duplo	1	0,13%

Anexo 3 - Tabela 13 (continuação)**Sítio Córrego Lalima - Setor 1****Análise do acabamento de superfície na face externa dos fragmentos**

Ausente	2	0,25%
Não identificado	31	3,92%

Anexo 3 - Tabela 14**Sítio Córrego Lalima - Setor 1****Análise do acabamento de superfície na face interna dos fragmentos**

Acabamento	Frequência	Porcentagem
Simples	737	93,17%
Cromático	28	3,54%
Sem acabamento	2	0,25%
Não identificado	24	3,03%

Anexo 3 - Tabela 15**Sítio Córrego Lalima - Setor 1****Análise do acabamento de superfície no lábio dos fragmentos de borda**

Acabamento	Frequência	Porcentagem
Simples	54	6,83%
Cromático	5	0,63%
Plástico	2	0,25%
Não identificado	2	0,25%
Não se aplica	728	92,04%

Anexo 3 - Tabela 16**Sítio Córrego Lalima - Setor 1****Análise do acabamento simples na face externa dos fragmentos**

Acabamento	Frequência	Porcentagem
Alisado	304	38,43%
Polido	57	7,21%
Não se aplica	430	54,36%

Anexo 3 - Tabela 17**Sítio Córrego Lalima - Setor 1****Análise do acabamento plástico na face externa dos fragmentos**

Acabamento	Frequência	Porcentagem
Corrugado	304	38,43%
Ungulado	22	2,78%
Roletado	2	0,25%
Escovado	1	0,13%
Inciso	1	0,13%
Pontado	2	0,25%
Aplicado com filigranas de argila	1	0,13%
Não se aplica	458	57,90%

Anexo 3 - Tabela 18

Sítio Córrego Lalima - Setor 1

Análise do acabamento cromático na face externa dos fragmentos

Acabamento	Frequência	Porcentagem
Engobo branco	38	4,80%
Pintura vermelha sobre engobo branco	9	1,14%
Engobo vermelho	7	0,88%
Pintura vermelha	5	0,63%
Pintura vermelha e preta sobre engobo branco	4	0,51%
Não se aplica	728	92,04%

Anexo 3 - Tabela 19

Sítio Córrego Lalima - Setor 1

Análise do acabamento de superfície na face interna dos fragmentos

Acabamento	Frequência	Porcentagem
Alisado	516	65,23%
Polido	221	27,94%
Engobo vermelho	13	1,64%
Engobo branco	11	1,39%
Pintura vermelha	3	0,38%
Pintura vermelha sobre engobo branco	1	0,13%
Sem acabamento	2	0,25%
Não identificado	24	3,03%

Anexo 3 - Tabela 20

Sítio Córrego Lalima - Setor 1

Análise do acabamento de superfície no lábio dos fragmentos de borda

Acabamento	Quantidade	Porcentagem
Alisamento	40	5,06%
Polido	14	1,77%
Pintura vermelha	5	0,63%
Aplicado com filigranas de argila	2	0,25%
Não identificado	2	0,25%
Não se aplica	728	92,04%

Anexo 3 - Tabela 21

Sítio Córrego Lalima - Setor 1

Análise da configuração do núcleo

Configuração	Frequência	Porcentagem
Oxidação incompleta, com materiais orgânicos, margens do core difusas	277	35,02%
Oxidação incompleta, com ou sem materiais orgânicos	273	34,51%
Oxidação incompleta, com materiais orgânicos	180	22,76%
Oxidação incompleta, com materiais orgânicos	40	5,06%
Oxidação incompleta, com materiais orgânicos	21	2,65%

Anexo 3 - Tabela 22

Sítio Córrego Lalima - Setor 1

Análise da coloração da face externa dos fragmentos

Coloração	Frequência	Porcentagem
Marrom	276	34,89%
Amarelo	234	29,58%
Pink	104	13,15%
Preto	85	10,75%
Vermelho	39	4,93%
Cinza	30	3,79%
Branco	23	2,91%

Anexo 3 - Tabela 23

Sítio Córrego Lalima - Setor 1

Análise da coloração da face interna dos fragmentos

Coloração	Frequência	Porcentagem
Marrom	286	36,16%
Amarelo	183	23,14%
Preto	181	22,88%
Pink	72	9,10%
Cinza	33	4,17%
Vermelho	26	3,29%
Branco	10	1,26%

Anexo 3 - Tabela 24

Sítio Córrego Lalima - Setor 1

Análise das marcas de uso na face externa dos fragmentos

Marcas	Frequência	Porcentagem
Fuligem	46	5,82%
Polidor de sulco	7	0,88%
Redução	5	0,63%
Oxidação	2	0,25%
Não identificado	731	92,41%

Anexo 3 - Tabela 25

Sítio Córrego Lalima - Setor 1

Análise das marcas de uso na face interna dos fragmentos

Marcas	Frequência	Porcentagem
Fermentação	34	4,30%
Depósito de carbono	24	3,03%
Polidor de sulco	7	0,88%
Redução	5	0,63%
Oxidação	2	0,25%
Não identificado	719	90,90%

ANEXO 4

Anexo 4 – Tabela 1

Sítio Asa de Pote – Setor 2

Proveniência dos materiais cerâmicos

Nível	Frequência	Porcentagem
Superfície	185	82,22%
Nível 1 (10-20cm)	7	3,11%
Nível 3 (20-30cm)	5	2,22%
Nível 4 (30-40cm)	22	9,78%
Nível 5 (40-50cm)	6	2,67%
N	225	100,00%

Anexo 4 – Tabela 2

Sítio Asa de Pote - Setor 2

Análise da categoria dos fragmentos

Categoria	Frequência	Porcentagem
Parede	205	91,11%
Borda	14	6,22%
Base	4	1,78%
Apêndice	2	0,89%

Anexo 4 – Tabela 3

Sítio Asa de Pote - Setor 2

Análise do antiplástico

Antiplástico	Frequência	Porcentagem
Mineral	122	54,22%
Caco moído	103	45,78%

Anexo 4 – Tabela 4

Sítio Asa de Pote - Setor 2

Análise da técnica de manufatura

Técnica	Frequência	Porcentagem
Acordelado	83	36,89%
Modelado	2	0,89%
Não identificado	140	62,22%

Anexo 4 – Tabela 5

Sítio Asa de Pote - Setor 2

Análise dos tipos de fragmentos de borda

Tipos	Frequência	Porcentagem
Extrovertida	6	2,67%
Direta	4	1,78%
Inclinada externa	1	0,44%
Não identificado	3	1,33%
Não se aplica	211	93,78%

Anexo 4 – Tabela 6

Sítio Asa de Pote - Setor 2

Análise da forma do lábio nos fragmentos de borda

Formas	Frequência	Porcentagem
Rebarba externa	4	1,78%
Reforçado externo	4	1,78%
Dobrado	3	1,33%
Apontado	1	0,44%
Biselado	1	0,44%
Marcado externo	1	0,44%
Não se aplica	211	93,78%

Anexo 4 – Tabela 7

Sítio Asa de Pote - Setor 2

Análise dos tipos de fragmentos de base

Tipos	Frequência	Porcentagem
Circular côncava	2	0,89%
Circular plana	2	0,89%
Não se aplica	221	98,22%

Anexo 4 – Tabela 8

Sítio Asa de Pote - Setor 2

Análise dos tipos de fragmentos de parede

Tipos	Frequência	Porcentagem
Inflétida	2	0,89%
Carenada	1	0,44%
Não identificada	202	89,78%
Não se aplica	20	8,89%

Anexo 4 – Tabela 9

Sítio Asa de Pote - Setor 2

Análise da espessura

Espessura	Frequência	Porcentagem
0,3 - 0,5 cm	70	31,11%
0,6 - 1 cm	151	67,11%
1,1 - 1,5 cm	1	0,44%
1,6 - 2 cm	3	1,33%

Anexo 4 – Tabela 10

Sítio Asa de Pote - Setor 2

Análise do acabamento de superfície na face externa

Acabamento	Frequência	Porcentagem
Simples	193	85,78%
Plástico	21	9,33%
Cromático	10	4,44%
Misto	1	0,44%

Anexo 4 – Tabela 11

Sítio Asa de Pote - Setor 2

Análise do acabamento de superfície na face interna

Acabamento	Frequência	Porcentagem
Simples	211	93,78%
Cromático	11	4,89%
Plástico	1	0,44%
Sem acabamento	2	0,89%

Anexo 4 – Tabela 12

Sítio Asa de Pote - Setor 2

Análise do acabamento de superfície no lábio dos fragmentos de borda

Acabamento	Frequência	Porcentagem
Simples	10	4,44%
Plástico	2	0,89%
Não se aplica	213	94,67%

Anexo 4 – Tabela 13

Sítio Asa de Pote - Setor 2

Análise do acabamento simples na face externa

Acabamento	Frequência	Porcentagem
Alisado	116	51,56%
Polido	76	33,78%
Barbotina	1	0,44%
não se aplica	32	14,22%

Anexo 4 – Tabela 14

Sítio Asa de Pote - Setor 2

Análise do acabamento simples na face interna

Acabamento	Frequência	Porcentagem
Alisado	111	49,33%
Polido	99	44%
Barbotina	1	0,44%
Não se aplica	14	6,22%

Anexo 4 – Tabela 15

Sítio Asa de Pote - Setor 2

Análise do acabamento plástico na face externa

Acabamento	Frequência	Porcentagem
Corrugado simples	10	4,44%
Aplique de filigranas	3	1,33%
Impressão de corda	1	0,44%
Roletado	1	0,44%
Corrugado	6	2,67%
Não se aplica	204	90,67%

Anexo 4 – Tabela 16

Sítio Asa de Pote - Setor 2

Análise do acabamento cromático na face externa

Acabamento	Frequência	Porcentagem
Engobo vermelho	5	2,22%
Pintura vermelha	3	1,33%
Enegrecimento	1	0,44%
Pintura vermelha sobre engobo branco	1	0,44%
Não se aplica	215	95,56%

Anexo 4 – Tabela 17

Sítio Asa de Pote - Setor 2

Análise do acabamento cromático na face interna

Acabamento	Frequência	Porcentagem
Engobo vermelho	7	3,11%
Enegrecido	3	1,33%
Pintura vermelha	1	0,44%
Não se aplica	214	95,11%

Anexo 4 – Tabela 18

Sítio Asa de Pote - Setor 2

Análise do acabamento de superfície no lábio dos fragmentos de borda

Acabamento	Frequência	Porcentagem
Alisado	8	3,56%
Polido	2	0,89%
Aplicado com filigranas	2	0,89%
Não se aplica	213	94,67%

Anexo 4 – Tabela 19

Sítio Asa de Pote - Setor 2

Análise da configuração do núcleo

Configuração	Frequência	Porcentagem
Oxidação incompleta, com materiais orgânicos, margens do core difusas	90	40%
Oxidação incompleta, com ou sem materiais orgânicos	48	21,33%
Oxidação incompleta, com materiais orgânicos	46	20,44%
Oxidação incompleta, com materiais orgânicos	25	11,11%
Oxidação incompleta, com materiais orgânicos	13	5,78%
Redução e resfriado rapidamente no ar (2 vezes), margens do core definidas, core duplo	3	1,33%

Anexo 4 – Tabela 20

Sítio Asa de Pote - Setor 2

Análise da coloração da face externa dos fragmentos

Coloração	Frequência	Porcentagem
Marrom	165	73,33%
Cinza	20	8,89%
Vermelho	14	6,22%

Anexo 4 – Tabela 20 (Continuação)**Sítio Asa de Pote - Setor 2****Análise da coloração da face externa dos fragmentos**

Coloração	Frequência	Porcentagem
Amarelo	11	4,89%
Branco	8	3,56%
Preto	7	3,11%

Anexo 4 – Tabela 21**Sítio Asa de Pote - Setor 2****Análise da coloração da face interna dos fragmentos**

Coloração	Frequência	Porcentagem
Marrom	134	59,56%
Cinza	35	15,56%
Vermelho	16	7,11%
Preto	16	7,11%
Branco	13	5,78%
Amarelo	10	4,44%
Pink	1	0,44%

Anexo 4 – Tabela 22**Sítio Asa de Pote - Setor 2****Análise das marcas de uso na face externa dos fragmentos**

Marcas	Frequência	Porcentagem
Fuligem	13	5,78%
Redução devido ao uso	1	0,44%
Atrito causado pelo uso	1	0,44%
Não identificado	210	93,33%

Anexo 4 – Tabela 23**Sítio Asa de Pote - Setor 2****Análise das marcas de uso na face interna dos fragmentos**

Marcas	Frequência	Porcentagem
Depósito de carbono	12	5,33%
Fermentação	1	0,44%
Redução devido ao uso	1	0,44%
Atrito causado pelo uso	1	0,44%
Não identificado	210	93,33%

Anexo 4 – Tabela 24**Sítio Asa de Pote - Setor 2****Proveniência dos materiais líticos**

Proveniência	Frequência	Porcentagem
Superfície	11	64,71%
Nível 3 (20-30 cm)	3	17,65%
Nível 4 (30-40 cm)	2	11,76%

Anexo 4 – Tabela 24 (continuação)		
Sítio Asa de Pote - Setor 2		
Proveniência dos materiais líticos		
Proveniência	Frequência	Porcentagem
Nível 5 (40-50 cm)	1	5,88%
N	17	100,00%

Anexo 4 – Tabela 25		
Sítio Asa de Pote - Setor 2		
Análise do tipo dos materiais líticos		
Tipo	Frequência	Porcentagem
Polidos	9	52,94%
Brutos	4	23,53%
Lascados	4	23,53%

Anexo 4 – Tabela 26		
Sítio Asa de Pote - Setor 2		
Análise formal dos materiais líticos picoteados e/ou polidos		
Forma	Frequência	Porcentagem
Lâmina de machado fragmentada	5	29,41%
Disco picoteado	1	5,88%
Fragmento de artefato picoteado e amolado, talvez polido, não identificado	1	5,88%
Polidor retangular	1	5,88%
Pré-forma de lâmina de machado	1	5,88%
Não se aplica	8	47,06%

Anexo 4 – Tabela 27		
Sítio Asa de Pote - Setor 2		
Análise formal dos materiais líticos lascados		
Forma	Frequência	Porcentagem
Lasca unipolar primária (preparação de núcleos)	2	11,76%
Micro-lasca ou escama de retoque	1	5,88%
Lasca bipolar	1	5,88%
Não se aplica	13	76,47%

Anexo 4 – Tabela 28		
Sítio Asa de Pote - Setor 2		
Análise da matéria-prima dos materiais líticos lascados		
Matéria-prima	Frequência	Porcentagem
Quartzo leitoso	2	11,76%
Quartzo hialino	2	11,76%
Não se aplica	13	76,47%

Anexo 4 – Tabela 29		
Sítio Asa de Pote - Setor 2		
Análise da superfície dos materiais líticos lascados		

Anexo 4 – Tabela 29 (Continuação)**Sítio Asa de Pote - Setor 2****Análise da superfície dos materiais líticos lascados**

Superfície	Frequência	Porcentagem
Córtex rugoso (bloco)	2	11,76%
Acortical com cicatrizes de lascamento anterior	2	11,76%
Não se aplica	13	76,47%

Anexo 4 – Tabela 30**Sítio Asa de Pote - Setor 2****Análise formal dos materiais líticos brutos**

Forma	Frequência	Porcentagem
Plaqueta	2	11,76%
Amolador	1	5,88%
Seixo	1	5,88%
Não se aplica	13	76,47%

Anexo 4 – Tabela 31**Sítio Asa de Pote - Setor 2****Análise da matéria-prima dos materiais líticos brutos**

Matéria-prima	Frequência	Porcentagem
Quartzito	1	5,88%
Arenito	1	5,88%
Quartzo	1	5,88%
Xisto	1	5,88%
Não se aplica	13	76,47%

Anexo 4 – Tabela 32**Sítio Asa de Pote - Setor 2****Análise da superfície dos materiais líticos brutos**

Superfície	Frequência	Porcentagem
Córtex rugoso (bloco)	2	11,76%
Córtex liso (seixo)	2	11,76%
Não se aplica	13	76,47%

Anexo 4 - Tabela**Sítio Asa de Pote - Setor 2 - Setor 2****Análise da matéria-prima dos materiais líticos picoteados e/ou polidos**

Matéria-prima	Frequência	Porcentagem
Rochas básicas	7	41,18%
Não se aplica	10	58,82%

Anexo 5

Anexo 5 – Tabela 1

Sítio Tapera do Gino (MS-MI-04)

Proveniência dos fragmentos cerâmicos analisados

Proveniência	Frequência	Porcentagem
Superfície	716	89,39%
Entre 1 e 10 cm	10	1,25%
11 - 20 cm	19	2,37%
21 - 30 cm	22	2,75%
31 - 40 cm	23	2,87%
41 - 50 cm	9	1,12%
51 - 60 cm	2	0,25%
N	801	100,00%

Anexo 5 – Tabela 2

Sítio Tapera do Gino (MS-MI-04)

Análise da categoria dos fragmentos

Categoria	Frequência	Porcentagem
Paredes	734	91,64%
Bordas	61	7,62%
Bases	5	0,62%
Apêndice	1	0,12%

Anexo 5 – Tabela 3

Sítio Tapera do Gino (MS-MI-04)

Análise do antiplástico

Antiplástico	Frequência	Porcentagem
Caco moído	411	51,31%
Mineral	384	47,94%
Concha triturada	3	0,37%
Caco moído e concha triturada	2	0,25%
Carvão	1	0,12%

Anexo 5 – Tabela 4

Sítio Tapera do Gino (MS-MI-04)

Análise da técnica de manufatura

Manufatura	Frequência	Porcentagem
Acordelado	229	28,59%
Modelado	1	0,12%
Não identificado	571	71,29%

Anexo 5 – Tabela 5

Sítio Tapera do Gino (MS-MI-04)

Análise do tipo de fragmento de borda

Tipo	Frequência	Porcentagem
Direta-vertical	8	1,00%
Direta-inclinada-interna	5	0,62%

Anexo 5 – Tabela 5 (Continuação)
Sítio Tapera do Gino (MS-MI-04)
Análise do tipo de fragmento de borda

Tipo	Frequência	Porcentagem
Direta-inclinada-externa	1	0,12%
Extrovertida	1	0,12%
Infletida	1	0,12%
Cambada	1	0,12%
Côncava	1	0,12%
Não identificada	43	5,37%
Não se aplica	740	92,38%

Anexo 5 – Tabela 6
Sítio Tapera do Gino (MS-MI-04)
Análise da forma do lábio nos fragmentos de borda

Forma	Frequência	Porcentagem
Modelado	14	1,75%
Biselado	11	1,37%
Aplanado	8	1,00%
Arredondado	7	0,87%
Expandido	7	0,87%
Com rebarba externa	5	0,62%
Reforçado externo	4	0,50%
Apontado	2	0,25%
Marcado externo	1	0,12%
Não identificado	2	0,25%
Não se aplica	740	92,38%

Anexo 5 – Tabela 7
Sítio Tapera do Gino (MS-MI-04)
Análise do tipo de fragmento de base

Tipo	Frequência	Porcentagem
Circular côncava	4	0,50%
Circular plana	1	0,12%
Sub-circular côncava	1	0,12%
Não identificada	1	0,12%
Não se aplica	794	99,13%

Anexo 5 – Tabela 8
Sítio Tapera do Gino (MS-MI-04)
Análise da espessura

Espessura	Frequência	Porcentagem
0,3 - 0,5 cm	93	11,61%
0,6 - 1 cm	613	76,53%
1,1 - 1,5 cm	74	9,24%
1,6 - 2 cm	21	2,62%

Anexo 5 – Tabela 9

Sítio Tapera do Gino (MS-MI-04)

Análise do tipo de fragmento de parede

Tipo	Frequência	Porcentagem
Carenada	12	1,50%
Inflétida	2	0,25%
Parede-base	2	0,25%
Não identificado	718	89,64%
Não se aplica	67	8,36%

Anexo 5 – Tabela 10

Sítio Tapera do Gino (MS-MI-04)

Análise do acabamento de superfície na face externa dos fragmentos

Acabamento	Frequência	Porcentagem
Simples	533	66,54%
Cromático	138	17,23%
Plástico	78	9,74%
Misto	36	4,49%
Duplo	2	0,25%
Sem acabamento	11	1,37%
Não identificado	3	0,37%

Anexo 5 – Tabela 11

Sítio Tapera do Gino (MS-MI-04)

Análise do acabamento de superfície na face interna dos fragmentos

Acabamento	Frequência	Porcentagem
Simples	671	83,77%
Cromático	114	14,23%
Plástico	3	0,37%
Misto	1	0,12%
Sem acabamento	12	1,50%

Anexo 5 – Tabela 12

Sítio Tapera do Gino (MS-MI-04)

Análise do acabamento de superfície no lábio dos fragmentos de borda

Acabamento	Frequência	Porcentagem
Simples	35	4,37%
Plástico	15	1,87%
Cromático	9	1,12%
Não identificado	2	0,25%
Não se aplica	740	92,38%

Anexo 5 – Tabela 13

Sítio Tapera do Gino (MS-MI-04)

Análise do acabamento simples na face externa dos fragmentos

Acabamento	Frequência	Porcentagem
------------	------------	-------------

Anexo 5 – Tabela 13 (Continuação)

Sítio Tapera do Gino (MS-MI-04)

Análise do acabamento simples na face externa dos fragmentos

Acabamento	Frequência	Porcentagem
Alisado	368	45,94%
Polido	144	17,98%
Barbotina	21	2,62%
Não se aplica	268	33,46%

Anexo 5 – Tabela 14

Sítio Tapera do Gino (MS-MI-04)

Análise do acabamento cromático na face externa dos fragmentos

Acabamento	Frequência	Porcentagem
Engobo vermelho	71	8,86%
Pintura vermelha	48	5,99%
Enegrecido	5	0,62%
Pintura preta sobre engobo vermelho	1	0,12%
Engobo branco	11	1,37%
Pintura vermelha sobre engobo branco	2	0,25%
Não se aplica	663	82,77%

Anexo 5 – Tabela 15

Sítio Tapera do Gino (MS-MI-04)

Análise do acabamento plástico na face externa dos fragmentos

Acabamento	Frequência	Porcentagem
Impressão de corda estilizada	17	2,12%
Impressão de corda	7	0,87%
Perfurado	2	0,25%
Corrugado	40	4,99%
Ungulado	6	0,75%
Escovado	2	0,25%
Roletado	2	0,25%
Impressão de cestaria	2	0,25%
Não se aplica	723	90,26%

Anexo 5 – Tabela 16

Sítio Tapera do Gino (MS-MI-04)

Análise do acabamento misto na face externa dos fragmentos

Acabamento	Frequência	Porcentagem
Impressão de corda estilizada e cromatismo	34	4,24%
Impressão de corda, cromatismo e perfurado	1	0,12%
Incisão figurativa e engobo vermelho	1	0,12%
Não se aplica	765	95,51%

Anexo 5 – Tabela 17

Sítio Tapera do Gino (MS-MI-04)

Análise do acabamento duplo na face externa dos fragmentos

Acabamento	Frequência	Porcentagem
Impressão de corda e perfurado	1	0,12%
Impressão de corda e ponteadado	1	0,12%
Não se aplica	799	99,75%

Anexo 5 – Tabela 18

Sítio Tapera do Gino (MS-MI-04)

Análise do acabamento de superfície na face interna dos fragmentos

Acabamento	Frequência	Porcentagem
Alisado	477	59,55%
Polido	181	22,60%
Barbotina	13	1,62%
Engobo vermelho	72	8,99%
Pintura vermelha	30	3,75%
Enegrecido	9	1,12%
Pintura preta sobre engobo vermelho	1	0,12%
Engobo branco	2	0,25%
Perfurado	3	0,37%
Engobo vermelho e perfurado	1	0,12%
Sem acabamento	12	1,50%

Anexo 5 – Tabela 19

Sítio Tapera do Gino (MS-MI-04)

Análise do acabamento de superfície no lábio dos fragmentos de borda

Acabamento	Frequência	Porcentagem
Alisado	25	3,12%
Polido	10	1,25%
Modelado	14	1,75%
Entalhado	1	0,12%
Pintura vermelha	6	0,75%
Engobo vermelho	2	0,25%
Enegrecido	1	0,12%
Não identificado	2	0,25%
Não se aplica	740	92,38%

Anexo 5 – Tabela 20

Sítio Tapera do Gino (MS-MI-04)

Análise da configuração do núcleo

Configuração	Frequência	Porcentagem
Oxidação incompleta, com ou sem materiais orgânicos	379	47,32%
Oxidação incompleta, com materiais orgânicos, margens do core difusas	226	28,21%
Oxidação incompleta, com materiais orgânicos	139	17,35%
Oxidação incompleta, com materiais orgânicos	41	5,12%

Anexo 5 – Tabela 20 (Continuação)

Sítio Tapera do Gino (MS-MI-04)

Análise da configuração do núcleo

Configuração	Frequência	Porcentagem
Oxidação incompleta, com materiais orgânicos	14	1,75%
Redução e resfriado rapidamente no ar (2 vezes), margens do core definidas, core duplo	2	0,25%

Anexo 5 – Tabela 21

Sítio Tapera do Gino (MS-MI-04)

Análise da coloração na face externa dos fragmentos

Coloração	Frequência	Porcentagem
Marrom	85	69,67%
Cinza	31	25,41%
Branco	2	1,64%
Vermelho	2	1,64%
Amarelo	1	0,82%
Preto	1	0,82%

Anexo 5 – Tabela 22

Sítio Tapera do Gino (MS-MI-04)

Análise da coloração na face interna dos fragmentos

Coloração	Frequência	Porcentagem
Marrom	75	61,48%
Cinza	27	22,13%
Preto	9	7,38%
Branco	5	4,10%
Vermelho	3	2,46%
Pink	3	2,46%

Anexo 5 – Tabela 23

Sítio Tapera do Gino (MS-MI-04)

Análise das marcas de uso na face externa dos fragmentos

Marca	Frequência	Porcentagem
Fuligem	42	5,24%
Polidor de Sulco	1	0,12%
Redução devido ao uso	1	0,12%
Redução devido ao uso e polidor de sulco	1	0,12%
Não identificado	756	94,38%

Anexo 5 – Tabela 24

Sítio Tapera do Gino (MS-MI-04)

Análise das marcas de uso na face interna dos fragmentos

Marca	Frequência	Porcentagem
Depósito de carbono	18	2,25%
Fermentação	1	0,12%
Redução devido ao uso	2	0,25%

Anexo 5 – Tabela 24 (Continuação)**Sítio Tapera do Gino (MS-MI-04)****Análise das marcas de uso na face interna dos fragmentos**

Marca	Frequência	Porcentagem
Não identificado	780	97,38%

Anexo 6

Anexo 6 – Tabela 1

Sítio Tapera da Urumbeva

Proveniência dos fragmentos analisados

Proveniência	Frequência	Porcentagem
Superfície	38	53,52%
Entre 1 e 10cm	33	46,48%
N	71	100,00%

Anexo 6 – Tabela 2

Sítio Tapera da Urumbeva

Análise da categoria dos fragmentos

Categoria	Frequência	Porcentagem
Parede	57	80,28%
Borda	14	19,72%

Anexo 6 – Tabela 3

Sítio Tapera da Urumbeva

Análise do antiplástico

Antiplástico	Frequência	Porcentagem
Caco moído	49	69,01%
Mineral	20	28,17%
Concha triturada	2	2,82%

Anexo 6 – Tabela 4

Sítio Tapera da Urumbeva

Análise da técnica de manufatura

Manufatura	Frequência	Porcentagem
Acordelado	32	45,07%
Não identificado	39	54,93%

Anexo 6 – Tabela 5

Sítio Tapera da Urumbeva

Análise dos tipos de fragmentos de borda

Tipo	Frequência	Porcentagem
Direta-vertical	7	9,86%
Extrovertida	2	2,82%
Não identificada	5	7,04%
Não se aplica	57	80,28%

Anexo 6 – Tabela 6

Sítio Tapera da Urumbeva

Análise da forma do lábio nos fragmentos de borda

Forma	Frequência	Porcentagem
Marcado externo	5	7,04%
Aplanado	3	4,23%
Apontado	1	1,41%
Arredondado	1	1,41%

Anexo 6 – Tabela 6 (Continuação)

Sítio Tapera da Urumbeva

Análise da forma do lábio nos fragmentos de borda

Forma	Frequência	Porcentagem
Biselado	1	1,41%
Com rebarba externa	1	1,41%
Expandido	1	1,41%
Reforçado-externo	1	1,41%
Não se aplica	57	80,28%

Anexo 6 – Tabela 7

Sítio Tapera da Urumbeva

Análise da espessura

Espessura	Frequência	Porcentagem
0,4 - 0,5 cm	5	7,04%
0,6 - 1 cm	60	84,51%
1,1 - 1,4 cm	6	8,45%

Anexo 6 – Tabela 8

Sítio Tapera da Urumbeva (MS-MI-05)

Análise do acabamento de superfície na face externa dos fragmentos

Acabamento	Quantidade	Porcentagem
Simples	55	77,46%
Cromático	11	15,49%
Sem acabamento	5	7,04%

Anexo 6 – Tabela 9

Sítio Tapera da Urumbeva (MS-MI-05)

Análise do acabamento de superfície na face interna dos fragmentos

Acabamento	Quantidade	Porcentagem
Simples	55	77,46%
Cromático	5	7,04%
Sem acabamento	11	15,49%

Anexo 6 – Tabela 10

Sítio Tapera da Urumbeva

Análise do acabamento de superfície na face externa dos fragmentos

Acabamento	Frequência	Porcentagem
Alisado	13	18,31%
Polido	42	59,15%
Engobo vermelho	10	14,08%
Enegrecido	1	1,41%
Sem acabamento	5	7,04%

Anexo 6 – Tabela 11

Sítio Tapera da Urumbeva

Análise do acabamento de superfície na face interna dos fragmentos

Anexo 6 – Tabela 11 (Continuação)**Sítio Tapera da Urumbeva****Análise do acabamento de superfície na face interna dos fragmentos**

Acabamento	Frequência	Porcentagem
Alisado	15	21,13%
Polido	40	56,34%
Engobo vermelho	4	5,63%
Enegrecido	1	1,41%
Sem acabamento	11	15,49%

Anexo 6 – Tabela 12**Sítio Tapera da Urumbeva****Análise do acabamento de superfície no lábio dos fragmentos de borda**

Acabamento	Frequência	Porcentagem
Alisado	5	7,04%
Polido	9	12,68%
Não se aplica	57	80,28%

Anexo 6 – Tabela 13**Sítio Tapera da Urumbeva****Análise da configuração do núcleo**

Configuração	Frequência	Porcentagem
Oxidação incompleta, com ou sem materiais orgânicos	29	40,85%
Oxidação incompleta, com materiais orgânicos, margens do core difusas	24	33,80%
Oxidação incompleta, com materiais orgânicos	10	14,08%
Oxidação incompleta, com materiais orgânicos	5	7,04%
Oxidação incompleta, com materiais orgânicos	3	4,23%

Anexo 6 – Tabela 14**Sítio Tapera da Urumbeva****Análise da coloração na face externa dos fragmentos cerâmicos**

Coloração	Frequência	Porcentagem
Marrom	44	61,97%
Cinza	12	16,90%
Preto	10	14,08%
Branco	4	5,63%
Vermelho	1	1,41%

Anexo 6 – Tabela 15**Sítio Tapera da Urumbeva****Análise da coloração na face externa dos fragmentos cerâmicos**

Coloração	Frequência	Porcentagem
Marrom	45	63,38%
Cinza	18	25,35%
Preto	6	8,45%
Vermelho	1	1,41%

Anexo 6 – Tabela 15 (Continuação)
Sítio Tapera da Urumbeva
Análise da coloração na face externa dos fragmentos cerâmicos

Coloração	Frequência	Porcentagem
Branco	1	1,41%

Anexo 6 – Tabela
Sítio Tapera da Urumbeva
Análise das marcas de uso na face externa dos fragmentos

Marcas	Frequência	Porcentagem
Fuligem	15	21,13%
Redução devido ao uso	2	2,82%
Atrito causado pelo uso	1	1,41%
Não identificado	53	74,65%

Anexo 6 – Tabela
Sítio Tapera da Urumbeva
Análise das marcas de uso na face interna dos fragmentos

Marcas	Frequência	Porcentagem
Depósito de carbono	14	19,72%
Redução	2	2,82%
Não identificado	55	77,46%

Anexo 7

Anexo 7 – Tabela 1

Sítio Potrero		
Proveniência dos materiais cerâmicos		
Nível	Frequência	Porcentagem
Superfície	1690	90,76%
Nível 1 (0-10 cm)	83	4,46%
Nível 2 (10-20 cm)	84	4,51%
Nível 3 (20-30 cm)	4	0,21%
Nível 4 (30-40 cm)	1	0,05%
N	1862	100%

Anexo 7 – Tabela 2

Sítio Potrero		
Proveniência dos materiais Líticos		
Nível	Frequência	Porcentagem
Superfície	330	80,29%
Nível 1 (0-10 cm)	15	3,65%
Nível 2 (10-20 cm)	52	12,65%
Nível 3 (20-30 cm)	9	2,19%
Nível 4 (30-40 cm)	5	1,22%
N	411	100%